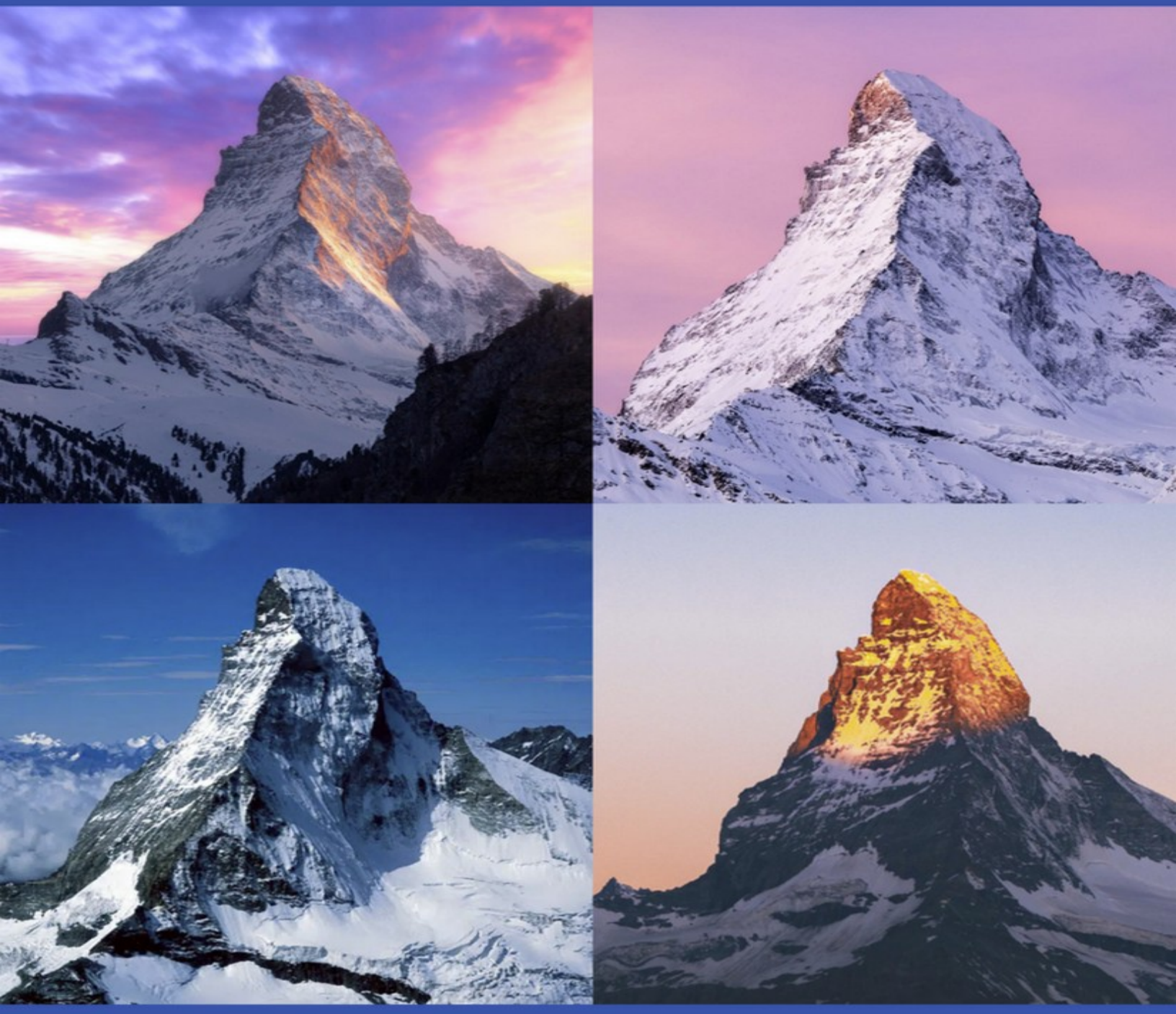
Os Evangelistas

Meditações Sobre os Quatro Evangelhos



John Gifford Bellett

OS EVANGELISTAS
Meditações sobre os Quatro Evangelhos

John Gifford Bellett

Título do original em inglês:
The Evangelists – Meditations on the Four Gospels – J. G. Bellett
Primeira edição em português – junho de 2025

Originalmente publicado por:
BIBLE TRUTH PUBLISHERS
59 Industrial Road, Addison, IL 60101
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Traduzido, publicado e distribuído no Brasil com autorização dos editores da versão original em língua inglesa por **ASSOCIAÇÃO VERDADES VIVAS**, uma associação sem fins lucrativos, cujo objetivo é divulgar o evangelho e a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo.
Contato: atendimento@verdadesvivas.com.br

Abreviaturas utilizadas:
ARC – João Ferreira de Almeida – Revista e Corrigida – SBB 1995
ARA – João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada – SBB 1993
TB – Tradução Brasileira – 1917
ACF – João Ferreira de Almeida – Corrigida Fiel – SBTB – 1994
AIBB – João Ferreira de Almeida – Imprensa Bíblica Brasileira – 1967
JND – Tradução Inglesa de John Nelson Darby
KJV – Tradução Inglesa King James

Todas as citações das Escrituras são da versão ARC, a não ser que outra esteja indicada.
Qualquer sugestão de correção será bem-vinda.

OS EVANGELISTAS
Meditações sobre os Quatro Evangelhos

J. G. Bellett

Introdução

Os quatro Evangelhos são testemunhos coincidentes do Senhor Jesus Cristo, e valiosos como tais. Mas não devemos lê-los meramente como explicativos ou suplementares. Temos uma visão completa de nosso Senhor Jesus Cristo somente discernindo suas diferenças em caráter e propósito.

Mesmo nas histórias dos homens podemos perceber isso. Um biógrafo pode nos descrever um homem em sua *vida* doméstica, outro em sua vida *política;* mas para que o conheçamos plenamente, devemos vê-lo em ambas essas esferas e, talvez, em muitas outras conexões. E um desses biógrafos não apenas selecionará fatos específicos, mas notará circunstâncias distintas nos mesmos fatos. Vemos o mesmo nos quatro Evangelhos. E se sabemos, se não a necessidade, pelo menos a desejabilidade disso, quando um mero homem é o tema, quanto mais podemos esperar encontrar isso quando tivermos detalhadamente relatados a nós os caminhos de Alguém que preenche uma variedade tão bendita de relacionamentos, tanto com Deus quanto com o homem, como o Senhor Jesus Cristo.

O Espírito Santo, que falou pelos profetas e outros antigos e santos escritores da Escritura, já tinha feito isso antes dos tempos dos evangelistas. No Primeiro Livro das Crônicas, por exemplo, vemos Davi sob uma luz diferente daquela em que o vemos nos Livros de Samuel. Nos Livros de Samuel, obtemos sua história em geral; mas no Primeiro Livro das Crônicas, o vemos não em todos os eventos de sua vida, como em Samuel, mas naquelas cenas e

ações que o constituíram uma figura do Senhor que é o Filho de Davi. E assim acontece com Salomão no Segundo Livro das Crônicas. Não obtemos ali sua história completa, como no Primeiro Livro dos Reis. Todos os seus pecados são ignorados. Pois não era como historiador que o Espírito de Deus estava empregando a pena do escriba para traçar Salomão nas Crônicas. Porém, ele estava apresentando-o como a figura d'Aquele maior Filho de Davi e Rei de Israel, em Sua plena beleza, o orgulho de Seu próprio povo e o Objeto do desejo de toda a Terra.

Tudo isso é apenas plenitude e variedade, e não incongruência; e devemos ter graça para admirar a perfeição da sabedoria de Deus nisto, em Seus santos oráculos. E quanto aos caminhos do bendito Senhor que, nesta variedade, são dados a nós, não preciso dizer que tudo é perfeição. Seja este ou aquele caminho que Ele toma diante de nós – qualquer relacionamento que Ele mantenha – qualquer afeição que preencha Sua alma – embora diferente, tudo é perfeito. Ele pode passar diante de nós na grandeza consciente do Filho de Deus, ou nas compaixões do Filho do Homem; podemos vê-Lo na conexão Judaica, em *Mateus;* ou mais amplamente, como entre os homens, em *Lucas;* como o Servo da necessidade variada dos pecadores, em *Marcos;* ou como o solitário Estrangeiro vindo do céu, em *João;* ainda assim, tudo é perfeição. E discernir e traçar isso é ao mesmo tempo o proveito e o deleite do discípulo. **"Maravilhosos são os Teus testemunhos; por isso, a minha alma os guarda"**.

Introdução ao Evangelho de Mateus

Neste Evangelho, nosso Senhor Jesus Cristo está eminentemente e caracteristicamente em conexão com o Judeu. É muito apropriado que isso seja assim; isto é, que o Novo Testamento comece com uma apresentação formal do Senhor a Israel. O caminho de Deus na Terra havia se restringido a essa nação; ou melhor, Ele havia separado essa nação para Si mesmo para ser Seu centro ao redor do qual reuniria todas as nações em luz, lealdade e adoração.

Pois este é o Seu caminho; brilhante e perfeito tal como deve ser. Há separação, e ainda assim largueza: separação porque Ele é santo; largueza porque Ele é gracioso.

O rio, na criação, tinha sua fonte no jardim do Éden; mas foi dividido dali, e se tornou quatro braços, para regar a face da Terra. Noé e seus filhos foram colocados no novo mundo, à eleição preservada de Deus; mas eles deveriam repovoar o mundo, e mantê-lo em governo e serviço sob Deus. Abraão, em um dia ainda mais distante, foi o único chamado para fora das abominações que estavam se espalhando pela Terra; mas em sua semente todas as famílias dos homens seriam benditas. E assim Israel era o povo de Deus; Seu trono e Seu tabernáculo estavam entre eles; mas ainda assim eles deveriam ser o centro do governo divino e adoração para todas as nações.

Tais são o conselho e o caminho de Deus: separação para Si mesmo, mas largueza de propósito e graça em toda parte, por todo o mundo.

Sendo Israel esse povo separado, os conselhos divinos que tocavam a Terra ou as nações centralizavam-se nele. A luz que revelou Deus, os costumes e ordenanças que manifestavam Sua mente, e eram o testemunho que Ele dava de Si mesmo em um mundo sombrio e revoltado, estavam no meio deles. Eles eram o

jardim do Éden em seus dias, onde o rio que deveria regar a face da Terra tinha sua nascente. O Salvador do mundo deveria ser o seu Messias. O Portador da vida para os homens mortos em pecados deveria ser o Rei de Israel. De modo que, em Sua Aparição, Ele não poderia deixar de Se apresentar, com o fruto e a virtude de Sua presença, para a aceitação deste povo.

As Escrituras do Novo Testamento, portanto, abrem-se de uma forma muito apropriada com uma proposta completa e formal do Senhor Jesus aos Judeus. E, consequentemente, este é o assunto de Mateus; pois Mateus inicia este novo volume dos oráculos de Deus. Ele detalha sucintamente, e ainda assim solene e completamente, a apresentação das reivindicações de Jesus, Jeová-Messias, sobre Seu povo Israel.

É isso que este Evangelho de Mateus nos dá. E, de acordo com isso, seus conteúdos são facilmente distinguidos e arranjados, como nas seguintes partes.

Primeira parte – Mateus 1-2.
A primeira proposta do Senhor Jesus a Israel; isto é, como o Menino nascido em Belém, cidade de Davi; segundo o profeta Miqueias.

Segunda parte – Mateus 3-20.
A segunda proposta de Si mesmo pelo Senhor Jesus ao Seu povo; isto é, como a Luz de Zebulom e Naftali; segundo o profeta Isaías.

Terceira parte – Mateus 21-25.
A terceira proposta de Si mesmo pelo Senhor Jesus ao Seu povo; isto é, como Rei, justo e humilde, e trazendo salvação; segundo o profeta Zacarias.

Quarta parte – Mateus 26-28.
O resultado da recusa de Israel ao Senhor; pois Israel O recusou – em cada uma dessas propostas de Si mesmo a eles.

Tal é o conteúdo deste Evangelho, e tal é seu arranjo em sua forma mais simples. É o registro da prova da questão se Israel aceitaria ou não seu Messias. Outras coisas, como veremos ao longo dele, são consideradas de tempos em tempos; mas o Espírito no evangelista nunca perde de vista este grande assunto principal. E eu agora, com um cuidado adicional de coração e pensamento, considerarei este Evangelho em suas várias partes.

Mateus 1-2

Mateus 1-2

Jesus nasce; mas Ele nasce para os Judeus, assim como nasce dos Judeus. Sua genealogia nos é dada a partir de Abraão e de Davi, cabeças e pais de Israel; e Seu nascimento é anunciado em caracteres que Israel poderia ler como sua própria língua. O Menino nascido é **"Emanuel"** e Jesus, Deus com Israel, e o Salvador de Israel. **"A nós"**, em um sentido em especial, Israel poderia agora dizer: **"nos é nascido um Menino, e a nós nos é dado um Filho"** (TB).

Jesus nasceu Rei dos Judeus, e na cidade de Davi. Filho e Herdeiro de Davi; como lemos, **"da semente de Davi segundo a carne"** embora, em toda a Sua Pessoa, Ele fosse o Senhor de Davi.

Os direitos da família de Davi eram Seus; e esses direitos estavam fundamentados em título divino e cheios de majestade e honra na Terra.

Em 1 Crônicas 17, o concerto feito com Davi, a promessa feita a ele a respeito de sua casa e trono, é anunciada por Natã. A misericórdia será de Davi para sempre, a honra de seu trono e a estabilidade de sua casa também para sempre.

No Salmo 89, este concerto é citado; mas é adicionada a condição concernente aos filhos de Davi, que, se eles não fossem

fiéis, eles deveriam conhecer o julgamento do Senhor. E sabemos como isso aconteceu. A promessa tornada condicional à fidelidade dos filhos de Davi foi perdida por eles e para eles, como foi testemunhado, geração após geração, na história do reino de Judá.

Mas disciplina não é esquecimento. A promessa é suspensa por causa de condições quebradas por um Salomão infiel, ou por um Zedequias rebelde; mas ela permanece firme na fidelidade de Deus, e na mão do Senhor Cristo. N'Ele todas as promessas são Sim e Amém.

Assim, quando Jesus nasceu, o Espírito, por anjos e profetas, relembra, depois de tantas eras, o concerto anunciado a princípio por Natã. Isso é feito, se não em termos, em espírito e realidade, pela palavra de Gabriel a Maria, e então pela palavra de Zacarias (Lucas 1). Jesus é apresentado como a Semente de Davi, de Quem os oráculos de Deus, em 1 Crônicas 17 e Salmo 89, falaram; Hebreus 1:5 identifica Jesus com a Semente de Davi de 1 Crônicas 17.

Isto é simples e seguro, embora seja outro testemunho maravilhoso das unidades divinas que são encontradas nas Escrituras. E abençoado é ver a luz assim brilhando após séculos de trevas, quando a mão dos gentios estava em primeiro plano, e a honra de Davi estava no pó. A Semente de Davi é apresentada em Lucas 2; e agora, em Mateus 2, esta Semente é apresentada em plena forma e caráter, o Belemita do profeta Miqueias. E sendo assim colocado em Seu lugar (o Belemita, a Semente de Davi e Rei dos Judeus), os gentios vêm a Ele. Isto era necessário para dar ao momento sua plena solenidade. Todos os profetas o haviam investido assim. Siló seria de Judá; mas para o Siló de Judá seria a reunião dos povos. O Rei de Israel seria o Deus de toda a Terra. Os Judeus eram o povo de Deus, mas os gentios se alegrariam com eles. A Raiz de Jessé representaria um estandarte de Israel, mas os gentios deveriam buscá-la. E nossa profecia de Miqueias fala a mesma linguagem; pois, depois de contar sobre o

Governante de Israel que nasceria em Belém, continua dizendo sobre Ele: **"Porque agora será Ele engrandecido até aos fins da Terra"** (Mq 5:2-4). Portanto, recebemos a visita dos sábios do Oriente distante, quando este Menino nasce em Belém. Eles vêm, embora seja para Aquele que nasceu Rei dos Judeus, ainda assim para adorá-Lo *eles mesmos.*

Assim, os gentios aparecem como diante de Deus em Sião, e as coisas por um momento – um momento cheio de beleza típica ou misteriosa – são colocadas em ordem divina. Israel é a cabeça. O primeiro domínio veio para a filha de Sião. Os gentios dão lugar, e Jerusalém é procurada pelos confins da Terra.

Tudo, dessa maneira, é feito em plena solenidade. Nada falta para tornar completa esta apresentação do Menino de Belém, de acordo com a profecia de Miqueias. Se os homens de Judá e os habitantes de Jerusalém não O receberem, eles não terão desculpa.

A rejeição, no entanto, foi imediata e decisiva, selada por mãos homicidas que o espírito do mundo, no coração, havia movido, mas que buscava se encobrir com mentiras e hipocrisia. Nada pode exceder a iniquidade de Herodes. O trono em Jerusalém estava, naquela época, em sua posse, e ele não se separará dele, ainda que o título de Outro seja divino. Se ele puder mantê-lo, ele não o entregará nem mesmo ao próprio Deus. Esta é a linguagem de seus atos. E, assim como o homicida, assim é o povo. Jerusalém, tanto quanto Herodes, está perturbada com a palavra dos homens do Oriente, e prontos executores da obra da morte são encontrados a seu comando. Os sacerdotes do Senhor já tinham sido uma vez mortos, porque ajudaram Davi; os meninos de Belém perecerão agora, porque o Senhor de Davi pode estar entre eles. A voz de choro é ouvida em Ramá. O Messias, o Belemita, é recusado. Israel não será reunido, e Herodes ainda será rei, embora Jesus seja primeiro um Exilado no Egito e depois um Nazareno na Terra.

Assim é feita, e assim termina, a primeira apresentação de Cristo a Israel. Tudo isso é peculiar a Mateus; e não preciso acrescentar quão característico é daquilo que sugeri ser o propósito de seu Evangelho.

Reflexões adicionais sobre Mateus 1-2

Ao revisitar esses capítulos, algumas coisas podem nos levar a uma reflexão mais aprofundada.

Que força e autoridade, eu posso dizer, há naquela única palavra **"Emanuel"**. Se a alma apenas a acolhesse devidamente, que poder para deslocar todas as outras coisas seria encontrado nela! *Deus conosco* é um pensamento, ou um fato, ou um mistério, que bem poderia reivindicar autoridade para abrir espaço para si mesmo, qualquer que fosse a outra coisa que tivesse de ceder. E isso pode testemunhar a cada um de nós quão pouco temos conhecido a força sublime e dominante daquela única frase: **"E chamá-Lo-ão pelo nome de EMANUEL"** (ACF).

O miserável homem que compartilha parte da principal ação do capítulo 2, e a quem já nos referimos, nada sabia desse nome. O desesperado e vitorioso amor pelo mundo estava assentado em seu coração. Coisas invisíveis tinham sido trazidas para perto dele. O mundo dos espíritos e das glórias, o mundo com o qual a fé trata, o mundo de Deus e Seus anjos, tinha sido apresentado a seus olhos e ouvidos. A estrela, pelo relato dos sábios, e o oráculo do profeta, pela interpretação dos escribas, estavam pressionando esse mundo contra ele; mas aquele mundo era um invasor. O coração de Herodes se recusou a entrar nele; pois não tinha aprendido nada sobre a autoridade suprema daquela única palavra **"Emanuel"** que deslocava tudo.

Os sábios, ao contrário, abençoadamente aprenderam isso. A estrela os comandou. A seu comando, eles se levantaram e fizeram uma longa e inesperada jornada, que não conheceu fim até que **"Emanuel"** foi alcançado. A alma deles encontrou autoridade na revelação de Deus. Ela havia operado efetivamente

neles. A inteligência e a decisão, as vitórias e as consolações da fé são ilustradas nesta visão passageira que temos deles. É uma história que, em sua medida, pode reivindicar um lugar com a de Estêvão em Atos 7. Ambas são breves, mas brilhantes.

O José desses capítulos nos mostra a vida de fé também; não de fato no mesmo fervoroso caráter, mas naquele princípio dela que diz: **"Apressei-me e não me detive a observar os Teus mandamentos"**. Pode haver medo e fraqueza em José; mas o Senhor enfrentará isso com Suas provisões, assim como Ele enfrentou a fé decisiva e vitoriosa dos homens do Oriente com Suas *consolações.* José, ouvindo que Arquelau reinava na Judeia, em lugar de seu pai Herodes, temeu ir para lá; e Deus, em consideração aos seus temores, o direciona, por um sonho, a se desviar para as regiões da Galileia. E, suponho, muitos de nós, em nossas pequenas histórias, temos experimentado a mesma ternura e consideração de nossa fraqueza; quando, por falta de fé ou coração por Jesus, não conseguimos alcançar Sua elevação, Ele, por Sua providência, nos encontra em nosso nível.

Os escribas de Mateus 2, da mesma forma, podem nos ensinar uma lição tão proveitosa quanto qualquer outra. A lição, no entanto, é dolorosa e humilhante. Eles manifestam a insensibilidade da mera informação bíblica. Com base na Bíblia, eles ensinam aos pobres viajantes seu caminho; mas eles não dão um passo sequer com eles, ainda que fosse para a Belém de seu Profeta. Aqueles homens viajantes de Deus podem ir sozinhos, pois não se importavam com isso. Oh, a visão terrível que isso proporciona, amados, e a solene advertência que tem para nós!

Mateus 3-20

Mateus 3

Anos já se passaram desde o dia do Menino de Belém. O longo período de sujeição a Seus pais em Nazaré terminou, Seu tempo

de obediência sob a lei, como Aquele que foi circuncidado; e agora, tendo trinta anos de idade, Ele está surgindo como a Luz da terra de Zebulom e da terra de Naftali, de acordo com o profeta Isaías.

Há, no entanto, uma introdução a esta segunda apresentação de Cristo a Israel, como houve à primeira. O Menino nascido teve Sua genealogia registrada a partir de Abraão e de Davi, Sua genealogia *legal,* Herdeiro e Representante, como Ele era, dos direitos assegurados àqueles cabeças da nação pelos concertos de Deus; e então Ele surgiu, em forma solene apresentado como o Belemita de Miqueias.

Da mesma forma, esta Luz do profeta Isaías é agora introduzida.

O ministério de João, o preparador do caminho do Senhor, como Isaías havia dito, vem antes disso.

O batismo do Senhor pela mão de João então acontece; pois Jesus cumpriria toda a justiça. Aquele que, como circuncidado, havia honrado completamente a Deus em Moisés, ou sob a lei, cumprindo a justiça naquele momento, agora (como Deus, em dispensação, estava passando de Moisés para João) seguiria obedientemente, e cumpriria *toda* a justiça, a justiça anunciada pelo *Batista,* assim como aquela exigida pelo *Legislador.*

Então temos Sua comissão ou ordenação, sob a voz do Pai e pela capacitação do Espírito.

Mateus 4

E então a tentação; uma parte necessária desta grande solenidade também, e necessária para a introdução do Senhor em Seu ministério.

Se a obra que agora estava diante d'Ele era a redenção; se Ele está prestes a reparar, sim, mais do que reparar, o mal que o primeiro homem havia causado, e que outros homens tinham apenas testemunhado e perpetuado até então, Ele precisava estar pessoalmente onde o primeiro homem, e todos os outros,

falharam. Daí a tentação. Ele foi levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. O Espírito, que havia descido e pousado sobre Ele em Seu batismo, em uma forma corpórea como uma pomba, agora O coloca para resistir à serpente, que também é o leão que ruge; pois o ministério da graça semelhante ao da pomba para os pecadores é um só com a derrota completa do destruidor do homem. Jesus veio para salvar pecadores e destruir as obras do diabo.

Assim, Jesus, logo no início, e ao Se introduzir em Sua obra, resiste a Satanás. Ele prova ser inabalável. Eva renunciou à Palavra de Deus diante da serpente; Jesus lhe resiste pela Palavra. Nenhuma tentativa do inimigo prevalece. O Santo que havia nascido ainda é tão santo em plena humanidade quanto Ele havia sido no ventre da virgem. Ele prova a Si mesmo não estar na derrota e cativeiro comuns.

Ele deixa Satanás sem qualquer título contra Ele; e assim Ele o *amarra.* E esta amarração de Satanás é a primeira grande ação do nosso Libertador contra o nosso destruidor. Ele então sai imediatamente para entrar em sua casa e saquear seus bens.

No devido momento, Ele será seu Esmagador, assim como seu Amarrador e Saqueador.

- Ele *ferirá a sua cabeça no Calvário;*
- Então, de uma longínqua distância, Ele *o lançará do céu* (Ap 12);
- Depois Ele *o lançará no abismo* (Ap 20);
- E finalmente, Ele o lançará no lago de fogo (Ap 20).

Estes são os caminhos do nosso grande Libertador com o nosso adversário; e estes caminhos Ele começa aqui no deserto da tentação. Quão simples, e ainda assim quão glorioso! Quão perfeito em ordem, assim como poderoso em ação, do começo ao fim! Ninguém amarra ou fere Satanás, a não ser Jesus, o Filho de Deus. Sansão É figura d'Ele como o Homem Mais Valente entrando na casa do homem valente, para roubar seus bens; e

todos os santos terão Satanás ferido sob seus pés no devido momento; mas Jesus, o Filho de Deus, amarrou o valente, e esmagou a cabeça da serpente. Estas obras eram todas Suas, e somente Suas.

E tudo isso foi introdutório ao Seu ministério. Como tendo cumprido toda a justiça, seja sob a lei de Moisés, ou sob o batismo de João; como reconhecido e ordenado pelo Pai, a cujos olhos os pés deste Mensageiro seriam mais do que belos, como Dotado pelo Espírito Santo, e como o Amarrador do valente, o Filho sai para cumprir Seu curso. João agora havia sido lançado na prisão, e seu serviço estava assim encerrado. E, para que a Escritura pudesse obter, em tudo, sua resposta completa vinda d'Ele, o Senhor parte para a Galileia, e vem e habita em Cafarnaum, na costa do mar, nas fronteiras de Zebulom e Naftali; porque assim havia sido escrito pelo profeta: **"a terra de Zebulom e a terra de Naftali**... **junto ao caminho do mar, além do Jordão, a Galileia dos gentios. O povo que andava em trevas viu uma grande luz, e sobre os que habitavam na região da sombra de morte resplandeceu a luz"**. Essa grande luz irrompeu em regiões que faziam fronteira com o grande mundo gentio, destinada como estava, em seu poder total e final, a iluminar todas as terras.

Tudo isso é precioso, assim como perfeito. E essa grande luz era a Luz da vida. Ela se levantou como na sombra da morte; pois as trevas as quais ela veio dispersar eram as trevas da morte. Se a ignorância está no homem, é a ignorância que é a perda da vida de Deus. O homem está alienado da vida de Deus, em razão da ignorância que está nele, por causa da dureza de seu coração (Ef 4:18). A Luz que agora estava surgindo era, portanto, uma Luz vivificante. O Senhor *cura.* Ele andou fazendo o bem. Ele prega e ensina; mas Ele cura também. Alma e corpo, toda a necessidade e miséria do homem caído, eram Sua preocupação. Ele deixaria para trás de Si mesmo, por onde quer que fosse, pelas cidades e aldeias de Israel, a voz da saúde e da ação de graças.

Mateus 5-9

Ele começa Seu serviço, como João havia começado o seu, chamando ao arrependimento; e isso, também, na garantia da mesma grande verdade. **"Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus"** (ARA), era a voz de cada um deles. E como João havia feito exigências morais ao povo, adequadas ao arrependimento que tal ministério como o dele demandaria, assim o Filho, o Amado, agora ensina de acordo com o arrependimento ou novidade de mente que Alguém tal como Ele deve buscar. O Filho, em Seu ensino, deve necessariamente ir além do Legislador, Moisés; nem Ele pode conformar-se a João, que tinha vindo **"no caminho da justiça"**. E isso encontramos no Sermão da Montanha, a primeira e grande amostra do ensino do Senhor Jesus. Ali temos moral além da medida de Moisés, e uma largueza de graça, uma luz de pureza, uma força de vitória sobre o mundo, uma humildade e um sacrifício próprio, uma bondade de todos os tipos, e detalhes de mente, caráter e conduta, nos quais o Batista nunca entrou.

Isto, no entanto, não é pregar o evangelho. É a moral que se adequava à escola onde o Filho ensinava. E com tal ensinamento o Senhor encontra Seus discípulos no monte, e então desce para encontrar todo tipo de tristeza, necessidade e sofrimento entre o povo, ao pé dele. O leproso, o servo do centurião, a sogra de Pedro, e toda a multidão de pessoas doentes que vêm a Ele, são levados a conhecer a virtude que estava n'Ele, e que era um Médico divino que havia assumido o caso deles. Nenhum remédio era necessário. Era o próprio Senhor da vida que os estava curando.

E ainda assim era o Médico *compassivo* assim como *divino*. Aquele que agora estava a caminho do altar como o Cordeiro de Deus, para tirar o pecado do mundo, pelo caminho, ou na estrada, estava tomando nossas enfermidades, e carregando nossas doenças. Este era Jesus em Israel (Mt 8:17). Ele não tinha remédios, nem prescreveu nenhum cuidado ou tratamento. Ele

falou, e foi feito. Ele tocou na febre, e ela fugiu; na lepra, e ela foi purificada. Havia toda essa personalidade intensa, por assim dizer, essa compaixão plena e profunda, esse contato como de olho com olho, boca com boca, mão com mão; e ainda assim nenhuma contaminação. Era o conhecimento *de Deus* do bem e do mal, e o tratamento de Deus com tais coisas. Jesus carregou todos os nossos fardos e enfermidades, seja em empatia ou expiação; mas Ele era imaculado no meio de todos eles. Ele estava na santidade de Deus, à parte deles, e na graça e no poder de Deus ao dispor dessas coisas.

E ainda assim Ele não era nada, e não tinha nada, na Terra. Se Ele é chamado de Mestre, Seus seguidores devem esperar não terem covis como as raposas ou ninhos como os pássaros; pois Ele mesmo não tinha onde reclinar a cabeça. Ele, ao assumir nossa redenção, entrou na perda de tudo; aquela perda na qual o homem, pelo pecado, havia incorrido. Por direito pessoal, este Filho do Homem possuía tudo, Ele nunca havia perdido o Éden, nem o lugar do homem na criação de Deus, em sua plenitude, ordem e beleza.

Mas com todo esse título pessoal, tendo mantido Seu primeiro estado onde Adão o havia perdido; com tudo isso, eu digo, Ele não tomou nada. Ele não havia perdido nada, mas ainda assim Ele não teria nada. Judicialmente, Ele não foi exposto a nenhuma privação ou tristeza. A Terra na qual Ele tinha o direito de andar não era de espinhos e cardos; mas voluntariamente Ele tomou toda tristeza e privação, e andou como familiarizado com a tristeza todos os Seus dias. Em breve Ele Se deixará nas mãos de homens perversos que vêm para comer Sua carne, embora Ele possa ter o exército do céu, doze legiões de anjos, para resgatá-Lo; então agora, com título para todas as coisas, Ele não toma nada **"As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça"**.

E ainda assim, com todo esse esvaziamento de Si mesmo, Ele estava acima daquilo que estava ao Seu redor. Ele Se posiciona

sobre a doença e a repreende. Ele fala aos ventos e às ondas, e eles O obedecem. Ele comanda os demônios, e a Seu comando eles deixam um lugar e entram em outro, embora sem Sua palavra eles pudessem se vangloriar de sua liberdade de rodear a Terra e passear por ela (Jó 1-2; 1 Pe 5). Ele perdoa pecados também. A sogra de Pedro em sua febre; o mar da Galileia com seus ventos e ondas; o pobre gadareno em sua fúria; o paralítico em Cafarnaum em seus pecados e doenças; todos estes contarão desta autoridade suprema e universal que estava n'Ele.

Ele tem permissão para fazer Sua obra por um curto espaço de tempo (como no período de Mateus 8), sem desafio ou impedimento. Foi, no entanto, apenas um breve tempo de alívio que o Senhor da glória teve neste mundo. O Menino de Belém, por um momento, recebe a homenagem dos gentios; mas, depois disso, rapidamente Ele está na estrada para o Egito. Então a Luz da Galileia lança um raio ou dois através das trevas; mas então seria apagada na obscuridade, se o homem pudesse ter prevalecido. O mundo, no Judeu, prova que ama suas próprias trevas, e lutará por ela, ressentindo-se da Luz que agora estava brilhando. Os principais do povo se escandalizam n'Ele, porque Ele era o Filho de José, como eles disseram, o carpinteiro de Nazaré. Eles O acusam de blasfêmia, quando Ele estava perdoando pecados; de ser o Amigo de publicanos e pecadores, quando Ele estava fazendo as obras da graça; de ser Belzebu, porque Ele expulsou demônios; de quebrar o sábado, porque Ele aliviou os necessitados e os tristes um dia e outro; eles pedem a Ele sinais, embora Ele estivesse enchendo cada momento e cada lugar com sinais que eram claros como o céu sem nuvens da manhã ou da noite; eles O acusam de quebrar tradições, quando Ele estava insistindo nos mandamentos de Deus! Que concórdia, podemos certamente perguntar, tem a luz com as trevas? A inimizade pode se dirigir a Ele um tanto timidamente no início, mas ela se alimenta à medida que vive e cresce, e logo se enfurece ferozmente e destemidamente. E como tinha sido com Herodes e Jerusalém, assim é agora com os mestres e as

cidades. Jerusalém foi abalada, com Herodes, pela palavra dos sábios do Oriente; as cidades são agora uma com seus mestres, na rejeição da Luz que estava brilhando na terra. Jesus tem que lamentar sobre eles porque eles não se arrependeram. Há de fato uma multidão que O segue, mas verdadeiramente era uma multidão volúvel. Os discípulos são atraídos da massa da nação, mas em vez de Jesus encontrar refrigério neles teve que suportá-los; e sabemos como isso terminou entre Ele e eles.

Cheio de significado solene é para nós *neste* dia, que o Senhor naquele *dia* olhou para Israel como um rebanho sem cuidado e sem alimentação. **"E, vendo a multidão, teve grande compaixão deles, porque andavam desgarrados e errantes como ovelhas que não têm pastor"**. E ainda assim (embora este fosse o julgamento do Grande Pastor) havia muita *religião* naquele tempo. As seitas eram numerosas; dias de festa eram guardados; e havia uma grande agitação em tudo o que poderia ter caracterizado um dia de decência religiosa pública e devoção. Aquela geração logo daria testemunho de si mesma de que não entraria no tribunal dos gentios, para que não fossem contaminados e, assim, impedidos de celebrar a páscoa. O dinheiro que logo compraria o sangue de um Homem inocente eles não colocariam no tesouro. A expulsão da sinagoga era temida, e Moisés era motivo de glória; o gentio era desprezado da mesma forma, e o samaritano era evitado. A limpeza cerimonial seria preservada. Os mestres e o zelo abundavam. E ainda assim, sob o olhar d'Aquele que os via como Deus os via, Israel estava sem pastor, um rebanho sem cuidado e sem alimentação. A terra era como um campo que precisava da lavoura da primavera. Não era tempo *de colheita* então, como deveria ter sido, onde toda essa religiosidade estava, e quando o Herdeiro da vinha tinha chegado. Nos pensamentos do Senhor da seara, era antes um tempo para **"as primeiras obras"** serem feitas novamente, um tempo *de semeadura*; e os servos tinham que ser enviados ao campo com o arado e a semente, e não com a foice.

Mateus 10-12

Mas assim como aconteceu com o Mestre, assim também os servos devem esperar que isso aconteça com eles. Ao enviar os doze, em Mateus 10, o Senhor lhes dá, como a Si mesmo, um ministério de cura. Mas Ele os adverte sobre o que estava diante deles, que eles seriam como ovelhas no meio de lobos; que seriam chamados perante magistrados e autoridades por Sua causa, encontrariam inimigos em seus próprios parentes, teriam que *perseverar* até o fim e seriam chamados de Belzebu, como Ele havia sido. Ele sabia das *circunstâncias* que deveriam acompanhar o *testemunho* que davam de Deus em um mundo como este. O Sol com cura em Suas asas havia nascido, e Israel deveria ter cantado: **"Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e não te esqueças de nenhum de Seus benefícios. É Ele que perdoa todas as tuas iniquidades e sara todas as tuas enfermidades"**. Mas Israel não pôde aprender esse cântico (o Israel daquele dia); pois eles se recusaram a ser curados. Israel **"não quis"** (Sl 81:11).

Isso é estranho; pois o homem sabe como valorizar suas próprias vantagens. Ele conhece o gozo da natureza restaurada e como acolher o retorno de dias de saúde e atividade. Mas tal é a inimizade da mente carnal que se as bênçãos vêm acompanhadas das reivindicações e da presença de Deus, elas não são bem-vindas aqui. Amamos as coisas boas que nos lisonjeiam ou nos satisfazem, mas não aquelas coisas que trazem Deus para perto de nós. E ainda assim de Cristo não podemos obter outra coisa. Ele traz Deus a nós com a bênção. Certamente Ele faz. Este é o Seu bom e perfeito dom (Tiago 1:17), este é o Seu caminho e Sua obra no mundo. Ele glorifica a Deus ao aliviar o pecador. Se o homem foi arruinado, Deus foi desonrado; e Jesus faz uma obra perfeita, vindicando o nome e a verdade de Deus tão seguramente e tão completamente quanto Ele traz libertação, vida e bênção ao homem.

Isso sempre foi assim, e necessariamente deve ser assim, nos caminhos de Deus neste mundo. Suas reivindicações em justiça

sempre foram reconhecidas, assim como a necessidade do pecador sempre foi atendida. Deus não renunciará Sua honra em favor da nossa bênção. Ele garantirá ambos; sendo *justo*, enquanto Ele é um *Justificador.* Mera misericórdia não é conhecida em Seus caminhos. É misericórdia para com o pecador fundada na satisfação dada a Deus. É sangue sobre o propiciatório; o sangue testemunhando que o resgate foi pago, e dando à misericórdia plena autorização para abrir todos os seus tesouros. Justiça e paz se beijam.

Este é o poder e o caráter da cruz; mas este também é o princípio do ministério, o ponto agora diante de nós neste Evangelho. Quando o próprio Senhor saiu, como em Mateus 4, Ele curou todos os que tinham doenças e tormentos, Ele expulsou demônios e purificou os leprosos. Mas em meio a tudo isso Ele pregou, dizendo: **"Arrependei-vos, porque o reino dos céus está próximo"**. Ele proclamava as reivindicações de Deus enquanto atendia às necessidades do homem. E assim também agora, em Mateus 10. Enviando os doze apóstolos às ovelhas perdidas da casa de Israel, Ele os comissiona e os capacita a curar os doentes, a purificar os leprosos, a ressuscitar os mortos e a expulsar demônios; mas Ele lhes ordena, ao mesmo tempo, a pregar, dizendo: **"está próximo o reino dos céus"**. Os direitos de Deus, novamente eu posso dizer, deveriam ser publicados, enquanto a aflição do homem deveria ser aliviada.

É, no entanto, exatamente isso, essa obra plena e perfeita do Senhor que o coração do homem não está preparado para acolher. E ainda assim está aí sua glória. O homem é abençoado, mas Deus é trazido para perto. Isso não serve para o homem. O maná, se vier direto do céu, e isso continuamente, em pouco tempo não será desejado; embora seja branco como semente de coentro e doce como mel. E assim Jesus e Seus servos serão rejeitados e terão que sofrer, embora distribuam saúde por todas as aldeias da terra. Parece estranho, repito; mas a inimizade da mente carnal pode ser responsável por isso.

Ao olhar para o *ministério* do Senhor agora, como fizemos em Seu *nascimento* na primeira parte do nosso Evangelho, ainda encontramos coisas que são peculiares. Todas as circunstâncias que acompanharam Seu nascimento como o Belemita, como vimos em Mateus 1-2, eram exclusivamente características de Mateus; e assim, nesta segunda parte, ele é o único evangelista que introduz o ministério do Senhor como a Luz vinda da Galileia, de acordo com o profeta Judeu; e ele é igualmente o único que nos fala da limitação imposta à missão dos Doze, **"Não ireis pelo caminho das gentes, nem entrareis em cidade de samaritanos; mas ide, antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel"** (tão estritamente Judaico é ele); o único, também, que fala do reino como o reino *dos céus*, um título que fala do caráter dispensacional ou nacional do reino, em vez de seu caráter moral e abstrato, que nos é transmitido por seu outro título, o reino *de Deus.*

A missão de João Batista, com a indagação sobre quem era o Senhor, nosso evangelista tem juntamente com Lucas; e, ao considerar o Evangelho de Lucas. Eu observei isso. A tristeza do Senhor sobre a incredulidade das cidades de Israel, eu também observei nas mesmas meditações sobre Lucas. Em Mateus, isso ocorre no final de Mateus 11. O Pai, o Filho, a liderança de todas as coisas em Si mesmo e a família ensinada e atraída pelo Pai, em graça soberana, e pela luz e poder eficazes de Seu Espírito, são os objetos presentes na mente de nosso Senhor ali. Ele entra no território, por assim dizer, que Ele ocupa em João. A ocasião naturalmente O chamou assim. Ele tinha acabado de inspecionar os resíduos morais de Israel; e dali Ele olha para o propósito e energia do Pai, em graça *vivificando* almas para o descanso que, um Filho que dá vida, sob comissão do Pai, tem para elas. E isso é mais característico do Evangelho *de João* do que qualquer outra coisa que temos em Mateus. Eu acredito que isso seja cheio de interesse.

As narrativas ou casos em João se distinguem daqueles que temos nos outros Evangelhos. Em Mateus e Marcos, posso dizer,

não há ilustrações de *poder vivificador;* nenhum caso em que essa operação divina seja feita o assunto ou atividade principal. O chamado do próprio Mateus, em Mateus 9, é o exemplo que mais se parece com esta. Os casos são, falando de modo geral, ilustrações de *fé exercida.*

Em Lucas, temos ilustrações de cada um deles; mas, geralmente, como em Mateus e Marcos, de fé exercida. Ainda, como em Pedro, no leproso samaritano, em Zaqueu e no ladrão que estava morrendo, temos casos do poder vivificador de Deus, ou de almas começando a viver.

Em João, no entanto, pelo contrário, temos, posso dizer, apenas uma instância de fé exercida, mas muitas do início da vida. O oficial do rei em Cafarnaum ilustra a fé; mas, em todos os outros casos, é a vivificação que contemplamos. Visão abençoada! Em André, Pedro, Filipe e Natanael; na mulher samaritana, e então nos samaritanos a quem sua palavra despertou; no pecador de Mateus 8, no mendigo cego de Mateus 9, e no Nicodemos de João 3, 7 e 19, vemos o início da vida, ou instâncias do poder vivificador de Deus.

Esta distinção é notável; ainda que totalmente característica de cada um dos evangelistas. Em Mateus, como temos visto, o Senhor está no meio de Seu próprio povo Israel, dando testemunho de Si mesmo em graça e poder, e testando a condição de Israel. Assim, com alguma beleza distintiva, eu poderia dizer, em Marcos. Portanto, não esperaríamos instâncias de vivificação ali, mas casos de fé (onde foi encontrada como em um remanescente), ou o triste testemunho de incredulidade geral. Em Lucas, o Senhor está mais além, mais livre para agir como Aquele que veio ao homem, bem como a Israel; e consequentemente temos ali uma exposição maior de Sua obra, uma expressão mais variada de instâncias, tanto de fé exercida, quanto de poder vivificador. Mas, em João, o Senhor é o Filho que dá vida, o Verbo feito carne, cheio de graça e verdade, dando poder aos pecadores para se tornarem filhos de Deus. E isso O

coloca imediatamente e único com as almas, para fazer Sua obra bendita de vivificação. Esta variedade é impressionante e maravilhosamente significativa.

Em nosso Evangelho, o Senhor estava testando Israel. Mas Ele os achou em falta. A Luz havia feito novamente sua obra na terra. Ela teria despertado voluntariamente do sono, e então teria animado e guiado, de acordo com sua virtude própria; mas as trevas **"não quiseram"**. A Luz, portanto, expôs. Ela julgou expondo; isto é, julgou *moralmente* tudo o que estava ao seu redor; outro julgamento que a mão do Senhor realizou. Ele não lutou nem clamou, nem deixou Sua voz ser ouvida na rua. Ele não esmagaria a cana quebrada, nem apagaria o pavio fumegante. Ele saqueia os bens do valente; mas, como Sansão, Ele não tocará em Israel. Ele não veio para julgar, mas para salvar.

A figura do espírito imundo saindo, e então retornando, e encontrando a casa varrida e adornada, habitando lá novamente com outros sete espíritos piores do que ele, é Sua imagem da geração Judaica em seu último e pior estado. Israel havia se tornado gentio. Sua circuncisão pode ser considerada como incircuncisão. Ele havia vindo para os Seus, mas os Seus não O receberam. De modo que a mente do Mestre divino toma uma nova direção, e a Luz que havia surgido na Galileia, e teria iluminado toda a terra, tem agora (em espírito ou em antecipação) que lançar seus raios em outras e distantes partes da Terra.

Mateus 13

É assim que iniciamos Mateus 13.

Aqui temos, pela primeira vez, uma antecipação completa da era atual.

A ação do Senhor aqui, logo no início, tem significado. Ele saiu de casa e assentou-Se à beira-mar (v. 1).

Até então o mundo dos gentios não havia sido contemplado como o campo de Seus labores. A fé de um gentio, tão cedo

quanto no tempo de Mateus 8, O levou a falar daqueles que viriam do Oriente e do Ocidente para se assentarem com Abraão, com Isaque e com Jacó no reino; mas isso foi apenas um olhar daqueles olhos que examinam todas as coisas e conhecem o fim desde o princípio. Não foi o olhar fixo d'Aquele que havia previsto e designado o campo do mundo para ser o lugar da lavoura divina no evangelho. Mas agora, no capítulo 13, esses olhos olham para o mundo dos gentios e se fixam ali; pois ali, em pouco tempo, o Espírito e a verdade estariam tratando com o homem, e o Senhor da seara teria Sua lavoura ali, e não nas cidades e aldeias de Israel. **"O campo é o mundo"**.

E agora, da mesma forma, o Senhor começa a falar em parábolas; uma circunstância profundamente significativa do momento, porque esse estilo de falar era uma forma de julgamento sobre Israel. Era como o levantamento da coluna entre Israel e os egípcios; só que Israel agora era colocado no lado escuro dela. O Senhor, como Ele mesmo nos conta, estava agora falando em parábolas, para que a palavra do profeta pudesse ser cumprida: **"Ouvindo, ouvireis, mas não compreendereis e, vendo, vereis, mas não percebereis".** Aqui estava a razão pela qual Ele agora começou a usar esses dizeres obscuros. Eles tinham seu próprio segredo, cada um deles; mas não foi dado a Israel conhecê-lo. O Senhor tinha um povo que deveria ser instruído por eles, instruído em mistérios, mistérios do reino; mas, por eles, Israel foi deixado em trevas. A sentença de cegueira dos olhos estava começando a ser executada sobre eles; sua *dispersão* ainda não havia ocorrido.

O Semeador, na parábola que abre este capítulo, está *entre os homens.* Ele saiu, e **"o campo"** é o **"mundo"**. E daí por diante, ao longo do capítulo, o Senhor como em espírito ou por antecipação, está entre os gentios traçando a história de Seu evangelho no mundo, ou durante esta presente era gentia, em uma série de parábolas. Ele olha para o campo de joio, a cena do bom e do mau misturados, tal como a Cristandade é agora. Ele então contempla, nas parábolas do grão de mostarda e do fermento, a

prevalência daquilo que é mau. Então, nas parábolas do tesouro e da pérola, a preciosidade, mas ainda a obscuridade, daquilo que é bom. E será que não posso dizer que isso é uma vívida representação, até a própria vida, do que aconteceu, e que, com nossos próprios olhos, vemos nesta mesma hora? Há diante de nós um campo de sementes misturadas, a obra do Senhor e a obra do inimigo, com a prevalência daquilo que é do inimigo, e a obscuridade daquilo que é precioso e de Deus. Que antecipação do que vemos, e não podemos deixar de ver, ao nosso redor! O mundo deste dia, aquela parte da Terra que é o cenário da árdua obra do Semeador, é verdadeiramente um campo de joio, um campo de sementes misturadas. Mas a fé sabe que um tempo de separação está próximo. Haverá uma colheita, de acordo com o ensino posterior de outra dessas parábolas.

Haverá a consumação do século, quando a rede lançada ao mar será puxada para a praia, e o bom será recolhido em cestos, e o ruim será lançado fora.

Essas coisas aprendemos aqui; e este capítulo, em sua estrutura, e geralmente em seus materiais, é peculiar a Mateus. Algumas das parábolas não são encontradas em nenhum outro lugar; e aquelas que são comuns a Mateus, Marcos e Lucas, assumem uma conexão peculiar aqui.

Foi um momento distinto no ministério do Senhor. **"Coisas novas e velhas"** estavam diante d'Ele, os mistérios do reino dos céus. O reino dos céus em si, o governo do Deus dos céus sobre a Terra e suas nações, não era algo novo. Daniel havia falado distintamente de tal reino, e todos os profetas deram testemunho dele, em sua maneira e medida. Mas o reino sob tais condições como o Senhor o apresenta neste capítulo era algo completamente novo, estranho a todos os pensamentos e notificações dos profetas. Cegueira dos olhos e dureza de coração executadas sobre Israel, e, durante aquele período, a semente de Deus, a Palavra da graça e da verdade, semeada no distante **"campo"** do **"mundo"**, ali passando por uma história como a que este capítulo conta; isso

certamente era algo novo. Todas as obras de Deus são conhecidas desde a eternidade (Atos 15:18); mas alguns de Seus santos têm que esperar até que chegue o devido tempo para sua revelação; e tal tempo para a narração de algumas delas foi o tempo deste capítulo. O Senhor, por um momento, em espírito, deixa Israel; e nós, por antecipação, somos introduzidos à nossa própria história gentia.

A ocasião, no entanto, passa rapidamente. Antes de o capítulo terminar, nós O encontramos novamente em espírito, bem como em ação e realidade, no meio de Seu Israel; não falando, como em parábolas, os mistérios do reino à beira-mar, mas ensinando e curando nas sinagogas ao redor de Seu próprio país. Sua ocupação era com as ovelhas perdidas da casa de Israel, e Ele precisa retornar. E assim Ele o faz.

Mateus 14 – 16:27

Este novo período das obras do Senhor, após este intervalo de Mateus 13, abre com um evento muito sério. Herodes havia matado João Batista.

A experiência de Herodes nessa época é terrivelmente significativa do estado do coração do homem. Lemos sobre ele: "Naquele tempo, ouviu Herodes, o tetrarca, a fama de Jesus. E disse aos seus criados: Este é João Batista; ressuscitou dos mortos, e, por isso, estas maravilhas operam nele".

Uma má consciência é uma habitante muito viva e agitada do seio humano – uma boa consciência é calma e silenciosa. Uma má consciência é propensa a agir precipitadamente, alarmando-se com tudo e qualquer coisa, temendo onde não há medo. Foi isso que, nos irmãos de José, chamou a culpa à lembrança, em um dia de inocência e falsa acusação.

A consciência de Herodes sempre guardou diante dele a imagem de João morto, e, em sua mente, a coisa mais longínqua facilmente se associaria com essa imagem. As obras de Jesus

sugeririam a ele que João havia ressuscitado dos mortos; e o pensamento era um tormento para Herodes.

Pois verdadeiramente a ressurreição de um homem que foi morto deve ser intolerável ao coração daquele que o matou. Ela lhe declara que Aquele, em cujas mãos estão as fontes da vida e da morte, Se colocou ao lado de sua vítima. E foi assim, neste momento, nas apreensões de Herodes, e será assim, em breve, nas apreensões do mundo; pois no dia da manifestação do poder de Jesus, a Quem o mundo está agora rejeitando, reis, homens poderosos, escravos, homens livres, tribunos, grandes homens e homens ricos, todos clamarão aos montes e rochedos para escondê-los do rosto d'Aquele que está assentado no trono e da ira do Cordeiro (Ap 6:16).

Esta experiência de Herodes tem, portanto, uma voz para o ouvido do mundo. Pois a ressurreição diz ao mundo que Deus nas alturas Se colocou ao lado d'Aquele a Quem o homem desprezou e rejeitou.

A notícia deste martírio de João é trazida ao Senhor, e é evidente que Ele é movido por isso. Ele entra no peso disto sobre Si mesmo; pois isto pesou diretamente sobre Sua própria segurança pessoal. Se o mensageiro fosse tratado assim, o que o Senhor do templo poderia esperar? Se João foi morto, o que será feito com Jesus? Tal seria a sugestão natural de Sua alma neste momento. Depois disto, Ele disse aos Seus discípulos, falando de João: **"fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do Homem"**; e Seu espírito, eu acredito, neste momento, estava antecipando tal declaração; pois lemos que Ele imediatamente Se retira para um lugar deserto, apartado (Mt 14:13). Como O vemos no Evangelho de João repetidamente deixando a Judeia, porque os Judeus procuravam matá-Lo (Jo 7:1; 10:31, 40); então agora, ao ouvir que Herodes havia matado João, Ele Se retira; e daquele momento, por um tempo; isto é, de Mateus 14:13 a Mateus 17:22, Ele continua em partes distantes da terra. Ele estava ciente do perigo, e Ele não o enfrentaria

descuidadamente. Ele Se retirará do alcance do perigo, se isso puder ser feito sem qualquer sacrifício do que Lhe convinha. Ele, portanto, por um tempo, não é visto em Seu caminho habitual, em Cafarnaum ou nas partes ao redor dela, nem na Judeia ou em Jerusalém.

E quão perfeito, como tudo o mais, é este caminho do nosso Mestre, durante este solene e interessante tempo! Seja qual for a Sua glória pessoal (e sabemos que Ele não era nada menos que Deus sobre todos, bendito eternamente), ainda assim Ele era Homem em todas as sensibilidades próprias da humanidade. Aqueles contatos e passagens em Sua história, que revelam a fraqueza de Suas circunstâncias entre os homens, são tão preciosos quanto as maravilhas que Ele operou para eles naquela força que era divina. O cansado Viajante no poço de Sicar é uma visão tão bem-vinda quanto o transfigurado Senhor da glória no monte. E nesse período, do tempo de Mateus 14:13 ao tempo de Mateus 17:22, nós O vemos na fraqueza das circunstâncias humanas. Sua vida está em perigo pela mão do homem, e Ele Se retira; enquanto O seguimos, durante esse tempo, primeiro em um lugar deserto, depois em um monte solitário, depois em Genesaré, depois nas fronteiras mais distantes a oeste, depois em um monte novamente, depois nas costas de Magdala, no extremo leste, depois no ponto mais alto do norte e, por fim, em um alto monte à parte, que, em espírito ou em mistério, era o próprio céu (Mt 14:13, 23, 34; 15:21, 29, 39; 16:13; 17:1).

Belo e perfeito caminho natural para os pés deste Glorioso; neste momento, Aquele exposto, Aquele em perigo, o Davi, caçado como uma perdiz nos montes.

Mas embora conscientemente em perigo, e, portanto caminhando em relativo retiro, não Se expondo descuidadamente, Ele nos mostra que não temia o inimigo que O ameaçava, nem era desatento ao amor e serviço que, em graça, Ele devia ao povo. Pois é durante esse tempo que Ele responde, repetidas vezes,

aos desafios de Seus adversários, e alimenta, repetidas vezes, as multidões que aguardam por Ele.

Quão cheio de glória moral é tudo isso! E este é o Jesus cujo caminho brilha diante de nós. Ele não desprezaria o perigo que O ameaçava; e ainda assim Ele não seria perturbado por isso a ponto de esquecer como Se conduzir, seja para amigos ou inimigos, para dependentes ou perseguidores. Fruto precioso na estação desta Árvore, que havia sido plantada junto aos ribeiros de águas!

E ainda há mais do que isso.

Enquanto estava nas costas de Tiro e Sidom, durante esse tempo, Ele é procurado por uma mulher cananeia. Ela traz sua tristeza a Ele. Ela deposita n'Ele sua confiança.

Ela O usaria; exatamente aquilo no que o amor se deleita; o próprio gozo no qual Ele veio ao mundo colher das mãos e corações dos pecadores. Ela sabe que Ele é capaz e pronto para servi-la. A ocasião é de interesse muito terno e comovente.

Aparentemente, apesar de toda a tristeza dela, o Senhor afirma os princípios de Deus e a ignora. Aos discípulos, Ele diz, aos ouvidos dela: **"Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel"**. E a ela mesma, Ele diz: **"Não é bom pegar o pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos"**. Mas ela se curva. Ela O reconhece como o Ministrador da verdade de Deus, e não suporia por um momento que Ele renunciasse essa verdade por ela e suas necessidades. Ela deixa que Deus seja glorificado de acordo com Seus próprios conselhos, e Jesus continua a Testemunha fiel desses conselhos, embora ela ainda permanecesse em tristeza. **"Sim, Senhor"**, ela responde, justificando tudo o que Jesus havia dito; **"mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores"**.

Isto era admirável; foi perfeito em sua geração; fruto da obra divina em sua alma. Ela seria abençoada somente de acordo com

os princípios e caminhos da graça e governo de Deus, dos quais ela recebeu o Senhor como a Testemunha segura e infalível.

A mãe em Lucas 2 está bem abaixo da gentia de Mateus 15. Ela não sabia que Jesus deveria estar tratando dos negócios de Seu Pai. Ela preferia que Ele a atendesse. Aquela estrangeira reconheceu que era dos negócios de Seu Pai que Ele sempre deveria estar tratando; e ela preferia deixar o caminho de Deus ser exaltado na mão fiel de Cristo, embora ela mesma fosse colocada de lado por isso. E tudo isso foi um belo testemunho de sua sujeição a Deus. Suas palavras foram profundamente bem-vindas ao coração do Senhor; e isso, também, em um momento em que esse mesmo coração estava bastante entristecido por tudo o que Ele estava encontrando entre Seu próprio povo.

O homem teria usado tal oportunidade para si mesmo. Se Israel O desprezou, o gentio O buscou. Se os perigos de Seu próprio povo O expulsaram, e os estrangeiros O receberam, certamente Ele pode mudar o Seu lugar; a natureza teria raciocinado assim. Uma siro-fenícia estava apelando a Ele, enquanto Israel estava recusando-O. Ele não mudará? Ele não cruzará a fronteira? Não. Ele era o Obediente. Ele não irá, como outro, passar para o rei de Gate, ou para a terra dos filisteus. Ele não consulta a carne e sangue, nem obtém Sua permissão de circunstâncias ou de providências. Ele havia sido enviado como o Ministro da circuncisão, para confirmar as promessas feitas aos pais; e embora Israel possa esquecer as vozes de seus profetas e as esperanças de sua nação, Ele não pode esquecer Sua comissão. Ele é deles, e não dos gentios; e isto Ele deixa que esta gentia saiba: nem Ele dispensará virtude a ela, ou deixará Suas misericórdias alcançarem suas necessidades, até que ela tome seu devido lugar gentio em sujeição a Israel. Então, de fato, que ela tome tudo o que ela quisesse. **"Ó mulher, grande é a tua fé. Seja isso feito para contigo, como tu desejas"**.

Isso é realmente perfeito. Quão cheio de glória moral é todo esse caminho, do princípio ao fim! O perigo separa o Senhor para

montes e desertos retirados, mas Ele não recua diante da face do inimigo por medo, nem suspende Seus serviços de amor por ressentimento, nem esquece os direitos dos outros, embora em meio a injustiças e sofrimentos causados por eles.

Davi, sob circunstâncias semelhantes, como o vemos em 1 Samuel 18-30, não nos dá isso. De muitas maneiras, ele se comporta de forma bela. Mas, com tudo isso, Davi não é um modelo. Infelizmente, ele falhou então, por mais admirável e amável como ele era acima de muitos homens. Suas mentiras em Nobe custaram o sangue dos sacerdotes; suas mentiras em Gate, a captura de Ziclague. Ele concebeu vingança em seu coração, e seu propósito teve que ser desviado pela palavra de uma mulher. E ele teria sido encontrado lutando contra o povo de Deus nas fileiras dos incircuncisos, se a mão de Deus não tivesse influenciado as mentes dos príncipes dos filisteus.

E ainda assim Davi está de fato entre os mais escolhidos dos filhos dos homens. Mas o Davi de 1 Samuel 18-30 não é o Jesus de Mateus 14-16, embora em circunstâncias semelhantes. Cada um deles estava em retiro por causa do perigo e da ameaça do poder que havia, em seus respectivos dias, em Israel; mas as duas histórias apenas provam novamente que *há apenas Um.* Ninguém além d'Ele para os nossos pecados, e ninguém além d'Ele para a glória de Deus. Coisas boas podem ter sido *ditas* por aqueles do passado, coisas boas podem ter sido *feitas* por eles do passado, mas toda perfeição de todos os tipos está somente com Jesus. E feliz é o pensamento, bem-vindo de fato é o contraste. Ninguém além de Jesus! Somente n'Ele o pecador encontra seu alívio, Somente n'Ele Deus obtém Sua glória. E esses pensamentos surgem enquanto seguimos o caminho do Senhor por esta parte do nosso Evangelho. Há muito tempo, se alguém pode falar de si mesmo, tem sido a admiração da alma; e, de fato, é solene e interessante. Mas tem seu fim, e devemos olhar para seu fim. Isso alcançamos em Mateus 17.

Mateus 17

A certeza de nossa visão de um objeto depende muito principalmente da luz em que ele é colocado; e nosso desfrute de uma perspectiva é grandemente determinado pela maneira como nos aproximamos dela. Foi a incredulidade em Israel que colocou o Senhor no campo de joio, como já vimos; e é a mesma que agora O coloca no monte de glória. Devemos ver isso para apreciar Seu lugar tanto em Mateus 13 como Mateus 17.

Cada passo de Seu brilhante caminho de bênçãos na Terra, e no meio de Israel, deixou rastros atrás de Alguém que veio como o Reparador da ruptura. Ele estava, como podemos dizer, renovando Seu concerto com Seu antigo povo, Seu concerto de saúde e salvação. Mas eles **"não quiseram"**. O homem grande e o homem pobre, o rei e a multidão, deram seus respectivos testemunhos disso. Eles **"não quiseram"**.

No palácio do rei, a harpa, o saltério e o vinho estavam lá, e o sangue dos justos. O pecado da Babilônia foi encontrado em Jerusalém, e mais do que o pecado da Babilônia. A festa de Herodes era cheia de ritos mais horríveis do que aqueles que fizeram surgir os dedos da mão de homem, para escrever a sentença de morte sobre Belsazar e seu reino. Os vasos do templo foram profanados lá, mas o sangue do Justo foi derramado aqui. Esta era a voz do palácio. Os lugares ermos de Cesareia de Filipe também foram ouvidos, e eles testemunharam o mesmo: que os de Israel **"não quiseram"**. **"Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?"** perguntou o Senhor aos Seus apóstolos, enquanto estavam lá juntos. Mas eles não tinham resposta para Ele que pudesse indicar-Lhe que Ele havia sido recebido por eles. A exultação do profeta, **"Porque a nós nos é nascido um Menino, e a nós nos é dado um Filho"** (TB), a exultação adequada de Israel sobre seu Messias, não foi assumida pelo povo. Eles podem ter pensamentos elevados e honrosos sobre Ele, como Elias ou Jeremias; mas isso não adiantava; Ele não foi compreendido.

Este foi um grande momento. Precisamos permanecer aqui um pouco. É uma ocasião que não podemos deixar passar.

Nenhuma confissão menor que a de **"o Filho do Deus vivo"** servirá. As pessoas podem ter pensamentos elevados e honrosos sobre Jesus, como acabei de dizer. Podem falar d'Ele como **"Ele é bom"**, ou como **"um dos profetas"**, como Elias ou Jeremias; mas nada desse tipo servirá; nada menos que a fé que O apreende e O recebe como o Cristo, o Filho do Deus vivo.

A razão da necessidade desta fé é simples. Nosso estado de ruína neste mundo, ruína por causa do pecado e da morte, exige a presença do próprio Deus entre nós, e isso também, no caráter de Conquistador sobre o pecado e a morte. E Aquele a Quem Deus enviou é Esse tal. Ele é o Cristo, o Filho do Deus vivo, o Deus vivo em carne; veio aqui com o propósito de trazer de volta a vida a esta cena de morte, destruindo as obras do diabo e tirando o pecado. Este é Aquele que nossa condição exige. Nossa ruína é tal que nada menos do que isso servirá para nós; e se acharmos, em nossos próprios pensamentos, que qualquer coisa menos do que isso nos ajudará, revelamos que ainda não descobrimos nossa real condição, nossa condição na presença de Deus. Toda aceitação de Cristo, aquém disso, não é nada. É a não aceitação d'Ele. Ele pode ser um Profeta, Ele pode ser um Rei, Ele pode ser um Operador de maravilhas ou um Mestre de segredos celestiais; mas se isso for o tudo da nossa apreensão d'Ele, o nosso tudo é nada.

A fé tem uma grande e nobre obra a fazer em tal cenário como este mundo, e em tais circunstâncias que a vida humana fornece todos os dias. Ela tem que alcançar seus próprios objetos através de muitos véus, e habitar em seu próprio mundo apesar de muitos obstáculos. São as coisas não vistas, e as coisas esperadas, com as quais ela trata; e tais coisas estão à distância, ou sob coberturas; e a fé tem que ser ativa e energética para alcançá-las e tratar com elas.

Em João 11, vemos uma cena de morte. Como já disse, nossa condição de ruína neste mundo é realmente essa. Todos, a não ser o próprio Senhor, parecem não ter apreendido nada além da morte. Os discípulos, Marta e seus amigos, e até Maria, falavam apenas da morte; e, no que diz respeito ao momento presente, eles não têm fé em nada além dela. Jesus, no meio de tudo isso, está sozinho, olhando a vida e falando da vida. Ele seguiu em frente na consciência disso, carregando em Si mesmo a luz em meio a essa sombra de escuridão e tristeza. Mas não havia fé ali cumprindo seus deveres; isto é, descobrindo-O. Marta representa essa ausência de fé; assim como a multidão faz em Mateus 16:14. Ela encontra o Senhor, mas seu melhor pensamento sobre Ele é este; que tudo o que Ele pedisse a Deus, Deus Lhe daria. Mas isso não vai servir. Esta não era a fé fazendo seu trabalho adequado, descobrindo a glória que estava escondida em Jesus de Nazaré.

O Filho Se esvaziará a Si mesmo. Ele tomará a forma de um servo. Ele será obediente até a morte. Ele Se cobrirá como uma nuvem, e Se esconderá sob um véu espesso, um véu não apenas de carne, mas de carne em humilhação, fraqueza e pobreza. Mas enquanto Ele está fazendo tudo isso, Ele não pode admitir a ausência daquela fé que faz seu trabalho adequado somente quando O descobre. Ele não estará em companhia de pensamentos depreciativos sobre Ele. Ele busca as descobertas da fé de Sua glória, nos santos com quem Ele anda.

Ele, portanto, repreende Marta. Em vez de admitir que Deus O atenderia, como Marta havia dito, assim que pedisse a Ele, Ele diz a ela, como na autoridade de Sua própria glória pessoal, **"teu irmão há de ressuscitar"**. E em vez de concordar com sua reflexão posterior, de que ele ressuscitaria no último dia, Ele diz a ela: **"Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá e todo aquele que vive e crê em Mim nunca morrerá"**.

Como tudo isso se recomenda à nossa alma! O Senhor não dará lugar a essas apreensões imperfeitas sobre Ele. Era necessário,

nas riquezas de Sua graça, que Ele Se esvaziasse; nossos pecados não poderiam encontrar alívio em nada menos do que isso. Mas é certo que a fé faça uma descoberta completa d'Ele sob esse véu de esvaziamento próprio.

Mas, feliz em acrescentar, se Marta representa a incredulidade que fica aquém de uma correta apreensão de Jesus, Pedro, nesta ocasião, em nosso Evangelho, representa a fé que, pela operação de Deus, faz a devida obra da fé, descobrindo a glória oculta. Bem-aventurado por ver isso. Pedro recebeu isso por revelação do Pai. Carne e sangue não eram capazes de cumprir este dever, ou realizar esta obra de fé. Foi uma revelação para Pedro, como precisa ser para todos nós.

Ao saber o que as pessoas pensavam sobre Ele, Jesus Se volta para Seus discípulos e diz: **"E vós, quem dizeis que Eu sou?"** E então a confissão de Pedro é feita. **"Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo"**, ele diz.

Jesus estava satisfeito; mais ainda, Ele estava cheio de deleite. A glória de uma revelação direta do Pai ao espírito e inteligência de um dos Seus agora brilhava diante d'Ele; e Ele conhecia o êxtase de tal momento. **"Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas"**, diz o Senhor; **"porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas Meu Pai, que está nos céus"**; e então Ele reconhece este mistério (que Ele era o Cristo, o Filho do Deus vivo) como o fundamento de toda a edificação para a eternidade.

Certamente este foi um grande momento. Isso justifica nossa demora neste lugar do nosso Evangelho por este pequeno período. Nós nos voltamos para ouvir a palavra da amorosa Marta em João 11; e aproveitamos a ocasião para contrastar a pobreza e a imperfeição disto, clamando uma repreensão do Senhor, com esta palavra de Pedro proferida sob uma revelação do Pai, extraindo a satisfação e o deleite do Senhor.

Mateus 16:28-20

Mas esse momento estava impregnado de grandes resultados. As trevas do homem tocando o Filho do Deus vivo compartilhou o momento com a revelação d'Aquele Filho que o Pai havia feito a Pedro. Tudo isso deu caráter a essa grande ocasião, e o Senhor nos instrui por meio disso.

Como a incredulidade da Terra agora estava provada diante d'Ele, pelo relato que Seus discípulos Lhe trouxeram sobre as opiniões do povo a Seu respeito, havia, portanto, apenas um passo, por assim dizer, entre Ele e o céu. Consequentemente, Ele prepara Seus apóstolos para isso; para uma visão do reino em seu dia de poder e glória, quando Aquele a Quem a Terra estava agora rejeitando apareceria em Sua magnificência. **"Em verdade vos digo"**, fala o Senhor agora aos Seus doze, **"alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino"**.

Depois de seis dias, de acordo com essa promessa, Pedro, Tiago e João são levados pelo Senhor a um alto monte, à parte, e lá lhes é permitido vê-Lo em Seu corpo glorificado, com Moisés e Elias também em glória.

Até então não houve visão como esta. Abraão e Jacó tiveram visões de anjos e do Senhor dos anjos; mas diante deles Sua glória estava velada. Gideão e Manoá também O tinham visto, e Josué também. A sarça ardente, a rocha fendida e o topo de Pisga, tinham colocado Moisés em companhia de Deus. Jacó viu a escada cujo topo alcançava o céu. Moisés e os anciãos de Israel viram o Deus de Israel com os céus sob Seus pés, como uma obra pavimentada de uma pedra de safira. Os profetas O tinham visto em vestes místicas, Isaías no templo e Daniel no rio Hidéquel (ou Tigre). Eliseu teve uma visão peculiar; não do Senhor, mas do carro e dos cavaleiros de Israel, e do profeta que subia, seu mestre. E esta, em certo sentido, foi a mais brilhante de todas. Ela se elevou muito alto até aos propósitos celestiais de Deus. Foi como o arrebatamento ou transladação dos santos, como será

aquela no dia de 1 Tessalonicenses 4. Foi uma ascensão. Ainda assim, no entanto, não foi uma visão de homens em glória. Eliseu não viu um corpo humano glorificado, embora tenha visto, em um mistério, o cortejo celestial dele. Ele estava mais em 1 Tessalonicenses 4 do que em 1 Coríntios 15. Mas agora, no monte santo, Pedro, Tiago e João têm uma visão mais sublime de Elias do que o próprio Eliseu teve dele do outro lado do Jordão. Eles viram Elias em glória, o que Eliseu não viu.

De modo que até então não houve nenhuma visão igual a esta em nosso capítulo 17. A de Estêvão, em um dia depois deste, pode ser considerada superior a esta. Mas não houve visão em dias anteriores em que os homens foram vistos, como agora foram, em glória pessoal, transfigurados segundo a imagem do celestial. E, se tivéssemos mais desejo pela presença do Senhor, não poderíamos viver esquecidos desta grande ocasião. A luz do monte santo, onde a majestade de Jesus foi vista, e onde a voz da magnífica glória foi ouvida, animaria o coração muito além do que costuma fazer; se alguém puder expressar seu coração para outros.

E assim foi agora, no progresso do nosso Evangelho. A incredulidade de Israel, isto é, da Terra, selada pela resposta que o Senhor recebeu à Sua indagação, **"Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?"** levou-O ao céu por um momento.

Pois se a Terra não estava pronta para recebê-Lo, o céu em sua glória mais elevada estava aberto para Ele.

Isto, no entanto, como Sua visita ao campo de joio da Cristandade em Mateus 13, é apenas por um momento. Seus negócios são com Israel e com a Terra, e para Israel e a Terra Ele, portanto, retorna rapidamente.

Mas notamos em Mateus 13 que o Senhor, em espírito, continua entre os gentios, ou nesta nossa presente dispensação, por toda a importante série de parábolas que formam o material daquele capítulo. Algo assim pode ser notado agora após esta visita ao

céu em Mateus 17. Pois, embora o Senhor retorne a Israel e à Terra, ainda assim, por meio deste estágio de Seu ministério, que não termina até entrarmos em Mateus 21, há algo da mente celestial n'Ele. Ele desce do monte e deixa de lado Suas vestes de glória; mas Suas palavras têm o cheiro de Alguém que tinha impressões celestiais em Seu espírito. A luz que havia brilhado de Zebulom sobre as cidades e aldeias da terra, agora havia absorvido algo da glória celestial; e, em seus brilhos a partir de então, parte dessa glória é vista nela.

Assim, ao tomar o menino, repreendendo o orgulho de Seus discípulos, o Senhor fala da Igreja em seus princípios desapegados do mundo, e em seu lugar e autoridade no Espírito. E, no curso desses capítulos, Ele comenta de tal forma sobre a lei do casamento, prescreve tal regra de perfeição ao jovem rico, faz tais promessas de lugar e honra na regeneração ou no vindouro reino milenar a Seus servos, que nos permite sentir que Ele havia retornado à Terra, vindo do monte santo, com algo da mente celestial vívido diante de Si.

Isso pode ser percebido. É verdade que Ele não está glorificado no sopé daquele monte, como Ele havia sido no topo dele; nem Ele faz da Igreja, ou do chamado celestial, o Seu assunto. Isso teria sido fora de época. O mistério da Igreja teve que esperar por outro ministério, sob o dom e a presença do Espírito Santo, e após Sua glorificação. Mas agora, uma vez que houve uma antecipação momentânea da glória celestial, há o suficiente para nos deixar saber que a Luz da Galileia agora havia colhido para Si algo daquela glória.

E, em conjunto com isto, penso que podemos perceber que embora Ele tenha retornado a Israel, Seu povo na Terra, Ele está agora, de alguma forma, tomando certa distância deles. Ele está um pouco menos com a multidão durante o tempo destes capítulos. Ele os recebe se for procurado por eles; Ele responde a eles, se desafiado por eles. Com certeza. Mas ainda assim Sua mente parece distanciar-se deles.

Essa distância, no entanto, não é abandono. O tempo para isso ainda não havia chegado completamente. Um longo e triste tempo de Sua face oculta aguardava Israel, mas não havia começado nos dias de Mateus 18-20. (No início de Mateus 19 (v. 1), o Senhor começa a deixar a Galileia. Desde o tempo de Mateus 4:12, de acordo com Mateus, Ele esteve naquelas partes, como a Luz de Zebulom e Naftali; mas agora Ele começa a Se colocar no caminho para a Judeia. Pois, como descobriremos, será na Judeia, e não na Galileia, que Ele fará a terceira e última apresentação de Si mesmo a Israel). Nós O vimos proposto ou apresentado a Israel como o Belemita do profeta Miqueias, e como a Luz da Galileia do profeta Isaías. Nós O vimos desprezado e rejeitado, desafiado e vigiado. Ouvimos Suas lamentações sobre as cidades da terra, por causa de sua incredulidade. Nós O vimos, por dois momentos místicos distintos, tomando um lugar, seja no mundo entre os gentios, como em Mateus 13, ou no reino com os glorificados, como em Mateus 17. Mas Ele ainda não terminou com Israel. Eles tinham sido um povo amado por muito tempo. A Glória nos dias de Ezequiel não sabia como deixar sua antiga morada no templo; Deus não sabia como retirar Seus profetas de Israel, ainda levantando-os cedo e enviando-os, embora gerações os tivessem rejeitado (Ez 8-11; 2 Cr 36:15-16); e agora Jesus, a Glória do templo e o Deus dos profetas, ainda permanece no limiar da casa, e Se levanta repetidamente para falar com eles.

Temos, portanto, ainda que ouvi-Lo suplicar ao Seu povo, como faremos agora na terceira parte ou seção do nosso Evangelho.

Mateus 21-25

Mateus 21-23

Esta porção do nosso Evangelho abre com a terceira e última apresentação de Cristo a Israel. Ela é de acordo com a voz do profeta Zacarias. **"Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei virá a ti, justo e Salvador, pobre**

e montado sobre um jumento, sobre um asninho, filho de jumenta" (Zc 9:9).

Tudo é feito em plena solenidade. O teste do coração de Israel será aplicado sob todas as vantagens; o caminho, permita-me dizer, do nosso Deus em todas essas ocasiões.

Quando Adão, no princípio, foi colocado no jardim para guardá-lo, tudo era para ele; não havia nada em todo aquele estado de então que não pudesse declarar a ele a respeito de seu Criador. Assim, depois, quando Noé foi colocado no novo mundo, ele estava lá sob todas as vantagens de honra e felicidade; o arco na nuvem sendo uma testemunha viva para ele, se necessário, de que o Senhor Deus estava atento a ele e seria Fiel. Israel na terra de Canaã não precisava de nada. **"O que mais poderia ter sido feito à Minha vinha, que Eu não tenha feito?"** foi a demanda do Senhor diante de Seu povo. A sebe foi levantada, a torre foi construída, o lagar foi cavado e a videira mais escolhida foi plantada. E então agora, nada está faltando nessas propostas ou apresentações do Messias a Israel. O Belemita nasceu de acordo com o profeta, e Ele era **"grande até os fins da terra"** (AIBB), de acordo com o mesmo profeta, os gentios do extremo oriente vieram a Belém para que pudessem adorá-Lo. A Luz brilha desde a Galileia, da terra de Zebulom e Naftali, de acordo com outro profeta; e uma **"grande Luz"** de fato, como ele havia falado, ela se revela, surgindo como que com cura em suas asas sobre um povo que habitava na terra da sombra da morte. E agora o Rei prometido por um terceiro profeta aparece, de acordo com a palavra que havia sido dita antes sobre Ele, e em plena solenidade. As harmonias de muitas vozes da Escritura podem ser ouvidas agora. Os Salmos 8, 24 e 118, bem como Zacarias 9, estão em nossa audição nesta grande ocasião.

O momento foi realmente cheio de maravilhas. **"Do SENHOR é a Terra e a sua plenitude"**, é ouvido; pois o dono do jumento reconheceu o senhorio de Jesus, e colocou Seu supremo título acima do seu próprio. O próprio jumento, assim como seu dono,

estava no poder do momento; pois o jumentinho acompanhava a mãe, ou a mãe acompanhava o seu jumentinho; mal podemos dizer qual era o que acompanhava, e não importa; ambos foram trazidos, e trazidos juntos a Jesus; pois não haveria então nenhuma transgressão nas empatias da natureza. O cabrito não poderia, em tal momento, ser cozido no leite de sua mãe. Aquele momento foi como o amanhecer do dia milenar, e a criação deve tomar sua parte na alegria e no poder disso. O povo, por suas hosanas e seus ramos de palmeira, estava contando sobre um dia feliz, uma festa de tabernáculos para as tribos do Senhor; e se a multidão assim exulta em suas hosanas, os animais exultarão em seus fardos. No dia da Sua tentação, os animais selvagens estavam com o Senhor, para testemunhar que o Éden não havia sido perdido por Ele (Marcos 1:13); então aqui, os animais de carga se regozijam em seu serviço, como se o reino tivesse sido agora introduzido por Ele, e a criação tivesse sido libertada de seus gemidos.

Certamente, mais uma vez posso dizer, foi um momento cheio de maravilhas, uma hora brilhante e festiva de fato. Isso não tinha sido assim nos dias de Samuel. As vacas mugiam então, enquanto iam, pois seus bezerros foram deixados para trás, enquanto elas, as mães, carregavam a arca para Bete-Semes (1 Samuel 6). A natureza pode receber uma ferida então, e continuar em seu gemido; mas agora, na presença do Senhor do mundo milenar, a natureza se regozija.

Quão simples, mas quão grandioso e brilhante, é tudo isso! É, no entanto, apenas por um momento. Tudo isso é assim, para que, quer ouvissem ou não, Israel soubesse que o clamor de um Rei estava *perto* deles. A questão era: Eles o receberiam entre *eles?* Mas não; novamente eles **"não quiseram"**. Se o Belemita era exilado, e a Luz de Zebulom brilhou na escuridão que não a compreendeu, o Rei será um Rei impedido e rejeitado. Ele entra na cidade em meio ao alvoroço da multidão. **"Quem é Este?"**, eles dizem. Ele dá cumprimento ao zelo do Messias de acordo com o salmista (Salmo 69:9). Ele cura, como fazendo as obras

reconhecidas do Filho de Davi. Mas rapidamente, em vez de clamores e regozijos, insultos e desafios O aguardam na cidade real. A inimizade dos príncipes e representantes de Israel logo se manifesta; eles destituem o Pastor, a Pedra de Israel; eles estão profundamente descontentes com o Filho de Davi; e pensam apenas em como podem matar o Herdeiro da vinha.

O que resta para Ele agora? O que Ele tem que fazer agora? Esta é a rejeição do Rei que trouxe a salvação com Ele, após a rejeição do Menino de Belém e da Luz da Galileia. O que resta? **"Porque seríeis ainda castigados, se mais vos rebelaríeis?" "O boi conhece o seu possuidor, e o jumento, a manjedoura do seu dono, mas Israel não tem conhecimento, o Meu povo não entende"**. Essas vozes podem ser ouvidas agora. **"Eis o fim. O fim é vindo"** (TB) pode ser ouvido da mesma forma. A figueira estéril é, portanto, amaldiçoada de acordo com a parábola, agora ela está cortada. Ela havia sido poupada por três longos anos, e tinha conhecido a paciência do lavrador cavando ao redor dela e adubando-a; mas ela ainda era estéril. **"Nunca mais nasça fruto de ti"** é agora dito a ela. A maldição é pronunciada, pois o tempo de longanimidade passou; **"e,"** como lemos, **"a figueira secou imediatamente".**

Tal foi o resultado solene desta terceira e última apresentação de Si mesmo como seu Messias, Jeová-Messias, a Israel, e a rejeição de Israel a Ele.

Os discípulos se maravilham com a figueira, que o Senhor amaldiçoou, murchando tão rapidamente; e Ele então entrega o oráculo sobre a remoção do monte; um símbolo de algo ainda mais estranho e terrível do que o murchamento da figueira. **"Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que foi feito à figueira, mas até, se a este monte disserdes: Ergue-te e precipita-te no mar, assim será feito"**. Tudo deve ceder. As poderosas barreiras que os homens ergueram contra o estabelecimento do poder do Senhor na Terra serão colocadas de lado, e então os homens aprenderão **"que Tu,**

a Quem só pertence o nome de JEOVÁ, és o Altíssimo sobre toda a Terra"; e **"se firmará o monte da Casa do SENHOR no cume dos montes e se exalçará por cima dos outeiros"**.

Betânia era Seu refúgio nesse momento. Rejeitado e, portanto, como um Estrangeiro aqui, Ele encontra Seu lugar na família de fé que O amava em meio à inimizade do mundo. E quando Ele retorna novamente, como Ele faz, da aldeia à cidade, de Betânia para Jerusalém, não é, como tinha sido até então, para renovar e prosseguir Seu serviço de amor e poder, mas para expor e convencer Israel, e deixá-los sob condenação. Isso vemos ainda mais no decorrer destes capítulos (Mateus 21-23).

Nas parábolas dos dois filhos, dos lavradores maus e das bodas do filho do rei, que Ele profere em meio aos príncipes do povo, em Seu retorno a eles de Betânia, Ele convence Israel de desobediência a todos os caminhos de Deus, seja *a lei*, pelo *ministério do Batista*, ou pela *graça dos Judeus.* Ele está então em pleno confronto direto com os grandes representantes da nação, herodianos, saduceus e fariseus; respondendo-lhes e questionando-os. E tendo passado por tudo isso, tendo-os exposto e silenciado, Ele conclui pela evidência de sua culpa e profere a sentença de justiça. Israel é julgado e abandonado. **"Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis Eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste! Eis que a vossa casa vos ficará deserta"**.

Ele então sai com Seus apóstolos para o Monte das Oliveiras. Na linguagem do profeta Zacarias, Ele pega Sua vara **"Suavidade** [**Formosura** – TB]**"** e a corta em pedaços; isto é, Ele Se retira de Israel; pois, quer eles saibam ou não, Ele é sua formosura, sua glória, sua perfeição.

O tempo havia chegado completamente para isso. A Pedra havia sido rejeitada pelos construtores, de acordo com o salmista; os três pastores, herodianos, saduceus e fariseus, haviam sido cortados como em um mês, de acordo com o profeta; portanto, o

Senhor não mais apascentaria o rebanho, de acordo com o mesmo profeta (Zc 11; Sl 118).

Foi também neste momento, no final de Mateus 23, que o Senhor pode ser visto e ouvido olhando para trás, para Israel, e Seu último ministério no meio deles, como com a linguagem de Isaías em Seus lábios: **"Onde está a carta de divórcio de vossa mãe, pela qual Eu a repudiei? Ou quem é o Meu credor, a quem Eu vos tenha vendido? Eis que por vossas maldades fostes vendidos, e por vossas prevaricações vossa mãe foi repudiada. Por que razão vim Eu, e ninguém apareceu? Chamei, e ninguém respondeu? Tanto se encolheu a Minha mão, que já não possa remir? Ou não há mais força em Mim para livrar? Eis que, com a Minha repreensão, faço secar o mar, torno os rios em deserto, até que cheirem mal os seus peixes, pois não têm água e morrem de sede. Eu visto os céus de negridão e pôr-lhes-ei um pano de saco grosseiro por sua cobertura"** (Is 50).

Que antecipação! O Espírito no profeta parece respirar este exato momento de Mateus 23. Jerusalém é agora como uma esposa divorciada, repudiada por suas transgressões. Seu Criador tinha sido seu Marido, o Senhor dos exércitos. Nos dias anteriores a estes do Evangelho de Mateus, nos dias dos juízes, dos reis e dos profetas, ela tinha sido como uma mulher amada por seu amigo, mas uma adúltera. Os deuses das nações tinham sido sua confiança. Agora seu próprio Deus foi recusado. Ele tinha vindo e chamado, mas não havia ninguém para responder. E ainda assim, certamente, Ele poderia perguntar: **"tanto se encolheu a Minha mão, que já não possa remir?"** Será que Ele havia perdido o poder ou esquecido o amor que os havia libertado em outros dias? Não teria Ele sido para Israel agora, em suas cidade e aldeias o que fora para eles no Egito, quando Ele secou seu mar e vestiu os céus deles com escuridão? Suas curas e alimentações, todas as Suas ações de graça e poder, poderiam responder por Ele. Foi a iniquidade e a incredulidade deles que agora os separaram de seu Redentor. E Ele Se afasta deles agora, como este maravilhoso capítulo de Isaías continua a nos contar, primeiro

para falar uma palavra oportuna aos Seus eleitos, e então para dar Suas costas aos que ferem, e Suas faces aos que arrancam os cabelos.

Maravilhoso de fato é Isaías 50. Assim como Zacarias 11. Cada um deles antecipa o Evangelho de Mateus em seu esboço e estrutura. E agora, no início de nosso Mateus 24, o Senhor Se retira, de acordo com Isaías, para falar uma palavra oportuna àqueles que estão cansados, Seus pobres seguidores que continuaram com Ele em Suas tentações; ou, de acordo com Zacarias, como a Palavra do Senhor a ser esperada pelos pobres do rebanho. (Posso observar que há, geralmente, por meio deste Evangelho, um grande cuidado e diligência para ligar com as vozes dos profetas o que está acontecendo no momento; e esta é uma marca do forte caráter Judaico de toda a ação.)

Mateus 24-25

Os discípulos O seguem até o Monte das Oliveiras. Eles O acompanharão ao mesmo lugar novamente, em breve; e isso, também, em uma ocasião mais solene. Agora eles O esperam ali, como **"os pobres do rebanho"** e Ele, como **"a Palavra do Senhor"**, os instrui (Mateus 24-25).

Ele revela a eles segredos dos dias vindouros, segredos que diziam respeito a Israel. Ele lhes conta sobre o princípio das dores, dos problemas que viriam sobre a Terra, por meio de guerras, terremotos e pestes. Ele lhes conta sobre as provações e perigos dos fiéis em Israel, a quem Ele adverte, aconselha e encoraja, de acordo com suas circunstâncias. Ele os previne sobre a grande tribulação, da carcaça e das águias, das ordenanças do céu dando notas assustadoras de preparação; e então do sinal no céu, a lamentação das tribos da terra e da vinda do Filho do Homem. Ele lhes conta, além disso, sobre a reunião dos eleitos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus, e do estabelecimento do reino sob o trono de glória. E, a propósito, Ele profere, nas parábolas das dez virgens e dos talentos, julgamento

sobre aqueles que, durante Sua ausência, professaram esperar por Ele ou servi-Lo; distinguindo entre aqueles para quem essa espera e esse serviço eram uma realidade, e aqueles para quem tais coisas eram meramente uma profissão.

De fato, esta palavra profética é muito completa. Ela nos leva, em pensamento ou em fé, através dos dias de angústia e julgamento de Israel, para o estabelecimento das nações sob o trono do reino milenar onde o Filho do Homem Se assenta. (Eu leio Mateus 25:31 como uma continuação da história de Mateus 24:31, que foi interrompida por assunto moral ou expresso entre parêntesis.)

Entre tudo isso, eu especificaria uma coisa, não, creio eu, de observação tão comum quanto muitas outras, mas ajudando a manter aquele caráter do nosso Evangelho que vimos que ele carrega desde o começo. Quero dizer isto. As folhas da figueira, o Senhor nos diz em Mateus 24:32, dão aviso de que o verão está próximo; e assim, Ele diz, as coisas que Ele estava detalhando dariam aviso, quando acontecessem, de que o reino estava próximo.0

Agora, as coisas que Ele estava detalhando eram *julgamentos sobre Israel*, as aflições e as visitações daquele povo sob a mão de Deus.

Isto é solene. Nos dias de Josué e de Davi, *as vitórias* deram aviso de que a herança e o reino de paz estavam próximos. Uma conquista após a outra pela espada de Josué disse às tribos que a terra logo seria dividida entre elas; e uma conquista após a outra pela espada de Davi, da mesma forma, deu aviso ao povo de que, em breve, nenhum mal ou inimigo ocorreria, mas que a glória pacífica encheria a terra. Mas agora não são esses sinais que Israel deve aguardar. *Juízos*, e não vitórias, devem agora preceder o reino ou a herança; juízos ou aflições sobre eles mesmos, e não conquistas de seus inimigos. Pois Israel tem sido infiel. Israel agora rejeitou seu Senhor; e, portanto, **"essas coisas"**, aflições e juízos, precisam acontecer, antes que o reino seja deles. Os dias de verão estão por vir. A estação ensolarada, a era do brilho milenar,

será para Israel e a Terra; mas aflições e visitações são as folhas da figueira que são, como seus arautos, para anunciar aquela era de glória.

O vale de Acor deve ser agora a porta da esperança. Israel pecou, como no dia de Jericó, e não pode seguir adiante para a herança, a não ser pelos juízos purificadores de Deus. Todos os profetas se juntam ao Senhor ao apontar para essas mesmas folhas da figueira como anunciando o verão. Leia Moisés em Deuteronômio 32; leia Isaías por toda parte; leia Ezequiel em seu capítulo 20; Daniel no final de seu nono; e Oseias em seu primeiro e segundo. Estes estão agora diante de mim, como nos contando o mesmo mistério; que aflições e juízos são os caminhos de Israel para o reino.

Olhando para trás a partir deste ponto do nosso Evangelho, vemos, de fato, um ministério de graça paciente e sofredora. Era um ministério, no entanto, bem conhecido nos caminhos de Deus com Israel. O Livro dos Juízes, sim, os livros anteriores do deserto, Êxodo e Números, os Livros também de Reis e Crônicas, nos mostram o mesmo ministério. Tudo isso era o cultivador da vinha dizendo repetidamente: **"deixa-a este ano, até que Eu a escave e a esterque"**. Era o próprio Senhor dizendo: **"Quantas vezes quis Eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas"**. Mas Israel **"não quis"**. Isso também foi visto repetidamente.

O sinal do céu vindo de Suas mãos, como era buscado pelos saduceus e fariseus juntos – pois a inimizade contra Ele era forte o suficiente para misturar elementos até mesmo tão mutuamente repulsivos quanto estes – o Senhor não deu e não poderia dar. Ele não poderia Se tornar aceitável ao mundo, ou credenciar a Si mesmo nos princípios do mundo. E os incircuncisos repreenderão a geração que buscava isso. Os homens de Nínive não pediram nenhum sinal do céu, nem a rainha de Sabá. Eles levaram o coração e a consciência a Deus e à Sua Palavra. A pregação de Jonas e a sabedoria de Salomão alcançaram os incircuncisos,

sem nada para satisfazer o orgulho do homem, ou o curso e espírito do mundo; e eles se levantariam em juízo com esta geração, e a condenariam. Mas no devido tempo, embora de uma forma que não esperavam, um sinal do céu lhes será dado. Eles pediram por isso (Mateus 16:1), e eles o terão (Mateus 24:29-30); mas será um sinal do julgamento vindouro, um sinal de que o Filho do Homem está a caminho vindo do céu nas nuvens para executar a vingança escrita. **"o Sol escurecerá, e a Lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; e todas as tribos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória"**.

Até agora, no entanto, e por toda esta longa e incomensurável era de Sua ausência, são as Lamentações de Jeremias que são ouvidas pelo ouvido de fé, em meio às desolações de Sião. O choro de Raquel, ouvido no capítulo 2 do nosso Evangelho, sobe ainda mais cheio de aflição e lamento aos ouvidos em Mateus 23. E se essa é a aflição que, como lemos sobre ela, se recusa a ser consolada, era aflição, eu pergunto, sempre tão eloquente, sempre tão cheia das paixões da natureza, como nos lábios de Jeremias? Ouça-o contando, como na pessoa da filha de Sião, o segredo de um coração partido. E ainda assim, na mais profunda expressão desse coração, como Deus é vindicado!

"Que testemunho te trarei? A quem te compararei, ó filha de Jerusalém? A quem te assemelharei, para te consolar a ti, ó virgem filha de Sião? Porque grande como o mar é a tua ferida; quem te sarará? Os teus profetas viram para ti vaidade e loucura e não manifestaram a *tua maldade, para afastarem o teu cativeiro;* **mas viram para ti cargas vãs e motivos de expulsão"** (Lm 2:13-14).

Esta é de fato a declaração de um coração partido vindicando Deus. De acordo com Jeremias, Jerusalém deve atribuir a si mesma seu cativeiro e banimento. Sua iniquidade tem sido sua

ruína. E assim com a lamentação de Jesus sobre ela. Ela matou os profetas e apedrejou os mensageiros de Deus, e afinal, ela **"não quis"**. Sua ferida é incurável, mas ela o fez. Sua iniquidade tem sido seu cativeiro, diz o profeta. Porque ela não quis, portanto ela não é ajuntada, diz o Senhor.

Mateus 26-28

Mateus 26 – 27:61

Esses capítulos nos dão o assunto essencial, as cenas finais da vida de nosso Senhor aqui; Sua morte e ressurreição; tal como é comum a todos os Evangelhos, e também, quanto a um objeto geral, é o mesmo em todos. Há, no entanto, mesmo nessas narrativas comuns, marcas que são características; tal como observei em minhas meditações sobre Lucas e João, já mencionadas.

Em Mateus, não precisamos dessas marcas em partes destacadas da narrativa: é todo este Evangelho, como observei antes, que revela seu propósito, deixando-nos saber que estamos lendo a respeito da questão do Messias com o Israel de Seus dias. Ele assume um caráter bem definido, como vimos agora; sua estrutura e suas partes nos deixam sem dúvidas quanto à sua intenção e objetivo. Ainda assim, encontramos marcas características de uma natureza mais detalhada, se as procurássemos; muitas dessas eu tive ocasião de exibir, enquanto meditava no Evangelho de Lucas. E eu agora gostaria de notar algumas outras coisas que são peculiares a Mateus, e características dele, nestes últimos capítulos.

Acho que podemos observar que nem em Mateus nem em Marcos o Senhor é apresentado tanto em pensamentos de Sua própria elevação e glória pessoal como em Lucas ou João. Ele é visto antes como Alguém que está conscientemente nas mãos *do homem*, rendendo-se àquela inimizade que, de acordo com este

Evangelho, estava em ação contra Ele desde o princípio. Pois a cruz, cumprindo necessariamente o conselho de Deus, na realização da redenção, sob outra luz, era o fruto da inimizade Judaica, o fruto do coração reprovado e revoltado do homem. Ao matar o Senhor Jesus, o homem estava fazendo, por sua própria impiedade, o que Deus, em Suas próprias riquezas de graça, havia determinado antes que fosse feito (Atos 4:28). E Mateus e Marcos colocam esse caráter sobre esse feito.

Em Mateus e Marcos, consequentemente, temos essa cena bem parecida. E ainda assim Mateus tem algumas coisas que o distinguem.

Por exemplo, ele é o único evangelista que percebe a palavra do profeta sobre o campo do oleiro. Aquele campo foi comprado com o preço do sangue do Senhor, e foi feito o lugar para enterrar estrangeiros. E isso tinha um significado para Israel, com quem Mateus tem a ver. O ato de Judas foi o ato de Israel. Ele foi o guia para aqueles que levaram Jesus (Atos 1:16). Foram eles que com mãos perversas o crucificaram e mataram, como o apóstolo lhes diz, e sua terra é **"Aceldama"** até hoje (Joel 3:21). É o campo de sangue, e o túmulo de estrangeiros. É uma terra contaminada, e os gentios a têm em possessão.

Então, a resposta da multidão a Pilatos, para que pudessem acalmar todos os escrúpulos de sua mente, e que ele pudesse ser levado a fazer com Jesus o que eles desejassem – isso é igualmente peculiar a Mateus. O povo parece ter percebido a hesitação do governador; e, para se certificarem de sua presa, eles dizem a ele: **"O Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos"**. E, eu pergunto, pode haver algo mais característico? Isso não nos diz solenemente que a morte do Senhor, como vista em Mateus, foi a morte de um Mártir nas mãos dos Judeus?

Isto é muito significativo. Certamente sabemos que foi a morte ou imolação do Cordeiro de Deus, sob a mão de Deus; mas certamente também, foi a morte ou martírio do Justo, nas mãos de homens ímpios.

Mateus 27:62 – 28

E, como ainda mantendo sua peculiaridade até o fim, este é o único Evangelho que nos fala da inimizade Judaica perseguindo o Senhor além da cruz. É Mateus, e somente Mateus, que nos fala do selamento da pedra e da colocação da guarda na porta do sepulcro. Isso foi permitido pelo governador romano, a pedido e sugestão dos anciãos e sacerdotes de Israel. Pilatos não se importou com isso; era o propósito estabelecido e o ódio amargo da mente Judaica; perseguir o Senhor além do túmulo; provando ser ela indomável. Nenhuma brasa de fogo, embora amontoada sobre a cabeça repetidamente, a reduz, nem a morte a acalma. Seu sepulcro deve testemunhá-la, como Sua vida e morte fizeram. Nosso evangelista não nos deixa perdê-la de vista por um momento sequer. É essa inimizade que inicia seu Evangelho, na tentativa de Herodes contra a vida do Menino, e é a mesma que agora o encerra, no túmulo de seu Messias martirizado. Não apenas isso, mas Sua ressurreição também testemunhará dela; pois quando o sepulcro os decepcionou, e, apesar do selo e dos soldados, o Senhor ressuscitou, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos estão na mesma obra novamente. Eles haviam conseguido a guarda de soldados romanos para vigiar o sepulcro, e agora corrompem os soldados romanos com muito dinheiro, para contar uma mentira sobre o sepulcro (Mateus 27:64-66; 28:12).

Surpreendentemente, de fato, o Espírito mantém a pena do evangelista fiel ao seu assunto por toda parte. Cristo foi apresentado repetidamente a Israel, e isso, também, de acordo com seus próprios profetas, e na maravilhosa graça curadora e abençoadora de Seu próprio ministério; mas Ele apenas atraiu o ódio de Israel repetidamente, do começo ao fim.

Essa inimizade do homem para com Deus pode ser vista ao longo de toda a história do homem; mas, de fato, aqui a vemos se exibindo ao máximo. **"A inclinação da carne** [**a mente carnal** – JND] **é inimizade contra Deus"**. Nenhuma atração a suaviza,

nenhuma ameaça a subjuga. No começo, Caim peca apesar da súplica pessoal do Senhor a ele; Ninrode desafia os julgamentos de Deus; Faraó resiste às solenes visitações da mão de Jeová sobre sua terra; Amaleque insulta a bandeira hasteada do Senhor; e Balaão se endurece contra as advertências do Espírito de Deus. Absalão, Hamã e Herodes podem se apresentar como mais testemunhas do homem; e assim também pode a multidão feroz que se arremeteu loucamente sobre Estêvão, embora seu rosto, no momento, brilhasse como o de um anjo. E, em breve, os apóstatas do Apocalipse, no final da história, serão ousados para resistir ao Cavaleiro do cavalo branco e Seu exército, descendo do céu em glória e poder. Não é tudo isso o testemunho de algo incorrigível e incurável, que nenhuma atração pode suavizar, e nenhuma ameaça controlar? E uma amostra igual a qualquer uma dessas nós temos nesses sacerdotes de Israel, e nesses soldados de Roma. O véu tinha acabado de ser rasgado como na presença dos primeiros, e o túmulo na presença dos segundos, mas eles consentem juntos em inventar uma mentira, e falsificar tudo.

O homem está desesperado em sua obstinação e inimizade. Quem confiará em um coração que foi assim exposto?

E mais ainda, quanto a essa inimizade de Israel. Lemos aqui, em nosso capítulo 28, que essa mentira dos sacerdotes e soldados em conluio (de que os discípulos vieram e roubaram o corpo de Jesus enquanto a guarda dormia), é comumente relatada até hoje; um claro sinal da antiga inimizade, e de sua continuidade por todas as gerações da nação, até os dias de hoje.

Não adianta, no entanto, recalcitrar contra os aguilhões. Isso é apenas autodestruição. Jesus ressuscita no terceiro dia, o dia designado; e Sua ressurreição é julgamento sobre Seus inimigos. Ela nos diz isso – que Aquele com Quem estão as fontes da vida e da morte, colocou-Se do lado da Vítima do mundo, do lado d'Aquele a Quem o homem expulsou e recusou. Ela nos diz que há uma questão entre Deus e o mundo a respeito de Jesus; e o fim dessa questão será *o julgamento,* o julgamento daquilo que se

alinhou contra Deus. Portanto, está escrito: **"Deus**... **porquanto determinou um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do Varão que para isso ordenou;** *e disso tem dado certeza a todos, ressuscitando-O dentre os mortos"* (At 17:30-31 – AIBB).

Este é o poder e o fruto da ressurreição do Senhor Jesus que obtemos em nosso Evangelho. Uma garantia disso é dada no início de Mateus 28. O anjo remove a pedra selada. Ela trazia o selo oficial de que o propósito não poderia ser mudado; e quem ousaria tocá-la? Isso seria morte para qualquer homem. Mas Aquele que estava assentado nos céus riu dela com desprezo. O anjo se senta em triunfo sobre ela e decreta a sentença de morte sobre os guardiões da pedra. Israel havia desprezado a Pedra selada de Deus, Sua Pedra eleita e provada, e havia escolhido para si uma que trazia outro selo; mas esta em que eles confiavam agora é removida por Deus; pois não é a Rocha do povo de Deus, como eles próprios agora podem julgar. E o fruto pleno desta certeza será trazido à tona naquele dia, quando os inimigos de Jesus serão feitos escabelo de Seus pés, e a queda da Pedra rejeitada esmague até o pó (Mateus 21:42-44; 22:44).

Esta é a voz da ressurreição, como a lemos em Mateus. Claro que não preciso dizer como ela tem outras vozes que a fé escuta; como ela fala da remissão dos pecados, e como ela promete, como primícias, a colheita no dia do levantar e da ascensão da família celestial. Mas aqui, em Mateus, ela fala do *julgamento.* É como a vara que brotara de Números 17, que foi trazida, como algo vivo, vinda da presença de Deus, para silenciar o murmurante e rebelde arraial de Israel.

É somente em Mateus que temos essa cena da pedra selada; mas isso, é claro, porque é somente em Mateus que temos a pedra selada em si, como vimos antes.

Mas quão perfeito é isto na unidade de todo o evangelho! É o Evangelho da inimizade de Israel para com o Messias, e a rejeição d'Ele por eles; e aqui essa inimizade recebe a garantia completa

de seu julgamento vindouro no dia do poder d'Aquele a Quem eles rejeitaram.

Mas mais adiante. O julgamento de Seus inimigos deve ser seguido pelo assento d'Ele no lugar de poder e domínio. O julgamento é para abrir caminho para a glória. Consequentemente, a ressurreição do Senhor neste Evangelho se encerra mostrando-O a nós naquele lugar; e este é o único Evangelho que faz isso. Aqui somente ouvimos o Senhor ressuscitado usando estas palavras, ao falar com Seus apóstolos: **"É-Me dado todo o poder no céu e na Terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado"** (ACF).

Esta é a exaltação e senhorio do Jesus ressuscitado. A conversão das nações, e a reunião de toda a Terra, todo o mundo gentio, em obediência a Ele, é aqui assumida; e isto, também, como o fruto daquele apostolado que o Senhor já havia ordenado; um apostolado *Judaico* em seu caráter; pois é aos Seus *Doze* que Ele confia este ministério.

Esta, portanto, é uma reunião das nações ao Jesus ressuscitado, como o Senhor de Israel. E assim, neste último capítulo, o Senhor em ressurreição *"retoma Suas relações Judaicas"* e, por meio dessas relações, Sua conexão com toda a Terra.

Ele testemunha o senhorio universal como em Sua mão, poder tanto no céu quanto na Terra; e então Ele faz Sua reivindicação ao discipulado e obediência de todas as nações. Não temos nada do efeito da ressurreição sobre os lugares celestiais aqui, nada do mistério da família glorificada. É apenas Jesus exaltado, e exaltado como Messias; e, sobre isso, o discipulado de toda a Terra, no testemunho e ensino do apostolado Judaico. É o Senhor retornado à Terra, com a finalidade de formar um povo para Seu nome lá, e lá exibir Seu reino. A ascensão não é vista aqui. É apenas o Cristo *ressuscitado*, não o *ascendido*, que temos aqui; e, portanto, as mulheres podem abraçá-Lo e adorá-Lo, embora, no

Evangelho de João, Maria não pode nem mesmo tocá-Lo (João 20:17); pois lá Ele estava a caminho do Pai. Sua ressurreição levou apenas à Sua ascensão lá; a Terra era apenas um palco para o céu. Aqui é *o fim* de Sua jornada gloriosa e triunfante.

Quão consistente é tudo isso com o propósito do Espírito de Deus em nosso evangelista! A inimizade e a incredulidade Judaicas ainda operam, e mantém essa condição de coisas, essa liderança das nações em Jesus, seu Messias, não realizada. Mas as promessas de todos os profetas que falaram em nome de Deus desde o princípio serão cumpridas; o monte da casa do Senhor será estabelecido, e todas as nações fluirão para ele; e os direitos de Jesus-Messias serão vindicados em poder soberano. As **"bênçãos** [**misericórdias** – JND] **de Davi"** são **"fiéis** [**seguras** – JND]**"**, asseguradas pela ressurreição que estamos contemplando (Atos 13:34); e Ele reaparecerá, e as reivindicará, e as desfrutará, e as exercerá, por toda a era eterna e milenar.

A Semente de Davi, toda fidelidade e verdade como Ele é, terá Seus direitos, e Seu povo, todos miseráveis e incrédulos como eles foram, e ainda são, serão feitos dispostos. Até agora, como está escrito sobre eles, eles **"não quiseram"**; mas, em breve, como está escrito novamente sobre eles, **"o Teu povo se apresentará voluntariamente"** (Mt 23:37; Sl 110:3). E então todas as promessas serão cumpridas.

Mas temos uma promessa ainda mais profunda e maravilhosa dessa bênção que será a porção de Israel e de Jerusalém nos dias vindouros da glória e do poder do Messias. E Mateus, em plena consistência com todo o seu Evangelho, é o único evangelista que nos dá isso.

Ele registra o seguinte grande fato nestes capítulos finais; que depois que o Senhor entregou Sua vida na cruz, "Abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados; E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição d'Ele, entraram na Cidade Santa e apareceram a muitos".

Este foi um evento maravilhoso, tão significativo quanto maravilhoso.

Sepulcros foram abertos como fruto do triunfo da morte do Senhor; e então esses sepulcros abertos revelaram corpos de santos após Sua ressurreição; e então esses santos ressuscitados foram e se mostraram na cidade santa.

Que glória para Jesus! Que publicação da vitória plena de Sua morte! Se o véu do templo cedeu então, também o fizeram os túmulos dos santos. O céu se deleitou em reconhecer essa vitória, e o inferno foi forçado a reconhecê-la!

Mas se isso era glória para Jesus, que graça era isso para Jerusalém!

Uma mensagem especial foi enviada a Pedro, pelo anjo do mesmo Senhor ressuscitado: **"Mas ide, dizei a Seus discípulos e a Pedro que Ele vai adiante de vós para a Galileia; ali O vereis"**. E isso foi terno e atencioso; pois Pedro precisava de uma garantia especial da mão de seu Mestre negado. E assim uma garantia especial, muito especial e maravilhosa, em graça semelhante, é aqui dada a Jerusalém, quando essas primícias da ressurreição do Senhor, de Seu triunfo sobre o pecado e a morte, são assim levadas a ela.

E ela é chamada de **"A Cidade Santa"**. Ainda excelentes maravilhas da graça, de fato! Jerusalém toma da pena do nosso evangelista seu título de honra. Esta é a cidade sobre a qual, um ou dois dias atrás, o Senhor chorou, a cidade na qual (Ele havia testemunhado recentemente) um profeta não poderia perecer. Ele havia Se retirado dela, deixando-a em desolação culpada. Ele havia, algumas horas antes, sido crucificado ali; e por suas próprias ações, ela havia conquistado para si o título de Sodoma e Egito.

Apocalipse 11:8. Mas agora é **"a Cidade Santa"**. No conselho da graça e na linguagem do Espírito, Jerusalém é **"A Cidade Santa"**.

Que promessa da purificação daquela fonte que agora havia sido aberta, como os profetas falam, até mesmo para Jerusalém! Que penhor era este daquele dia quando o cativeiro de Sião será trazido de volta, e este discurso será usado na terra de Judá: **"O SENHOR te abençoe, ó morada de justiça, ó monte de santidade!"** (Jr 31:23).

A graça daquelas palavras, **"Começando por Jerusalém,"** tem sido comumente admirada, e apropriadamente; pois quando o Senhor ressuscitado estava enviando a todo o mundo as novas da salvação na remissão dos pecados, Ele queria que isso fosse primeiro declarado na cidade culpada, a sangrenta Jerusalém. Mas dificilmente precisamos nos surpreender com isso, já que temos diante de nós esta maravilhosa e gloriosa promessa de graça – as próprias primícias da triunfante ressurreição de nosso Senhor enviadas a Jerusalém como **"a Cidade Santa"**!

Mas todos os profetas nos falam dessa graça que abunda e da bênção final de Israel por meio dela.

A glória, em Ezequiel, tem que deixar a cidade no início, por causa das abominações que foram feitas lá; mas, no final, ela retorna. E agora, como vemos, a glória no Evangelho segundo Mateus faz exatamente o mesmo. Jesus é a glória. Ele deixa a cidade; mas Ele deixa sinais seguros e infalíveis de Seu retorno no devido tempo. Assim, Ezequiel e Mateus estão juntos; assim, Isaías e Mateus estão juntos. A esposa divorciada de Isaías se tornou, no devido tempo, uma alegre mãe de filhos. E aqui, em Mateus, ouvimos o mesmo. Jerusalém é deixada pelo Senhor, como alguém rejeitado e desolado, em Mateus 23; mas no final, em Mateus 28, seu apostolado de doze fará discípulos de todas as nações (veja Is 50 e 54). Que harmonias! Nos caminhos do Senhor está a continuidade, e Israel será salvo (Is 54:5).

A luz dos profetas se levanta e brilha novamente, depois de tanto tempo, nos evangelistas. A glória em Ezequiel, e Jesus em Mateus, fazem as mesmas jornadas; a Jerusalém de Isaías é a Jerusalém do nosso evangelista. Podemos não ter esperado isso,

mas então encontramos. E enquanto ouvimos as vozes dos profetas e evangelistas, como em concerto, podemos nos lembrar dessas duas linhas felizes:

"No Velho Testamento, o Novo é ocultado,
No Novo Testamento, o Velho é revelado."

As luzes de Deus que suavemente despontam
Nos primeiros livros divinos,
Como as horas da manhã conduzem ao meio-dia,
Brilham ao longo do Volume.
É o mesmo, o Sol brilhante,
Que brilha mais claro e quente;
As nuvens que velavam seu raio ascendente,
Dissipam-se antes que a noite acabe.

Tão consistente, bem como rica; tão imutável, bem como plena, é a graça de Deus em todos os Seus propósitos, e aqueles oráculos de Deus que registram esses propósitos. **"Verdadeiramente, Tu és o Deus que Te ocultas, o Deus de Israel, o Salvador"** profere o profeta; e o Jesus do nosso evangelista é o Deus de Israel, assim Se escondendo, virando as costas para Jerusalém por um tempo, e dizendo, **"não me vereis mais"** (Is 45:15; Mt 23:39).

Tal, não duvido, é o sentido do nosso Evangelho em geral, e da parte final dele, que agora estive observando em particular.

Posso dizer que é uma lição muito completa, necessária e maravilhosa no caminho do nosso Deus que nos sentamos para ler neste Evangelho. A inimizade Judaica que observamos e rastreamos do começo ao fim. Ela provou ser incansável, implacável, fiel a si mesma, recusando-se a ceder a qualquer súplica ou a se render em quaisquer termos. Ela perseguiu o Senhor em Seu nascimento, ao longo de Sua vida, até Sua morte, em Seu túmulo, após Sua morte e, como nosso evangelista nos mostra ainda, **"até ao dia de hoje"**.

Ela O rejeitou em todas as formas em que Ele poderia Se apresentar. Ele foi repetidamente apresentado ao Seu Israel pelos seus próprios profetas, mas eles não O conheceram.

No curso de toda essa terrível exibição de incredulidade em Israel, o Espírito, por meio de nosso evangelista, aproveita a ocasião, por causa dessa inimizade, para olhar, por um momento, para o tratamento de Deus com os gentios (como vimos em Mateus 13); e então, por outro momento (como vimos em Mateus 17), para antecipar o reino em sua glória celestial; pois essas coisas são os resultados dessa inimizade, estabelecidos seguramente na graça e soberania divinas.

E então, no final, nosso evangelista é levado, pelo mesmo Espírito, a dar indícios do julgamento que virá sobre essa inimizade, e também daquela graça abundante que reunirá e abençoará Israel nos últimos dias do glorioso reino milenar.

Será que não posso, portanto, dizer que é uma Escritura completa e maravilhosa? Verdadeiramente maravilhoso é que tais tesouros de sabedoria e conhecimento sejam encontrados em um livro curto!

Mas é de Deus, e quem ensina como Ele? **"Que tem a palha com o trigo? diz o Senhor"**. E tenho certeza de que *"se esperarmos pacientemente no Senhor, todas as dificuldades da Escritura são entradas para a luz e a bênção".* Isso foi dito por outro, e acho que posso dizer, eu constatei isso ser assim, embora a espera n'Ele tenha sido fria e fraca. E o coração ainda se curva a outro dito: *"Concepções espirituais deslumbram, iluminam e animam a mente, antes de guiá-la e contentá-la; e nunca podemos ensinar com o mesmo vigor, aquelas verdades que apenas vemos e desfrutamos, como podemos ensinar aquelas pelas quais somos guiados e controlados."*

Introdução ao Evangelho de Marcos

Na luz variada e frutífera da Escritura, que novas maravilhas, às vezes, se lançam diante do olhar da alma! Sua semente está em si mesma, como as árvores do Éden. Seu testemunho está em si mesma, como todas as obras de Deus. Suas honras e virtudes são todas suas – feitas nossas, de fato, somente pelo poder do Espírito Santo. Mas assim é. Seu valor e sua excelência procedem de si mesma; e queremos apenas a fé que anda na luz dela, apreendendo e desfrutando Aquele cuja sabedoria e graça ela nos revela.

Que cada um dos quatro Evangelhos tem seu próprio caráter e propósito, sob o Espírito de Deus, é agora suficientemente familiar para nós. E, de fato, esse era o pensamento entre o povo de Deus desde os primeiros dias do Cristianismo. Eles perceberam então, como nós percebemos agora, variedade em unidade; de modo que alguns deles disseram: *"Não são tão propriamente quatro Evangelhos que temos, mas um Evangelho de quatro faces."* A única vida é vista em diferentes relações – o mesmo Jesus passa pelas mesmas cenas e circunstâncias, em vários caracteres.

Isto é variedade em unidade. E isto me leva a sugerir que, da mesma forma, o Livro de Deus também tem unidade em variedade. Vemos nosso mundo em todas as partes dele, e nós mesmos em todas as pessoas dele. Ouvimos, por exemplo, a graça que se dirige a nós como pecadores, e aprendemos ruína e redenção agora, como Adão as aprendeu no dia de Gênesis 3. Ao sermos revestidos da justiça de Deus pela fé, nos encontramos na família e comunhão de Abraão, como em Gênesis 15. À mesa do Senhor, preparada em meio aos redimidos a cada dia de ressurreição, nos assentamos em um espírito com a congregação de Deus, como em Êxodo 12. No conflito da carne e do espírito, não apenas vemos que tipo de pessoa os santos nos dias de

Paulo eram, mas lemos nossa própria experiência cotidiana bem conhecida.

Assim, estamos à vontade por todo o Volume, traçando nosso próprio mundo em todas as cenas dele, e nós mesmos nos atores. E isso é unidade em variedade. Tal é o caráter maravilhoso do Livro.

Milhares de anos são apenas um e o mesmo dia. O Livro é um, embora Moisés e João, os primeiros e os últimos escritores nele, estivessem separados por séculos e séculos; e embora reis e pescadores, escribas e pastores, profetas e publicanos, separados por todos os hábitos da vida e das circunstâncias humanas, fossem chamados a colocar a mão nele.

É um Livro de maravilhas, mas o Livro em si é a maravilha principal, como isso pode nos mostrar. Sua naturalidade e sua beleza são, com tudo isso, admiráveis além da expressão. Essa qualidade do Livro de Deus uma vez lembrou a alguém de uma analogia impressionante no reino da natureza. *"É"*, ele disse, *"como uma árvore nobre, da qual a energia interior, a liberdade do poder vital soberano, produz uma variedade de formas, nas quais os detalhes da ordem humana podem parecer estar faltando, mas na qual há uma beleza que nenhuma arte humana pode imitar."*

Verdadeiro de fato; e verdadeiro também é o que ele acrescenta após contemplar os materiais que formam e fornecem este Livro. *"Todos se combinam para coroar com glória divina a demonstração da origem e autoria do Livro que contém essas coisas."*

Que a meditação sobre isso seja misturada com a fé, para que a alma seja beneficiada enquanto o coração se encanta!

Este Evangelho, que sucede o de Mateus, poderia parecer à primeira vista, como história de eventos, apenas um relato mais curto das mesmas circunstâncias; mas, se o olhar despertado for um pouco mais atento, a peculiaridade que lhe é inerente e lhe dá o seu caráter *não deixará* de ser percebida.

O início dele pareceria dar a ele o último lugar na série ou sucessão dos quatro Evangelhos. Mas, novamente, em uma inspeção mais detalhada, ele *será* considerado muito apropriadamente para manter, como mantém, o *segundo* lugar.

Não temos nele nenhuma genealogia do Senhor Jesus, seja divina, humana ou Judaica. Somos apresentados a Ele imediatamente em Sua Humanidade. Não temos relato de Seu nascimento, nem dos precursores de Seu nascimento; nem é feita menção de Seus primeiros dias vividos em sujeição a Seus pais, ou sob a lei; muito menos de Sua encarnação. Tudo isso, glorioso e precioso como é, é deixado com os outros evangelistas.

João nos fala da encarnação. **"O Verbo Se fez carne"**. Este é o primeiro e mais alto pensamento. Isso nos dá o Senhor como Ele era divinamente, ou desde a eternidade.

Lucas então nos dá o fato de Sua vinda a este mundo, e relata a maneira dessa vinda. Ele nos conta sobre o nascimento pela sombra do Espírito Santo. E então ele nos deixa à vista d'Ele, por um pouco de tempo, crescendo em sabedoria e estatura, como no meio de circunstâncias familiares, ou em casa em Nazaré, na Galileia.

Mateus, retomando a maravilhosa narrativa por sua vez, nos mostra este Menino nascido, e este Filho dado, em Sua solene apresentação ao Seu povo Israel. Sendo vindo, Emanuel, Deus e Homem em uma Pessoa, Ele é apresentado em Seus direitos e reivindicações como o Governador prometido vindo de Belém de Judá.

Marcos então, passando por cima de tudo isso, mostra-nos imediatamente o Senhor em Sua idade adulta. Sua glória eterna; Sua encarnação; a maneira de Sua entrada na carne e no mundo; as reivindicações que foram feitas a Ele por vozes de profetas e visões do céu, assim que Ele chegou aqui; tudo passou. Aquele que estava no princípio; Aquele que nasceu, no devido tempo, em Belém; Aquele que, como um Menino, teve que ser levado em

fuga para o Egito; que depois cresceu em graça e em anos em Nazaré, e, aos doze anos, conversou com escribas e doutores no templo; tal Alguém não é notado assim, mas no primeiro momento do nosso Evangelho, Ele é visto por nós como cingido em plena força e Humanidade para o serviço. **"O princípio do evangelho de Jesus Cristo"** são as primeiras palavras de Marcos.

Então, como observei, este Evangelho pode parecer ocupar o último lugar na ordem dos quatro. Mas esta é apenas uma primeira impressão.

Caracteristicamente, este Evangelho é o Evangelho de nosso Senhor Jesus como um *Servo,* ou como em ministério. Como tal, ele se inicia, como tal, ele se mantém por toda parte, e como tal, ele se encerra.

Mas não devemos dizer de nosso Senhor que Ele é *nosso* Servo. Ele está sempre nos servindo, é verdade; no entanto, Ele não é nosso Servo, mas de Deus. Falar d'Ele como nosso Servo, como alguém uma vez me sugeriu, seria torná-Lo sujeito ao nosso comando, o que não poderia ser. De modo que, embora em infinita graça Ele nos sirva, Ele é, o tempo todo, Servo de Deus, e não nosso.

E é por isso que podemos traçar, neste Evangelho, tantos pequenos traços e toques, que adornam e aperfeiçoam uma vida de serviço, que tem seus ornamentos, bem como sua substância, sua ternura e consideração, bem como sua devoção e sacrifício próprio.

Já observei que, geralmente, os materiais de Marcos são os mesmos de Mateus. O Senhor está fazendo as mesmas coisas, e é visto nas mesmas circunstâncias. Há, no entanto, essa diferença de propósito – em Mateus, Ele está *testando* Israel; aqui, Ele está *servindo* Israel.

Assim, em Mateus, o Senhor é apresentado em toda a apropriada forma, repetidamente, para que toda vantagem lhes fosse dada, enquanto Israel estava sob prova se aceitaria o Messias ou não.

Em Marcos há a ausência de toda forma e cerimônia. Não há introdução solene do Senhor, como o Evangelho inicia, além das coisas que eram necessárias para colocá-lo em Sua obra; e, assim que Ele está em Sua obra, Ele passa de um serviço para outro com toda diligência. E essas distinções têm verdadeira beleza em si. Pois o serviço, em sua própria natureza ou caráter, é informal e circunstancial. Ele responde às ocasiões conforme elas surgem. Ele faz seu trabalho, em vez de se preparar para fazê-lo. Mas, ao testar Israel em Mateus, o Senhor cuidadosa e devidamente Se apresenta em formas preditas por seus profetas; assumindo, no meio deles, todos aqueles caracteres que dão cumprimento diante deles às palavras de suas próprias Escrituras.

Essa variedade é, certamente, uma parte da perfeição que se liga a este Livro. Aquele a Quem temos em cada um dos Evangelhos é levado através das mesmas cenas e circunstâncias, porque a história é verdadeira; mas o Espírito O deixa passar diante de nós, através dessas cenas, em diferentes caracteres, todos consistentes, Mas um e outro são necessários, a fim de apresentá-Lo em Sua plenitude. Aqui, em Marcos, Ele é o Jesus que, tendo vindo não para ser servido, mas para servir, **"andou fazendo o bem"**.

O escritor deste Evangelho está, pessoalmente, como posso dizer, em companhia de seu Evangelho. É Marcos, ou João Marcos, a quem Paulo e Barnabé tiveram "como um ministro"; e de quem Paulo, em outra ocasião, disse que ele **"me é muito útil para o ministério"**. E como o apóstolo João era um escritor adequado para nos contar sobre Aquele que estava no seio do Pai, porque ele próprio se reclinava no seio do Senhor, então podemos observar aqui uma adequação semelhante do *escritor* ao *assunto.*

Agora eu abordaria este Evangelho, distinguindo as partes em que ele se apresenta naturalmente e, então, observando o que é característico.

Primeira Parte – Marcos 1-10.

Esses capítulos nos contam os serviços do Senhor no meio de Seu povo Israel.

Segunda Parte – Marcos 11-13.
Esses capítulos nos dão a apresentação do Senhor de Si mesmo, como seu Rei, ao Seu povo, os resultados imediatos disso; e então Sua palavra profética sobre os tempos e destinos de Israel, que agora O havia rejeitado.

Terceira Parte – Marcos 14-15.
Esta parte do nosso Evangelho nos mostra a cena dos últimos sofrimentos de nosso Senhor.

Quarta Parte – Marcos 16.
Este último capítulo nos mostra nosso Senhor em ressurreição.

Marcos 1-10

"O princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus".

Nada pode ser mais simples, mais completamente desprovido de toda cerimônia e forma, do que isso; e isso convém plenamente a Alguém que estava Se apresentando ao serviço.

A Pessoa inteira é confirmada. Mas isso é feito sem qualquer tipo de solenidade. Pois não é a Pessoa do Senhor que está prestes a estar diante de nós, nem são Seus direitos, mas Seu ministério ou serviço. A introdução que Ele recebe aqui, portanto, deve ser apenas aquela que é necessária para colocá-Lo em Sua graciosa e bendita tarefa.

João Batista O anuncia como Aquele que viria para batizar; isto é, vindo em ministério. Mas Marcos não acrescenta, como Mateus e Lucas fazem, **"A Sua pá, Ele a tem na mão e limpará completamente a Sua eira"** (ARA) – porque essa ação pertence ao Senhor em Seu lugar *judicial*, em vez de Seu lugar *ministerial*, e, portanto, não estava dentro do propósito deste Evangelho.

Lemos então sobre o próprio batismo do Senhor pelas mãos de João; e depois sobre Sua tentação; cada uma dessas coisas sendo uma parte necessária de Sua introdução ao ministério.

No relato do nosso evangelista sobre a tentação, há uma circunstância que lhe é peculiar. Falando do Senhor naquela cena, ele nos conta, que Ele **"estava com as feras"** (ARA).

Isso é cheio de interesse e é muito apropriado colocar esta marca de dignidade, dignidade pessoal, imediatamente (antes do início do curso dos serviços) sobre Aquele que, por mais que Se humilhasse à forma de um servo, era Ninguém menos que *Jeová*, e o *imaculado Filho do Homem.* Ele **"estava com as feras"**. Era um lugar sombrio em si mesmo, um deserto. Mas, neste momento, havia um Homem ali que nunca havia perdido o Éden. Jesus tinha o lugar original do homem na criação de Deus. Ele estava no meio das criaturas da mão de Deus, como Adão tinha estado nos dias de sua retidão. Em Sua presença, as feras eram como se não fossem selvagens, como tinham sido em Gênesis 2.

Não houve perda do Éden na Pessoa deste Filho do Homem. A tentação agora vem, como em Gênesis 3, para deixar que seja conhecido que Ele manterá Seu primeiro estado, como Adão não o fez.

A serpente entra em cena uma segunda vez, e a tentação segue seu curso. Não precisamos dizer como **"o último Adão"** respondeu à serpente. Quando o diabo O deixou, anjos vieram e ministraram a Ele como o Vitorioso; anjos, que resistiram ao primeiro Adão como o derrotado, guardando em todos os sentidos o caminho da árvore da vida. O Éden, no que diz respeito ao *título*, nunca foi perdido para Jesus. Essas augustas testemunhas, como posso chamá-las, as feras do deserto e os anjos do céu, em suas várias maneiras, selam esta verdade para nós – portanto, tudo o que Ele passou, depois disso, em tristeza, cansaço e fome, como em um mundo de espinhos e cardos, foi em obediência a Deus e em graça para com os pecadores. Foi

uma entrada *voluntária* na perda de todas as coisas. Ele Se expôs a tudo isso; Ele não era responsável por nada disso.

Isso está, desta maneira, impresso na Pessoa e condição de nosso bendito Senhor, enquanto Ele praticamente entra em Sua vida de serviço. Isso é profundamente bem-vindo para nós, mas é rapidamente descartado; e tudo é logo deixado para trás. Seu batismo, com a voz que o acompanha vinda do céu e a descida do Espírito, assim como esta cena no deserto, e o aviso da prisão de João, tudo é rapidamente descartado, e depois de treze ou quatorze versos curtos, nós O encontramos em serviço real.

Rapidez ou diligência marcam esse serviço imediatamente, e isso também muito deliberadamente – pois um servo deve ser conhecido por sua diligência – **"Não sejais vagarosos no cuidado"** – e assim encontramos a palavra **"imediatamente"** ou **"logo"**, tão frequente no capítulo 1.

E daí em diante, ao longo destes capítulos, é no serviço que vemos o Senhor empenhado. O Seu caminho é passar de uma ação para outra, e continuar a fazer o bem. E Ele está mais *fazendo* do que *ensinando;* pois fazer é o trabalho mais humilde. Temos poucas parábolas, e nenhum discurso prolongado, como em Mateus e Lucas; enquanto vários de Seus atos de graça e poder são mais detalhados por Marcos do que por qualquer um deles – como no caso da Legião, e da mulher com fluxo de sangue, do homem surdo em Decápolis, e do homem cego em Betsaida.

E, em todos esses registros, há traços e toques que manifestam lindamente o desígnio do Espírito. Os tons humanos da mente de Cristo são vívidos aqui.

Assim, na cura da mãe da esposa de Pedro, Marcos é o único que nos conta que o Senhor **"tomou-a pela mão"** quando estava levantando-a, depois que a febre a deixou.

Portanto, é somente Marcos quem nos conta que, em semelhante graça, o Senhor tomou as crianças em Seus braços.

Mas tais ações não apenas expressam a ternura e a graça de Alguém que foi perfeito no serviço; elas também são belas por sua significância. Tome, por exemplo, esta ação a respeito das crianças, às quais acabamos de mencionar.

Nessa ocasião, em Marcos 10, é *em Seus braços* que o Senhor toma as crianças; em outra, em Mateus 18, Ele coloca uma delas no *meio dos discípulos;* ou, como vemos em Lucas 9, *a sós*, ou ao Seu próprio lado.

Há um belo significado nessas diferentes ações.

Foi quando os discípulos estavam repreendendo aqueles que trouxeram as crianças a Ele, que Ele as tomou em Seus braços. Ele daria de bom grado o lugar de afeição mais próxima e carinhosa àqueles cuja ignorância sobre Ele, e os erros do pobre e tolo coração do homem, os teriam mantido à distância.

Mas quando os discípulos estavam discutindo entre si sobre quem deveria ser o maior, Ele pega uma criança e a coloca no meio deles ou ao Seu próprio lado; pois, seja visivelmente no centro do grupo ou distintamente à Sua direita, Ele estava dando à criança o lugar de *honra*, repreendendo o orgulho da vida ou o amor à distinção que então estava operando entre eles.

Belas, portanto, repito eu, em seu significado, são essas diferentes ações do Senhor para com as criancinhas. Ele as leva para o lugar de apreço, quando a incredulidade as teria mantido à distância; Ele as coloca no lugar de honra, quando o orgulho ou o mundanismo teria buscado tal lugar para si.

E novamente. Embora leiamos sobre Seu olhar ao redor com indignação, logo aprendemos que essa não era a indignação de alguém que tomou o assento do julgamento, mas d'Aquele que estava entristecido de coração pela dureza e incredulidade dos homens. Era a sensibilidade do espírito de santidade.

Suas empatias são muito notadas por nosso evangelista, pois Ele está fazendo Seus atos de misericórdia. E assim acontece com

Suas sensibilidades. À vista da aflição, Ele suspirou – à vista do pecado, Ele suspirou profundamente (Marcos 7:34; 8:12).

No relato de Marcos sobre o jovem rico, lemos que Jesus, ao vê-lo, o amou; mas nem Mateus nem Lucas mencionam essa emoção do coração do Senhor.

Então, em duas ocasiões, onde a cura foi muito similar, uma registrada por João, e a outra por Marcos, ainda encontramos a empatia de Jesus notada somente em Marcos. No capítulo 9 de João, o Senhor emprega Sua saliva, e aplica Sua mão; e então, como no sentido de autoridade e poder, Ele diz ao cego, **"Vai, lava-te no tanque de Siloé"**. Em Marcos 7, Ele novamente emprega Sua saliva, e aplica Sua mão; mas, com isso, Ele Se envolve pessoal e intensamente no momento. Ele olha para o céu, como reconhecendo o Pai ali; Ele suspira como se estivesse sensível à aflição aqui; e então, mas não antes disso, Ele fala a palavra, e a cura vem.

Essas eram algumas de Suas empatias conosco e com nossas enfermidades. Elas estavam entre Seus modos de serviço; e por elas Ele estava aprendendo a cumprir, em graça infinita, Seu atual serviço no céu, como o compassivo Sumo Sacerdote. **"Naquilo que Ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados"**.

Não há neste Evangelho a mesma autoridade em Sua maneira de vindicar Sua glória diante da incredulidade e do desprezo do homem, nem o mesmo tom de severidade em Suas repreensões, como há nos outros.

A ordenação dos Doze não é dada tão completamente aqui como em Mateus. E é muito significativo do nosso evangelista que ele nos diga que Jesus ordenou os apóstolos, não meramente para que Ele pudesse enviá-los, como Mateus fala, mas também para que eles *pudessem estar com Ele,* Seus *companheiros*, por assim dizer, assim como Seus apóstolos; como se Ele fosse, o que verdadeiramente Ele era, seu Colaborador no evangelho.

Esses e outros traços e toques semelhantes podem ser fracos e passar despercebidos às vezes; mas eles dão o caráter. Eles mostram Jesus como o Servo – eles apontam o cinto com o qual Ele estava cingido. Eles formam os caminhos de Alguém que era hábil em mostrar gentileza e conhecia a arte de servir aos outros com perfeição.

Ele **"está fora de Si"**, era a linguagem de alguns, conforme registrado por Marcos. E era verdade, num sentido que eles não pensavam. Ele não tinha em Si mesmo aquela prudência que o homem aprendeu a valorizar – pois **"os homens te louvarão, quando fizeres bem a ti mesmo"** (ACF).

Consistente com tudo isso, Ele é visto aqui, mais no vale – Alguém que Se esvaziou, oculto, como convém a um servo (Filipenses 2:7). Ele é, às vezes, chamado de **"Mestre"** aqui, onde em Mateus Ele é chamado pelo título mais alto, **"Senhor"**. E é somente em Marcos que lemos que as pessoas O chamavam de **"o Carpinteiro"**. Nem traçamos Seu espírito na mesma elevação consciente às vezes – não temos em Marcos o relato de Mateus 11:25, nem o de Lucas 10:19.

Seus milagres O confirmam como o Filho de Davi nos pensamentos do povo, como Mateus nos conta (Mt 12:23). Mas eles não são assim contados em nosso Evangelho. Nem encontramos o mesmo cuidado no Espírito aqui para identificar Jesus de Nazaré com o Messias prometido, por referência constante aos profetas, aplicando suas palavras a Ele e Seus feitos. Pois não são tanto Suas reivindicações sobre o mundo que o Senhor está aqui vindicando, mas o apelo do homem por Seu poder e graça que Ele está sempre esperando para responder.

Seus isolamentos, também, são apenas recrutamentos para novos serviços. Portanto, Ele permitiu que tal isolamento fosse invadido, se as pessoas e suas necessidades assim o quisessem; pois Ele não reivindicou Seu tempo para Si mesmo.

Temos um exemplo disso em Marcos 1. Depois de trabalhar em várias tarefas, da manhã até a noite, em Cafarnaum, nós O vemos, na manhã seguinte, levantando-Se bem antes do amanhecer, para orar; mas Seu retiro sendo interrompido pelas demandas do povo e pela palavra de Pedro, Ele imediatamente o permite e sai.

Então, em Marcos 4, Ele está ensinando à beira-mar. Ele começa o trabalho deste dia ali, nas margens do lago da Galileia. Prova ser um dia de trabalho árduo, e ao anoitecer Ele Se retiraria de bom grado. Consequentemente, Seus discípulos O transportam no barco como Ele estava, um Trabalhador cansado e, no cuidado de seu amor por Ele, eles Lhe fornecem uma almofada, e Ele adormece. Já foi dito com tanta ênfase como agora, **"pois assim dá Ele aos Seus amados o sono"**? Eles se afastam da costa; e o vento logo se transforma em uma tempestade, e as ondas batem no barco. A interrupção vem novamente, pois os medos dos discípulos O despertam, e O despertam rudemente. Mas Ele não conheceria nenhuma medida de Seu sono e refrigério, senão aquela que a necessidade dos outros prescreveria; e, portanto, Ele imediatamente Se levanta para acalmar os ventos, as ondas e os medos de Seu povo.

Então novamente em Marcos 6. Os apóstolos retornaram de sua missão, e, providenciando para o conforto deles, Ele os leva para um lugar deserto, para que pudessem descansar e comer. Mas a multidão, que os havia observado, os surpreende em seu retiro. Teria sido um momento valioso para Ele, assim, estar a sós com os companheiros de Seus labores, ouvindo deles tanto o que eles tinham feito quanto o que eles tinham ensinado. Mas com a intrusão da multidão, Ele imediatamente Se vira, e começa a ensinar-lhes muitas coisas. A necessidade mais profunda do povo O afasta daquela dos apóstolos. Era apenas um serviço dando lugar a outro; mas a cena não termina até que Ele tenha providenciado ambos, ensinando o povo, e alimentando a todos, de tão cheias que estavam Suas mãos, e de tão continuamente cingidos que estavam Seus lombos.

E este Servo, como vimos agora, estava cansado às vezes. Há, no entanto, uma diferença a ser observada nos dois casos; refiro-me ao nosso capítulo 4 que acabei de examinar, e ao capítulo 4 de João. Ele encontra sono para Seu alívio em Marcos; Ele era independente de todo refrigério em João. Aqui estava uma marcante diferença. Mas as sensibilidades comuns de nossa natureza irão, quando examinamos um pouco as duas ocasiões, facilmente explicar isto.

Em Marcos 4, Ele passou por um dia de trabalho árduo, e à noite Ele estava cansado, como a natureza fica depois do trabalho. O sono é então providenciado para Ele, para restaurá-Lo ao Seu trabalho quando a manhã chegasse. Em João 4, Ele está cansado novamente, com fome e sede também. Assim Ele Se assenta ao poço em Sicar, esperando até que os discípulos retornem da aldeia vizinha com comida. Mas quando eles voltam, eles O encontram já alimentado e descansado. Ele havia recebido um refrigério diferente de qualquer um que eles poderiam ter trazido a Ele, ou que o sono poderia Lhe proporcionar. Ele havia Se alegrado no fruto do Seu trabalho. Ele tinha conhecido a alegria da colheita, bem como o trabalho da semeadura. Ele havia feito feliz uma pecadora pobre e descuidada.

Quão simples! Quão inteligível, repito, nos princípios de nossa humanidade comum! Não havia nenhuma mulher de Samaria em Marcos 4, nenhum pecador sendo despedido na alegria da salvação. Ele, portanto, precisava dormir para Se restaurar. Mas em João 4, Seu Espírito é revigorado pelo fruto de Seu trabalho, e Ele pode ficar sem comida ou sono. **"Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis"**, é Sua palavra aqui, em vez de usar a almofada que eles haviam providenciado.

Todos nós podemos entender tudo isso. Nossas sensibilidades humanas comuns estão no segredo.

Mas com toda essa proximidade para conosco, essa comunhão nessas formas e experiências e empatias da natureza que Ele havia assumido, Ele ainda era e sempre foi um Estrangeiro no

mundo. Ele toma distância enquanto nos mostra Sua intimidade. Isso é perfeito em glória moral! E isto é visto em Marcos 6, mencionado há pouco.

Os discípulos retornam a Ele, como vimos, após um dia de trabalho. Ele cuida deles. Ele traz o cansaço deles para bem perto d'Ele. Ele leva isso em conta exatamente como é, e provê para isso imediatamente, dizendo a eles: **"Vinde vós, aqui à parte, a um lugar deserto, e repousai um pouco"**. Mas, sendo seguido pela multidão, Ele Se volta com a mesma prontidão para eles, reconhecendo-os como ovelhas que não têm pastor; e Ele começa a ensiná-los.

Em tudo isso, nós O vemos *perto* – pois alguma ou outra necessidade humana O havia exigido.

Mas havendo os discípulos se ressentido de Sua atenção à multidão, e instigado a Ele mandá-los embora, Ele os deixa saber quão *distante* Ele estava deles, no espírito de Sua mente. Ele age completamente contrário à sugestão deles, e, por fim, diz a eles para entrarem sozinhos no barco, enquanto Ele despedia a multidão.

A *necessidade* dos homens O trará *para perto*, o *espírito* do homem O manterá *distante.*

Mas, novamente, quando os discípulos no barco enfrentam novos problemas, Ele está novamente ao lado deles para socorrê-los e livrá-los.

Quão consistente nas combinações de santidade e graça é tudo isso! Sua santidade sempre O manteve à parte em um mundo tão poluído e egoísta; Sua graça sempre O manteve à mão e ativo em um mundo tão necessitado. E esses eram brilhos daquela plena glória moral que estava n'Ele. Certamente, podemos dizer, Sua vida era uma lâmpada no santuário de Deus, que não precisava de espevitadores ou apagadores de ouro. Nenhum escurecimento jamais a maculou.

O Senhor encontra os mesmos obstáculos e contradições aqui, em Marcos, como Ele encontrou nos outros Evangelhos. Fariseus e escribas se ressentem d'Ele, e O desafiam, e vigiam para enredá-Lo. A inconstância da multidão é a mesma, e a lentidão de coração e a incredulidade de Seus discípulos. Mas Ele passa adiante, de um serviço para outro, **"fazendo o bem"** como era Seu propósito e ocupação.

Aqui, no entanto, eu me desviaria um pouco, e observaria que no meio de todos os Seus serviços e humilhações, quer os encontremos aqui ou nos outros Evangelhos, a glória pessoal, divina, às vezes brilhará intensamente. Pois este Servo-Homem é Jeová. Na forma de um servo, obediente ao mais profundo e perfeito ponto de esvaziamento próprio, ainda assim Ele era em forma de Deus, e não teve por usurpação ser igual a Deus.

Ele trata com a lepra como somente o Jeová de Israel poderia lidar com ela. Ele alimenta os milhares de Seu povo como Jeová os alimentou antigamente. Os elementos se curvaram à Sua Palavra. Os demônios tremeram diante da majestade de Sua presença, e os homens sentiram isso às vezes. Ele concedeu o poder de fazer milagres, curar os doentes, limpar os leprosos, ressuscitar os mortos, expulsar demônios; e, como alguém disse, *"enquanto qualquer homem, se for capacitado por Deus, pode operar uma maravilha, ninguém além de Deus pode conceder o poder de fazê-la"*. O manto de Elias caiu sobre Eliseu; mas, ao usá-lo, Eliseu diz: **"Onde está *o SENHOR, Deus* de Elias?"** Mas foi em *Seu* nome, o nome de Jesus, que os discípulos que Ele havia enviado expulsaram demônios. Eles usaram em *Seu nome* o poder que Ele havia concedido a eles. **"E voltaram os setenta com alegria, dizendo: Senhor, *pelo Teu nome, até os demônios se nos sujeitam"*.**

O que eram todos esses senão sinais de uma glória oculta que era divina! Ele pode esconder aquela glória que era Sua, e escondê-la profundamente sob espessos véus de humilhação, fraqueza e serviço; mas era Sua, e ela pode se afirmar por si

mesma. E deixe-me dizer, embora Ele mesmo a esconda, ainda que a incredulidade a obscureça ou confunda, Ele não dá lugar à incredulidade em tal caso. Ele pode descansar no presente sob o desprezo e rejeição dos homens, mas Ele não deixa a lentidão de coração de Seus santos sem resposta. Marta disse: **"Sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus To concederá"**; e novamente: **"Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último Dia"**. Mas o Senhor não dá lugar a nada isso. Ele repreende tais pensamentos, que obscurecem Sua glória. **"Eu sou a ressurreição e a vida"**, Ele diz; **"quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em Mim nunca morrerá"**. E Ele acrescenta, como com intenso significado, dirigindo-Se à condição de Marta: **"Crês tu *isso?*"** Não era nem Deus dando uma resposta ao pedido de Jesus, nem era a virtude do último dia que Ele poderia permitir que a mente de Marta descansasse; Ele precisa fazer com que ela O alcance, em pensamento e fé, em Sua posição de plena glória pessoal.

"Estou há tanto tempo convosco, e não Me tendes conhecido, Filipe?" é do mesmo espírito. E profundamente bem-vindo à fé é tudo isso. Ela vê o véu, e o aprova para o presente; mas não vai, não ousa, não pode, ser descuidada com a glória que está sob ele.

Isso, no entanto, apenas por um momento, para que não sejamos menos conscientes de Quem é Aquele que está assim ao nosso serviço.

E agora (para retornar ao nosso próprio Evangelho) posso observar ainda mais, que há uma discrição em meio a essas atividades que adorna ou aperfeiçoa ainda mais o caráter deste bendito Servo de Deus. Em Decápolis, Ele leva o pobre surdo à parte; e quando a sós, Ele abre seus ouvidos, ordenando-lhe que não dissesse nada sobre isso (Marcos 7).

Nas fronteiras de Tiro e Sidom, embora as necessidades dos pecadores possam descobri-Lo ali, como em qualquer outro lugar, Ele **"queria que ninguém o soubesse"**. Marcos nos conta

isso, mas Mateus passa por cima da mesma ocasião sem fazer alusão a ela.

E novamente, em Betsaida, Ele toma um cego pela mão, e o leva para fora da aldeia, e ali, em segredo, lhe dá a visão – e, despedindo-o, curado como estava, ordena-lhe que não entre na aldeia, nem que conte a ninguém na aldeia (Marcos 8).

Pois embora, como *Testemunha* de Deus, Ele tivesse que ser agressivo, e assim encontrar o ódio do mundo, como lemos em João (João 7:7), ainda assim, como o *Servo* de Deus, aqui em Marcos, Ele estava, da maneira que vimos agora, escondendo-Se, tanto quanto Seu serviço o admitia. O serviço nunca é perfeito sem isso. Um servo não deve conhecer a si mesmo. Ele deve conhecer apenas seu mestre, e estar muito disposto a que outros também não o conheçam, mas apenas seu mestre. E é assim com o Senhor. Ele continua com Sua obra; e, se isso chamar a atenção, Seu caminho ainda é continuar, e, sob novos serviços, ainda Se esconder. Isso é visto no capítulo 1. Simão e outros discípulos O seguem em Sua privacidade, dizendo: **"Todos Te buscam"**, como se a multidão quisesse torná-Lo público, torná-Lo um objeto – mas Ele apenas Se esconde sob novos trabalhos, respondendo a Pedro e dizendo: **"Vamos às aldeias vizinhas, para que eu ali também pregue, porque para isso vim"**.

E, de acordo com esse caráter de Sua caminhada, nós O encontramos, em certas ocasiões, velando Sua glória mais cuidadosamente neste Evangelho do que em outros.

Ao disputar com os fariseus sobre o sábado, Ele fala de Si mesmo, em Mateus, como **"Quem é maior do que o templo"**. Isso é ignorado aqui. E na mesma ocasião, tanto em Mateus quanto em Lucas, Seu senhorio do sábado é defendido em um estilo de autoridade consciente. Mas aqui é fundamentado simplesmente nisso – que **"O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem, por causa do sábado"**.

Então, embora neste Evangelho tenhamos a visão no monte santo, ainda há algo ali deste velamento de Si mesmo.

Este foi o único raio da glória celestial que iluminou o triste caminho deste rejeitado Filho do Homem na Terra. Seu *espírito*, é verdade, estava sempre na luz do semblante de Seu Pai durante esses anos de serviço pelas cidades e aldeias da terra; mas Suas *circunstâncias* entre os homens eram solitárias e desanimadoras. Mas essa cena da transfiguração foi uma visitação da glória que cruzou Seu caminho por um momento, e estava cheia do reino dos céus. (É o *reino em poder* que é visto na transfiguração; seu departamento celestial sendo o principal.) Mas nosso evangelista tem alguma observação disso que lhe é peculiar. Ele nos diz que, quando o Senhor desceu do monte, **"E logo toda a multidão, vendo-O, ficou espantada, e, correndo para Ele, O saudaram"**. Suponho que, em alguma medida, a glória ainda estava pairando sobre Ele, como o rosto de Moisés brilhava quando ele desceu ao pé do Monte Sinai e ficou entre o povo novamente. Isso poderia ter levado o Senhor a um lugar de honra e notoriedade; mas apenas O mostra na forma mais perfeita de um Servo, que Se esvaziaria, ou Se tornaria sem reputação. O manto é rapidamente tirado, e o cinto é rapidamente colocado. O Senhor Se vira da saudação da multidão para a tristeza do pobre menino mudo, cujo pai o trouxera com um clamor por misericórdia – tão perfeito era Ele no espírito de serviço, que nem a glória no topo do monte, nem as saudações ao pé dele, poderiam enfraquecê-lo ou interrompê-lo.

E assim, na mesma ocasião, quando Ele vê a multidão correndo junta, como se fosse uma visão, é que Ele imediatamente cura o pobre menino, evitando, tanto quanto pode, a publicidade do milagre – e quando o menino é curado, Ele o pega pela mão e o levanta. Tudo isso é peculiar a Marcos.

Já observei que, neste Evangelho, o Senhor é mais o *Fazedor* do que o Mestre. Há, no entanto, um ensinamento, uma parábola, que é encontrada somente aqui. Quero dizer, a parábola da

Semente que cresceu secretamente, em Marcos 4. Ela ocupa o mesmo lugar em Marcos que a parábola do Trigo e do Joio ocupa em Mateus – cada uma delas, em seu próprio evangelho, seguindo a parábola do Semeador.

Agora, nisto, por menor que seja, o caráter do Evangelho de Marcos ainda é preservado. A parábola do Trigo e do Joio nos dá uma visão do Senhor no lugar de autoridade – pois Ele tem servos e anjos sob comando, e Ele ordena a colheita como Lhe agrada. A parábola da Semente que cresceu secretamente, ao contrário, O exibe no lugar de *serviço,* e não de autoridade; pois é Ele mesmo que, no início, é o Semeador, e, no final, o Ceifador.

Isso é cheio de caráter. O que a princípio pode parecer uma exceção ao propósito geral do Evangelho (que, como dissemos, não apresenta nosso Senhor como um Mestre), é encontrado em perfeita harmonia com ele; introduzindo assim uma testemunha de suas unidades, ou sua consistência divina com ele mesmo, de um tipo muito interessante.

E agora, ao encerrar esta parte do nosso Evangelho, e deixando nosso Senhor nestas cenas de Seu serviço, deixe-me observar aqui (o que de fato já observei em outro lugar), que Ele *nunca reivindicou a pessoa que Ele curou.*

Isso pode ser visto igualmente em todos os evangelistas; mas é uma característica muito marcante e bela em Seu ministério.

Ele nunca fez uma reivindicação para Si mesmo àquele a quem Ele havia curado, como se a bênção que Ele havia conferido pudesse criar um direito em Seu próprio favor. É dito para um, **"Vai em paz"**; para outro, **"Toma a tua cama e anda"**; para outro, **"vai para tua casa"** – ou palavras de espírito semelhante.

Ele não permitiria o pobre gadareno estar com Ele, embora ele o tenha pedido. Ele deixou a filha de Jairo, no seio de sua família. O menino que Ele curou ao pé do monte santo, Ele entregou a seu pai. O filho da viúva de Naim, a quem Ele ressuscitou, Ele entregou a sua mãe. Ele não reivindica nada com base no que Ele

fez no caminho do serviço. A graça, eu posso dizer, não se desonraria assim. Sua natureza é dar, e não receber; repartir com os outros, e não enriquecer a si mesma. O tempo para a cura não deve ser o tempo para exigir. O espírito de Eliseu se ressentia do pensamento de receber dinheiro, e roupas, e ovelhas, e bois, depois de ter purificado um leproso. E o espírito do profeta era apenas o leve sopro do espírito do Filho. Jesus fez o bem e emprestou, sem esperar nada em troca. A graça teria faltado em uma de suas expressões mais sublimes se fosse de outra forma; mas sabemos que Ele veio para que n'Ele e em Seus caminhos ela pudesse brilhar, cheia das riquezas e glórias supremas que lhe pertencem.

Ele encontrou servos neste mundo, é verdade, mas eles eram o fruto de Seu chamado e da energia de Seu Espírito – o fruto, também, de afeições irrompidas em corações constrangidos por Seu amor. Ele chamou Levi, e Levi O seguiu; André e Simão, da mesma forma, e Tiago e João; e eles O seguiram. Mas Ele não os curou e depois os reivindicou. Maria se agarrou a Ele com amor fervoroso e grato, pois Ele havia expulsado sete demônios dela. Mas Ele não a havia reivindicado. O amor de um coração despertado a constrangeu; mas isso era outra coisa bem diferente.

Não sei se podemos admirar isso o suficiente. Há grande excelência nisso. E o primeiro dever de fé, bem como seu maior privilégio e atuação mais sublime, é ficar diante d'Ele e de Seus caminhos, adorando. Devemos cobrar de nosso coração que conheça esse segredo. Em vez de nos perguntarmos dolorosamente se estamos fazendo as retribuições adequadas à graça salvadora e vivificadora do Filho de Deus, devemos despertar para o desfrute d'Ele em Seus exercícios dessa graça. Nosso primeiro compromisso com a luz que brilha n'Ele é aprender com ela o que Ele é – calmamente, com gratidão e alegria, aprender isso, e não começar ansiosamente a nos medir a nós mesmos por ela, ou a procurar imitá-la.

Marcos 11-13

O Senhor é visto aqui apresentando o reino ao Seu povo Israel. Necessariamente, portanto, temos a mesma exibição de realeza aqui, nesta ocasião, como em outros Evangelhos – pois esse era o material, a circunstância, que constituía a ocasião. Ainda assim, no entanto, há um estilo subjugado no relato de Marcos que o distingue.

Assim, aprendemos que, em Sua entrada na cidade, e em Sua subida ao templo, embora Ele estivesse lá como o Rei, e no zelo da casa de Deus estivesse expulsando aqueles que fizeram dela uma casa de comércio, ainda assim, antes que Ele o fizesse, Ele olhou **"tudo ao redor"**. Em Mateus, Ele é visto agindo *imediatamente* sobre a cena contaminada – mas aqui, como esta pequena ação nos mostra, Ele está na calma e reserva de Alguém que daria tempo para que a cena movesse Seus olhos e Seu coração, antes que Sua mão se apoderasse do julgamento. E esse é outro exemplo das empatias ou sensibilidades de Jesus neste Evangelho. Ele entrou *pessoalmente* na cena sob Seu olhar, e não a tratou meramente de uma forma judicial. Havia algo da paciência divina nisso, algo da lentidão de Deus para acreditar no mal – como Ele havia dito em outros dias, a respeito de Sodoma: **"descerei agora e verei se, com efeito, têm praticado segundo este clamor que é vindo até Mim; e, se não, sabê-lo-ei"**.

Isso, certamente, dá uma expressão moderada, subjugada, ao ato de julgar o templo; distinguindo-o, sob as delineações de Marcos, do tom de pronta autoridade e determinação com que Mateus o transmite a nós. E isso é característico.

E novamente, no decorrer desses capítulos, há algo peculiar na observação que nosso evangelista faz do escriba que questiona o Senhor sobre o primeiro mandamento.

Ele nos deixa aprender o exercício da alma daquele homem. Mateus nos diz meramente que ele veio para tentar o Senhor,

como um dos representantes da nação revoltada; mas Marcos o mostra a nós *moralmente* ou *pessoalmente*, expressando o que estava acontecendo dentro dele – e então nos mostra, também, como o Senhor o abordou da mesma forma, moralmente e pessoalmente, dizendo a ele: **"Não estás longe do Reino de Deus"**.

Quão grato é ao coração ler isso! Quão aceitável para nós esse comentário do próprio Senhor sobre um dos aspectos ou fases da alma! Ele nos diz (e o segredo é profundamente bem-vindo para nós), que as luzes e sombras do reino interior estão todas sob Seu olhar, e que Ele sabe como apreciá-las. Parece ter havido alguma visitação repentina no espírito daquele homem. Ele veio para tentar o Senhor, mas antes de partir, ele não estava longe do reino de Deus. Certamente em espírito ele havia feito uma jornada; uma passagem profundamente interessante que sua alma havia feito. Pode nos lembrar do ladrão arrependido que morria; pois ele, de acordo com Mateus, parece ter se juntado ao seu companheiro para insultar Jesus, e então, de acordo com Lucas, ele terminou confiando e invocando Jesus.

E ao encerrar esta cena da visitação real, como podemos chamá-la, o Senhor, eu percebo, não ocupa o assento do julgamento em Marcos, como Ele faz em Mateus. Ele passa por todo o ato de justiça judicial muito rapidamente. Ele não lê contra a nação os crimes dos quais eles então eram culpados e convencidos, e sobre isso profere a sentença da lei. Isso é feito, de forma elaborada, em Mateus. Aqui, tudo é disposto em um versículo ou dois; e rapidamente Ele Se afasta de tudo isso, e olha para além disso, para ver uma pobre viúva lançando suas duas moedas, que eram toda a sua fortuna, no tesouro de Deus. Ele não tem tanto um olhar para o mal quanto tem para o bem, embora, naquele momento, Ele estivesse olhando para um templo cheio do mal, e apenas, por assim dizer, para as duas moedas do bem. Os toques são todos da maneira distinta de nosso evangelista – e certamente, quando seu sentido e comportamento são percebidos, nós os acolhemos profundamente.

Marcos 13 corresponde a Mateus 24-25. É a grande palavra profética do Senhor a respeito de Israel – Israel agora O havia rejeitado total e solenemente. Eles tinham visto o Rei, mas Ele não era, aos seus olhos, o Rei em Sua beleza. O braço do Senhor havia sido revelado a eles; mas em sua estima era uma raiz de uma terra seca. O julgamento tem agora que entrar e seguir seu curso, antes que o reino possa ser restaurado a Israel.

Neste capítulo, como em todos os outros, o estilo de Marcos é preservado. Há uma expressão muito forte do caráter esvaziado, humilde e servil do Senhor aqui, que não encontramos em nenhum outro lugar. Faço alusão às palavras do Senhor no versículo 32: **"Nem o Filho"**.

Ele estava falando do conhecimento de tempos e estações, e Ele mesmo nega tal conhecimento. E isso convinha a Ele como Servo. A um servo não pertence a confiança ou a consignação de segredos. O próprio Senhor nos diz isso em outro lugar (João 15:15); e, consequentemente, Ele aqui nega o conhecimento de tais segredos.

Ele havia assumido a forma de um Servo e, com essa forma, as qualidades e atributos que a ela estavam associados; e entre eles, essa renúncia ao conhecimento de detalhes e conselhos, tais como o Pai colocaria em Seu próprio poder.

E, além disso, o reino ao qual Ele estava Se referindo enquanto falava assim, Ele receberia em breve *como um Servo*. Não será Seu simplesmente por direito divino; é a recompensa do trabalho árduo d'Aquele que foi obediente até a morte. Portanto, todas as circunstâncias dele aguardam, não por Seu deleite, mas pelo do Pai. As honras de estarem à mão direita e à mão esquerda d'Ele aguardam, como Ele nos diz em outro lugar (Mt 20:23); e o tempo de sua manifestação aguarda, da mesma maneira, como Ele nos diz neste lugar: **"daquele Dia e hora, ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai"**. Cristo toma o reino como o Filho e Herdeiro de Davi, o Parente dos homens e o Servo de Deus; não por título divino, mas por título humano; e,

portanto, muito apropriadamente Ele diz: **"Nem o Filho"**, palavras que não qualificam *a Pessoa do Filho*, mas *o caráter do reino*, como de fato deveríamos apreender imediatamente; porque não é sobre Si mesmo que o Senhor está falando naquele momento, mas sobre a introdução ou o início do reino.

O reino deve ser d'Ele como Filho do Homem. É ao *homem* que **"o mundo futuro"** estará sujeito (Hb 2); e é Deus Quem deve fazê-lo assim. Toda língua confessará Jesus como Senhor, mas isso deve ser para a glória de Deus Pai (Fp 2). De modo que essas palavras, **"Nem o Filho, mas o Pai"**, enquanto mantêm a distinção do nosso Evangelho em vista, insinuam igualmente um mistério profundo e interessante.

E podemos notar também como o Senhor chama a Si mesmo, no versículo 35, **"o Senhor da casa"**. E no lugar correspondente em Mateus é **"vosso Senhor"**, um título de maior importância.

Então, no final, Ele Se dirige aos apóstolos no lugar de *serviço*, mais distintamente do que Ele faz no mesmo lugar em Mateus ou Lucas. A cada um deles é dado trabalho, o porteiro sendo ordenado a vigiar; e isso é peculiar a Marcos. Mas podemos observar, por outro lado, que os apóstolos não são colocados em suas dignidades em Marcos, como são em Mateus. Não temos a honra especial conferida a Pedro no meio deles, nem os tronos dos Doze, eles mesmos sobre as tribos de Israel. E tudo isso, a presença do que obtemos, a ausência do que não obtemos, por menores que sejam os traços e toques do escritor do Espírito, ainda assim todos são característicos e belos em seu lugar e tempo.

E assim como o Senhor aqui, de forma muito breve (como notamos), acusa e sentencia a nação Judaica, embora isso seja dado completa e solenemente em Mateus, assim todas aquelas parábolas, as Dez Virgens, os Talentos e o Rei de Seu trono separando as ovelhas e os bodes, que são imagens de grandes atos judiciais de Cristo, são ignoradas aqui.

Seus caminhos neste Evangelho são humildes, graciosos e servis; os caminhos de Alguém que havia deixado de lado Suas vestes reais e colocado Seu cinto. Tudo fala de Sua graça variada em suas perfeições; e, ao lado da simples, feliz e sincera garantia de Seu amor pessoal por nós mesmos, nada mais ajuda o coração a desejar estar com Ele do que esta descoberta de Sua glória moral que os quatro Evangelhos nos oferecem. Ouvi falar de alguém que, traçando-a ali, foi ouvido clamando, com lágrimas e afeições, *"Oh, se eu estivesse com Ele!"*

É disso que precisamos e que podemos muito bem cobiçar, amados.

Marcos 14-15

Aqui vemos o paciente e imaculado Cordeiro de Deus em Seus sofrimentos, passando da noite da última páscoa para a tristeza mortal das três horas de trevas.

Seu caminho aqui é geralmente o que está em Mateus 26-27. Ainda assim, há algumas características que o distinguem.

Ele parece ser deixado mais sozinho aqui. O relato é menos interrompido pelos atos ou sentimentos dos outros. Não temos nem o arrependimento de Judas, nem a compra do campo do oleiro, nem o sonho da esposa de Pilatos. E não temos a comunicação entre Herodes e Pilatos, nem as lamentações das filhas de Jerusalém; ambas mencionadas por Lucas. Não há cura da orelha de Malco aqui, nem qualquer menção ao direito do Senhor, se Ele quisesse, de usar os exércitos do céu a Seu serviço. Nem ouvimos o Senhor na cruz reconhecendo o Pai, nem prometendo o Paraíso ao ladrão que morria. Nem, quando a morte é toda consumada, temos o mesmo testemunho pleno e glorioso do valor dela, dado pela Terra, pelas rochas e pelos túmulos dos santos, como obtemos em Mateus. Expressões de dignidade consciente e selos de poder e autoridade colocados sobre Ele e Sua obra são menos notados.

Há, no entanto, introduzido por Marcos nesta cena solene, um objeto que não vemos em nenhum outro lugar. Quero dizer, o jovem que tinha o pano de linho amarrado em volta do seu corpo nu, e que fugiu nu, como estava, deixando seu pano de linho para trás, enquanto os oficiais estavam segurando Jesus. Mas este objeto aprofunda em nosso espírito o senso de tristeza e solidão. Está de acordo com a visão que nos é dada aqui d'Aquele sempre Bendito, que, durante esta hora, estava desamparado e abandonado, exposto e humilhado, como o Servo da glória de Deus na redenção dos pecadores.

Tudo isso, o que obtemos aqui e não em outro lugar, e o que não obtemos aqui, mas obtemos em outro lugar, é característico; tudo fala da habilidade do **"destro Escritor"** que guiou a pena do nosso evangelista. Em João, Jesus, durante esta mesma hora, é o Solitário, eu sei. Mas Sua solitude[1] ali é a elevação e a distância do Filho de Deus. Aqui Ele é o Solitário, como vimos agora; mas é a solitude do Servo voluntário e esvaziado de Si mesmo que havia tomado o lugar mais baixo.

E, contemplemo-Lo sob qualquer luz ou caráter que seja, é apenas o brilho variado daquela glória moral que era tão pura e imaculada em sua natureza quanto a glória pessoal que Ele tinha antes que o mundo existisse e, desde a eternidade, ela era perfeita em sua natureza, assim como serão perfeitas em sua natureza, as glórias nas quais Ele será conhecido na eternidade vindoura.

Marcos 16

Este capítulo nos dá a quarta e última parte do nosso Evangelho.

Ela nos mostra Jesus em ressurreição. É como Mateus 28, como Lucas 24 e como João 20-21; tendo, no entanto, como todo o resto, suas próprias características.

A descida do anjo para remover a pedra, impondo a sentença de morte aos que a guardavam, é peculiar a Mateus, e na meditação anterior sobre esse Evangelho considerei o porquê disso.

Temos, no entanto, as palavras do mesmo anjo para as mulheres que tinham ido ao sepulcro; pois isso era uma expressão de graça, e era assunto adequado para nosso evangelista. E essa mesma companhia de mulheres recebe do mesmo anjo a mesma mensagem que receberam conforme registrado em Mateus, mas com esta adição, que Pedro é mencionado pelo nome. **"Ide, dizei a Seus discípulos e a Pedro que Ele vai adiante de vós para a Galileia; ali O vereis"**. As palavras, **"e a Pedro"** são adicionadas em Marcos – e isso estava em total consonância com a atenciosa e compassiva graça deste Evangelho; pois Pedro bem poderia ter precisado dessa bondosa e especial consideração naquele momento. Ele havia se evidenciado tristemente no meio de seus irmãos; e seu Senhor agora o evidencia graciosamente no meio dos mesmos irmãos. Isso é cheio de caráter.

A corrupção dos guardas do sepulcro pelos principais sacerdotes e anciãos do povo é deixada de lado aqui. E isso de maneira apropriada. Esse era assunto para ser notado em Mateus, assim como a remoção da pedra; pois isso deu causa ao dito que é divulgado **"entre os Judeus, até ao dia de hoje"**, e, portanto, estava dentro do escopo do Espírito naquele evangelista, e não em Marcos.

Temos aqui alguns relatos gerais dos encontros que o Senhor ressuscitado fez a Seus discípulos e, da mesma forma, da lentidão de coração deles para crerem na ressurreição. E aqui deixe-me perguntar: Essa lentidão nos surpreende? Eu diria que não surpreende. É verdade, de fato, que podemos nos perguntar a nós mesmos e dizer: **"Pois quê? Julga-se coisa incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?"** Mas, por natureza, não temos o conhecimento de Deus, como o apóstolo fala, sobre este assunto (1 Co 15:34). **"Haveria coisa alguma difícil ao SENHOR?"** Não; mas nosso coração está endurecido. Em dias anteriores, os

apóstolos não haviam considerado o milagre dos pães e dos pedaços recolhidos, justamente porque o coração deles estava endurecido (Marcos 6:52); e aqui é a dureza de coração que tem que explicar essa incredulidade. E assim como, por natureza, não pensamos dignamente sobre Seu *poder,* também não pensamos dignamente sobre Sua *graça.* Estamos todos perdidos. Não estamos dispostos a receber nenhuma boa notícia de Deus. A ressurreição de Jesus, o fruto pleno da graça divina, é anunciada e propagada; mas não é crida, apenas porque nosso coração é duro. A carne pode ser impura, como de fato é, viciosa e violenta também. Mas, além disso, para dar a ela seu lugar e caráter totalmente revoltados, devemos dizer ainda que ela recusa a mensagem da graça e da salvação de Deus. E um dos frutos seguros e doces de uma mente renovada é sua faculdade de pensar bem e com alegria a respeito do Bendito, vendo Sua glória na face de Jesus. A homenagem de uma alma que se afastou dos caminhos tenebrosos, endurecidos e errantes da natureza é então prestada a Deus. E isso é vida eterna em nós.

O Senhor ressuscitado tem aqui, em Marcos, como em todos os Evangelhos, que repreender essa incredulidade dos apóstolos. Mas Ele a remove, assim como a repreende – perdoando-a. Aliás, não somente isso, mas selando esse perdão pela mão de um testemunho de grande dignidade – pois Ele os coloca no ministério, confiando a honra e o poder de Seu nome a eles diante de toda criatura.

Mas, além disso, é somente neste Evangelho que as mulheres que foram ao sepulcro se perguntam como elas vão remover a pedra da porta; pois elas não sabiam ainda que, bastava chegar o terceiro dia, e o Senhor não poderia ser retido pela morte. Assim como é somente neste mesmo Evangelho que Pilatos se maravilhou de que Ele tivesse morrido tão rapidamente, quando José veio pedir-lhe Seu corpo; pois ele não sabia que, cumprindo-se toda a Escritura, o Senhor entregaria Seu espírito (veja João 19:28-30; Atos 2:24).

Os pensamentos naturais dos santos os colocam em estreita companhia com os pensamentos e raciocínios dos filhos dos homens, como nessas ocasiões. Pilatos e as mulheres piedosas estão em ignorância semelhante. Mas a graça sempre abunda. As mulheres no sepulcro são instruídas e confortadas; e os discípulos são comissionados a levar o nome de seu Senhor para toda criatura.

A comissão aqui, no entanto, tem seu próprio caráter, com todo o resto. Ela simplesmente dá aos apóstolos trabalho a fazer. **"Ide por todo o mundo"**, diz seu Senhor a eles, **"pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado"**.

Não é o discipulado de todas as nações que é aqui contemplado, como em Mateus, para a glória d'Aquele que agora cumpriu todas as coisas e está exaltado; é o testemunho universal com aceitação parcial – o resultado comum do *serviço* no *evangelho*. Como é dito do ministério de Paulo no final dos Atos dos Apóstolos – **"alguns criam no que se dizia, mas outros não criam"**. Portanto, a forma que a comissão aos apóstolos por seu Senhor ressuscitado assume aqui simplesmente contempla o serviço e seus resultados, e está, portanto, em plena consonância com todo o Evangelho.

E, ainda mais impressionante, o próprio Senhor, embora prestes a ser glorificado nas alturas, será encontrado, como as palavras finais nos dizem, em serviço também. Pois é aqui, e aqui somente, que lemos isto: **"o Senhor, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu e assentou-Se à direita de Deus. E eles, tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando** [**trabalhando** – JND] **com eles o Senhor e confirmando a Palavra com os sinais que se seguiram"**.

Assim, nosso Evangelho se encerra no caráter com o qual havia se iniciado, e que havia preservado por toda parte. Ele se iniciou com o Senhor em serviço – **"Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus"** – e se encerra revelando-O a nós, embora

oculto e glorificado no céu, como ainda **"trabalhando"**. Jesus está em ministério, seja Ele como o Rejeitado entre os homens na Terra, ou como o Aceito à direita de Deus no céu, onde todos os principados, autoridades e potestades Lhes estão sujeitos. Ele **"andou fazendo o bem"**. Comprovou, de fato, ter vindo entre nós, não para ser servido, mas para servir. Como tal, o Espírito Santo em Marcos primeiro O contemplou, e como tal Ele O mantém em vista até o fim.

Muito apropriadamente seu Evangelho ocupa seu lugar após o de Mateus, e antes dos de Lucas e João; embora, como observei no início, pudesse ser considerado como o último. Ele vem depois de Mateus; porque ali Jesus, como Messias, está *testando* Israel – e essa foi a primeira coisa que o Senhor teve que fazer, em Sua vinda ao mundo, e entrando em Seu curso santo e maravilhoso. Vimos isso no artigo anterior sobre Mateus. Ele vem antes de Lucas e João; pois aqui em Marcos, o Senhor Jesus é o Servo da graça e deleite do Pai em Israel; em Lucas, Ele assume uma cena de ação maior e mais elevada, como um Mestre e um Homem ungido, tratando moralmente com os homens; e finalmente em João, Ele sobe ao mais alto, como na graça divina, na solitude e na soberania, tratando com pecadores.

Deixaremos, portanto, cada um dos Evangelhos exatamente *onde* os encontramos colocados pela mão de Deus; e os aceitamos exatamente como os encontramos sob o Espírito de Deus. A lâmpada foi acesa e colocada no castiçal. Cabe-nos apenas, pela fé, reconhecer que é a lâmpada do Senhor, para andar nessa luz através das trevas deste mundo presente, esperando por aquele mundo vindouro, do qual ela é a testemunha brilhante e infalível.

Introdução ao Evangelho de Lucas

Cada um dos quatro Evangelhos tem seu próprio propósito. Consequentemente, este evangelista, Lucas, embora escrevendo como outra testemunha das mesmas verdades divinas, dá ao seu Evangelho peculiaridade e caráter. Embora concorde com outros em testemunho geral, o Espírito de revelação tem um desígnio especial por ele.

Mas todo esse diferente serviço do mesmo Espírito pelos diferentes evangelistas não é incongruência, mas plenitude e variedade. O azeite com o qual Arão foi ungido, e que era misticamente a plenitude e virtude que repousa em nosso adorável Senhor, era composto de diferentes aromas – mirra, cálamo, cássia e canela (Êx 30). Podemos dizer que é o ofício de um evangelista após o outro produzir diferentes partes neste raro e doce composto do santuário, para contar diferentes excelências e perfeições em Jesus, o Cristo de Deus. Pois quem poderia contar tudo? Era gozo e honra suficientes para um servo, por mais favorecido que fosse com revelações tão próximas, traçar até mesmo uma delas. O santo tem o doce proveito de todos juntos; e, em linguagem preparada para ele, pode se voltar para o Amado e dizer: **"Suave é o aroma dos Teus unguentos, como unguento derramado é o Teu nome"** (ARA).

Agora, no meio desse serviço variado assim distribuído entre os evangelistas, Lucas ocupa seu lugar peculiar. Em Mateus, o Senhor encontra o Judeu como o Messias; em Marcos, Ele encontra um mundo necessitado como o Servo dessa necessidade; em João, Ele encontra a Igreja ou família celestial como o Filho do Pai, para treiná-los para seu lar celestial; mas aqui, em Lucas, Ele encontra a família humana, para falar com eles como o único Filho do Homem sancionado.

"Filho do Homem" é um título de significado muito extenso. Ele expressa o homem em sua perfeição, um homem segundo Deus.

Ele nos diz, por assim dizer, que o homem é *algo novo* em Jesus; e que n'Ele vemos toda a beleza humana ou moral possível. Mas não somente toda essa *perfeição moral é* expressa pelo título **"Filho do Homem"** quando aplicado a Jesus, mas todos os Seus *sofrimentos* e todas as Suas dignidades estão conectados a Ele como tal. Como Filho do Homem, Ele foi humilhado (Salmo 8); mas como tal, Ele também é exaltado à destra da Majestade nas alturas (Salmo 80). Como tal, Ele não tinha onde reclinar a cabeça (Lucas 9:58); mas como tal, Ele também vem ao Ancião de dias para tomar o reino (Daniel 7:13). O julgamento é confiado a Ele como tal (João 5); e como tal, Ele é Profeta, Sacerdote e Rei; Herdeiro e Senhor de todas as coisas; Cabeça e Noivo da Igreja. Como Filho do Homem, Ele tem poder na Terra para perdoar pecados (Mateus 9:6); e é Senhor do Sábado (Marcos 2:28); embora, como o mesmo, Ele tenha permanecido três dias e três noites no coração da Terra (Mateus 12:40). Ele foi o cansado Semeador da semente, e Ele será o glorioso Ceifador da colheita, como Filho do Homem. Ele foi crucificado e ressuscitado como tal (Mateus 17:9, 22-23); mas o tempo todo, como tal, teve Seu devido lugar no céu (João 3:13-14). E, como o Filho do Homem, Ele é o Centro de todas as coisas, celestiais e terrenais (João 1:51). Pois foi no homem que Deus, no passado, estabeleceu Sua imagem; e quando o primeiro homem, que era da terra, arruinou aquela imagem, o Filho de Deus Se comprometeu a restaurá-la, cumprindo no homem o propósito divino por meio do homem, colocando o homem naquela posição de honra e confiança que Deus havia providenciado para ele no passado.

Assim, este título ou nome do Senhor, **"Filho do Homem"**, é extenso, abrangendo e se ligando à Sua Pessoa, com toda a Sua tristeza, e com todas as Suas dignidades também, a não ser aquelas, é claro, que Ele possui em Si mesmo, sendo **"sobre todos, Deus bendito eternamente"**. Ele é o Homem *ungido*, o templo humano imaculado erguido no princípio pelo Espírito Santo, e então preenchido por Ele (Lucas 1:35; 4:1). Ele é o Homem *humilhado*, que trabalhou arduamente em tristeza aqui, até a

morte na cruz (Filipenses 2). Ele é o Homem *exaltado*, coroado agora com glória e honra, e em breve terá todo o domínio (Hebreus 2).

E como **"Filho do Homem"** *Ele trata com o homem;* e nessa ação, creio eu, o evangelista Lucas especialmente O apresenta a nós. Neste Evangelho Ele conversa com a família humana. Ele veio, como o Homem ungido, para exibir o homem de acordo com a mente do céu, representando o Deus bendito no meio da família humana, que havia se revoltado profundamente contra Ele. Ele era o único Justo e Imaculado; e assim, crescendo nesse meio, Ele expõe tudo em redor.

Esse era o Seu propósito. E para que Ele pudesse fazer isso perfeitamente, e exibir, em Si mesmo, o Homem segundo Deus, e, em todos ao Seu redor, o homem desviado para o mal, Ele é eminentemente o Social neste Evangelho, visto na relação humana, e em lugares públicos, carregando assim o Homem ungido a todos os lugares, para ser encontrado e lido por todos.

Seguindo esse padrão, nós O temos aqui em Lucas.

E eu poderia observar a aptidão do escritor para a tarefa peculiar que lhe foi atribuída. Pois ouvimos falar de Lucas na história divina como o companheiro do apóstolo dos gentios (Atos 16:11; Colossenses 4; 2 Timóteo 4; Filemom 24). Ele se associou no trabalho com alguém cujo ministério, eu posso dizer, não respeitava nem Judeu nem grego, mas se dirigia ao homem como tal. E, de fato, acredito que o próprio Lucas fosse um gentio. Seu nome é de caráter gentio, e ele parece ser distinguido em Colossenses 4:14 dos irmãos que eram da circuncisão.

E agora, tendo assim reunido o propósito geral do nosso Evangelho, e considerado a pessoa de seu escritor, eu o seguiria em sua ordem. Mas nada menos do que o gozo do Senhor em nós mesmos, e Seu louvor nos pensamentos de Seus santos, deveria conduzir um passo adiante mesmo em caminhos santos como esses. Deveria ser o deleite comum de todos os Seus

santos segui-Lo em todos os Seus feitos. Pois onde devemos ter nossos regozijos eternos senão n'Ele e com Ele? O que, amados, é adequado aos nossos deleites, se não Jesus e Seus caminhos? O que há em qualquer objeto para despertar alegria que não encontramos n'Ele? Quais são aquelas afeições e empatias, que comandam ou acalmam nosso coração que não são conhecidas n'Ele? O amor é necessário para nos fazer felizes? Se sim, alguma vez houve amor como o d'Ele? Se a beleza pode cativar os sentidos, não está ela em perfeição em Jesus? Se os tesouros da mente nos deleitam em outro, se a riqueza e a variedade nos preenchem e nos renovam, não temos tudo isso em sua plenitude, na mente comunicada de Cristo? De fato, amados, devemos desafiar nosso coração a encontrar suas alegrias n'Ele. Pois devemos conhecê-Lo assim para sempre. E aprender as perfeições e belezas de Sua bendita Palavra é uma das muitas ajudas que temos para promover em nossa alma essa alegria no Senhor.

Sabemos muito pouco sobre isso, se é que podemos falar pelos outros, mas que esta meditação presente sirva a esse propósito em nós, por meio do Espírito, pelo amor ao Senhor!

Será descoberto, eu acredito, muito certamente, que nosso evangelista adota o que podemos chamar de arranjo moral de seus materiais. Há, no entanto, uma bela simplicidade histórica também na ordem dos eventos. E a seguinte distribuição das partes deste Evangelho, que pode ser considerada como uma espécie de índice, mostrará isso.

Primeira Parte – Lucas 1-2
O nascimento e a vida inicial de Cristo

Segunda Parte – Lucas 3-4
Seu batismo, genealogia e tentação

Terceira Parte – Lucas 5 - 9:50
Seu ministério na Galileia

Quarta Parte – Lucas 9:51 - 19:27

Sua viagem a Jerusalém

Quinta Parte – Lucas 19:28 - 23
Sua entrada ali, e tudo o que se seguiu até Sua crucificação

Sexta Parte – Lucas 24
Sua ressurreição e seus resultados

Isso mostra a ordem geral dos eventos, e o arranjo deles é simples e belo. Mas ainda assim, nosso Senhor sendo neste Evangelho especialmente o Mestre, e tratando com homens, encontraremos grandes verdades e princípios em porções destacadas. A mera ordem do tempo é feita para produzir esse propósito moral; e meu propósito neste livro é (junto com meditações gerais), notar o que é característico.

Lucas 1-2

Posso considerar esses capítulos juntos.

E, logo no início, observo algo que é notavelmente característico. Lucas se dirige a seu amigo Teófilo. Sem dúvida, ele era seu amigo em um sentido divino, seu amado no Senhor, seu companheiro no amor de Deus, e Lucas se dirige a ele na esperança de que, por meio deste Evangelho que ele estava prestes a publicar, seu amigo e irmão Cristão pudesse se firmar e progredir em tudo o que o unia a Lucas. Mas tudo isso era em um estilo peculiar a Lucas. *Era de acordo com a graça da afeição humana;* pois ele assim atrairia Teófilo com as mãos de um homem. E, além disso, ele lhe conta sobre seu próprio conhecimento pessoal das coisas que estava prestes a escrever, o que nenhum dos outros evangelistas faz, *trazendo assim algo do estilo humano para sua santa tarefa.* Ele próprio aparece diante de nós, como tendo as faculdades e afeições de um homem exercitado sobre as coisas que o estavam envolvendo, e se dirigindo a outro sobre elas no mesmo tom.

Mas embora suas palavras tomem esse tom, e pareçam fluir nesse canal, como as comunicações de um amigo para outro, ainda assim o Espírito Santo está tão simples e plenamente em cada pensamento e palavra de nosso evangelista como se ele estivesse transmitindo aquilo que ele não tinha conhecimento pessoal algum. Davi sabia que Deus havia prometido levantar Cristo para assentar em seu trono, ainda assim ele falou da ressurreição por inspiração como um profeta (Atos 2). O próprio Senhor entregou mandamentos a Seus apóstolos, ainda assim somos informados de que Ele o fez *por meio do Espírito Santo* (Atos 1:2). E tudo isso ajuda a nos assegurar da inspiração igual e plena de toda a Escritura de Deus. Seja o Senhor comandando Seus apóstolos, ou Lucas se comunicando com seu amigo, um não é feito meramente no conhecimento pessoal que o Senhor tinha, nem o outro no conhecimento pessoal que Lucas tinha, mas vem a nós sob o selo do Espírito Santo.

Após esse discurso ao amigo, por meio de introdução, Lucas entra em seu assunto, grandioso e bendito como ele é, com toda a simplicidade possível. Nada pode ser mais perfeito em seu tempo. O tom elevado em que João começa sua santa tarefa de delinear o Filho de Deus está bem de acordo com um propósito tão elevado. **"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus"**. Ele dá aviso imediatamente de que tipo de revelação estava chegando. Mas aqui temos algo completamente diferente em estilo, mas igualmente perfeito em seu lugar. **"Existiu, no tempo de Herodes, rei da Judéia, um sacerdote"**. É como uma simples narrativa, um conto de todo dia, quando a verdade costumava ser clara e sem adornos. A mente é retida por um momento, encantada com a simplicidade disso, e ainda com a habilidade da mão divina que assim conduz os pensamentos, embora nas cenas mais profundas e maravilhosas, ainda assim tão gentilmente, por aquelas cordas cuja força o coração humano conhece tão bem. Pouco podemos imaginar aonde isso nos levará, mas o Espírito de revelação nos segura

firmemente pela mão para nos levar aonde Sua graça e sabedoria assim desejarem.

E a cena imediata é muito desse caráter também, sendo colocada no meio de empatias humanas e afeições familiares. Somos informados das circunstâncias que acompanham o nascimento do Batista e seus pais. Mas, por mais simples que tudo isso seja, há segredos nisso.

Zacarias e Isabel aparecem diante de nós como Abraão e Sara, Isaque e Rebeca, Elcana e Ana, de outros dias. Eles estavam numa posição de retidão, mas não tinham filhos. Eles estavam na mesma posição onde o último profeta de Israel havia colocado o remanescente justo, lembrando-se da lei de Moisés e andando nas ordenanças do Senhor irrepreensíveis (Malaquias 4). Mas, contudo, eles não tinham filhos e, portanto, testemunham para si mesmos que toda a sua força deve ser encontrada em Deus, que, pelo mesmo profeta, havia prometido um Restaurador. E toda essa justiça nas ordenanças era tanto uma preparação para o mensageiro prometido, quanto a aceitação posteriormente do mensageiro seria uma preparação para o Senhor do templo. A tais pessoas, portanto, agora é dado o Elias, o mensageiro prometido; e seu nascimento leva, como encontramos aqui, ao nascimento do prometido Senhor do templo (Malaquias 3), diante de cuja face ele deveria ir como o amanhecer precede a plena luz do dia.

E notamos, na maneira desses dois nascimentos, uma diferença que está de acordo com isso. João vem à luz, um filho da promessa, nascido por um dom especial de Deus renovando na mãe uma faculdade natural. Mas Jesus vem à luz, Filho de Deus, nascido, não por qualquer dotação da natureza, mas pelo Espírito Santo, completamente além da natureza. Um é filho de uma esposa estéril, o outro de uma virgem. Mas esta foi uma diferença maravilhosa. Isabel era a mãe dos salvos, Maria era mãe do Salvador. O filho de Isabel era o santificado, o de Maria, o Santificador. Essa era uma imensa distância. Um filho de uma esposa estéril sempre foi um símbolo dos salvos, ou da família de

Deus; pois nos fala da graça e do dom de Deus para aqueles que foram encontrados impotentes e carentes (Isaías 54:1; João 1:13; Romanos 9:8). Mas Ele foi o primeiro e único Filho de uma virgem; e isso nos diz que, embora participando de carne e sangue por causa dos filhos, na plenitude de Sua Pessoa Ele estava completamente acima da natureza.

Tal é o amanhecer, e tal é o dia pleno, aqui. Estes são o profeta do Altíssimo e o próprio Altíssimo; o mensageiro, e o Deus, de Israel. Até agora tudo tinha sido apenas trevas. A dispensação da lei (como um concerto de obras) tinha apenas provado que o homem era trevas, e o tinha deixado assim; e (como uma testemunha das coisas boas que viriam) tinha apenas dispensado as sombras deles, que, enquanto agiam como estrelas na noite, diziam que a noite ainda estava pairando sobre a Terra. Mas outro tempo está se aproximando agora – um tempo na qual Deus deveria aparecer, e **"Deus é luz"**.

Tal tempo é aqui introduzido, e introduzido também com todas as devidas solenidades – solenidades cheias de alegria e liberdade. Tais pessoas sempre esperam no Deus bendito quando Ele Se manifesta. Os fundamentos da primeira criação foram lançados com brados de júbilo (Jó 38:7). E essa foi a garantia do céu de que era propósito de Deus fazer Suas criaturas felizes. E este é de fato Seu propósito necessário, pois **"Deus é amor"**. E assim nestes capítulos, os fundamentos de outra criação são aqui lançados no Menino de Belém, e novamente tudo é alegria, tanto no céu quanto na Terra. Deus está reaparecendo, e deve haver gozo, pois a tristeza não pode permanecer onde Ele está. **"Majestade e esplendor há diante d'Ele, força e alegria, no Seu lugar"**. O pão do luto não pode ser comido em Seu santuário; pois o regozijo, assim como a santidade, habitam ali. Assim aqui, tudo é alegria. Hostes de anjos celebram louvores – os pastores repetem as boas novas de coisas boas – os lábios de Maria, Zacarias e Isabel são abertos para contar maravilhas da graça – a expectativa do velho Simeão é respondida – a viuvez de Ana acabou – e o próprio bebê no ventre salta de alegria. Velhos e donzelas, jovens

e crianças, todos têm sua parte neste momento de alegria mais rica do que quando as estrelas da manhã cantavam juntas. *A alegria da criação, é verdade, logo cessou, e gemidos foram ouvidos em seu lugar; pois o homem rapidamente contaminou a obra de Deus. Mas ainda assim, seus fundamentos foram lançados com cânticos. Assim aqui, essa alegria pode em breve ser silenciada neste mundo maligno, e a filha de Sião pode se provar despreparada para isso; e podemos ter que aprender que os cânticos do céu caem em um coração pesaroso e não recebem resposta da Terra; no entanto, os fundamentos disto, assim como da obra anterior de Deus, são lançados em santa alegria.*

Quão maravilhosamente, de fato, esses capítulos surgem diante de nossa vista! Uma longa e triste temporada desde os dias do retorno da Babilônia já havia passado; mas aqui a manhã rompe, os céus se abrem e os desertos de Israel são revisitados.

Quem contava com isso um dia antes? O sacerdote estava no altar costumeiro; a virgem de Nazaré em casa nas circunstâncias comuns da vida humana; e os pastores, como de costume, vigiavam seus rebanhos – quando a glória do Senhor resplandece, e alguém recém-saído da presença de Deus aparece. E Gabriel pode ficar sem reservas no lugar santo com o sacerdote, e sem relutância na pobre morada da virgem. Tais são a tranquilidade e a graça dessas visitas celestiais – felizes promessas de dias ainda mais brilhantes, ainda por vir! Mas Gabriel, o mensageiro, embora esteja no altar, não irá, como o Anjo-Jeová de antigamente (Juízes 13:20), se elevar na chama do altar; nem ele, embora esteja no templo, como Jesus-Jeová depois, falará de si mesmo como maior do que o templo. Pois ele preenche seu lugar como servo, e não assume nada mais alto.

Isso é abençoado. Tudo é abençoado. Mas esses dias terão um original ainda mais brilhante nos dias do reino vindouro: esta tranquilidade e graciosidade e esplendor e alegria serão todos mais do que conhecidos novamente. As promessas serão mais do que cumpridas. Pois este é o caminho do nosso Deus. Ele

interpretará a ação de Sua mão, e tornará tudo claro; Ele excederá as promessas de Sua graça, e tornará tudo abençoado.

Eu poderia observar também as magníficas declarações do Espírito por meio de Seus vasos e canais nestes capítulos. Que mente e afeição transbordantes irrompem dos lábios de Maria, Zacarias e Simeão. (Dizem-nos que os Judeus frequentemente escreviam sobre seu Messias sob o nome de *"o Menachem"*, ou Consolador, pois Simeão aqui é descrito como estando esperando pela **"consolação de Israel"**; isto é, pelo Messias). E tem sido pensado que isso leva o próprio Senhor a usar a expressão (falando do Espírito Santo, **"outro Consolador"**). E, oh, quão feliz, quando nosso coração pode fluir um pouco em companhia deles, e ser preenchido com até mesmo um pouco desta mesma afeição espiritual! Mas a alma conhece sua opressão muito bem.

Tal foi então o nascimento dessas duas crianças, e tal a alegria que dos céus e da Terra que o acompanharam, registradas nesses capítulos surpreendentemente belos. No desenrolar dos eventos, temos outras menções a essas crianças santas. Seu crescimento em estatura e sabedoria, enquanto ainda eram jovens, é mencionado aqui, mas apenas aqui. E isso está de acordo com o propósito do Espírito neste Evangelho que já observei. Pois o homem é assim mantido diante de nós. Esses olhares para a infância e juventude do Senhor são todos doces e comoventes em si mesmos, e de acordo com o caráter com nosso Evangelho. Ele é o Menino agora, como Ele será o Homem em breve. Em cada tempo igual e perfeitamente agradável a Deus, consagrando cada período da vida humana. Aqui o vemos em sujeição a Seus pais em Nazaré; em graça, também, com o homem, bem como com Deus. Pois tudo isso era fruto na estação própria. Ele ainda não havia sido chamado para testemunhar por Deus contra o mundo. Quando o tempo para isso chegar, nós O veremos em perfeição também, e recebendo o devido ódio dos homens, assim como Ele agora recebe o devido favor (João 7:7). Mas até agora Ele é apenas o Menino perfeito, em casa, em

sujeição aos Seus pais, agraciado com todo o bom ornamento que convinha a Alguém como Ele, e assim recomendando a Si mesmo aos corações e consciências de todos.

A diligência santa em atingir toda a sabedoria piedosa também marca esse querido e perfeito Menino. Cada ano trazia Consigo apenas o crescimento adequado. Mas o próprio Deus era Seu estudo, Seu único estudo; pois o templo, como vemos aqui, era o cenário para a exibição do que Ele vinha adquirindo nesta temporada de santa e diligente aprendizagem. Muitos correrão de um lado para o outro, e aumentarão o conhecimento de vários tipos, obtendo-o nas movimentadas escolas dos homens. Mas todo o conhecimento que este santo Menino buscava ou adquiria, era conhecimento que se adequava ao santuário. Ele não manifestou o fruto de Sua diligência nas escolas, mas no templo de Deus.

O homem, no entanto, está pouco preparado para isso, e assim encontramos isso aqui. Seus parentes na carne não entendem este Menino. Eles estão satisfeitos, talvez, que Ele tenha atrações como um Menino bom; e eles julgam que Ele viria de companhia, detido ali pelo desejo de outros de vê-Lo e observá-Lo. A vaidade de uma mãe pode sugerir isso (veja outro exemplo impressionante da mesma mente em Maria, em João 2:3). E quando eles O perdem, eles O procuram onde a carne O teria procurado. Mas Ele não estava lá. E em tudo isso, a pobre natureza humana é exposta. Na vaidade, na busca mal direcionada, no espanto e na repreensão ignorante de Maria, o homem é mostrado. Jesus, o Menino, pode agora começar a expor a natureza corrompida. **"Não sabeis?"** Ele pode dizer a eles. Certamente este Menino pode dizer: **"Tenho mais entendimento do que todos os Meus mestres, porque medito nos Teus testemunhos. Sou mais prudente do que os velhos, porque guardo os Teus preceitos"**. E doce é o conforto de tudo isso para nós. Bendito é saber que nosso Deus teve um Objeto, um Filho do Homem também, nesta nossa Terra, no Qual toda a Sua alma Se

deleitou. Isso é bendito. Mas *somente* em relação *a Jesus* isso é assim. Como um dos nossos próprios poetas disse:

"Houve um Objeto revelado na Terra
Que poderia recomendar o lugar;
Mas agora Ele se foi –
Jesus está com o Pai."

Lucas 3-4

Lucas 3

Um longo intervalo passou agora antes de chegarmos ao tempo deste capítulo. Como o de Moisés em sua juventude, como posso chamá-lo, o curso de Jesus foi interrompido pelos raciocínios e trevas da natureza. Moisés supôs que seus irmãos teriam entendido como Deus, por sua mão, os livraria, mas eles não entenderam; e sua incredulidade o separou deles por quarenta anos.

Então Jesus, o Maior que Moisés, estava tratando dos negócios de Seu Pai no meio de Israel; mas Seus irmãos não entenderam, e Ele teve que descer para Nazaré, afastado de Israel por mais uma temporada. No entanto, somente Ele pode passar por isso na mesma perfeição diante de Deus. A incredulidade do homem pode mudar o cenário, mas nada tocou o coração deste Santo. Ele desceu para Nazaré para estar em sujeição ali, ainda como um bom Menino crescendo em sabedoria como em estatura, e em graça com Deus e com o homem.

Mas aqui, neste capítulo, entramos completamente em outras cenas e tempos. Os meninos cresceram e estão maduros para serem apresentados a Israel. E justamente neste momento solene nosso evangelista faz um levantamento completo do mundo. Era uma tarefa que pertencia propriamente a ele sob o Espírito, pois o Espírito por meio dele, como eu disse, olha para o homem e trata

com o homem. Ele aqui nos que mostra toda a Terra estava quieta e sentada em repouso, pois a besta gentia tinha tudo em ordem, de acordo com sua mente (Zc 1:11). Tibério, o romano, era imperador, seus procônsules estavam em seus vários governos, a própria Judeia sendo um membro de sua força e parte de sua honra. Os sacerdotes também estavam em seu templo. Tudo na Terra, tanto quanto à sua religião quanto ao governo, era exatamente como o homem queria. Mas sob o olhar de Deus, tudo isso era um deserto; e, portanto, em vez de Ele tomar um lugar nele, e reconhecê-lo como repouso para Ele, a voz de Seu servo é enviada para despertar tudo, como Elias nos dias maus de Acabe, e para perturbar o sono do contentamento carnal no qual o homem e o mundo estavam envolvidos.

Os pensamentos de Deus não são de fato como os pensamentos do homem. O sábado do homem era agora um deserto para Ele, e Ele agirá nele como um deserto. A dispensação da lei tinha, a essa altura, testado o homem, e o encontrado irremediavelmente afastado da retidão; e João é agora, de acordo com isso, enviado para convocar o homem a tomar o lugar de um pecador convicto. Ele aponta para o remédio que estava em Deus para alguém assim, mas não o revela como já realizado e introduzido. Ele anunciou a vaidade de toda carne, descobrindo as próprias raízes dela; mas sua mão não carregou a semente de uma colheita melhor. Ele colocou a sentença de morte no homem, mas não lhe trouxe vida. Ele o colocou no pó, mas não lhe deu poder para se levantar. A vida e o poder viriam pelo Filho depois. **"João não fez sinal** [**milagre** – TB] **algum"**. Ele desafiou os violentos a tomar o reino pela força, mas não colocou diante deles uma porta aberta. **"Não era ele a luz, mas veio para que testificasse da luz".** Ele se colocou entre Israel e seu Deus, dizendo a Israel, por um lado, que todos eram carne, e que a carne era como a erva; apontando para Jeová-Jesus, Deus de Israel, por outro, como alguém que trazia Sua recompensa com Ele e fazia Sua obra diante d'Ele.

Houve uma mistura de graça e justiça em seu ministério. Ele veio **"no caminho de justiça"**, afastando-se e recusando contato com

o mundo, e assim, por sua luz, repreendendo as trevas. Ele lamentou sua geração, não comendo nem bebendo, porque ele chamava os homens para que se reconhecessem pecadores e tomassem seu lugar como tais. Mas então, ele também veio no caminho da graça, porque ele era o precursor de Jesus, e indo diante da face do Senhor para preparar o caminho da salvação e do reino. Assim, houve uma mistura de graça e justiça em seu ministério, e era claramente um grande avanço tanto sobre a lei quanto sobre os profetas. A lei havia buscado ordenar o homem na carne de acordo com a justiça; e os profetas foram enviados, em certo sentido, como um auxílio da lei, para chamar o povo de volta à obediência, para que toda ajuda e vantagem pudessem ser prestadas ao homem; e a paciência abundante de Deus foi demonstrada, na prova dessa questão, se o homem era ou não capaz de restaurar a si mesmo e permanecer em justiça. Mas o ministério de João assumiu a vaidade de todas as expectativas desse tipo, e tomou o homem como um *pecador convicto.* Mas então, tal é a ordem santa na sabedoria divina, não era um ministério tão elevado quanto aquele que foi agora introduzido. Os apóstolos, após a ressurreição, chamaram o homem para tomar pela fé o lugar de um *pecador perdoado.* E assim sobre nós a luz da graça e da salvação atingiu sua força como a luz do meio-dia, e estamos esperando apenas pela luz da glória e do reino.

Com nosso Deus, deixe-me dizer aqui, tem havido, desde o princípio, uma obra muito mais profunda e excelente do que a da *velha criação.* A velha criação foi, em certo sentido, deixada à disposição do homem. Sua fidelidade ou sua desobediência era o que determinaria sua história. Mas o conselho divino desde antes da criação havia planejado e estabelecido uma obra *no Filho e pelo Filho,* a qual nunca poderia falhar, ou ser dependente a qualquer força menor que a Sua própria. E é esse mistério que o Senhor tem diante de Si quando diz: **"O céu e a Terra passarão, mas as Minhas palavras não hão de passar"**. A criação era removível; a redenção (a obra do Verbo) é inamovível, porque o

Deus vivo uniu-Se a ela. E assim o profeta, dirigindo-se a Jesus, o Filho, diz: **"no princípio, fundaste a Terra, e os céus são obra de Tuas mãos; *eles* perecerão, mas *Tu* permanecerás"**. E assim todas as coisas que são *feitas*, são abaláveis (Hb 12:27 – AIBB), pois o próprio Deus não está unido a elas; Ele não é seu fundamento. Mas o Verbo estava com Deus, e era Deus, e Se tornou carne, parte necessária (por assim dizer deste bendito mistério de bondade eterna) da própria obra. Ele é a Videira, a principal Pedra da esquina, cabeça do ângulo. Isso dá à redenção uma glória indizivelmente mais excelente do que a criação jamais teve. E assim o Batista, no ministério que temos nesse capítulo do nosso Evangelho, diz: **"Seca-se a erva, e caem as flores, mas a Palavra de nosso Deus subsiste eternamente"** (Isaias 40). Tudo nesta obra é incorruptível. A semente da vida que ela traz é incorruptível – o corpo com o qual será revestida essa vida é incorruptível – a herança à qual ela nos introduz é incorruptível (1 Coríntios 15; 1 Pedro 1). Deus entrou pela brecha que o pecado do homem produziu na velha criação e uniu-Se à grande ruína de uma tal forma e para um tal fim que será para o louvor eterno de Seu próprio mais bendito nome e também para a assegurada permanência e imperecibilidade de Sua nova criação.

O Salmo 90 parece ser a expressão de uma alma que aprendeu algo desse mistério. O profeta olha para o próprio Deus como acima de toda força criada; ele então traça a vaidade que acompanhou a velha criação; e finalmente encontra seu alívio de tal visão na obra de misericórdia de Deus, ou a obra de redenção pelo Verbo. E isso é assim conosco, amados. A obra do Verbo, ou de Deus manifestado em carne, é o alívio de nosso coração do doloroso senso da vaidade universal ao nosso redor. O ministério de João pode levar a alma a esse senso de vaidade, mas restou a Outro nos dar esse bendito e seguro alívio em Si mesmo, e em Sua obra que permanece para sempre.

Mas isso apenas de passagem, à medida que avançamos, em conexão com o ministério do Batista que este capítulo nos dá. A genealogia do Senhor é então rastreada até as fontes da família

humana; não apenas até Davi e Abraão, como em Mateus, mas até Adão. E isso, não preciso dizer, está de acordo com a mente geral do Espírito em Lucas, como já mencionei. E a ausência de todas essas genealogias em João é, da mesma forma, inteiramente consistente. Pois as genealogias reconhecem relações humanas ou nacionais; e a preservação delas, como é feito nas Escrituras Judaicas (veja 1 Crônicas, e assim por diante), mostra um zelo pela ordem e manutenção do sistema humano. Esse sistema será sustentado no reino, quando os corações dos filhos se voltarem para os pais, e os corações dos pais para os filhos (Zc 12:10-14). Mas *somos* instruídos a não nos importar com genealogias (1 Tm 1:4; Tt 3:9); pois a Igreja não deve ser a ministra que ordena e mantém o sistema humano, mas é tomada para relações celestiais.

Antes de entrar no capítulo seguinte, gostaria de observar que a filiação de nosso Senhor como Filho de Deus é aqui reconhecida no momento de Seu batismo, como havia sido feito no anúncio de Seu nascimento anteriormente, e estaria novamente em Sua transfiguração depois (Lucas 1:35; 9:35). Mas há valor distinto em cada um desses momentos. O Filho da virgem, concebido pela sombra do Espírito Santo, deveria ser chamado de **"o Filho de Deus"**. Sua *Pessoa* foi então reconhecida. Agora, em Seu batismo, a mesma atestação é feita uma segunda vez, com esta adição: **"em Ti Me comprazo"** (ARA).

Seu *ministério* agora é reconhecido (pois Seu batismo O estava introduzindo ao Seu ministério), reconhecido como aquilo que despertaria a plena complacência divina. E isso é abençoadamente reconfortante para nós pecadores. A lei nunca foi assim aprovada, pois a lei exigia justiça. João Batista nunca foi assim aprovado, pois ele convencia o homem de sua culpa sem aliviá-lo. Mas agora que o Filho estava surgindo com graça e cura para pecadores, a mente de Deus podia descansar, pois esta era a realização do propósito de Seu próprio amor; e assim agora poderia ser dito do Filho e Seu ministério, ou do Filho em Seu batismo, ou em Sua unção que imediatamente seguiu Seu

batismo, **"Tu és o Meu Filho amado, em ti Me comprazo"**. E em breve, pela terceira vez, Ele será assim atestado, quando a glória ou reino resplandecer por um momento no monte santo. Então essa mesma atestação surgirá com esta adição, **"a Ele ouvi"**. Mas isso é igualmente perfeito em seu tempo, pois isso O reconheceu em Seu *reino* – todo joelho deve se dobrar a Ele, e a alma que não O ouvir será cortada do meio de Seu povo. Veja Atos 3:22-23. (Estas palavras, **"a Ele ouvi"**, foram uma repreensão a Pedro por colocar Moisés e Elias em igual comparação com Jesus.)

Assim, em três ocasiões – no anúncio de Seu nascimento, em Seu batismo e em Sua transfiguração, a Sua Filiação de Deus é divinamente atestada; em outras palavras, Sua *Pessoa*, Seu *ministério* e Seu *domínio* são todos reconhecidos pelo Pai; o pleno deleite de Deus repousando sobre Ele, e a plena sujeição da Terra a Ele é exigida. Deus tem todo o Seu deleite n'Ele, e a Terra deve ouvi-Lo. E depois dessas atestações pela voz do céu, a ressurreição, no devido tempo, vem para confirmar e fechar todas elas por ato e façanha, e para declarar que Jesus é o Filho de Deus **"em poder"** (Rm 1:4).

Lucas 4

Mas Satanás não podia permitir tudo isso. Jesus reconhecido como Filho de Deus, e isso, também, em conexão com a família humana, como Adão tinha sido (3:22, 38), Satanás não podia permitir. Ele não podia deixar essa reivindicação ser revivida sem contestá-la; pois por meio de sua sutileza o primeiro homem havia perdido sua dignidade. Deus havia criado o homem, e à Sua semelhança o fez; mas o homem havia gerado filhos **"à sua semelhança"**, contaminados como ele era, e não como uma raça digna de ser chamada **"filhos de Deus"**. Mas Jesus agora havia aparecido para reafirmar no homem essa dignidade perdida. O diabo deve, portanto, testar Seu título para isso; e com esse propósito ele vem agora para tentá-Lo, dizendo: **"Se Tu és o Filho de Deus"**. Esta foi uma crise entre o Homem ungido e o grande inimigo do homem. E certamente Jesus Se levantou, e Se

levantou na atitude mais elevada de um conquistador. Tudo o que havia cercado Adão, o primeiro homem, poderia muito bem ter argumentado a favor de Deus contra o inimigo. A doçura de toda a cena, a beleza daquele jardim de delícias, com seus rios que se separavam aqui e ali, os frutos e perfumes, com o serviço voluntário de dez mil criaturas tributárias, tudo tinha uma voz em favor de Deus contra o acusador. Mas Jesus estava em um deserto que não produzia nada, mas O deixou com **"fome"**, e as feras selvagens estavam com Ele, e tudo poderia ter sido alegado pelo acusador contra Deus. Tudo estava *contra* Jesus, como tudo tinha sido *a favor de* Adão; mas Ele permaneceu firme enquanto Adão havia caído. O homem do pó falhou, com tudo a seu favor; o Homem de Deus permaneceu firme, com tudo contra Ele. E que vitória foi esta! Que complacência no homem isso deve ter restaurado na mente de Deus! Para alcançar esta vitória, Jesus foi levado pelo Espírito a este lugar de batalha, pois Sua comissão era destruir as obras do diabo (1 João 3:8 – ARA). Ele agora se erguia como o Campeão (Herói – ARA) da glória de Deus e da bênção do homem, neste mundo revoltado, para testar Sua força com o inimigo de ambos, para dar provas de Seu ministério e, no mais elevado grau de louvor, Ele é mais que Conquistador.

Mas Ele foi Conquistador por nós, e, portanto imediatamente sai com os despojos daquele dia, para colocá-los aos nossos pés. Ele esteve sozinho no *conflito,* mas não estaria sozinho na *vitória.* Aquele que semeia e aquele que colhe devem se alegrar juntos. Era um antigo estatuto de Davi, que aquele que ficava com a bagagem deveria repartir com aquele que descia para a batalha. E era um decreto digno da graça do **"Amado"**. Mas um ainda melhor que Davi, Alguém não apenas com graça real, mas também com graça divina, está aqui; e, consequentemente, Jesus, o Filho de Deus, sai do deserto para publicar a paz, curar doenças, atender a todas as necessidades daqueles que eram cativos deste inimigo, e para deixá-los saber o que Ele havia conquistado para eles.

Isso nos conta o caráter da bênção que nós pecadores recebemos da mão do Filho de Deus. *Nós a recebemos como despojos de conquista.* Pelo pecado, perdemos toda a bênção da criação.

Tudo isso já foi nosso uma vez no Éden, mas nós o perdemos lá; e agora toda bênção é o fruto da vitória de Jesus. E isso dá segurança ao coração enquanto a desfrutamos, pois lemos nosso direito a ela enquanto a tomamos. O Abençoador deu a Si mesmo o direito de abençoar, pois Ele conquistou a bênção antes de conferi-la. Portanto, sabemos nosso direito de sermos abençoados por Jesus, tão certamente quanto Adão sabia que era feliz no Éden. E que dúvida ele poderia ter? Não são águas roubadas que bebemos, nem pão comido às ocultas de que nos alimentamos, mas comida conquistada pelas próprias mandíbulas do comedor, e doçura coletada do forte. Este é o caráter da bênção que o Senhor está dando a nós pecadores. São Seus próprios despojos bem merecidos. E é isso que obtemos aqui. Cheio do Espírito Santo (v. 1), Ele encontrou com o diabo em combate, para resistir e derrubá-lo; cheio do Espírito Santo ainda (v. 14), Ele encontra pecadores com bênção, para curá-los e salvá-los. E, desde esse dia no deserto, Ele esteve no Calvário com aquele que tinha o poder da morte, e ali, pela morte, o destruiu; Ele ressurgiu em ressurreição, novamente para repartir Seus despojos com os pecadores de todo o mundo; e com certeza de coração contemplamos e desfrutamos dessas gloriosas bênçãos.

Mas onde está o pecador para valorizar a bênção e se revestir com os despojos do Filho de Deus conquistador? Essa é a questão, a única questão, agora. O homem não tem apreço pela bênção, e não se importa com uma vitória e seus despojos, na qual o deus deste mundo foi julgado. A sinagoga em Nazaré agora nos mostra o que o homem é, assim como o deserto acabou de nos mostrar o que Satanás é. A bagagem com a qual ficamos é melhor, em nossa estima, do que o fruto da vitória que nosso Davi traz Consigo. Isso agora é visto em Nazaré. O desejo humano é despertado por um momento. Todos se maravilham

com as palavras de graça de Jesus, e fixam seus olhos n'Ele; mas essa corrente de desejo humano é enfrentada por uma corrente mais forte de orgulho humano que se opõe a ela, e todo esse deleite na graça de Jesus vai embora. Eles ficam atentos aos Seus lábios por um momento, mas o orgulho que sugeriu **"Não é este o filho do carpinteiro?"** dominou a atração após uma luta muito curta, e a bondade deles foi considerada como a nuvem da manhã, ou o orvalho da manhã que se vai embora.

E assim é, amados. A inimizade para com Deus e Seu Ungido sairá vitoriosa no coração do homem, sempre que um conflito como esse for levantado de forma clara. Quando é simplesmente entre o mero deleite humano ou admiração por Jesus, e a força da natureza, esta cena na sinagoga de Nazaré nos diz qual será o fim da luta. A bagagem que temos no coração, ou na casa, são mais ouvidas do que a bênção de Deus. Antes, o homem vendeu essa bênção por trinta moedas de prata, e até mesmo por um prato de lentilhas. E este é um pensamento solene. Aquele que confia em seu próprio coração é um tolo (Provérbios 28:26 – TB), pois Deus não pode confiar nele. Não há nada no homem em que Deus possa confiar. Alguns creram quando viram os milagres que Jesus fez, mas Jesus não confiava neles.

Nada do homem natural servirá. **"Necessário vos é nascer de novo". "Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé"**. As resoluções cairão diante das tentações, e as amarras do homem serão rompidas por Satanás. Somente a comunhão com Deus na verdade, por meio do Espírito, manterá a alma; a força nativa do mais determinado se despedaçará.

Mas este capítulo nos mostra também que o amor do Filho de Deus não se cansaria nem se desgastaria; pois, deixando Nazaré, Ele desce para Cafarnaum com os mesmos despojos de guerra. Seu amor era mais forte do que toda repulsa então, como, desde então, provou ser mais forte do que a morte. **"O amor nunca falha"**. E o Filho de Deus ainda está passando por este mundo de pecadores com esses mesmos despojos, tão frescos como se

tivessem sido recolhidos ontem, para saber quem se regozijará neles com Ele.

Tal é esse capítulo, que abre o ministério do Filho de Deus, segundo Lucas; e como nesse Evangelho Ele está especialmente tratando com o homem, temos aqui imediatamente exibido de forma impressionante para nós o que o homem é. Como o desenho do pregador. **"Houve uma pequena cidade em que havia poucos homens, e veio contra ela um grande rei, e a cercou, e levantou contra ela grandes tranqueiras. E vivia nela um sábio pobre, que livrou aquela cidade pela sua sabedoria, e ninguém se lembrava daquele pobre homem"**. A sinagoga em Nazaré prova tudo isso contra os cidadãos deste mundo.

Lucas 5 – 9:50

Lucas 5

Entramos agora no capítulo 5, cujos materiais, geralmente, encontramos em outros Evangelhos. Eu notaria especialmente apenas o que é característico.

Posso observar novamente que nosso evangelista não está muito ocupado com meras circunstâncias (como a ordem do tempo e coisas semelhantes), porque ele trata mais com homens e com princípios. E assim seria entre nós. Se alguém estivesse narrando a outro alguns acontecimentos para familiarizá-lo com os eventos, ele teria o cuidado de anotar com precisão os detalhes de tempo e lugar; mas se ele estivesse usando os eventos apenas com o propósito de ilustrar princípios ou reforçar verdades, ele seria menos cuidadoso quanto a tais coisas. Assim, temos uma cena neste capítulo que, em termos de tempo, precedeu muito do que já tivemos no capítulo anterior. O chamado de Simão para ser um pescador de homens, por exemplo, na verdade precedeu a cura da sua sogra; mas aqui o chamado vem depois (veja Mateus 4; 8; Marcos 1). Mas isso não importa para Lucas. Seu propósito não é

determinar o que veio primeiro, mas nos dar princípios; dar-nos Deus e o homem. E, consequentemente, embora ele seja indiferente às circunstâncias, revela, no chamado de Simão, grandes princípios morais que os outros evangelistas não registraram.

E realmente essa revelação é impressionante. Ela nos dá uma visão do homem sendo realmente trazido sob o poder de Deus. Não havia nada em uma pesca abundante, mesmo que fosse tão grande e inesperada quanto pudesse ser, que naturalmente se conectasse com a convicção do pecado. Mas no caminho de Deus havia. Pois é sempre a descoberta de Deus que leva ao arrependimento ou à verdadeira convicção do pecado. É somente na luz de Deus que podemos nos conhecer devidamente. Era o julgamento comum de todos aqueles que, antigamente, possuíam o temor de Deus, que não podiam vê-Lo e viver. Eles carregavam essa consciência com eles desde que Adão se retirou da presença de Deus entre as árvores do jardim. Manoá julgou que ele deveria morrer porque tinha visto Deus. Gideão esperava o mesmo. Ezequiel caiu prostrado no chão, e a formosura de Daniel foi transformada em corrupção quando eles entraram em contato com a glória. Isaías aprendeu a impureza de seus lábios, quando viu o Rei, o Senhor dos exércitos. Isso era conhecerem a si mesmos corretamente, não por si mesmos nem entre si mesmos, mas por Deus. Eles descobriram que estavam aquém ou destituídos da Sua glória (Rm 3:23).

Assim acontece agora com Pedro. A glória tinha chegado muito perto dele. Outros poderiam não tê-la percebido. O que era uma grande pescaria para pescadores comuns senão um arremesso de sorte? Mas um pequeno assunto falará grandes coisas no ouvido de uma alma que Deus está guiando. Um buraco na parede é o suficiente para mostrar a um profeta grandes abominações; e para tal uma nuvem não maior que a mão de um homem está cheia das obras e louvores de Deus. Aquele que podia comandar a plenitude do mar estava agora diante de Pedro. Uma pesca abundante é agora a glória para um pecador guiado

pelo céu; e assim que a glória está ao seu lado, como esteve em outros no passado, Pedro aprende sobre si mesmo. Seus olhos veem Deus, e Pedro abomina a si mesmo no pó e nas cinzas.

Este conhecimento de nós mesmos pela luz de Deus forma o princípio do arrependimento. Podemos ler muitas páginas manchadas em nossa história, e ficar tristes e envergonhados disso; mas ler a nós mesmos à luz da glória e presença de Deus leva àquele arrependimento que o Espírito opera. Aprendemos que somos morenos, quando o Sol resplandece sobre nós (Cantares 1), quando o resplendor ardente da glória se levanta sobre nós, como aqui sobre Pedro.

E deixe-me acrescentar que, assim como aprendemos a nós mesmos dessa maneira, também aprendemos a Deus. Assim como minhas transgressões e loucuras podem me dizer muito sobre mim mesmo, mas não me conhecerei devidamente e completamente até que me veja na luz da glória de Deus, assim as obras de Deus podem me dizer muito sobre Ele, Seu poder e Divindade, mas não O conhecerei realmente como Ele é até que O veja pelas trevas da minha própria iniquidade. Então é que aprendo Deus de fato, quando O vejo na face de Jesus Cristo, provendo para mim, um pecador, e removendo minhas trevas e vergonha para sempre nas abundantes riquezas de Sua graça. Foi assim que Adão aprendeu a Deus. Os seis dias de trabalho da mão de Deus não deram a Adão tudo o que Deus tinha para ele, nem disseram a Adão tudo o que Deus era para ele. Foi sua transgressão que extraiu todo o tesouro. **"Ele esmagará tua cabeça, e tu Lhe esmagará o calcanhar"** (JND), era a palavra que contava o que Deus era. A Semente da mulher era um segredo que a criação não havia declarado; era um tesouro mais rico do que todo o fruto do Éden, o qual, a graça abundante sobre o pecado e não o trabalho das mãos criadoras, havia tornado de Adão. Adão então aprendeu Deus de fato, e o pecador assim O aprende agora. E esta é a sequência do mistério da morte e da vida – aprendemos a nós mesmos, todas as trevas que somos, na

luz da glória divina; aprendemos a Deus, toda bondade que Ele é, pelo mal do nosso próprio pecado.

Benditas verdades são estas às quais nosso evangelista aqui nos conduz. A cena é peculiar a ele, mas totalmente no caminho do Espírito, que por ele traça nosso Senhor como o Grande Mestre, lidando com os corações e consciências dos homens, e com verdades e princípios. E sobre esta cena eu observaria ainda, que o fato de os barcos quase irem a pique aqui não foi motivo para Pedro ficar alarmado, como foi depois (Mt 14). Aqui ele não sente, ou pensa sobre isso, pois sua alma estava cheia de outros pensamentos, e seus olhos completamente com outros objetos, de modo que ele não tinha lugar para pensamentos de si mesmo, ou para o medo. Pois esta é a verdadeira cura da dúvida e do medo e de toda confusão. E que pena que este novo senso da plenitude que está em Jesus deva sempre esfriar. Foi *depois* disto que Pedro temeu as águas, porque foi *depois* disto que sua visão estava menos ocupada com Cristo. Oh, a vergonha e a tristeza de tudo isto! Mas também não falharam os mais brilhantes dos nossos companheiros, queridos irmãos? Até mesmo Davi, que está entre nós (os redimidos do Senhor) em um lugar tão querido e honrado, quando um jovem na batalha, podia dizer até mesmo a um gigante: **"Hoje mesmo o SENHOR te entregará na minha mão"**; mas *depois* disse em seu coração: **"Ora, ainda algum dia perecerei pela mão de Saul"**. Que bom para nós, de fato, que Alguém permaneceu na vida e na morte para o perfeito agrado e louvor de Deus. A mão de Saul, que Davi temia, não era tão grande quanto a mão de Golias, que Davi desprezava; mas então, Cristo não era tão grande e pleno diante dos olhos da fé de Davi depois, como Ele tinha sido antes no vale de Elá.

Mas não entro nos detalhes adicionais deste capítulo. Nós os temos de forma geral em outros Evangelhos. Há, no entanto, no final dele, algumas palavras que são peculiares ao nosso evangelista, e que eu, portanto, gostaria de observar. **"Ninguém, tendo bebido o velho, quer logo o novo, porque diz: Melhor é o velho"**.

Isto ainda está no caráter deste Evangelho, pois ele revela outro grande segredo na natureza humana, *o poder dos hábitos e associações do homem*, que, humanamente, tanto impede a operação de Deus em sua alma. Temos bebido o vinho *velho* (aquele que a carne tem nos fornecido desde o nosso nascimento), e nosso apetite pelo vinho *novo* (aquele que o Filho de Deus trouxe Consigo) está estragado. Todos nós estamos conscientes disto. **"Pode o etíope mudar a sua pele ou o leopardo as suas manchas?"** diz o profeta. **"Nesse caso também vós podereis fazer o bem, sendo ensinados** [**acostumados** – ARA] a **fazer o mal".** E aqui o Grande Profeta, em sabedoria semelhante, nos adverte, que **"ninguém, tendo bebido o velho, quer logo o novo"**.

E essa é, amados, uma solene advertência. Que todas as coisas são possíveis para Deus, é a coisa mais verdadeira, e Ele dá mais graça. Mas ainda assim fazemos bem em tomar cuidado para não nos deleitarmos no vinho velho. Cada pensamento que permitimos, cada desejo que nos concedemos, tem o sabor do velho ou do novo. É um gole (por menor que seja), mas ainda assim é um gole de um ou de outro. E isso deixa uma palavra solene atrás de si no coração e na consciência de cada um de nós. Em que você está pensando? O que você está saboreando agora? Podemos dizer à nossa alma ao longo do dia. É provisão para a carne que você está fazendo? Ou é uma caminhada no santuário? Vem do céu ou do inferno? E muitas vezes o santo tem que aprender, para sua tristeza e vergonha, no final, o tipo de provisão que ele estava fazendo pelo caminho. O patriarca não estava embriagado inicialmente, mas ele se tornou um lavrador, plantou uma vinha e então bebeu do vinho. A alma pode responder indignada **"É teu servo um cão, para fazer essa**... **coisa?"** (JND); mas se os temperamentos ocultos do cão forem permitidos, sua fúria ativa irromperá com o tempo. **"Andai no Espírito"**, é a segurança divina, **"e não cumprireis a concupiscência da carne"**. E certamente, amados, um pouco dessa caminhada deve nos capacitar a mudar o discurso e dizer:

O novo é melhor. É isso que nosso bendito Senhor deseja. O hábito santo e vigilante de negar a carne, seus temperamentos e suas concupiscências, manterá o apetite fresco e pronto para este vinho novo e melhor; e que a mão gentil e forte do Espírito conduza nossa alma diariamente a tudo isso!

Lucas 6

Aqui temos novamente o que temos em Mateus e Marcos. Mas observo que a nomeação dos apóstolos é feita *após a oração;* e isso não é notado pelos outros evangelistas. Como, também, em outras ocasiões, essa mesma menção do Senhor em oração é peculiar a Lucas. Mas isso ainda nos mostra que o Senhor está diante de nós mais como *um Homem*, do que como um Judeu, ou como o Filho de Deus. Pois um Judeu, considerado como estando sob a lei, não era propriamente chamado a orar, pois a lei o colocava em sua própria força; mas a oração sendo a expressão de dependência, é o primeiro dever de uma criatura como o homem, que deve aprender a esperar em Deus como sua suficiência e força.

Esta ordenação dos Doze os vinculou, de agora em diante, de maneira peculiar, em torno da Pessoa do Senhor. Pois eles deveriam estar com Ele (Marcos 3:14). Sobre o qual, no entanto, eu sugeriria um pensamento ou dois, que acredito que a alma pode usar para santo proveito.

Há uma diferença entre intimidade e familiaridade. Posso estar familiarizado com a condição e as circunstâncias em que outro comumente anda, mas ter pouquíssima intimidade verdadeira com ele mesmo – como no caso dos servos. E isso tem sua forte ilustração na história do Senhor.

O centurião, a siro-fenícia, ou Maria, a irmã de Lázaro, estavam comparativamente pouco com Ele. Eles não são vistos em companhia d'Ele onde quer que Ele fosse, mas cruzam Seu caminho, para dizer o máximo, apenas ocasionalmente. Mas quando são levados a tratar com Ele, eles o fazem com a

inteligência mais brilhante e abençoada. Eles mostram que O *conhecem* – Quem e o que Ele realmente é. Eles não cometem erros sobre Ele; enquanto até mesmo os apóstolos, que estavam com Ele dia após dia revelavam, repetidamente, a ignorância e a distância da mera natureza.

Não há uma lição nisso para nós? Não há um medo, de que a familiaridade *com as coisas de Cristo* seja muito maior do que o verdadeiro conhecimento *d'Ele mesmo* por parte da alma? Eu posso estar frequentemente, por assim dizer, lidando com essas coisas. Posso estar lendo os livros que falam sobre Ele. Posso estar ocupado nas atividades que têm Seu serviço como objetivo. Posso falar, e ainda, escrever sobre Ele, enquanto outros, como o centurião, podem estar bem afastados de tudo isso; mas seu crescimento no conhecimento divino e no vivo entendimento d'Ele pode ser muito mais avançado. Saul tinha Davi por perto, em sua casa mesmo, a seu comando, como seu menestrel, quando ele precisava dele ou o desejasse; mas Saul não conhecia Davi.

Certamente esta é uma lição para nós, amados. A multidão que acompanhava o Senhor e observava Seus passos deve ter sido capaz de dar até mesmo a Maria de Betânia, se ela tivesse buscado, muitas informações sobre Ele. Centenas na terra, assim como os Doze, poderiam ter contado a ela o que Ele estava fazendo, por onde Ele estava peregrinando, os discursos que Ele havia proferido e os milagres que Ele havia realizado. Informações como essas eles tinham em abundância, e ela as possuía apenas de maneira esparsa, a não ser quando ela era devedora a eles por isso. Mas tudo isso, eu não preciso dizer, os deixou muito atrás dela no verdadeiro conhecimento d'Ele. E não é assim ainda? Quantos de nós podemos dar informações sobre as coisas de Cristo e responder perguntas corretamente, enquanto a alma do instruído se assenta e se deleita com as mesmas coisas de forma muito mais rica. Pois o conhecimento que uma Maria pode extrair a partir do relato de uma multidão, até mesmo dos lábios dos apóstolos, muitas vezes se torna outra coisa para ela, do que havia sido anteriormente para eles. Uma pobre estranha,

caminhando de forma modesta, mas ainda assim sincera, em direção a Jesus, no meio da multidão, pode envergonhar os pensamentos daqueles que tinham o direito de estarem mais próximos d'Ele; sim, do próprio Pedro (Lucas 8:45).

Não precisamos tanto cobiçar informações sobre Ele, mas sim de poder para usar divinamente aquilo que sabemos; para transformar isso, por meio da energia do Espírito, em uma questão de comunhão e de alimentação e vivificação das nossas afeições renovadas. Então, e somente então, será aquilo que nosso Deus gostaria que fosse. Colossenses 3:16 pode nos ensinar que, enquanto indagamos por conhecimento e acumulamos a palavra de Cristo, o material de toda sabedoria, devemos cuidar para nutrir as afeições mais simples da alma. O salmodiar no coração deve ser a companhia da palavra de sabedoria e conhecimento que habita em nós (Ef 5:19). Se não for assim, o conhecimento será insuficiente em seu sabor e em seu poder de revigorar tanto a nós mesmos quanto aos outros.

Ao mesmo tempo, deixe-me dizer, isso não deve nos levar a desistir da ação, ou, se for o caso, da companhia diária com os interesses e o povo de Jesus no mundo. Perfeição é a semelhança com Ele mesmo; e naquele Padrão vivo vemos isto – ocupado em serviço onde ou quando uma necessidade o chamasse, mas o tempo todo, em espírito, no profundo senso da presença de Deus. Somente aqui está o caminho que é totalmente de acordo com o Grande Original. Como alguém docemente diz, pressionando a alma com essa graça da comunhão combinada com o serviço – *"Como uma criança, atenta ao que Tu irás dizer, Vá em frente e Te sirva enquanto é dia, Nem deixe meu doce retiro."*

Isto, porém, somente quando passarmos adiante – se o Senhor nos der algum proveito com isso.

As santas instruções que obtemos no progresso deste capítulo são encontradas no sermão do monte em Mateus. Não precisamos determinar se o Senhor as entregou em duas

ocasiões diferentes, uma das quais nos é dada por um evangelista, e a outra pelo outro, ou se a mesma ocasião é registrada de forma diferente por eles. [No entanto, tem sido observado por outros que o sermão em Mateus foi proferido num *monte*, e esse num *lugar plano* (Mateus 5:1; Lucas 6:17). E são dados exemplos do Senhor pregando as mesmas coisas em momentos diferentes. Compare Mateus 9:32-34; 12:22-24; 16:21; 17:23; 20:17-19]. O Espírito, estou certo, planeja fornecer um propósito mais geral em Lucas do que em Mateus. Em Mateus, as palavras do Senhor são registradas, como se Ele estivesse Se dirigindo muito particularmente a um ouvido Judeu. Há instruções ali que, exclusivamente, posso dizer, alcançariam a consciência de um Judeu, despertando em sua mente a lembrança da lei e dos profetas. Estas são omitidas aqui, e o Senhor fala como tendo *o homem* diante d'Ele. Aquilo **"que foi dito aos antigos"**, o que era **"a lei e os profetas"**, erros em jejuns, esmolas e orações, que tanto prevaleciam entre os Judeus, não recebem nenhuma atenção aqui; mas tudo o que era moral, aplicando-se ao coração e à consciência do homem, recebe. (As advertências contra a cobiça, que, é claro, são desse caráter geral ou moral, são uma exceção a isso, pois embora sejam encontradas em Mateus, são omitidas aqui. Mas descobriremos que são assim omitidas, apenas para trazê-las à tona em outro lugar deste Evangelho, em conexão com outras cenas e verdades que eram moralmente mais adequadas a elas. Veja Lucas 12).

E isso é assim de acordo com a mente d'Aquele Mestre perfeito, cujas instruções são aqui e ali transmitidas de forma tão variada. Ele foi enviado para a circuncisão, é verdade. Ele não podia, no ministério real, passar a fronteira Judaica, mas Ele podia *ver* o homem através do Judeu; e foi do agrado do Espírito Santo nos mostrar, por Lucas, a mente do Senhor alcançando e apreendendo o homem dessa maneira, lidando com o *humano*, e não meramente com a consciência e afeições *Judaicas*.

Lucas 7

Este capítulo começa com outro exemplo, em nosso evangelista, de desconsideração de meras circunstâncias e ordem de tempo; pois o lugar que o caso do centurião preenche neste Evangelho não é de acordo com o que ocupa nos outros.

Há também, nesta narrativa, detalhes peculiares e característicos. Assim, aprendemos aqui sobre o fato de ele ter enviado os Judeus ao Senhor em seu favor, uma circunstância que Mateus não menciona. Isso ocorre porque Mateus, escrevendo mais diretamente para os convertidos Judeus, não registraria esse aspecto do caso, pois poderia alimentar o antigo orgulho nacional; ao passo que Lucas, escrevendo mais para os gentios, desejaria que eles se lembrassem do antigo favor em que os Judeus uma vez estiveram diante de Deus. Ambas essas abordagens tinham seu valor moral, que o Espírito certamente levaria em consideração. Então, com uma intenção moral semelhante, Lucas não menciona o comentário do Senhor sobre a fé deste gentio, como Mateus o faz – o evangelista Judeu menciona isso, pois poderia ajudar a conter o surgimento de um orgulho Judaico; já o outro não menciona, pois poderia ajudar a despertar um sentimento semelhante na mente de um gentio.

Essas distinções me parecem perfeitas em seu lugar. E então temos (e somente aqui) o caso da viúva de Naim, um caso que afeta tão ternamente o coração humano, que ele está apropriadamente sob o conhecimento do Espírito em Lucas. Pois no estilo de alguém que estava olhando para o homem, e suas tristezas e afeições, nosso evangelista nos diz que o jovem que havia morrido era **"filho único de sua mãe, que era viúva"**; e novamente, quando o Senhor o ressuscitou, que Ele **"entregou-o à sua mãe"**. Esses são traços e toques, bem de acordo com os tons humanos que têm sua corrente feliz e graciosa através da mente do Senhor neste Evangelho. E a pequena palavra **"único"** é peculiar a Lucas. Ela é usada no caso da filha de Jairo, e do homem cujo filho estava possuído por um espírito maligno, e aqui

no caso da viúva de Naim. E tal palavra apelaria ao terno coração do Filho do Homem, e é amável e tocante em seu lugar. Quem dera pudéssemos captar mais do mesmo espírito terno, enquanto nos deleitássemos ao descobri-lo em Jesus!

E não posso deixar de notar, em conexão com este capítulo, o que me impressionou nos Evangelhos – a facilidade com que nosso Senhor permitiu que o véu d'Ele caísse diante da demanda da fé. Antigamente, quando foi solicitado a um rei de Israel que curasse um homem de sua lepra, ele rasgou suas roupas e disse: **"Sou eu Deus, para matar e para vivificar?"** Mas Jesus, o desprezado Galileu, em todo o repouso e certeza da glória consciente, vira-Se imediatamente para dizer: **"Quero: sê limpo"**. A glória do Deus de Israel resplandeceu então sem distração, quando a fé rasgou o véu. Então aqui – a fé de um gentio apela a Ele como o Senhor do céu e da Terra, que uma vez disse em uma palavra: **"Haja luz, e houve luz"** e agora poderia apenas dizer **"uma palavra"**, e o servo do centurião seria curado; e imediatamente, com a mesma facilidade, a glória divina irrompe novamente. Nenhuma perturbação, como se algo estranho estivesse sendo feito; era apenas olhar através da nuvem novamente, era apenas deixar o véu cair, para que "o Sol criador da vida", o semblante do próprio Deus, pudesse aparecer em poder e graça. Qualquer coisa que pertencesse a Deus não era grande demais para Jesus, quando a fé O descobria. Mas, a não ser pela fé, Ele velou a Si mesmo; pois Ele veio, o esvaziado Filho de Deus, para expiar os pecados e nos levar para casa, para Aquele de quem havíamos nos afastado em orgulho. A fé, por assim dizer, O intitulava a Se conhecer novamente por um momento; e esse deve ter sido um momento bendito para Ele. Mas, de outra forma, por amor a nós, Ele Se recusou a Se conhecer neste mundo mau e apóstata, dizendo: **"Minha bondade não se estende a Ti"** (Sl 16:2 – JND).

Este capítulo então apresenta a missão de João Batista ao Senhor, o que acredito ser um assunto de grande interesse e significado.

João tinha, muito antes disso, testemunhado a Pessoa do Filho de Deus. Quanto a isso ele não tinha dúvidas. Mas parece que ele não estava preparado para todos os resultados de ser a testemunha do Senhor. Como Moisés em seus dias. Moisés era o ministro de Deus, e tinha a condução do arraial através do deserto. Mas ele ficou impaciente sob a acusação, e diz: **"Concebi eu, porventura, todo este povo? Gerei-o eu para que me dissesses que o levasse ao colo?"** A fraqueza de sua mão para segurar a glória se revela, e setenta outros são estabelecidos para compartilhá-la com ele. Mas embora ele seja assim repreendido no lugar secreto do Senhor, ainda assim diante dos outros seu Senhor o vindicará; de modo que, imediatamente depois, Arão e Miriã são colocados para sinalizar reprovação por não terem medo de falar contra ele (Números 11-12). Assim também aqui com João Batista. João revela a fraqueza comum, e é escandalizado em Cristo. Como Moisés, ele se torna impaciente, não estando preparado para todo o custo e encargo de ser prisioneiro do Senhor, bem como ministro. Ele sabia que Jesus era o Filho de Deus, assim como Moisés sabia que Jeová era o Redentor de Israel; mas como os murmúrios do acampamento tinham sido demais para um, assim a prisão e as injúrias de Herodes agora provam ser demais para o outro; e João, como Moisés, deve ouvir uma repreensão em segredo: **"Bem-aventurado aquele que em Mim se não escandalizar"**. Mas diante dos homens também, como Moisés, ele permanecerá graciosamente aprovado por seu divino Mestre. **"Entre os nascidos de mulheres, não há maior profeta do que João Batista"**.

Este é o caminho constante do Senhor. Ele feriu Israel repetidas vezes nos lugares secretos do deserto, mas diante de seus inimigos Ele era como Aquele que não tinha visto iniquidade neles. Muitas questões foram resolvidas entre o Senhor e o arraial quando estavam a sós, mas no julgamento dos ímpios eles não deveriam entrar. E assim estão os santos agora sob o julgamento

do Pai, mas o julgamento futuro não os aguarda. Naquele dia eles devem ter ousadia.

Assim, João aqui prova a fidelidade e a graça de seu bendito Mestre. E depois que o Senhor assim o defendeu e honrou diante daquela geração, Ele Se volta para dar a eles o caráter que eles haviam conquistado pelo tratamento que deram a João e a Ele mesmo. E o que é isso, senão uma revelação de nós, de que o homem é uma criatura que Deus não pode curar? Deus agora estava fazendo prova completa dele, dirigindo-se a ele por diferentes ministérios, mas o homem não tinha resposta para Deus. Quando Ele lamentou para ele, o homem não tinha lágrimas; quando Ele tocou flauta para ele, o homem não tinha dança. O coração humano não foi encontrado como instrumento para o dedo de Deus. Tudo estava desafinado, quando *Deus* o experimentou. Inteligência, zelo e ação estão lá a mando e despertando outras influências, mas nada estava lá para *Deus.* Ele havia levantado um tom solene pelo Batista, que veio não comendo nem bebendo, e depois um tom mais alegre pelo sociável Filho do Homem; mas não havia música no coração do homem para Deus. Isso foi agora provado após o teste das mãos mais hábeis. Pois todas essas tentativas estavam provando a habilidade do tocador, de modo que a sabedoria permaneceu **"justificada por todos os seus filhos"**. O que poderia ter sido feito mais do que foi feito? **"Nós vos tocamos flauta, e não dançastes; cantamos lamentações, e não chorastes"**.

Depois dessa solene palavra, nosso evangelista nos leva a outra cena – a casa de um fariseu, onde o Senhor tinha ido, a convite, para jantar. Pois nosso Senhor neste Evangelho é eminentemente o *Social* – Social como um Homem, para conversar com os homens. Portanto, nós O encontramos aqui, como já observei, mais frequentemente do que nos outros Evangelhos, assentado para refeições nas casas de outros, sejam eles quem forem, pois ali Ele poderia encontrar a mente relaxada e livre para que ela se mostrasse.

Esta cena na casa do fariseu é de grande valor moral. Ela nos mostra que nada nos introduz correta ou realmente a Jesus, a não ser nossos pecados. Admirá-Lo como um Mestre, ou como um Fazedor de milagres, nunca nos lançará em Seu caminho de acordo com Deus. É somente o pecado e o senso dele que podem realmente nos introduzir ao Filho de Deus; pois Ele é um Salvador, e enviado a nós pelo Deus bendito como tal. Nicodemos foi levado a Ele como um Fazedor de obras poderosas; mas Nicodemos deve nascer de novo, deve ter outros pensamentos sobre Ele, antes que ele possa ir a Ele de maneira apropriada. Então, vemos aqui, este fariseu. E é claro que não foi como um pecador que ele O conheceu. Ele havia sido atraído, atraído amigavelmente também, por algo que ele tinha visto ou ouvido falar d'Ele, e ele prepara um banquete para Ele. Mas há outra pessoa na casa que O alcança por um caminho completamente diferente. Ela é uma mulher da cidade, uma pecadora, e seus pecados a trazem a Ele, e ela prepara outro banquete para Ele; e é no banquete dela, e não no do fariseu, que o Senhor realmente Se assenta. As lágrimas, unguento e beijos dela são o banquete ao qual o Filho de Deus Se assenta, enquanto toda a mais custosa provisão do anfitrião é ignorada.

Isto é muito abençoado. É o pecador que realmente proporciona o banquete e a companhia para Jesus. Nem a mesa nem os amigos do fariseu eram adequados para Ele. É somente a fé que O apreende como o Salvador que pode preparar uma mesa para o Filho de Deus neste mundo desértico. E observo em cada lugar onde a conversão de Levi, o publicano, é registrada, que somos informados imediatamente depois que ele preparou uma refeição para o Senhor em sua própria casa. Pois ele era um daqueles a quem Jesus desceu dos céus resplandecentes para encontrar. Ele era um publicano, um pecador reconhecido e declarado no mundo; e Jesus era o Salvador. A fé de tais, portanto, abriu a porta e O entreteve, fez com que Ele fosse bem-vindo em Seu próprio caráter, enquanto todo o resto apenas O manteve do lado de fora.

É nossa alegria saber disso e crer nisso. E quando começamos como pecadores com um Salvador, nossa jornada é maravilhosa e gloriosa além de todo pensamento; pois nossos pecados nos levam a Cristo, e então Cristo nos leva ao Pai. E que caminho é esse! Ele se estende desde os lugares mais tenebrosos e distantes da criação, onde o pecado e a morte reinam, até os céus mais altos, onde o amor e a glória habitam e brilham para sempre. Os anjos têm sua própria esfera imaculada para se mover, mas eles nunca trilharam um tal caminho como este. A Igreja passa das trevas de um pecador para a luz maravilhosa de Deus, e não houve nada parecido com isso; e ninguém, a não ser um pecador consciente do valor do Filho de Deus, pode entender isso. E vejo, a partir dessa cena impressionante, que esse caráter de um pecador salvo pela graça do Filho de Deus, é lembrado até o fim. Esta mulher amou muito, mas seu amor não serviu para ela como pecadora; pois no final o Senhor lhe diz: **"A tua *fé*** (não teu amor) **te salvou; vai-te em paz"**. Isso deve ser muito observado por todos nós, pois é muito reconfortante. O fruto do nosso amor pode ser honrado diante dos outros, como aqui as lágrimas e o unguento desta pobre mulher são reconhecidos diante do fariseu. Um copo de água fria não perderá sua recompensa, se dado por amor a Cristo. Mas diante da consciência do pecador nada é reconhecido, a não ser o sangue e a fé que nele repousa. É a fé, e não o amor, que nos envia em nosso caminho com o eunuco regozijando, ou nos ordena, com esta pobre mulher, a ir em paz. E é doce, portanto, ser lançado em Jesus, e sobre Ele somente. Que a alma seja tão elevada, o andar tão brilhante e imaculado, e o amor tão brilhante, quanto eles possam ser, que a experiência seja tão rica e variada quanto a de Davi ou Paulo, ainda assim Jesus, Jesus, é o único Salvador. Jesus primeiro envia em paz, e a *primeira* confiança e gozo devem ser mantidos firmes até *o fim.*

Não posso, no entanto, fechar esta parte do nosso Evangelho, ou abandonar esta casa do fariseu, lugar frutífero como é, sem dar outra olhada nela. Pois me parece ter sido um lugar onde o grande conflito que tem sido frequentemente travado, o conflito

entre a carne e o Espírito, ou entre as duas esposas, a escrava e a livre, foi novamente testemunhado.

Por transgressões, como a de Adão, a criatura assumiu força independente de Deus; e, portanto, ao restaurá-la, Deus deve ensiná-la que somente Ele é soberano, e que toda força da criatura precisa falhar. E esta é a lição que a lei e o evangelho juntos ensinam; pois a lei, testando o homem, mostra a vaidade da confiança na carne; o evangelho, revelando Deus, mostra a segurança da confiança n'Ele. E o mistério das duas esposas ensina o mesmo. Agar tinha força na carne, mas sua semente não era a herdeira. Leia tinha força e título na carne, mas seu filho não se destacou, mas perdeu o direito de primogenitura. Penina tinha força na carne, mas nenhum filho dela livrou Israel de sua miséria e opressão. Por outro lado, toda bênção e honra estavam com os filhos da promessa. Isaque causou risos, e foi ele em quem a casa de Abraão foi estabelecida. José obteve o direito de primogenitura, e, assim que José nasceu, Jacó falou em retornar à sua herança, pois **"se**... **filhos**... **logo, herdeiros também"**. Samuel encheu o coração e os lábios da mãe com um cântico, e foi nutrido até que levantou Israel do pó, recuperou a glória das mãos do inimigo e levantou a pedra de ajuda no meio do arraial. E todas essas coisas nos ensinam, assim como a lei e o evangelho nos ensinam, que pela força nenhum homem prevalecerá. **"Despediu vazios os ricos"**, o arco dos fortes foi quebrado, mas a pobre serva é lembrada, e aquela que era estéril dá à luz sete filhos.

Essa é a lição que Deus está nos ensinando; a lição necessária em um mundo como o nosso, onde a criatura se afastou de Deus em orgulho, na presunção de força querendo ser Deus. Portanto, o Senhor Deus está sempre dizendo: **"Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito"**.

Esse é o conflito neste nosso mundo, e aquilo que é da carne ou do homem sempre lutou com o que é de Deus ou do Espírito, e esta luta nós temos exibido desde tempos muito antigos, e ainda

a temos. A casa das duas esposas, à qual me referi, constantemente a apresentou. A de Abraão testemunhou muito especialmente. Ali Agar e Sara por um tempo moraram juntas, mas em discórdia e conflito. A família de Jacó apresentou o mesmo. Leia tinha o direito da carne ou do primogênito, mas Raquel era o objeto de eleição e deleite; e elas duas, as esposas do mesmo marido, moravam juntas, mas não conseguiam concordar. Na casa de Elcana era o mesmo. Penina e Ana eram Agar e Sara, Leia e Raquel novamente – orgulho e provocações com uma, e tristeza constante de coração com a outra. E todas essas cenas eram as expressões da maneira como a carne persegue o Espírito. A Igreja na Galácia foi outra cena da mesma luta. E o coração de cada crente é, em medida, o mesmo. E nada cura a casa, a Igreja ou o coração, senão fortalecer a mulher livre, dando frutificação à semente de Deus, ao espírito de adoção, ao princípio do **"como crianças"**, a liberdade santa em nós e entre nós. Dê à luz Isaque, e mande Ismael embora, e habite numa casa indivisa. **"Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão** [**escravidão** – ARA]**"**.

Agora o Senhor encontrou Israel muito parecido. O que nasceu segundo a carne perseguiu o que nasceu segundo o Espírito. A pobre mulher estéril foi encontrada lá novamente, a pecadora contaminada e a publicana, fraca e perdida em si mesma, recebendo a visitação graciosa do Deus de todo poder e amor, mas sofrendo o desprezo e a perseguição daqueles que tinham força em si mesmos, como eles julgavam – os fariseus, as Agares e as Peninas daquele dia. Tudo isso era, em princípio, a carne e o Espírito novamente, a escrava e a livre; e esta casa que agora visitamos foi uma amostra disso.

Que nossa fé seja fortalecida para fazer justiça ao amor de Deus! Esse amor reivindica nossa plena e feliz confiança. Dar-lhe apenas uma confiança hesitante e suspeitosa é tratá-lo indignamente. Que todo esse espírito de medo e escravidão se vá! Que a verdadeira Sara em nosso coração clame, e clame até que

prevaleça: **"Lança fora a escrava e seu filho"**. Pois quando o Senhor faz Sua obra, Ele a faz de uma forma digna de Si mesmo. Quando Israel saiu do Egito, eles saíram, não como se estivessem envergonhados de si mesmos, mas *arregimentados* e *de mãos cheias.* Eles saíram como o exército de Deus deveria sair. Nenhum cão ousou mover sua língua contra eles, nem havia uma pessoa fraca entre suas tribos. E assim é conosco; pecadores, saindo de debaixo do poder das trevas com nosso Redentor. Não devemos prosseguir com medo e desconfiança, como se dificilmente pudéssemos confiar no braço que nos estava salvando, mas de uma maneira que declare claramente que a obra é a obra d'Aquele cujo *"amor é tão grande quanto o Seu poder, e não conhece medida nem fim"*.

Devemos deixar a casa do fariseu para trás de nós, como esta pobre pecadora, sem nos importar com o que o grupo ali diz, mas ainda carregando em nosso coração e ouvido o doce eco da voz do Senhor, que nos fala de paz. Então, sairemos, como Israel do Egito, como os redimidos do Senhor devem sair, deixando o inferno e a Terra saberem, em nossa jubilosa e perfeita certeza de Sua salvação, que Aquele que é mais elevado do que o mais elevado está do nosso lado, e que estamos nos alimentando do **"pão dos poderosos"**.

Lucas 8

Entrando neste capítulo, eu observaria que no caso da pobre pecadora, que encerra o anterior, vemos *profunda afeição pessoal* como fruto do perdão consciente ou cura; aqui, nesse grupo de mulheres, vemos *apego e serviço devotados.* Na pobre pecadora, todas as fontes ocultas são abertas ao comando da graça de Cristo. Ela sabia que Ele a havia aceitado, pecadora como era, e isso comandava o coração dela. Isso a deixou sem olhos para o banquete do fariseu, ou sem ouvidos para seu desprezo, pois Jesus a havia afastado de tudo; e chegar perto d'Ele, tão perto quanto o amor, a gratidão e a adoração pudessem trazê-la, era todo o seu interesse. E, ao mesmo comando de Seu amor

curador, esse grupo de mulheres se apega a Ele. Elas seguem para servi-Lo. O grato amor se manifestou nela silenciosamente; e nelas esse amor estava ativo. Esse grupo estaria com Ele onde quer que Ele estivesse, para que pudesse dar a Ele tudo o que elas pudessem ministrar-Lhe.

Vários frutos, mas cada um abençoado. E Jesus pode entender tanto um como outro, e receber as lágrimas secretas de uma, e os serviços ativos de outras.

A beleza de ambos os casos seria tristemente manchada, se estes não fossem o fruto da cura *consciente. Que afeição, que serviço* seria tão puro quanto o que vem daí? O publicano pode bater no peito em *culpa consciente*, e isso em seu lugar é certamente uma afeição correta e piedosa. Mas como a beleza e a atratividade disso são ofuscadas pelas lágrimas e pelos serviços, o amor e a devoção, que brotam e fluem da *aceitação consciente!* Nada é tão precioso para Deus, nada tão adorável mesmo em nossos próprios pensamentos, quando consideramos isso por um momento. E, por outro lado, quão triste é quando (em vez de lágrimas e serviços) a satisfação própria, a arrogância, o desprezo e a indiferença pelos outros, ou a mera busca não espiritual de conhecimento e a intensa competição de partidos, marcam o coração e os caminhos. Que todos nós, amados, apreciemos esses padrões simples que o Espírito aqui registra, e que assim encontram a presença aprovadora do Senhor.

Este é o primeiro de uma série de capítulos, nos quais vemos sucessivamente *o Senhor, os Doze e os Setenta*, saindo para ministrar (veja Lucas 8:1; 9:1; 10:1); e esta exposição estendida do ministério é toda de acordo com a graça do Espírito neste Evangelho. E como uma expressão adicional da mesma graça, nosso evangelista nos diz que o Senhor **"andava de cidade em cidade e de aldeia em aldeia"**; não deixando nenhum lugar sem a visita de Sua luz e bondade. E este divino Ministro da graça é acompanhado por uma comitiva adequada. Uma companhia que havia sido curada de espíritos malignos e enfermidades, e

purificada de demônios, segue-O agora para testemunhar Sua *graça;* como, em breve, quando Ele vier em poder, Ele terá atrás de Si uma comitiva igualmente adequada daqueles resplandecentes refletindo *Sua* glória (Ap 19:14).

Lucas então registra a parábola do Semeador, dada a nós também, sabemos, por Mateus e Marcos. Sem dúvida, ela tem o mesmo caráter geral e propósito em cada Evangelho; mas observo que o Senhor aqui não receia citar diretamente o profeta Isaías, para aplicar o julgamento de Deus *a Israel;* e isso ainda está de acordo com Sua mente em Lucas.

No decorrer deste capítulo, temos o caso dos gadarenos, da mulher com fluxo de sangue e da filha de Jairo, combinados da mesma forma que em Marcos.

Sobre esses e outros atos semelhantes de poder e bondade, podemos observar de modo geral que o ministério do Senhor sempre traz estas duas características: *Ele estava sempre julgando o diabo, mas nunca o pecador.* Ele continuou apagando os traços do poder destrutivo do primeiro, mas deixando os traços de Seu próprio poder redentor no segundo. Pelo mesmo golpe, Ele fez essas duas coisas. Todo cego que passou a enxergar, todo coxo que passou a andar, igualmente testemunharam o julgamento do poder do inimigo e a bênção do pecador. Quando Ele purificou o leproso, quando Ele ressuscitou os mortos, esse duplo testemunho foi dado. E assim o diabo O encontra apenas para tremer, e o pecador crente apenas para receber uma bênção e tomá-la sempre com boas-vindas. Fosse o que fosse que o Senhor estivesse fazendo, ou aonde quer que estivesse indo, permitiu Ele alguma vez que o necessitado filho do homem se sentisse um intruso? Mesmo Suas repreensões não podem ser chamadas de repreensões. Pois o que eram elas? Elas eram apenas por causa da falta de confiança n'Ele – porque o pecador não vinha com ousadia suficiente. Ele o repreendeu, não por ser muito confiante, mas por não ser confiante o suficiente. Sua

linguagem era desta maneira: **"Por que temeis, homens de pequena fé?"**

Isso não era repreensão. Isso não era repelir o pecador, mas ressentir-Se de sua lentidão e suspeitas. Nada pode ser mais certo, nos caminhos do Filho de Deus na Terra, do que essas coisas, que Ele estava sempre julgando o diabo, mas nunca o pecador. Era como Moisés, que saía e feria um *egípcio;* mas se ele próprio fosse recusado e insultado por um *israelita,* ele iria para o exílio, iria para aonde pudesse, sem amigos e sozinho, em vez de tocar em um fio de cabelo da cabeça dele (Êxodo 2). Ou como Sansão, outra figura distinta e honrada, que buscará ocasião contra os *filisteus,* e até mesmo se afeiçoará a eles, apenas para atormentá-los e empobrecê-los, mas será tão fraco quanto uma criança se os *homens de Judá* resistirem a ele (Juízes 15:12). Moisés e Sansão tinham força suficiente contra o inimigo, mas nenhuma contra seu próprio povo; como o Filho de Deus julgará o diabo e todas as suas obras, mas dirá dos pecadores: **"Eu vim não para julgar"**, não **"para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las"** (Lucas 9:56; João 12:47).

Assim era agora. Gadara era uma porção da terra Judaica ou santificada. Era dentro daquela terra na qual os olhos do Deus do céu e da Terra repousavam desde o princípio até ao fim do ano (Dt 11:12). Mas os imundos há muito haviam entrado naquela terra e a contaminado, e lá os encontramos neste momento em rebanhos, como também a plena demonstração da força desenfreada do inimigo. Legião e porcos estavam em Gadara, para nos dizer o que o lugar da escolha de Jeová havia se tornado agora. Era o próprio palácio do valente, mas o Filho de Deus agora entra como o mais forte, para fazer Sua obra adequada, para mostrar-Se o Redentor do cativo e a destruição do poder da morte.

Mas os criadores dos porcos imundos naquele lugar não estão preparados para isso. Foi uma transgressão para eles, e eles queriam que Jesus partisse de suas terras. Isso é, de fato, terrível.

Nada que vemos em toda a história do Evangelho nos dá tal expressão da região entenebrecida e impura de Satanás como esta. Com tal demonstração da graça e poder do Homem Mais Forte no meio deles, ainda assim eles não O desejam, mas venderiam todo o seu interesse no Filho de Deus por um rebanho de porcos. Isso foi muito terrível; e Jesus tem apenas que deixá-los, e retornar atravessando o lago da Galileia, para prosseguir Seu caminho em outras cenas.

Um príncipe Judeu O procura, para que Ele venha à sua casa, em favor de sua pequena filha única, que ali estava morrendo. Ele segue adiante com o propósito de provar a Si mesmo, na casa do Judeu, a ressurreição e a vida; mas Seu caminho para lá é interrompido pela fé de uma desconhecida necessitada, que O toca na multidão. Ela tinha uma enfermidade em seu corpo. Era uma espécie de lepra roedora, uma fonte de impureza em sua própria carne, que nenhuma habilidade humana poderia curar. Em sua extrema necessidade, ela ouve falar sobre Jesus e, com um único toque, recebe tudo o que precisava. Mas ninguém a conhecia, ou se importava em conhecê-la. Tanto ela quanto seu toque no Senhor teriam permanecido em segredo na multidão agitada, somente Aquele que a curou a conhece e a reconhece diante de todos. A multidão estava se aglomerando e pressionando-O; mas não era necessidade ou pecado que os impelia, e, portanto, Ele não os sente. Mas o mais fraco toque dela foi sentido, porque era o toque de alguém conscientemente necessitado e contaminado, que aprendera a crer que havia virtude n'Ele. Sua aflição a apresenta a Ele, e Ele a conhece porque a havia curado. Esse era o fundamento e o caráter de seu conhecimento; *e o Filho de Deus e a pecadora curada se encontram assim para ficarem a sós na multidão* – ela, uma estranha para todos, menos para Ele, e Ele tratando todos como estranhos, menos ela.

Isso está repleto da mais verdadeira e sólida consolação para nossa alma. Mas, além disso, este caminho do Senhor é todo cheio de *significado.* Ele nos fala daquele que sabemos ser o

caminho e a ação do Filho de Deus. Pois Ele tem diante de Si, à distância, o dia de Seu poder em Israel, a casa do Judeu, quando Ele fará os ossos secos viverem, e chamará Seu povo de seu sono sombrio e longo, como prisioneiros vindos da cova; mas em Sua jornada até lá, ou durante o período presente, a propósito, uma estranha envolve Suas empatias, uma pobre, despercebida (a não ser por Ele mesmo), a quem a necessidade consciente havia colocado em Seu caminho, como a Igreja de Deus, que sozinha ocupa o Filho de Deus, enquanto segue Seu caminho para manifestar Seu poder em ressurreição e vida em Israel no último dia.

Julgo que esse é o caráter do que temos aqui. E assim, este capítulo (que abre com o Senhor indo para Seu ministério) nos dá estas amostras do fruto variado de Seu árduo trabalho tanto na Igreja quanto em Israel; mostrando-nos também, como em Gadara, que mundo era aquele em que Ele veio trabalhar arduamente, para que todo Seu bendito trabalho pudesse fechar em Seu próprio louvor tanto no céu quanto na Terra, a convicção e o julgamento do mundo, e o conforto de cada pecador que apenas confiar n'Ele.

Lucas 9

No início deste capítulo, temos, em ordem, a missão dos Doze. Mas o Senhor não limita seus labores aqui, como em Mateus, **"às ovelhas perdidas da casa de Israel"**, estando esta distinção ainda de acordo com o caráter geral de cada um dos dois Evangelhos.

O exercício da consciência de Herodes é então notado, e talvez um pouco mais amplamente do que em Mateus ou Marcos, e é novamente mencionado no capítulo 23. Isso ainda está de acordo com nosso evangelista. Mas o martírio do Batista, por outro lado, não é tão completamente detalhado; pois isso foi um fato no curso e na história da apostasia Judaica, e estava, portanto, menos dentro do aviso do Espírito em Lucas.

A transfiguração nos é então dada, e mais particularmente, também, do que em Mateus ou Marcos.

A prova completa da incredulidade de Israel agora havia sido feita. (Essa prova é apresentada de forma mais completa e ordenada no Evangelho de Mateus do que em qualquer um dos outros). Israel havia se recusado a receber os seus. Eles não haviam descoberto em Jesus de Nazaré a Luz que deveria iluminar o mundo e ser sua glória. Portanto, a Terra, estava, por enquanto, perdida para Jesus. Pois Sião, por decreto antigo (Sl 2), é a sede do domínio divino na Terra. Todavia, como o Senhor aqui prenuncia uma cruz, e não uma coroa, O aguarda.

Mas se a Terra esta fechada para Ele, os céus devem e se abrirão para Ele, e para Seus santos agora, no dia de Sua recusa aqui, reunindo-se ao redor d'Ele por fé. E o propósito dessa visão no monte santo é dar a Seus santos uma garantia de um pouco daquela glória nos céus que é a herança deles.

Não houve momento como esse. Esta foi a hora da passagem da Terra para o céu. O segredo de Deus, em visão, foi aqui revelado. A Jerusalém celestial ficou, por um momento, com seus portões abertos, diante daqueles discípulos favorecidos, Pedro, Tiago e João. Moisés e Elias aparecem em glória com Jesus; mas Pedro, Tiago e João a contemplam. Havia, desta maneira, tanto *companheiros* como *testemunhas* da glória. Como no vindouro reino milenar, a Noiva do Cordeiro descerá, assim como esta glória agora repousa no monte, e as nações daqueles que são salvos andarão na luz dela (Ap 21).

Considero ser esse o grande propósito desta visão, que chamamos de **"a transfiguração"**. Há uma sugestão no versículo 37, de que ela foi testemunhada à noite. Uma circunstância de muito significado, eu acredito. Pois assim como esse era o lugar da glória celestial, e como aquele lugar não precisará nem de Sol nem de Lua, mas a glória de Deus o iluminará, assim este monte está agora iluminado como pelo corpo do Senhor glorificado.

(Assim, o **"Santo dos Santos"** no templo, outra figura do lugar celestial, não tinha luz senão a da glória).

Novamente, observo que esses estrangeiros celestiais e glorificados falam com Jesus sobre Sua morte. Tema adequado para tal momento! Pois essa morte é para ser tida em eterna lembrança. A glória a celebrará (Ap 5). Toda a ordem do céu, os redimidos, os anjos e toda a criação a reconhecerão, como vemos naquele lugar do Apocalipse. Pois *a glória* deve sua existência *à cruz* – como a trombeta que inaugurou o jubileu foi ouvida apenas no dia da expiação; o tempo de restauração e refrigério, dessa maneira, reconhecendo sua dependência no Cordeiro ferido de Deus (Lv 25), ou da **"morte"** de Jesus.

E mais, eu acho que essa jornada até o monte (percorrida como foi, sob a promessa de que ela levaria ao reino – v. 27), foi um pouco demais para os discípulos. O Senhor está em oração até que a glória apareça, mas eles estão pesados de sono. Isso também tem significado. A natureza estava revelando sua fraqueza – a carne era um peso e não podia percorrer tal caminho. Era uma jornada difícil para o pobre homem. As virgens sábias dormem. Tudo isso é assim. Mas ainda assim, quando Pedro e seus companheiros acordam, sua palavra é **"Senhor, bom é estarmos aqui"** – isso nos dizendo que seu coração e desejo estavam realmente no lugar certo, embora a carne fosse fraca; como as virgens sábias, embora durmam, têm óleo em seus vasos para reabastecer suas lâmpadas, quando o Noivo vem – esse azeite, como esta palavra do pobre e amoroso Pedro, nos dizendo que, no desejo real do coração deles, eles esperavam por Jesus.

Este é outro ponto de interesse e conforto. E no final, em plena harmonia com o grande propósito principal desta visão, e da qual falei, **"a magnífica glória"** aparece (2 Pedro 1:17). A nuvem vem para levar a família celestial para casa. O Senhor e Seus companheiros entram nela, enquanto Pedro, Tiago e João ficam do lado de fora.

Tudo isso está em harmonia, mas é tudo maravilhoso. Dentro desta nuvem, como vemos aqui, a glória estava assentada novamente – como nos tempos antigos, quando ela atravessava o deserto. Agora agia como o véu que separava o **"lugar Santo"** do **"Santo dos Santos"**; e é a honra peculiar dos santos transformados e ressuscitados, igualmente transfigurados ou glorificados, ter seu lugar nela, enquanto Israel e os poupados das nações apenas andam na luz dela. E assim, estando essa parte da visão um pouco além dos pensamentos presentes dos discípulos, eles temem, enquanto Jesus com Moisés e Elias estão envoltos naquela nuvem. Pois os lugares celestiais, ou o topo da escada mística, para o qual esta nuvem estava agora separando esses estrangeiros gloriosos, ainda não haviam sido revelados à fé Judaica. Jacó havia estado ao pé dela, e o povo de Jacó conhecia o Deus de Betel, e vivia na esperança da promessa a respeito da herança da terra. Mas, no topo da escada, nem Jacó nem eles conheciam algo a não ser a voz de Jeová que Se dirigia a ele. A transfiguração agora revela os segredos daquele lugar glorioso, e manifesta uma família celestial resplandecente ali com Jeová-Jesus. Esse era um mistério; que Deus teria uma família no lugar de onde a bênção deveria fluir, e a glória resplandecer; bem como um povo restaurado e uma criação sujeita aos pés, para desfrutar da bênção, e habitar na luz da glória.

Assim, esta visão foi um avanço, preenchendo a revelação do propósito de Sua vontade, que Deus encabeçará todas as coisas em Cristo, tanto as que estão no céu como as que estão na Terra (Ef 1:10). De fato, uma visão tão gloriosa como esta nunca havia sido desfrutada. A tocha de fogo que passou pelo sacrifício de Abraão era gloriosa, e a escada de Jacó era gloriosa. A visão da sarça ardente estava cheia de bênçãos. A visão do Deus de Israel por Moisés e os anciãos em Horebe, era gloriosa, e também a do Capitão armado sob os muros de Jericó. Anjos eram visitantes bem-vindos do céu para patriarcas e governantes da antiguidade, e a passagem do próprio Senhor diante do mediador (Êxodo 34), e do profeta (1 Reis 19), no monte de Deus, foram ambas perfeitas

em seu tempo. Mas essa visão no topo do monte está além de todas elas. Aquilo que, talvez, mais se aproxima disso, é o arrebatamento de Elias na presença de Eliseu, pois essa foi a condução dos glorificados até o lugar onde eles são vistos agora. Mas isso, portanto, supera tudo, permitindo-nos ver a família celestial, não meramente em seu caminho para a glória, mas pacificamente à vontade nela; nada para aterrorizá-los, nenhuma surpresa como da luz que estava além deles, como com Isaías, Daniel e outros; mas tudo é a consciência de estar à vontade, embora no meio da resplandecência de tudo isso.

Excelente, no entanto, como era, isso estava destinado a dar lugar a algo ainda mais glorioso. Depois disso, Atos 7 nos dá o que é o monte da transfiguração de Estêvão. E então o próprio mártir é estampado com a glória celestial. Ele brilha com a luz dos filhos da ressurreição, que serão como os anjos (Mt 22:30). Não é que, como os discípulos aqui, ele veja essa luz refletida em outros, mas ele próprio a carrega imediatamente. Tampouco é que a glória é trazida para baixo do monte para que ele possa vê-la aqui, mas o próprio céu é aberto, e ele a vê lá, e Alguém esperando para recebê-lo nele. Seus olhos, e não outros O contemplam por si mesmo. E sua palavra diante do conselho é um comentário sobre tudo isso, mostrando uma linhagem de estrangeiros e sofredores (entre os quais ele ali toma seu lugar), conduzidos pelo **"Deus da glória"** até **"a glória de Deus"** (Atos 7:2, 55).

Seja, no entanto, ali com Estêvão, ou aqui com Pedro, Tiago e João, segredos celestiais são revelados, e a Igreja é mostrada como estando no topo da escada, na glória do próprio Filho. Há o celestial, assim como o terrenal. Os céus declaram a glória de Deus. O céu e a Terra devem ter em si o testemunho da redenção. A redenção é uma obra excelente demais para permanecer sem ser celebrada aqui ou ali. É uma obra que evocou o fluxo total do amor e poder divinos, e deve ser conhecida, portanto, no céu e na Terra. A Igreja é designada para contar sobre isso lá, e Israel com suas nações acompanhantes para falar sobre isso aqui; e esse testemunho celestial disso está

aqui, por um momento passageiro, visto em seu lugar no topo do monte. Mas que graça e chamamento são esses! A própria concepção disso é divina. Ninguém, a não ser Deus, poderia ter concebido tal propósito; nada menos que amor infinito poderia ter formado o pensamento de uma família tirada dentre pecadores, para ser amada com o amor do Filho, e glorificada com a glória do Filho; para habitar em uma casa, e assentar-se em um trono com Ele. Mas, oh, quão pouco nosso coração miserável valoriza tanto a Ele quanto a Sua glória!

Depois que a visão passou, e eles estavam descendo do monte, o Senhor, nos outros Evangelhos, fala a eles sobre o ministério de Elias. Mas isso não é notado aqui; por ser um ministério Judaico, era menos adequado ao propósito do Espírito em Lucas. Além disso, não há nada característico neste capítulo, até chegarmos ao fim.

Lucas 9:51 – 19:27

Lucas 9:51-62

Neste lugar, começa o que foi sugerido como a quarta parte do nosso Evangelho. O Senhor, tendo terminado Seu ministério mais formal na Galileia, começa Sua jornada para Jerusalém (v. 51).

Nosso evangelista é o único que observa as circunstâncias com as quais essa jornada se inicia. E há algo de seu arranjo *moral* de incidentes a ser notado aqui. Como foi observado por alguém, comentando sobre esta parte de Lucas, *"esta passagem da história parece entrar aqui por causa de sua afinidade com o texto anterior (a repreensão do Senhor a João por proibir o homem que não os seguia); pois ali, sob o tom do zelo por Cristo, os discípulos eram a favor de silenciar e restringir os separatistas; aqui, sob o mesmo tom, eles eram a favor de matar os infiéis; mas, assim como por aquilo, quanto por isso, Cristo os repreendeu".*

A ordem moral na narrativa do nosso evangelista é, creio eu, assim exibida neste lugar do seu Evangelho. Mas introduz um caminho muito peculiar do Senhor.

A visão recente no monte pode ter levado a isso; mas, seja isso assim ou não, encontramos nosso Senhor aqui Se referindo à Sua jornada, na consciência de que ela O levaria à glória. O tempo havia chegado, lemos, quando Ele seria **"recebido no céu"** (TB) – palavras que expressam Sua ascensão à glória. E Ele parece agir de acordo com essa consciência, enviando mensageiros diante de Sua face, como se fosse para preparar para Ele um caminho adequado a essa glória antecipada. O carro de Deus estaria pronto para atendê-Lo de Jerusalém para cima (Lucas 24:51); mas agora cabia aos filhos dos homens preparar Seu caminho anterior do lugar onde Ele estava até aquela cidade. E Ele estava, por assim dizer, provando se o mundo reconheceria Sua reivindicação de ser **"recebido"**, como depois Ele provou se Israel reconheceria Seu lugar real em Sião (Lucas 19:28). Mas nem o mundo O conheceria, nem Israel O receberia. O mundo não estava pronto para Suas reivindicações, como é aqui expresso pela conduta dos aldeões samaritanos. A Terra não se importava com Sua glória celestial. **"Sobe, calvo, sobe, calvo!"**, um mundo infiel estava novamente dizendo, no espírito disso.

Os discípulos, que tinham, talvez, captado o tom da mente de seu Senhor nessa ocasião marcante, olham para Ele como outro Elias indo para encontrar os carros de Israel, e eles O movem a fazer o que Elias havia feito, ao se ressentir dessa indignidade dos aldeões samaritanos, como dos capitães e seus cinquenta. Mas o caminho do Filho do Homem, por enquanto, deve ser diferente. Ele passará para a glória antes pela aflição de Sua própria Pessoa do que pelo julgamento do mundo. Ele *"sofrerá até aqui"*; e, portanto, Ele aqui restringe esse movimento de Seus discípulos, curva Sua cabeça a esse desprezo dos homens ao buscar outra aldeia, e isso, também, não com preparação diante de Sua face, mas como o Cristo rejeitado de Deus.

Em tal caráter, Ele consequentemente retoma Sua jornada. Nenhum senso de glória preenche Sua alma, como havia feito quando Ele partiu. Os samaritanos mudaram seu curso, e Ele continua, conscientemente desprezado e rejeitado pelos homens, que agora em plena deliberação esconderam seus rostos e fecharam suas portas a Ele. E se, amados, é para o louvor da graça em Paulo, que ele aprendeu como ser humilhado e como ter abundância, como ter fartura e como ter fome, não vemos tudo isso com perfeição em nosso bendito Mestre? Ele sabia como agir em um momento no perfeito sentido de Sua plenitude de glória, e no momento seguinte Se tornar o desprezado Filho do Homem. Ele toma o lugar que os desprezadores aldeões de Samaria Lhe dão, sem um esforço ou um murmúrio. Mestre perfeito, bem como Libertador gracioso!

E nesse lugar de rejeição vemos alguns trazidos à relação com Ele, para que por meio deles possamos ter algumas boas lições lidas para nossa alma. Dois deles são introduzidos em Mateus 8, mas não na mesma conexão moral que aqui.

O Senhor fala sobre cada caso no sentido pleno de Seu presente lugar de rejeição na Terra. Todo o peso da instrução procede disso. É a rejeição do Senhor que deu a Seus santos um novo lugar, novos deveres e novos apegos; e estes são aqui trazidos para nossa contemplação, para que possamos calcular o custo de sermos d'Ele. Nada traz os santos a essas coisas novas, a não ser a total rejeição de seu Senhor pelo mundo; mas deixe o Senhor ser apreendido em Sua rejeição, e então a alma imediatamente adentrará a essas coisas. Nenhum olhar **"para trás"**, nenhum conhecimento do homem **"segundo a carne"**, por aqueles que foram ao Filho de Deus fora do arraial; e é somente quando nós, em espírito, estamos lá com Ele, que O entendemos corretamente.

Essas santas e solenes lições são lidas para nossa alma por nosso divino Mestre de Seu lugar atual – **"desprezado e o mais rejeitado entre os homens"** (ARA). Ele ainda nos ensinaria,

mesmo por meio de Suas próprias aflições, para que pudéssemos ser mantidos em companhia d'Ele e de Seus pensamentos, enquanto passamos de uma cena para outra por este mundo maligno. (Ao responder à terceira dessas pessoas, nosso Senhor parece Se referir ao chamado de Eliseu, para o qual a recente menção de Elias por Seus discípulos pode naturalmente ter mudado Sua mente. Sua pequena analogia e instrução tiradas de um lavrador parecem ter sido sugeridas pela história de Eliseu – veja 1 Reis 19:21).

Lucas 10

Este capítulo nos dá em ordem a missão dos Setenta. Mas é somente aqui que obtemos isso; pois o Senhor, como já observei, neste Evangelho olha para o homem além da fronteira Judaica; e assim nos é dado ver um ministério mais extenso em seu caráter do que aquele que se adequava propriamente aos arranjos Judaicos. Isso indicava um afastamento da estrita ordem primitiva em Israel, assim como uma nomeação semelhante de setenta anciãos nos dias de Moisés (Números 11). Mas tudo isso está de acordo com Lucas.

Essa missão é enviada com uma mensagem de paz vinda de Deus para cada cidade e cada casa; mas, além disso, nenhum homem deveria ser saudado pelo caminho. Isso tem grande valor. Jesus propõe, amados, resolver não as meras relações dos homens em sua ordem social, mas a conexão entre Deus e os pecadores. Essa é a grande circunstância, e aquela que o Senhor deve primeiro providenciar. Assim com nosso apóstolo depois. Com Paulo, pouco importava se os santos eram escravos ou livres; pois se escravos, eles ainda eram os homens livres do Senhor, se livres, eles ainda eram servos do Senhor. Sua relação com o Senhor era o que importava (1 Coríntios 7); como aqui, vemos que era assim no julgamento do Filho de Deus. Não deveria haver saudação a nenhum homem, enquanto deveria haver a publicação da paz para cada cidade e cada casa. Não eram as cortesias da vida humana que os mensageiros do Senhor

deveriam ter em seus lábios, mas uma mensagem feliz, santa e importante de Deus para os pecadores.

Essa era a mente do bendito Senhor ao enviar Seus mensageiros; e em seu retorno com um relatório de seus labores, Ele antecipa a queda de Satanás. Uma pequena amostra de poder nas mãos dos Setenta sugere este resultado para Ele. Mas, depois de expressá-lo, Ele Se volta para impedir que Seus discípulos olhem principalmente para *o poder,* dizendo-lhes que havia algo mais rico para eles do que isso, até mesmo *um nome no céu*, um memorial com um Pai ali; e por mais excelente que a autoridade sobre os demônios pudesse ser, ou poder na Terra, ainda assim aquele memorial era ainda mais feliz. Não é que Ele subestime o poder, ou o retire deles. Não, Ele antes Se alegra com isso, e o confirma em suas mãos, dizendo: **"Eis que vos dou poder para pisar serpentes, e escorpiões"**. Mas o lar no céu dos filhos deve ser ainda mais precioso do que o poder na Terra dos herdeiros de Deus.

E tem-me interessado muito observar que é justamente aqui (e no lugar correspondente em Mateus 11) que a mente do Senhor naqueles Evangelhos se aproxima mais do que depois é em João. Em João, o Senhor está em conexão com o Pai e a família celestial, e é justamente neste lugar do nosso Evangelho que Ele olha para aqueles objetos além de tudo o que O cercava nas cidades apóstatas de Israel. É como se nosso evangelista tivesse acabado de pegar na orla da veste de João; ou melhor, como se esse manto do nosso profeta, aquela energia do Espírito que o reveste aqui, fosse assumida por aquele outro profeta para fazer por ele maravilhas maiores e trazer revelações ainda mais ricas. O Pai, o Filho, O cabeça de todas as coisas em Si mesmo, e a família que tem seus nomes escritos no céu (Hb 12:23), estes são os objetos que estão aqui presentes nos pensamentos do Senhor, enquanto Ele olha adiante para o que ninguém viu além d'Ele mesmo, através da incredulidade das cidades Judaicas, e esta pequena amostra de poder nas mãos dos Setenta. E, em espírito, Ele Se regozija em tudo isso, e toma novamente Sua

complacência na Pessoa e no propósito do Pai, Senhor do céu e da Terra, e também em Seu próprio lugar no mistério bendito; voltando-Se, também, em toda a intimidade pessoal para Seus discípulos, como significando identificá-los com essa bem-aventurança que passa diante de Sua mente, e que os profetas e reis de antigamente não haviam alcançado.

Temos aqui, no entanto, um exemplo doloroso da maneira como o Senhor era suscetível de ser interrompido neste mundo de pensamentos baixos. Ele estava neste momento, como vimos, feliz em pensamentos de coisas celestiais, quando um doutor da lei propõe uma investigação que vem de fontes e origens completamente diferentes. Mas Ele abaixa a cabeça à intrusão e desce ao nível do homem. E em muitos outros lugares, como aqui, podemos notar a facilidade e a paciência com que Ele sempre Se voltou para o homem. Já observei a maneira como Ele ocasionalmente surge em glória divina diante da demanda da fé (Lucas 7); mas Sua facilidade como um Mestre ou um Curador surgindo ao chamado da ignorância ou necessidade do homem, é igualmente adorável em seu lugar. Nada era glorioso demais em Deus para Jesus assumir, quando a fé O revelava; e nada era pequeno demais no homem para Ele atender, quando a necessidade ou a ignorância apelavam a Ele. E em tudo isso Ele nunca estava com pressa, como Se sentisse que estava enfrentando uma dificuldade, mas sempre agia com graciosa facilidade e com a graça do poder consciente, dizendo à ocasião, fosse ela qual fosse, que Ele estava à altura dela.

Mas isso é só de passagem, se talvez o Espírito nos der algum deleite em observar os caminhos de Jesus.

Esta indagação do doutor da lei leva o Senhor à parábola do Bom Samaritano, que é peculiar ao nosso evangelista. O propósito dela era mostrar a este doutor da lei quem era seu próximo: mas na maneira usual do Senhor, esta instrução é transmitida em um corpo de doutrina maior; de modo que obtemos não apenas uma resposta à indagação, mas outros princípios da verdade. Vejo o

mesmo no caráter do ensino dos apóstolos depois. E este é sempre o caminho do poder, e o caminho de Deus. Deus, em Suas dispensações, fez isso. Ele não restaura meramente o que havíamos perdido, mas Ele traz outras glórias e bênçãos que também carregam consigo a restauração completa. E Deus, em Suas instruções, fez isso. O Espírito de revelação não apenas responde à ansiedade de um inquiridor, mas transmite essa resposta por meio de verdades e princípios que revelam pensamentos ainda mais amplos. Como aqui; a lei do amor ao próximo é ensinada e ilustrada por uma bela exibição da graça do evangelho do Filho de Deus, trazida à tona apesar da completa inadequação de todo o resto para atender às necessidades dos pecadores.

O caso que o Senhor sugere nesta parábola foi uma contaminação da terra; e tudo o que a lei podia fazer nisso era descobrir o malfeitor e exigir olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé. Nem os ministros do altar sob a lei podiam prover para o caso. Eles tinham seu serviço em outro lugar. Mas um estrangeiro, na liberdade de seu próprio amor, pode cuidar dele se assim desejar. E assim é conosco, pecadores. Deus precisa surgir nas atividades de Seu próprio amor para atender nossa triste condição, pois ela está além de qualquer outra ajuda. Os serviços de um templo não servirão para aqueles que não têm pureza adequada para um templo. O homem não está lá por natureza; seu coração não é santuário para Deus; mas jaz em um lugar imundo, contaminado em seu sangue; e o que ele precisa é ser procurado e trazido para casa. O homem foi feito presa de um inimigo forte e cruel, e é esse amor que ele precisa, o qual, a um grande custo, irá e o atará. E tal homem encontrou esse Alguém na Pessoa do Filho de Deus no evangelho. Sob a lei, Deus estava no lugar santo, e o imundo precisa ser removido, e o sacerdote e o levita servem esse santuário. Mas no evangelho, Deus está no lugar imundo, buscando os arruinados; Jesus está andando por aí fazendo o bem, o Estrangeiro do céu veio onde o homem jazia em seu sangue, e olhou para ele e teve compaixão, foi e teve que

lidar com toda aquela contaminação, intocado por ela, lavou o pecador ferido de seu sangue, e o ungiu com óleo (Ez 16). Tudo isso Ele fez, e trocou de lugar com o pecador ferido também. Pois, embora rico, Ele Se tornou pobre, para que nós, por meio de Sua pobreza, pudéssemos ser enriquecidos – embora sem pecado, Ele foi feito pecado, para que pudéssemos ser feitos justiça de Deus n'Ele – como o bom samaritano troca de lugar com o viajante ferido, descendo de sua própria cavalgadura e colocando-o sobre ela. E Ele fez mais do que isso; pois Ele nos disse que tem Seus olhos sobre nós para sempre, que, estejamos presentes ou ausentes, Ele pensa em nós; assim como o estrangeiro encarrega o hospedeiro de cuidar do pobre e desamparado homem, e que quando ele voltasse por ali, como certamente fará, Ele o recompensará.

Todo esse amor, esse amor de grande valor e necessário, temos no Filho de Deus, o Estrangeiro do céu, o Verdadeiro Bom Samaritano. Ele guardou a lei do amor ao próximo, mas somente Ele; e devemos ir aprender o caminho com Ele, fazer **"da mesma maneira"**, acender nosso coração em Seu coração, se de alguma forma esperamos responder a esse objetivo da lei. Este doutor da lei estava se vangloriando da lei, mas ele evidentemente a havia reduzido e modificado, como todo aquele que busca, como ele, ser justificado por ela deve fazer. **"Quem é meu próximo?"**, disse ele; pouco imaginando que estava prestes a ouvir tal história de amor ao próximo como a que estava surgindo. A lei era elevada demais, nobre demais para os pensamentos deste homem. E assim é para todos nós. Não vemos nada digno daquela palavra, **"Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração**... **e ao teu próximo como a ti mesmo"** até que tracemos a vida bem vivida de Jesus. O doutor da lei teria se apoiado na lei e recusado Jesus; mas ele tem que aprender, se seus ouvidos pudessem ouvir, que somente Jesus cumpriu a lei, ou lhe deu eficácia na mente e consciência dos outros.

É nossa salvação conhecer Jesus como o Estrangeiro que nos encontrou em nossas feridas com Seu óleo e vinho. Apenas Lucas

nos dá esta parábola, mas isto é bem de acordo com a grandeza do espírito de graça que preenche seu Evangelho por toda parte.

A pequena cena que então encerra este capítulo também é peculiar a Lucas, servindo ao seu propósito geral de nos instruir em grandes princípios da verdade. As duas irmãs aqui apresentadas tinham mentalidades diferentes e, sendo levadas ao julgamento da mente de Cristo, recebemos o julgamento de Deus em questões de muito valor para nós.

A casa em que entramos agora era de Marta. O Espírito de Deus nos diz isso, como sendo característico de Marta; e em sua casa, com toda prontidão de coração, ela recebe o Senhor, e prepara para Ele a melhor provisão que tinha; Seus labores e fadiga exigiam isso. Marta sabia muito bem que Seus caminhos lá fora eram os caminhos do Bom Samaritano, que iria a pé para que outros pudessem cavalgar, e ela O ama demais para não observar e prover para Seu cansaço. Mas Maria não tinha casa para Ele. Ela era, em espírito, uma estrangeira como Ele mesmo; mas ela abre um santuário para Ele, e O assenta ali como Senhor de seu humilde templo. Ela toma seu lugar a Seus pés, e ouve Suas palavras. Ela sabe, assim como Marta, que Ele estava cansado, mas ela sabe também que havia uma plenitude n'Ele que poderia Se permitir estar ainda mais cansado. Os ouvidos e o coração de Maria, portanto, ainda O usam, em vez de sua mão ou seu pé ministrando a Ele. E nessas coisas estava a diferença entre as irmãs: os olhos de Marta viam o cansaço d'Ele e queria *dar a* Ele; a fé de Maria apreendia a plenitude d'Ele por trás do cansaço e queria *tirar* d'Ele.

Isto revela a mente do Filho de Deus. O Senhor aceita o cuidado de Marta, enquanto for um cuidado simples e diligente para Sua necessidade presente; mas, no momento em que ela coloca sua mente em competição com a de Maria, ela aprende Seu julgamento, e é ensinada a saber que Maria, por sua fé, estava O reconfortando com um banquete mais doce do que todo seu cuidado e a provisão de sua casa poderiam ter fornecido. A fé de

Maria deu a Jesus um senso de Sua própria glória divina que disse a Ele que, embora estivesse cansado, Ele ainda poderia alimentá-la e reconfortá-la. Ela estava a Seus pés, ouvindo Suas palavras. Não havia templo ali, ou luz do Sol (Ap 21:22-23), mas o Filho de Deus estava ali, e Ele era tudo para ela. Esta era a honra que Ele prezava; e de forma abençoada, de fato, ela estava em Seu segredo. Quando Ele estava com sede e cansado no poço de Jacó, Ele esqueceu tudo ao dar águas que nenhum cântaro poderia conter, nem qualquer poço além do Seu próprio poderia ter suprido; e aqui, Maria traz sua alma ao mesmo poço, sabendo que, apesar de todo o Seu cansaço, ele estava tão cheio como sempre para o uso dela.

E oh, queridos irmãos, que princípios nos são aqui revelados! Nosso Deus está afirmando para Si mesmo o lugar de poder supremo e bondade suprema, e Ele nos terá como devedores a Ele. Nossa percepção de Sua plenitude é mais preciosa para Ele do que todo o serviço que podemos Lhe prestar. Tendo o direito, como Ele tem, a mais do que toda a criação poderia dar a Ele, ainda assim, acima de todas as coisas, Ele deseja que usemos Seu amor e tiremos proveito de Seus tesouros. A honra que *nossa confiança* coloca sobre Ele é Sua maior honra; pois é a glória divina continuar dando, continuar abençoando, continuar derramando de plenitude inesgotável. Sob a lei, Ele teve que receber de nós, mas no evangelho Ele está nos dando; e as palavras do Senhor Jesus são estas: **"Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber"**. E este lugar Ele preencherá para sempre; pois, **"sem contradição alguma, o menor é abençoado pelo maior"**. É verdade que louvor surgirá para Ele de tudo o que tem fôlego; mas vem d'Ele mesmo, e do assento de Sua glória, fluirá o fluxo constante de bênçãos, a luz para alegrar, as águas para refrescar e as folhas da árvore para curar; e nosso Deus terá Seu próprio gozo e mostrará Sua própria glória, em sendo um Doador para sempre.

Lucas 11:1-13

Como já observei, é a maneira de o Senhor, neste Evangelho, colocar Sua mente em contato com todos os exercícios do coração e consciência dos homens, para que possamos obter o modo de Deus pensar (pois isso Ele sempre carregou em Si) sobre nós mesmos. Esses versículos ilustram isso. E o assunto é *oração;* um assunto de profundo interesse para nossa alma. Que o Senhor guie os conselhos de nosso coração sobre isso!

A lei, em geral, não exigia oração, pois a lei estava testando o homem e chamando-o para usar sua força, se ele tivesse alguma; enquanto a oração, por outro lado, surge na percepção de nossa fraqueza e dependência. Lembro-me, no entanto, de duas formas de oração, fornecidas pela lei; mas uma é no terreno da inocência e a outra no da obediência; e, portanto, ambas eram adequadas à dispensação com a qual estavam associadas (Dt 21, 26). O ministério de João avançou além da lei, convencendo a carne de ser apenas erva; e como aprendemos aqui, que ele havia ensinado seus discípulos a orar, não podemos duvidar que, como a lei, ele forneceu uma expressão para o coração deles, adequada à posição para a qual seu ministério os estava conduzindo. Assim, na mesma sabedoria, acontecia aqui com o Senhor. Ele fornece uma oração para eles adequada à condição de fé e esperança para a qual Ele os havia conduzido. E tudo isso é perfeito, porque oportuno, porque adequado para aqueles que tinham acabado de dizer: **"Senhor, ensina-nos a orar, como também João ensinou aos seus discípulos"**.

Mas não teria sido tão perfeita ou oportuna se tivesse sido uma expressão totalmente de acordo com a luz aumentada para a qual a Igreja foi levada desde então. Naquele momento, o Senhor não havia entrado, como o Sumo Sacerdote de nossa profissão, em Seu santuário celestial, nem o Espírito Santo havia então sido dado. Seu próprio nome, portanto, não é pleiteado aqui; como o próprio Senhor diz depois disso: **"até agora, nada pedistes em Meu nome"**. Mas logo depois de dizer isso, Ele acrescenta:

"naquele dia, pedireis em Meu nome" – dizendo-nos claramente que haveria um avanço no caráter da adoração dos santos. E assim, de fato, encontramos isso. As orações que os apóstolos, por meio do Espírito, fazem pelos santos, contêm pensamentos mais elevados e desejos mais profundos do que o que esta oração (perfeita, sem dúvida, em seu lugar) de nosso Senhor expressa (veja Ef 1, 3; Cl 1; e assim por diante).

E, de tudo isso, eu realmente julgo que podemos facilmente admitir a perfeição, *por causa da oportunidade* desta santa forma de oração, e discernir espiritualmente que o Senhor não a estava fornecendo como a expressão da Igreja. Eu não digo de forma alguma que a alma não possa ainda usá-la, e, por vezes, encontrar nela a expressão de seu desejo. Mas eu acredito que a alma, plenamente consciente de seu novo lugar sob o Espírito Santo com Jesus ascendido às alturas, não está desprezando de nenhuma forma o santo mobiliário do próprio santuário do Senhor, se não a utilizar. Ele é o Senhor do templo, e é certamente nosso gozo reconhecê-Lo assim; mas Ele agora deu o Espírito Santo para ser o poder vivo ali, e Ele enche esse templo com adoração verdadeira e espiritual, com gemidos que não podem ser proferidos, com súplicas, orações, intercessões e ações de graças, com o espírito de adoção que sempre clama: **"Abba, Pai"**. Pois o mesmo Senhor do templo agora ordenou assim, e é obediência andar adiante com Ele. O que antes constituía a beleza de Sua casa agora são **"rudimentos fracos e pobres"**, porque o Senhor seguiu adiante, deixando Jerusalém e sua adoração para trás; e não nos convém olhar para trás, para as belas pedras, com admiração, se Jesus foi adiante para o Monte das Oliveiras.

Mas essas coisas, amados, eu prefiro sugerir em conexão com esta Escritura. Ele mesmo nos mostra ainda mais aqui, o *valor* ou *eficácia* da oração na parábola do amigo pedindo os pães à meia-noite; e então, em Seu contraste entre o pai humano e o Pai celestial, a *garantia* ou *segurança* da oração. E essas seguranças são duplas – uma extraída do *amor do relacionamento,* a outra da

bondade positiva do próprio Deus, para que possamos ter forte segurança de coração, quando buscamos o Senhor e Sua bênção.

Não posso, no entanto, passar disso sem perguntar: A pequena expressão **"de dentro"** não carrega muito valor moral com ela? Eu acho que sim. Parece nos dizer que estar **"dentro"** tem uma tendência natural para nos indispor a entrar naquelas empatias às quais deveríamos nos permitir ser chamados em todos os momentos. Moisés, é verdade, embora no meio do Egito, saiu para olhar as cargas de seus irmãos; e Neemias, embora no palácio persa, chorou sobre as desolações da cidade dos sepulcros de seu pai. Ambos estavam **"dentro"**, mas a fé os empurrou para fora. Suas circunstâncias tornaram essa prova de fé ainda mais severa, e sua vitória mais excelente e incomum. Pois é perigoso chegar muito ou profundamente **"dentro"**, para que a alma, examinando sua condição, não diga: **"os meus filhos estão comigo na cama; não posso levantar-me e tos dar"** – então a necessidade de um irmão **"de fora"** dificilmente será ouvida, as cargas de Israel ou as desolações de Sião dificilmente serão observadas ou investigadas. (Como uma marca distintiva deste Evangelho, eu observaria que, no lugar correspondente em Mateus, o Senhor diz que o Pai dará **"coisas boas"** (ARA) àqueles que Lhe pedirem, mas aqui é o **"Espírito Santo"**. E novamente, em contraste com João, o Senhor aqui diz que o Espírito Santo será dado quando *pedirmos,* mas ali quando *Ele* pedir (João 14:16). Mas esta distinção também é muito característica dos dois Evangelhos; pois aqui, o Senhor está ensinando Seus discípulos, treinando-os e chamando o coração e consciência deles, como eu disse, para o exercício; mas em João, Ele está Se apresentando e Se revelando; e, portanto, naquele Evangelho, Ele fala de *Seu* lugar e ministério na grande questão da concessão do Espírito Santo à Igreja.

Lucas 11:14-54

Esses versículos nos apresentam outras cenas, ilustrando ainda, segundo o modo de nosso evangelista, questões de valor para nós.

O Senhor ouve dois desafios de Seus inimigos; pois, neste nosso mundo, a reprovação estava sempre quebrantando Seu coração. Mas no poder santo de um grande Mestre, como Ele era, Ele devolve ambos os desafios na mente, ou melhor, na consciência, de Seus acusadores. Um disse que Ele estava aliado a Satanás no que estava fazendo; outro, que de qualquer forma Ele não havia provado suficientemente que estava aliado a Deus nisso: **"Ele expulsa os demônios por Belzebu"**, disse um; mostra-nos **"um sinal do céu"**, disse o outro. O Senhor expõe tais pensamentos e então expõe a eles a condição em que estavam, para que aprendam que não era n'Ele, mas neles mesmos, que esse mal e essa obscuridade eram encontrados; pois Ele era o **"Dedo de Deus"** e a **"Candeia"** colocada **"no velador"**.

A argumentação do Senhor aqui é maravilhosamente simples e poderosa. Mas posso observar, contrastando o versículo 26 com Mateus 12:45, que Ele não aplica aqui, como ali, expressamente a lição do **"espírito imundo"** ao estado de Israel. E essa diferença está em total consonância com a natureza Judaica mais rigorosa do Evangelho de Mateus. Então, Sua sentença sobre o estado daquela geração é aqui proferida na casa, em uma das *horas sociais* do Filho do Homem; em Mateus, uma sentença semelhante é pronunciada desde o assento do julgamento na *autoridade* do Filho do Homem (Mt 23); uma diferença que ilustra vividamente o estilo dos dois Evangelhos.

O Senhor, em Sua resposta aos desafios de Seus inimigos, conduz a esses pensamentos. No entanto, no progresso desta cena, temos que notar uma interrupção. O que Ele estava dizendo parece ter sido carregado, com poder moral, no coração de alguém que estava ouvindo; de modo que, **"dizendo Ele**

essas coisas", ela levantou sua voz e disse: **"Bem-aventurado o ventre que Te trouxe e os peitos em que mamaste!"**. Este foi um testemunho do poder das palavras de nosso divino Mestre, que é Sua glória neste Evangelho. E um testemunho semelhante é dado a Ele no próximo estágio desta mesma cena, pois novamente, **"estando Ele ainda falando"**, um fariseu que estava presente **"rogou-lhe... que fosse jantar com ele"**. Aquele homem evidentemente foi movido pelo poder de Suas palavras, mas talvez não com a mesma afeição da pobre mulher, e ele O convida para sua casa. E assim novamente, quando Ele entra na casa, Ele continua a agir como o Grande Mestre ainda, repreendendo o orgulho religioso e a hipocrisia sombria que Ele encontrou lá, até que um doutor da lei, que estava presente, sentindo as justas repreensões, O interrompe da mesma maneira, e diz a Ele: **"Mestre, quando dizes isso também nos afrontas a nós"**. Mas a luz permanece fiel à sua obra, e continua, ainda manifestando as trevas que a cercava, até que a inimizade daquelas trevas é totalmente levantada, e os escribas e fariseus juntos começam a insistir tanto com Ele, que Ele tem que retirar a luz, cujo poder havia se tornado intolerável.

Lucas 12

É, no entanto, para seguir Seu caminho como um Mestre, embora em outros lugares, que o Senhor assim Se retira de entre os escribas, os doutores da lei e os fariseus. Ele entra na multidão e imediatamente retoma Seu ensino, tomando como Seu assunto o que lhe foi sugerido na casa do fariseu – a hipocrisia e a perseguição com as quais um remanescente justo tinha que enfrentar.

Assim, temos a Lâmpada aqui, o Grande Mestre, como no capítulo anterior, fazendo Sua santa obra. Mas observo que, embora muito do assunto deste capítulo seja encontrado em Mateus, ele nos é apresentado de uma maneira diferente. Lá é simplesmente como um discurso do Senhor, mas aqui surge como resposta a outros. Mas essa distinção ainda está no caráter deste Evangelho; porque

nele, como já observei, o Senhor está tratando com o homem, e trazendo seus pensamentos, consciência e afeições ao exercício, para que possam ser corrigidos e formados pela mente de Cristo segundo Deus. O ensinamento do Senhor, portanto, é, muitas vezes, como neste capítulo, no caminho da resposta às indagações e pensamentos de outros. E, como observei no final do capítulo anterior, muito do que é trazido em Mateus, como vindo de um tribunal, surge em Lucas em uma mesa de jantar, então posso dizer aqui, que o que tinha sido como um sermão de um lugar elevado ou púlpito em Mateus 5-7, surge aqui como palavras ditas no coração de uma multidão que se aglomerava ao redor d'Ele. Havia mais da facilidade e descontração da vida social aqui.

E aqui novamente, como no capítulo anterior, temos um testemunho do poder de Suas palavras, pois **"um da multidão"**, julgando, como parece, pelo rumo do discurso do Senhor, que Ele estava contra a opressão e as presunções dos ricos, busca-O para tratar de sua acusação contra um irmão seu, que o havia tratado de maneira injusta e prejudicial. Mas o Senhor tem apenas que agir como a luz que repreende as trevas onde quer que as encontre, e Ele agora, entre a multidão, dirige uma palavra contra a avareza, como pouco antes, entre os principais, Ele estava dirigindo outra palavra contra o orgulho religioso e a hipocrisia.

Sobre tal assunto, bem poderíamos fazer uma pausa. E especialmente aqui, porque, depois dessa interrupção, parece levar os pensamentos de nosso Senhor quase ao fim de Sua fala atual.

O amor de ter, de adquirir e possuir, que é cobiça, é, como sabemos, um dos grandes princípios que formam o curso deste mundo maligno: **"a concupiscência dos olhos"**, como João a chama. A grande contradição disso, como de qualquer outro princípio que anima **"o velho homem"**, foi expressa tanto na vida, bem como nos ensinamentos de Jesus. N'Ele, vemos perfeitamente essa descrição do apóstolo sendo cumprida – em

uma grande prova de aflição, a abundância de Seu gozo e Sua profunda pobreza abundaram nas riquezas de Sua liberalidade. Sua pobreza era profunda. Ele não tinha onde reclinar a cabeça. E quando Ele quis uma moeda, para dizer uma palavra sobre a imagem e inscrição que ela continha, Ele teve que pedir para que lhe mostrassem uma. E certamente Sua generosidade era abundante. Ele tinha uma grande bolsa, por assim dizer, mas Ele nunca a abriu, a não ser para outros. Ele tinha os recursos de toda a criação à Sua disposição. Ele podia ordenar pão para milhares a partir de alguns pães, e depois reunir fragmentos em cestas cheias. Ele podia transformar água em vinho. Ele podia invocar uma moeda do mar e, como o Senhor da Terra, reivindicar o animal de um estranho. Esta era certamente uma grande bolsa. Mas Ele não a abriu para Seu próprio uso. Ele preferia ir a pé, e ter sede e fome. E até mesmo de Sua própria escassa reserva – os poucos pães e peixes que Ele tinha para Si e Seus discípulos, Ele ainda pouparia algo para os outros (João 13:29).

Onde há riquezas de liberalidade como essa? O que era tudo isso na vida diária constante de Jesus, senão a contradição do curso cobiçoso do mundo? Os homens não podiam louvá-Lo por Ele fazer bem a Si mesmo (Sl 49:18). Com que decisão de coração Ele estava sempre esquecendo de Si mesmo, e com que autoridade santa e consciente Ele poderia resistir ao impulso daquele que, na ocasião deste capítulo, cobiçosamente desejou uma parte da herança. Ele trata com a interrupção assim ocasionada como se um assunto tivesse sido sugerido a Ele; um assunto que era demasiado importante para ser resolvido rapidamente. Ele continua com isso, aos ouvidos de Seus discípulos, até que Ele lhes mostra como este princípio, este desejo de ter, esta preocupação em adquirir e possuir, *nos manterá despreparados para Sua vinda* – um assunto que Ele então de maneira profunda e maravilhosa abre ao nosso coração e à nossa consciência. Ele pretende trazer esse assunto moralmente muito perto de nós, mostrando que há três maneiras diferentes pelas quais a alma deve se ocupar com esse objeto, ou ter comunhão com o grande

fato do segundo advento do Senhor (a vinda do Senhor é a esperança adequada do santo; Sua vinda como um ladrão é para o mundo); primeira, como a vinda de um ladrão à noite para surpreender a casa; segunda, de um senhor para recompensar seus fiéis administradores; e, terceira, de um mestre amado, para fazer seus servos vigilantes felizes pela restauração de sua presença.

Mateus sugere o mesmo em Mateus 24-25; apenas com esta diferença, que a figura de servos vigilantes e desejosos é alterada para a de virgens esperando o noivo. Mas a moral é a mesma. E a variedade dessas figuras tem uma grande lição para nós; porque nos diz que Jesus busca alcançar nosso coração completamente. Apresentando Seu retorno ao nosso coração sob formas tão diferentes – um ladrão na noite, um mestre e um noivo – Ele afirma ser o Objeto, o Supremo Objeto, das diferentes paixões de nossa alma. Medo, esperança e alegria, respectivamente, surgiriam no peito do pai da família, dos mordomos e dos servos vigilantes ou das virgens, em poder de comando. O medo do ladrão, a esperança de compartilhar as recompensas ou a alegria da presença do noivo seriam *supremos* no coração naquele momento. E isso é feliz, embora possa ser solene. É feliz saber que nosso Senhor reivindica nossas afeições. Ele sabe que tem o direito de ser nosso Supremo Objeto. E a paixão que não Lhe oferece o seu *mais elevado* exercício não é uma paixão *de adoração.*

Isso é santo e solene. Pois podemos perguntar: É assim conosco? A sede de nossas afeições é um lugar de adoração? Jesus está ali na sala principal? **"Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim não é digno de Mim"**, Ele diz; e novamente, e isso também neste mesmo capítulo, **"não temais os que matam o corpo**... **Mas Eu vos mostrarei a Quem deveis temer: temei Aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno"**. A vigilância do *medo* e a vigilância do *desejo* são ambas evocadas. Todo movimento no coração só é totalmente correto quando faz confissão ao senhorio ou supremacia de Jesus.

A interrupção feita ao nosso Senhor O levou a esse caminho. Dessa maneira, a luz n'Ele irrompeu. Pois este mundo era apenas o lugar das trevas do homem; a luz do céu era, portanto, em todos os lugares onde entrava, uma luz *condenadora* (Ef 5:13). Os ricos e os pobres, os príncipes e as multidões, eram igualmente expostos por ela. Como Jeremias, em seus dias, encontrou os **"pobres"** e descobriu que eles não conheciam o caminho do Senhor, e os **"grandes"**, e descobriu que eles haviam rompido completamente as ataduras (Jr 5:1-5). E assim é aqui com o Senhor de Jeremias. Jesus tinha estado no meio dos instruídos escribas e fariseus, e entre a multidão, mas tudo estava fora de ordem.

As impressões mais solenes foram deixadas em Sua mente (vs. 49-59). Ele queria curar os homens. Ele veio pregando a paz, e enviou os Doze e os Setenta, com paz a cada cidade e casa. Mas a paz tinha que retornar a Ele e a eles. Divisão agora, e julgamento pelo fogo em breve, eram a porção da Terra. Havia tanto inteligência quanto contenda sobre as coisas presentes, mas o testemunho de Deus não foi discernido, e o homem estava satisfeito consigo mesmo.

Lucas 13

O ensinamento do capítulo anterior foi muito importante para nossa alma; e agora, no início deste, estamos *naquele mesmo tempo*, conforme lemos, e então eu acredito na mesma verdade também. O homem que havia acusado seu irmão ao Senhor aprendeu do Senhor que ele próprio estava a caminho, com outro acusador, para outro Juiz; pois aquelas palavras, nos versículos 58-59, foram, como eu as entendo, dirigidas a ele. Então aqui, alguns contam ao nosso Senhor sobre os sofrimentos especiais de certos galileus, como se eles teriam sido mais pecadores do que os outros (João 9:2), e assim eles estavam, da mesma maneira, trazendo seus irmãos ao julgamento. Mas o Senhor também queria que eles soubessem que estavam na mesma condenação e que, se não se arrependessem, todos igualmente

pereceriam. (Outros observaram que esse fato pode ter ocorrido em conexão com o partido de Judas, o galileu – Atos 5:37 –, na qual havia galileus que recusavam a autoridade de César e que, portanto, é claro, provocariam Pilatos. Mas os galileus eram súditos de Herodes – Lucas 3:1. Portanto, supôs-se também que essa interferência de Pilatos ocasionou a briga entre ele e Herodes, sobre a qual lemos no capítulo 23:12. Josefo menciona Pilatos matando alguns samaritanos a caminho de seu próprio templo no Monte Gerizim).

Com os mesmos pensamentos sobre o pecado de Israel em Sua mente, estando toda a nação pronta para o julgamento de uma matança mais poderosa do que a dos galileus, o Senhor conta a parábola da figueira estéril.

Esta figueira foi plantada em uma vinha, assim como Israel foi colocado na vinha de Deus, em meio a ordenanças e privilégios, regado e cuidado com toda diligência e zelo; mas sem frutos. Israel não tinha raiz em si mesmo para oferecer algo a Deus; e o ministério de Jesus, o paciente Lavrador desta vinha, agora já havia quase provado isso. Por esse ministério, a bondade de Deus estava levando-os ao arrependimento (Rm 2); isso havia sido como a escavação e adubação desta árvore estéril, mas, com tudo isso, não havia frutos. E então vemos, na próxima pequena cena, que não havia nenhuma percepção em Israel de seu estado real. Os doentes estavam lá, e, portanto, havia necessidade de um médico; mas eles parecem inconscientes disso. Uma filha de Abraão é encontrada enferma, mas os príncipes da casa de Abraão rejeitam com orgulho a assistência do Bom Médico.

Em todo esse caminho, o estado corrompido da nação passa diante da mente do Senhor, e Ele parece proferir pensamentos de acordo com tudo isso, refletindo sobre a grande árvore onde os imundos encontravam seu descanso, e sobre toda a massa que agora sentia o fermento. E nessa mente Ele entra em Sua jornada. Tendo diante de Si o pecado provado e o julgamento vindouro de Israel, Ele segue Seu caminho para a cidade.

Mas aqui deixe-me notar que, em João, o Senhor é visto frequentemente em Jerusalém, pois Jerusalém não tinha caráter mais elevado, na estima do Estrangeiro do céu, do que qualquer outro lugar na Terra. Mas nos outros Evangelhos o Senhor não é visto entrando naquela cidade, que era a sede ordenada de Seu governo como Filho de Davi, até que Ele entra nela, quando Seu ministério estava se encerrando, em estado real, oferecendo o reino à filha de Sião, e quando Ele é total e formalmente rejeitado por ela. Neste Evangelho de Lucas, Sua aproximação gradual à cidade para este propósito é mais distintamente traçada do que em Mateus ou Marcos (veja Lucas 9:51; 13:22, 33; 17:11; 18:31; 19:1, 11, 28). Ele parece demorar, por assim dizer, de estágio em estágio, não querendo apressar a ruína da nação, porque o que aconteceria com Ele ali era para encher a medida de seus pecados e deixá-los para julgamento. Ele estava esperando para ser gracioso, como agora nesta era, a longanimidade de Deus em não enviar Jesus é salvação, não querendo que ninguém pereça. E essa reserva em Seu movimento em direção à cidade me lembra da partida da glória dela em Ezequiel (veja Ezequiel 1-11). A glória ali se demora de estágio em estágio, como relutante em partir, embora a contaminação na cidade não permitisse que ela ficasse. E assim aqui; o Senhor Se demora, da mesma forma, atrasando a hora do julgamento de Jerusalém, em jornada ainda em direção a ela por todo o Evangelho, mas não a alcançando até que Seu ministério estivesse se encerrando.

É com pensamentos fortes e claros em Seu coração que Ele faz essas aproximações à cidade, e a contempla à distância. Em Lucas 9:51, como já observei, Ele seguiu em frente como se Sua jornada O estivesse conduzindo à glória. Em Lucas 18:31, Ele tem a cidade diante d'Ele como o lugar de Seu sofrimento. Mas aqui, em Lucas 13:22, Ele a contempla como se Sua presença ali fosse para encerrar **"o dia da salvação"** para Israel, e trazer o julgamento de Deus. Era esse pensamento que estava agora em Sua mente. Todas as cenas anteriores deste capítulo, o relato dos galileus, a parábola da figueira, e a hipocrisia dos príncipes na

casa de Abraão, com a enfermidade da filha de Abraão, tudo O levou a esses pensamentos enquanto Ele agora Se aproxima da cidade. E pode ser que essa mente estivesse tão expressa em toda a Sua maneira de ser que alguém, ao observá-Lo, como se entendesse um pouco Seus pensamentos, disse: **"Senhor, são poucos os que se salvam?"**. Este foi, porém, um momento de interesse para nossa alma, e eu gostaria de refletir um pouco sobre ele.

Isso nos sugere que o Senhor tinha um método – perfeito, não preciso dizer, como tudo o mais com Ele – em responder perguntas. Ele nunca visa meramente transmitir informações, como falamos, mas busca afetar o coração ou a consciência. Não é tanto a *indagação,* mas o *inquiridor,* com quem Ele trata. Talvez cada caso mostre isso; mas eu o exemplificaria brevemente. Assim: quando perguntado sobre o tempo em que Sua Palavra contra o templo deveria ser cumprida, Ele não responde a isso, mas conduz os pensamentos dos discípulos para assuntos grandes e solenes, selando Suas instruções na alma deles pelas importantes parábolas das dez virgens e dos talentos (Mt 24-25). Em resposta a João, **"És Tu Aquele que havia de vir ou esperamos outro?"** Ele não diz: *"Eu sou Ele, e não precisais procurar outro"*, mas mostra aos discípulos de João aqueles objetos que eram adequados para levar a resposta ao coração em poder real e vivo (Mt 11). E aqui: **"Senhor, são poucos os que se salvam?"** não foi respondido formalmente, mas moralmente, ou de uma tal forma que fosse adequada ao próprio homem, dando-lhe assunto para solene investigação e aplicação próprias.

Um método, podemos certamente dizer, que revela Sua sabedoria e Sua bondade, e que Ele estava de fato tratando com o homem; não exibindo Seus próprios recursos de conhecimento, mas, com sinceridade, buscando e salvando os perdidos. O método do homem é uma coisa pobre. Pois olhe para Jesus em contraste com os homens cultos, ou (como Paulo fala), **"os príncipes deste mundo"**. Quando lhes perguntaram onde Cristo deveria nascer, eles responderam formalmente –

verdadeiramente, de fato, mas formalmente – não buscando despertar a consciência do rei na ocasião assim oferecida a eles (Mateus 2). Mas quando foi perguntado a Jesus *de Quem Ele nasceu* – **"Onde está Teu Pai?"** – Sua resposta não chega meramente aos seus ouvidos, mas às suas consciências com todo o sério e solene poder (João 8).

Ele não precisa de nossos elogios, amados; mas deveria ser motivo de alegria para qualquer um de nós refletirmos sobre essas Suas perfeições e admirar Sua beleza. E tenho certeza de que essas reflexões são valiosas hoje em dia. Pois o presente é um tempo em que muitos estão correndo de um lado para o outro, e o conhecimento está aumentando. E isso deve ser um aviso para nossa alma; pois o santo sempre tem que vigiar contra o que é chamado *de espírito dos tempos.* Paulo, quando ora pelos santos, para que cresçam em *conhecimento*, primeiro deseja que eles tenham o *entendimento espiritual* (Ef 1:17-18; Cl 1:9). Pois o mero intelecto não tem valor. É melhor que deixemos nossas investigações de lado, do que segui-las na sagacidade da habilidade humana. E, amados, será inoportuno recorrer ao pensamento de alguém que viveu para Cristo em dias antes dos nossos – que *"o desejo de saber muito, mesmo em coisas espirituais, pode ser o testemunho de que na realidade o próprio Deus não é conhecido?" Conhecer* a *Ele mesmo* é vida eterna. E como alguém de nossos dias observou com muito proveito: *"O homem natural frequentemente recebe a verdade mais rapidamente do que o santo, porque o santo tem que aprendê-la em sua consciência, tê-la exercitada diante de Deus por aquilo que ele está aprendendo."* Muito necessária é esta admoestação. Podemos nos apressar para ser sábios e cheios de conhecimento nesta era agitada, e a alma ser prejudicada, profundamente prejudicada, ao mesmo tempo. Mas digo isso apenas de passagem.

Nesta resposta do Senhor à pergunta agora colocada a Ele, apreendo que o *"porfiar"* (ou "esforçar" – ARA) e o *"procurar"* não são meramente medidas diferentes de intensidade na mesma

ação, mas ações *moralmente* diferentes. O "procurar" vem com o alarme com o **"se levantar"** do pai de família (ou dono da casa – ARA), e é o medo que desperta; o "porfiar" é uma ação do coração e da consciência diante de Deus, antes que o pai de família tivesse se levantado; uma ação, portanto, não resultante simplesmente do medo de ser deixado de fora. E quantas vezes essa descrição de "procurar" é exibida entre nós. Um alarme repentino despertará afeições religiosas; mas elas só vivem enquanto o perigo passa. Como diz o Senhor pelo profeta: **"Ó tu que habitas no Líbano e fazes o teu ninho nos cedros! Quão lastimada serás quando te vierem as dores e os ais como da que está de parto!**... **E te entregarei na mão dos que buscam a tua vida"** (Jr 22).

Esta passagem em nosso capítulo é, portanto, uma advertência muito importante para todos. Mas, à medida que o Senhor segue Seu caminho, ainda não é em Si mesmo, nem em Seu sofrimento ou glória, que Ele está pensando, mas em Jerusalém, e seu pecado e seu julgamento. Alguns Lhe falam de Herodes e seus propósitos contra Ele; mas o Senhor simplesmente lhes diz que Herodes e todos os seus propósitos não poderiam prevalecer contra Ele; pois, sem impedimento dele e de tudo o mais, Ele deveria caminhar até chegar a Jerusalém; que, como eminente em privilégio sob Deus, era eminente em maldade contra Ele também; e teve que preencher a medida de sua culpa, matando o último e principal dos profetas. O ódio de Herodes não deveria, portanto, ser considerado, pois Jesus deveria caminhar por sua jurisdição. E assim é, que Jerusalém é o objeto que o bendito Senhor ainda tem em Sua mente, como indicado no versículo 22. E a tudo isso, com o qual Sua alma estava trabalhando dessa forma, Ele dá expressão, dizendo: **"Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis Eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e não quiseste? Eis que a vossa casa se vos deixará deserta"**. Jerusalém **"não quis"** (Sl 81:11). O cuidado da galinha foi recusado, mas a raposa já estava dentro; e,

portanto, não deve haver nada além de dispersão presente em vez de ajuntamento. Herodes e Roma foram vangloriados, e Deus e Seu Cristo rejeitados. **"Por causa do monte de Sião, que está assolado, as raposas andam sobre ele"** (JND). E o Filho de Deus tem apenas que deixar Seu monte por enquanto em posse deles, até que, no espírito de arrependimento e fé, o povo O receba de volta e diga: **"Bendito O que vem em nome do Senhor"**.

(Este Herodes era o quarto filho de Herodes que, em Mateus 2, é chamado de **"rei Herodes"**. De Lucas 3:1 aprendemos que a Galileia era o cenário de seu governo, como também pode ser extraído desta passagem. Alguns julgaram que ele desejava tirar o Senhor de seus domínios, porque o Senhor tinha um grande e crescente interesse ali, e porque ele O odiava por Sua justiça e Seu testemunho. Não ousando, no entanto, matá-Lo, por causa do povo, ele busca expulsá-Lo, ou amedrontá-Lo. Talvez Herodes quisesse que Ele agisse como alguém medroso, e assim, agisse de forma indigna de Si mesmo; como os inimigos de Neemias procuraram, em seus dias, enredar aquele homem querido e simples. Veja Neemias 6:10-14).

Lucas 14-16

Nestes capítulos temos o modo característico do Senhor neste Evangelho muito fortemente marcado. Ao longo deles, Ele é o Mestre, o social Filho do Homem Se dirigindo a todos ao Seu redor, seja no poder de Alguém que estava convencendo a consciência ou na graça de Alguém que poderia prender o coração.

De uma forma geral, o conteúdo desses capítulos é muito peculiar a este Evangelho. Várias parábolas são apresentadas que não encontramos em nenhum outro lugar. E posso observar aqui que há mais parábolas em Lucas do que em qualquer outro evangelista; e isso ainda mostra a mente e a ação especiais do Senhor neste Evangelho.

À medida que percorremos as páginas da narrativa evangélica, ou os caminhos do Senhor Jesus Cristo neste mundo, que caráter vemos gradualmente se revelando. E que simples relato da verdade estamos ouvindo! Em cada página (para usar a linguagem de outro) somos impressionados por uma franqueza, uma simplicidade e uma naturalidade que não podem ser encontradas no mesmo grau em nenhum outro livro; e quanto ao seu grande Tema, Jesus, quem, a não ser admitindo a inspiração da Escritura, poderia explicar o fato de que alguns pescadores teriam concebido a ideia de um caráter de tal perfeição como nenhum autor jamais igualou, mesmo na época ou no país mais esclarecido? "O evangelho traz uma marca de verdade tão grande, tão marcante, tão inimitável, que seu *inventor* teria sido mais maravilhoso do que o seu *Herói* é." E, como tem sido dito frequentemente, não há descanso para *a razão* senão na *fé;* pois a existência da Bíblia não pode ser explicada sem trazer Deus à questão.

Não há momento ou passagem em Sua história em que não pudéssemos ter parado para ouvir tudo isso. Mas eu o observo aqui, ao entrarmos em uma parte do nosso Evangelho, em que o bendito Jesus trata com homens em grande variedade de caráter; e enquanto o evangelista O conduz ao longo da cena multiforme, a naturalidade da narrativa, e a perfeição d'Aquele que é o grande Assunto dela, podem ser facilmente notadas por todos nós.

A primeira cena se passa na casa de um fariseu, onde, como era Seu costume, Ele tinha vindo, a convite, para jantar. Os príncipes do grupo, como podemos julgá-los, observam a Ele para enredá-Lo assim que *Ele entrar na casa.* Ele responde rapidamente aos pensamentos deles, tornando-os seus próprios juízes e testemunhas.

Estando Ele livre, se assim posso dizer, para olhar ao redor, *depois de entrar,* o primeiro objeto para o qual Ele olha são os convidados tomando seus lugares à mesa.

Ele está ofendido. A velha mente de Adão, e não a mente segundo Deus, formou essa circunstância, por mais simples que fosse. Eles escolheram os primeiros lugares. Isso era Adão. Isso estava de acordo com aquele desejo de ser algo, que, antigamente, se enxertou no coração do homem. Jesus não podia deixar de Se ofender. Nele, desde o começo até agora, e até a morte na cruz, havia, e haveria, a plena contradição disso. Adão não era nada – uma criatura do pó – e ele buscava ser tudo. Jesus era tudo, mas esvaziou-Se de tudo. Ele Se tornou um Homem e, nessa forma, humilhou-Se de todas as maneiras. Na Pessoa que Ele assumiu, ou na posição que Ele ocupou na vida – no testemunho que Ele deu de Si mesmo, ou na nuvem com a qual Ele velou Sua glória – em tudo isso Ele sempre ocupou o *lugar mais baixo.* Mas aqui, na casa do fariseu, Ele Se encontra no meio daqueles que estavam escolhendo os lugares mais elevados. Como Ele poderia deixar de Se ofender? Tais convidados não eram segundo a Sua mente.

Então o anfitrião que os convida se torna Seu objeto. Mas não havia alívio para Ele ali. O egoísmo, sob outra forma, se mostra a Ele. A mesa do anfitrião não era como a que Ele vinha preparando neste mundo, desde que entrou nele. Pois Ele estava alimentando multidões que não tinham nada para Lhe recompensar. O *egoísmo* do **"velho homem"** O entristecia agora, como seu *orgulho* o fizera pouco antes. O anfitrião não é segundo a mente desta Testemunha perfeita da mente de Deus, assim como não eram os convidados.

Então, depois que os convidados estão assentados e o banquete prossegue, *a conversa à mesa* leva Jesus a outras tristezas.

Acredito que foi um movimento gracioso que veio ao coração de um dos presentes, quando ele disse: **"Bem-aventurado o que comer pão no reino de Deus"**. Ele foi, não duvido, atraído pelo Senhor. Mas isso não importa. Isso direcionou a mente do Senhor a pensamentos tristes sobre toda a cena que estava sob Seus olhos naquele momento. Ele viu uma mesa bem farta.

Convidados em grande número estavam lá – tantos quantos tinham sido convidados. Mas o pensamento parece surgir em Sua mente – Se Deus houvesse preparado essa mesa, Ele não teria reunido Seus convidados tão facilmente. E esta reflexão dá ocasião à parábola da Ceia das Bodas.

Foi um pensamento doloroso para Jesus – e assim será para aqueles que têm a mente d'Ele. Há alívio para isso certamente no conhecimento disto, que **"o fundamento de Deus fica firme"** – e que a incredulidade do homem nunca tocará os propósitos de Deus. Mas pensar que, quando o homem põe uma mesa, convidados serão encontrados ali, tantos quantos forem convidados; mas que quando o Deus vivo faz um banquete, nenhum dos que são *meramente* convidados come de Sua ceia! Uma porção de seu próprio caldo lhes é preferível. Um pedaço de terra, uma junta de bois ou uma esposa afastarão as afeições do melhor de nós – e o Senhor da vida e da glória não encontraria nenhum convidado em Sua custosa mesa, se Ele mesmo não os *constrangesse e os trouxesse para dentro. Um simples* convite nunca resolveria. Foi tentado, mas falhou – e Aquele que arcou com os custos de preparar a mesa teve de ter o trabalho de reunir os convidados. Seus bois e seus animais cevados encherão a mesa, e seus servos percorrerão as ruas e bairros, caminhos e atalhos, para conseguir alguns que deles comessem.

Alguma vez um banquete foi tratado assim? A cena presente responde a isso, enquanto o coração triste de Jesus refletia sobre isso.

Certamente Ele veio ao mundo para estar completamente fatigado, como alguém disse. Como que Ele poderia deixar de ser um Homem de dores em um lugar moldado e preenchido, em toda a sua ordem, pela soberba da vida e pela concupiscência dos olhos? Ele não esperou por Suas horas mais sombrias para que pudesse estar **"experimentado nos sofrimentos"**. Os momentos mais promissores, as horas sociais de amizade humana, trouxeram sua tristeza com eles para o coração deste

bendito Estrangeiro. E esta parábola nos diz isso. (Em Mateus, esta parábola está em outra conexão, tendo referência mais direta ao que era Judaico - veja Mateus 22).

Não seguimos, no entanto, nosso Senhor por toda a jornada ainda. Nós O vimos aflito e ofendido ao entrar na casa, e enquanto estava na casa; mas agora temos que observá-Lo ao sair dela.

A multidão O segue. Mas isso não é suficiente. Isso era feito todos os dias. Milhares O seguiam continuamente, aglomerando-se e pressionando-O ao longo das ruas ou caminhos. Mas isso não alcançará o coração de Cristo (Lucas 8:45). Nem essa ação da multidão; pois não fala de sua necessidade consciente d'Ele como um *Salvador.* É antes sua adoção d'Ele como um Mestre ou um Exemplo. E isso, como a primeira coisa, não é suficiente. Ele Se volta para Se dirigir a essa multidão com palavras de solene advertência. Sua alma, no meio deles, não está com a tranquilidade que expressa uma total recepção d'Ele; pois eles não tinham vindo a Ele com o devido caráter. Nicodemos O teria honrado como um Rabino, ou um Erudito – o povo no lago da Galileia como um Rei – a multidão aqui como um Exemplo ou Precursor; mas Ele não está à vontade em tal companhia – não totalmente à vontade. Ele não está tão entristecido como talvez estivesse na casa que acabara de deixar, mas não havia descanso nem gozo para Seu espírito aqui. Ele deve seguir adiante antes de alcançar Seu descanso, como nos dizem Suas palavras à multidão.

Quando refletimos sobre isso por um momento, podemos muito bem dizer, não sabemos como bendizer suficientemente a Deus por isso. *Dar* a Ele da forma ou maneira que quisermos, não vai dar certo; precisamos *receber* d'Ele. O fariseu Lhe dá um banquete dentro da casa, e a multidão Lhe dá seu respeito e admiração do lado de fora; mas Ele está triste, ou, no mínimo, insatisfeito. Ele passa por tudo isso até que **"publicanos e pecadores"** se aproximam para ouvi-Lo. Eles não vêm para Lhe dar algo, mas para obter algo d'Ele (Lucas 15:1). Então Ele Se

alegrou em espírito; Seu coração provou o fruto desejado da jornada deles, e ficou satisfeito.

O que pode superar isso em consolação para nós? Esses pobres publicanos, esses contaminados da cidade, não teriam lugar na casa do fariseu; nem fingiram seguir o Senhor com a multidão, pois são indignos e sabem que o são. Mas eles podem ir e tocar a orla de Sua vestimenta, ou levar seus cântaros à Fonte, e ali *"em vergonha e pobreza se assentarem"*. E assim o fazem; e assim são bem-vindos a fazer. Ele fica mais feliz em dar a eles do que eles em receber. Jesus agora havia viajado para longe – para longe no espírito, quero dizer. Ele tinha ido, permanecido e saído da casa do fariseu, e ao longo da estrada com multidões de admiradores; mas era cansativo para Ele. Ele não encontrava descanso, até que o pecador veio para obter d'Ele. Pois o gozo que preenche este capítulo nos diz que Seu cansaço agora havia acabado. O rebanho que acolheu a ovelha perdida, a casa que testemunhou a recuperação da moeda e o lar do pai que acolheu o filho pródigo que retornou, desencadearam, como em figuras, o gozo do Salvador agora no meio de publicanos e pecadores.

Isto está além de qualquer expressão – é maravilhoso dizer isto; mas para Jesus esta era a casa de Deus – para Ele esta era a porta do céu.

Ele havia sido acusado pelo fariseu de receber pecadores, como se Seu ministério não garantisse a justiça, mas desse liberdade ao mal. Claro que Ele poderia ter alegado várias respostas a isso. Ele poderia ter defendido Sua graça aos pecadores, com base na necessidade do caso, ou com base na glória de Deus. Mas neste capítulo, do começo ao fim, em cada uma das belas parábolas, Ele defende a graça simplesmente com base no gozo que Ele, que o Pai e que todo o próprio céu estavam encontrando nela.

Pense nisso, amado! Se o Senhor Deus for questionado sobre a razão de Seus caminhos de salvação para com você e para comigo, Ele diz que tem prazer neles – eles fazem com que Ele e Sua gloriosa habitação se regozijem. Que garantia, que consolo

brotam disso! Você acha que Seus vizinhos murmurariam pelo gozo do pastor por ter ele agora encontrado sua ovelha perdida; ou os amigos da mulher ressentiriam da alegria dela, enquanto ela colocava sua moeda no colo? E assim é com Deus. É Seu próprio gozo na salvação dos pecadores que Jesus propõe como Sua garantia ou defesa. E por que o homem deveria murmurar ou desacreditar? Será que o Senhor não pode preparar gozo para Si mesmo, assim como para o pastor? Quem ousa negar ao nosso coração a garantia e o consolo disto! Vamos acalentar o pensamento profundamente em nossa alma de que o evangelho da nossa paz seja uma fonte de gozo para Aquele que o planejou e realizou; que nosso Deus não fez nada menos do que isso, *preparou o cenário de Sua própria felicidade em nossa salvação*, como essas parábolas nos testificam.

Este capítulo é, dessa forma, a porta dos céus para nós, assim como foi para os pés cansados de Jesus. Ele havia viajado, como vimos, passando por fariseus, convidados, anfitriões e multidões de ouvintes; e agora estava assentado com pecadores que sabiam que precisavam d'Ele e vinham para obter o que queriam. O céu, em certo sentido, é apenas este lugar estendido – a habitação de pecadores salvos e de um Salvador cheio de gozo.

O Senhor, como descobriremos agora enquanto ainda prosseguimos com Ele, tem, no entanto, outros com quem conversar ainda. Ele tem que encontrar *discípulos*, depois de toda essa variedade que temos observado. E, consequentemente, no início de Lucas 16, Ele os encontra. Ele lhes dá uma palavra para despertar sua diligência e encorajar suas esperanças. Ele lhes diz para almejarem alto em suas expectativas e para direcionarem suas energias no proveito certo e eterno. Sendo discípulos, eles devem ser considerados como tendo já retornado como pródigos, e o que cabe agora é valorizar as esperanças que a graça havia colocado diante deles e lhes diz: **"granjeai amigos"** de todo talento e oportunidade, sabendo que seu trabalho não seria em vão no Senhor.

Essa foi uma palavra oportuna aos discípulos, imposta a eles na parábola do mordomo infiel. Pois nosso grande Mestre havia escolhido palavras – palavras refinadas em fornalha de barro, purificadas sete vezes; e Ele as **"maneja bem"** entre todos. E isso podemos agora ver ainda mais; pois os fariseus devem fechar essas cenas, como as abriram.

Os princípios celestiais com os quais o Senhor acabara de exortar Seus discípulos, esses homens ridicularizam, pois eram cobiçosos. Eles eram tudo o que o mundo podia estimar – e essa estimativa eles buscavam e serviam; e, é claro, eles não podiam deixar de ridicularizar os princípios celestiais do Filho de Deus. Mas Ele expõe o estado moral deles; e então, em uma parábola, manifesta a condenação desse estado. Ele os convence de terem sido falsos àquela mesma lei na qual se vangloriavam; e também de terem recusado aquela palavra do reino que o Deus da lei havia enviado para sucedê-la. Toda a condição moral deles poderia, assim, em uma ou duas frases, ser exposta e repreendida. Mas isso não era nada para eles; eles eram servidos no mundo; seus princípios os alimentavam suntuosamente e os vestiam de linho fino e púrpura; e nisso eles estavam satisfeitos, embora sobre isso repousasse o julgamento de Deus.

Esta foi a palavra solene de encerramento, dirigida aos "religiosos perfeitos" (como os fariseus foram chamados) daquele dia. A mente do Senhor faz esta sua última revelação nesta grande ocasião moral. Ela havia lidado com convidados, e anfitrião, e multidões, e discípulos, e fariseus. Ela havia dividido a palavra da verdade entre eles. E se prezamos os pensamentos de Deus em tudo o que vemos ao nosso redor, estudaremos tais exercícios da mente de Cristo como esses. Sua lâmpada, desta forma, deveria brilhar em nossa cabeça, e por Sua luz deveríamos caminhar por todas as trevas que tão densa e variadamente nos cercam.

Não conheço nada como uma grande exibição de moral divina além disto. A alma, ao passar por estes capítulos, deve se perder em admiração. O estilo do Senhor aqui ilustra o que outro disse

sobre Ele – *"Ele observou Sua oportunidade de instruir; isso foi trazido à tona na ocasião adequada. Daí o perigo de sistematizar o Cristianismo; pois não foi assim introduzido. A lei era um sistema ordenado, mas a graça e a verdade eram incapazes de serem exibidas de uma só vez (a não ser em Sua Pessoa), mas exigiam ser reveladas gradualmente, à medida que as necessidades do homem se revelavam."* Isto é muito justo. E disso se deduz, muito justamente também, *"que não é de pouca importância notar atentamente, não apenas o assunto, mas a maneira, dos discursos do Senhor; aquilo que os levou a isso, bem como o ponto para o qual eles tendem."*

Mas há outra coisa a ser observada aqui, e ela se volta para nós para investigação e advertência. Jesus julgou com julgamento justo. Ele não deveria ser bajulado. Ele não julgava pessoas ou circunstâncias em relação a Si mesmo. É aí que falhamos tão comumente em todos os nossos julgamentos. Vemos objetos, sejam pessoas ou coisas, muito sob nossa própria luz. Como essas circunstâncias *nos afetaram? Como essas pessoas nos* trataram? Essas são as perguntas do coração; e, pela resposta que recebem, o julgamento é muito comumente formado. Somos *bajulados* em bons pensamentos sobre as pessoas e *desprezados* em pensamentos duros. Jesus não era assim. O elogio e a boa comida do fariseu não afetaram Seu julgamento sobre toda a cena em sua casa. A simpatia de uma hora social não poderia relaxar a retidão de Seu senso das coisas; como a recente confissão de Pedro, em outra ocasião, não impediu a repreensão que a mundanismo de Pedro merecia. Jesus não deveria ser bajulado. Como o Deus de Israel nos tempos antigos, Sua arca pode ser vangloriada e trazida para a batalha com um clamor; mas Ele não deve ser lisonjeado por isso. Israel cairá por sua injustiça (1 Sm 4).

Que lição para nós! Que razão temos para nos guardar contra os julgamentos do amor-próprio! Contra provar e comparar coisas ou pessoas em relação a nós mesmos! Esta mente firme e inabalável de Jesus pode ser nosso encorajamento, bem como nosso

padrão, nisto; e podemos orar, para que nem *"a bajulação nem o rancor deste mundo"* nos movam de ter nossos pensamentos como diante do Senhor o dia todo!

No entanto, não podemos permitir que a percepção do caminho de Deus, como sendo tão acima do nosso, e das perfeições de Jesus como servindo apenas para expor nossos muitos erros, nos devorem de demasiada tristeza (2 Co 2:7). Estamos dispostos frequentemente a considerar e lamentar sobre *experiências*, a ponto de ficar abaixo do lugar onde *a fé* nos colocaria. Isso, no entanto, não deve ser permitido acontecer. A fé deve prevalecer. E a fé, assim como a convicção, tem um poder de separação. A convicção do pecado separa para o lugar da tristeza, como fez com Natanael para a sombra da figueira, e como fará com o arrependido Israel, em breve, **"cada linhagem, à parte, e suas mulheres, à parte"** (Zc 12:14). Mas assim é a fé. Ela concentra o poder de ver e ouvir em seu objeto, abrindo o ouvido de um filho pródigo para a música que o Pai havia ordenado, mas fechando-o até mesmo para a lembrança de loucuras passadas e para os murmúrios da presente e consciente frieza.

Fé preciosa! Ela tem a ver com Deus. O filho pródigo ficou em silêncio. Ele não deteve a mão do pai, como se estivesse fazendo muito por ele. Isso pode ter parecido modesto e humilde, mas não teria sido assim – pois a verdadeira humildade esquece a nós mesmos. Seu silêncio à mesa era fé. E tinha um rico banquete diante dele. Entre outras coisas, poderia ter se alimentado da verdade bem conhecida, de que as afeições *ascendentes* nunca são iguais às *descendentes.* Um filho nunca ama um pai com a intensidade com que um pai ama seu filho. Sim, e mais do que isso – o pai fica satisfeito em tê-lo assim. Um pai fica satisfeito em saber que seu amor nunca obterá sua **"recompensa disso"** vinda do seio do filho.

Esses pensamentos podem ter alimentado o coração do filho pródigo, enquanto ele comia em silêncio do bezerro cevado. E eles devem ser nossos pensamentos para com nosso Pai

celestial. Não que Ele seja indiferente ao estado de nosso coração para com Ele. Isso não seria nem Sua glória nem nosso gozo. Mas Ele sabe que *Seu* amor será sempre o maior. Ele sempre será Aquele a sentir **"muito mais"** como Davi com Jônatas. Pois Ele está no lugar mais elevado; e esse lugar manterá Seus direitos e atributos. E está entre os atributos da afeição *descendente* (que sai do lugar mais elevado), como eu disse, fluir com a corrente mais rica e generosa; e tudo o que a fé tem a fazer é permitir isso e se regozijar que seja assim. A fé ascende a Deus e faz essa jornada em silêncio. Nem mesmo as queixas e confissões de um espírito justo e julgando a si mesmo devem ser ouvidas. Mas nada, a não ser aquela **"luz inacessível"**, pode transcender a elevação daquele descanso e morada até a qual ela carrega o coração em triunfo. **"Senhor: Aumenta-nos a fé"**! (ARA)

Lucas 17:1-10

A reflexão com a qual o Senhor abre esses versículos parece ter sido sugerida à Sua mente por essas cenas de Lucas 14-16. Tudo o que estava passando sob Seus olhos e ouvidos O levou a pensamentos de ofensas; e tais pensamentos encontram suas declarações aqui, em segredo com Seus eleitos. Ele encontrou obstáculos para a manifestação e estabelecimento de Seu reino no lugar onde tudo deveria ter sido preparado para isso; e Ele é levado a pronunciar "ai" sobre o ofensor.

Ofensas são aqueles princípios que são inconsistentes com a natureza de Seu reino, e impedem sua exibição – *"impedimentos e oposições feitas à fé e à santidade"*. E para, talvez, proteger mais cuidadosamente Seus discípulos contra ofensas, o Senhor lhes dá duas admoestações, de acordo com as quais duas virtudes essenciais de Seu reino deveriam ser preservadas – sua pureza e sua graciosidade. Se houve transgressão, Ele requer repreensão; pois isso manteria Sua casa em ordem pura ou santa; se houve arrependimento, Ele ordena perdão; pois isso manteria Sua casa em ordem amorosa e graciosa.

Mas essas demandas que Ele faz ao coração de Seus discípulos, eles descobrem que estão muito além da capacidade deles, e os levam a perceber que eles precisam obter força de Outro para eles. Sob essa consciência eles dizem, **"Aumenta-nos a fé"** – fé sendo aquilo que nos leva aos recursos de Um que é maior do que nós, e extrai virtude daquilo que foi divinamente ordenado para atender à nossa necessidade.

Pois, além de nossas meditações anteriores sobre fé, eu poderia dizer que, considerada como aquilo pelo qual um pecador é justificado, fé é simplesmente a crença em um testemunho, sendo esse testemunho o evangelho; nossa justificação sendo **"pela fé, para que seja segundo a graça"**. Isso sugere que a *obra* deve ser excluída. E isso o capítulo 4 de Romanos discute e ensina. Mas a Escritura também fala de fé como o princípio que anima a vida de um santo. Isso o capítulo 11 de Hebreus nos apresenta. E, nesse caráter, a fé é uma virtude ou princípio crescente na alma. Pode ser fraca ou forte, grande ou pequena. Como lemos aqui, **"Senhor, aumenta-nos a fé"**; e como lemos em outro lugar, **"homens de pequena fé"**; e novamente, **"Se tivésseis fé como um grão de mostarda"**; e novamente, **"a vossa fé cresce muitíssimo"**.

Neste sentido, a Escritura considera a fé, como eu disse antes, um princípio crescente na alma. É nossa entrada no poder do testemunho que é crido; **"o firme fundamento** [**confiança**] **das coisas que se esperam e a prova** [**convicção**] **das coisas que se não veem"**. É, podemos dizer, o poder da vida divina na alma, e pode estar ali saudável e com vigor, ou o contrário. Ela representa a energia do reino de Deus dentro de nós. A Escritura a menciona como aquilo que apreende Deus, espera por Ele, anda com Ele. De modo que se a fé é forte, essas e outras graças e ações semelhantes são novas e vivas. E sendo assim, deve ser com humilhação real e não fingida que falamos, quando confessamos que *nossa fé é fraca;* pois isso, se feito em inteligência espiritual, é uma confissão de quão pouco nossa alma está viva para Deus.

A Escritura, não preciso dizer, está repleta de avisos deste grande princípio. Ela considera a fé em sua fonte, suas atuações, suas qualidades e seu valor diante de Deus, e coisas semelhantes. E o Senhor aqui, em resposta ao desejo de Seus apóstolos por um aumento dela, descreve-a a eles em seus dois principais atributos – sua soberania, por assim dizer, e sua renúncia do "eu" – sendo aquilo que pode *comandar que a árvore se lance no mar,* mas então voltará para Deus e dirá que *tudo é nada. Essas são suas* excelências necessárias. A fé toma toda a bênção *de* Deus, mas deixa toda a glória *com* Deus (Rm 4).

Lucas 17:11-19

Esses poucos versículos formam outra porção distinta do nosso Evangelho. O Senhor é novamente visto em Seu caminho para Jerusalém, passando por Samaria e Galileia; e nessa cena – simples em seus materiais como é – Ele toma um lugar diante de nós que pode muito bem encher nossa alma de regozijo e louvor – o lugar do altar, o lugar ordenado por Deus para sacrifício e adoração. Isso sugere um assunto de profundo interesse para nossa alma, que eu seguiria um pouco.

Todo conhecimento de Deus deve fluir da revelação, pois o homem pela sabedoria não conhece a Deus (1 Co 1:21). A verdadeira adoração tem a mesma fonte. Cada um destes – conhecimento de Deus e adoração – deve sempre estar de acordo com tal revelação que Ele tem no tempo, ou na dispensação, dado de Si mesmo.

Entendendo isso, eu poderia citar brevemente uma linha de verdadeiros adoradores desde o início.

Abel era um verdadeiro adorador; pois ele adorava em fé, ou de acordo com a revelação (Hb 11). O primogênito do rebanho era de acordo com a promessa da Semente *ferida* da mulher, e de acordo com as túnicas de pele, com as quais o Senhor Deus havia coberto seus pais.

Noé seguiu Abel e adorou na fé da Semente *ferida da mulher.* Ele tomou a nova herança somente em virtude do sangue (Gn 8:20). Ele era, portanto, um verdadeiro adorador também.

Abraão era um verdadeiro adorador, adorando a Deus como Ele Se revelou a ele (Gênesis 12:7).

Isaque, precisamente no caminho de Abraão, adorou o Deus que lhe havia aparecido; não fingindo ser sábio, mas, como Abraão, elevando seu altar ao Deus *revelado* (Gn 26:24-25).

Jacó era um verdadeiro adorador. O Senhor lhe aparece em sua tristeza e degradação, na miséria à qual seu próprio pecado o havia reduzido, revelando-Se como Aquele em Quem **"a misericórdia triunfa sobre o juízo"**; e ele imediatamente reconhece Deus como assim revelado a ele; e este Deus revelado de Betel foi seu Deus até o fim (Gn 28, 35). Aqui estava a revelação aumentada de Deus, e a adoração seguindo tal revelação; e esta é a verdadeira adoração.

A nação de Israel era uma verdadeira adoradora; pois Deus havia Se revelado àquela nação e estabelecido Seu memorial no meio deles. Eles sabiam o que adoravam – João 4:22. Mas no meio dessa nação adoradora ainda poderia haver verdadeiros adoradores que não se conformavam com a ordem divinamente estabelecida, desde que seu afastamento dela também fosse de acordo com a nova revelação de Deus. Como, por exemplo, *Gideão*, *Manoá*, *Davi*, que eram todos verdadeiros adoradores, embora oferecessem sacrifícios em pedras ou em eiras, e não no lugar nacional designado; apenas porque, por uma nova e especial revelação, o Senhor havia consagrado aqueles novos altares (veja Juízes 6, 13; 1 Crônicas 22). *O leproso curado*, nesta passagem do nosso Evangelho, exatamente neste princípio, era um verdadeiro adorador, embora, como Gideão, Manoá e Davi, ele se afastasse da ordem usual; apenas porque ele apreendeu Deus em uma nova revelação de Si mesmo. A cura que ele sentiu em seu corpo tinha uma voz no ouvido da fé, sendo somente Deus que poderia curar um leproso (2 Reis 5:7).

A Igreja de Deus é agora, nesta dispensação, uma verdadeira adoradora exatamente da mesma forma; adorando de acordo com a revelação ampliada, tendo comunhão com o Pai e com Seu Filho Jesus Cristo. E isso ainda é, como os outros casos, adoração **"em verdade"**, porque está de acordo com a revelação. Mas é **"em espírito"** também; porque o Espírito Santo agora foi dado como o poder de adorar, capacitando os santos a chamar Deus de **"Pai"** e Jesus Cristo de **"Senhor"** (1 Co 8:6). Agora há *poder comunicado*, bem como *revelação*, para o propósito de adoração.

Este assunto de adoração é de fato um assunto abençoado para meditação posterior para todos nós. A fé do leproso samaritano, que se afastou do sacerdote em Jerusalém para depositar sua oferta aos pés de Jesus, usando-O assim como altar ungido de Deus, sugeriu isso. Ele ouviu a voz da cura – ele reconheceu o Deus de Israel na misericórdia que o havia encontrado. Isso foi revelação para ele, e ele creu, e foi levado por isso ao santuário. E isso que aconteceu com ele é o único fundamento de adoração de criaturas como nós temos sido, independentemente da época ou da dispensação em que vivamos. Ele havia sido curado, e ele sabia que havia sido curado. Em que fundamento podemos ficar para adorar senão neste? Podemos clamar na amargura de uma consciência surpresa; mas isso não é adoração. Pode ser o caminho do atraído do Pai, e terminar no santuário; mas não é adoração. Apenas o sangue de Cristo, purificando a consciência de obras mortas, leva ao serviço ou adoração do Deus vivo (Hb 9:14). Como nos próprios céus, e assim para sempre, os santos, em suas glórias, adoram enquanto estão de pé neste chão, como o piso de seu templo (Ap 5:9). *"Nosso chamado"*, como alguém disse de forma tão bela, *"é consagrar nossa vida como um sacrifício de ação de graças pela misericórdia da redenção de Deus – toda a nossa vida é para ser um sacerdócio contínuo, um serviço espiritual a Deus, procedendo das afeições de uma fé operando pelo amor, e um testemunho contínuo de nosso Redentor."* É a misericórdia, como o próprio Espírito ensina, que abre as portas

do templo, e nos leva a exercer nosso sacerdócio diante de Deus (Rm 12:1). E essa misericórdia é nossa, sabemos, somente pelas mãos de nosso Redentor ferido e atingido. Como aquele hino fervoroso diz:

"Ouve como a hoste acima comprada pelo sangue
Converge para entoar o amor de Emanuel,
Em doces e harmoniosos acordes!
E ao dedilharem suas harpas douradas,
Este tema somente inflama seus peitos,
Que a graça triunfante reina!"

"Une-te, ó minha alma; pois tu podes contar
Como a graça soberana rompeu tua cadeia,
E quebrou teus grilhões nativos!
E desde aquele dia querido e abençoado,
Quantas vezes és constrangida a dizer,
Que a graça triunfante reina!"

Devemos, dessa maneira, tomar nossa própria parte na adoração. Como o salmista, depois de chamar toda a criação para louvar, diz: ***"Ó minha alma*, louva ao SENHOR!"**

Lucas 17:20 – 18:8

Nesta porção, novamente obtemos outro assunto para nossos pensamentos, como discípulos do Grande Mestre, que estava ordenando tudo para nossa edificação. **"O reino de Deus"** é tratado aqui pelo Senhor, em resposta a uma pergunta dos fariseus. Não aprendemos as circunstâncias desta cena onde ela estava, ou quando ela estava; tais avisos estão além do propósito do Espírito em nosso evangelista, como eu disse; mas temos em grande parte o ensinamento de nosso Senhor sobre o assunto em si. (Lucas 18:1 deveria ser, **"sobre o dever de *eles* orarem sempre"**; e assim por diante; ligando assim esta parábola com o discurso anterior.)

Sua maneira aqui ilustra o que eu já disse sobre Suas respostas a perguntas. Ele Se dirige à consciência, dando uma palavra adequada ao *estado moral do inquiridor,* em vez de à *sua pergunta.*

Com essa visão, Ele aqui maneja bem a palavra entre diferentes ouvintes; pois, no versículo 22, Ele Se volta dos fariseus para os discípulos, dando diferentes visões do reino de Deus a cada um: aquela dada ao fariseu era fiel à sua condição de alma; e aquela dada aos discípulos era alimento oportuno para *a mente renovada*, conforme sua crescente capacidade. Como Ele diz em outro lugar, **"Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora"**. E assim, na sabedoria do Espírito de Cristo, quando Paulo foi recebido pelos curiosos atenienses, ele não lhes respondeu de acordo com sua curiosidade, mas declarou-lhes as solenes coisas de Deus, do julgamento e do arrependimento.

O assunto deste breve discurso é **"o reino de Deus"**. Essa expressão indica uma dispensação na qual o poder divino é introduzido. Como diz o apóstolo: **"o reino de Deus consiste não em palavra, mas em poder"** (ARA). É, julgo eu, como alguém disse, *"o exercício ou manifestação do poder governante de Deus sob quaisquer circunstâncias"*.

Ele tem manifestações diferentes; e é essa verdade que nosso Senhor nos revela neste lugar. Ele nos ensina que este reino de Deus não é **"comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo"** – mas, em breve, será **"os dias do Filho do Homem"**, ou poder manifesto e glorioso. Em João também o Senhor fala dessas duas formas do reino, apenas sob expressões diferentes daquelas que temos aqui. Quero dizer em Sua confissão a Pilatos, onde Ele Se reconhece como **"Rei dos Judeus"**, mas deixa o romano saber também, que esse caráter de Seu poder não poderia então ser manifestado; mas que, no presente, deveria tomar outra forma sob Ele como a **"testemunha da verdade"** (João 18). Então aqui; agora é o reino **"entre vós"**; e,

em breve, será o reino dos **"dias do Filho do Homem"**. As glórias pertencem ao mesmo Jesus, mas são diversas. É glória oculta agora – glória interior, no Espírito Santo, a glória de um santuário conhecido somente por Deus e pelos adoradores. Será glória manifestada em breve, ou glória no mundo, conhecida de uma extremidade do céu à outra.

Tendo assim testificado essas duas formas do reino, o Senhor continua ensinando o que aconteceria antes que ele pudesse passar para sua segunda forma. Ele diz aos discípulos que convém que Ele próprio **"padeça muito"**; que eles deveriam estar *"desejosos"*; orar sempre e não desfalecer; e habitar nos lugares separados, o telhado e o campo, os lugares de oração e desejo, como Isaque e Pedro testemunham (Gênesis 24, Atos 10). E então, quanto a tudo mais, Ele ainda lhes diz que, exatamente na véspera do reino tomar sua forma manifesta, ou quando **"os dias do Filho do Homem"** começassem, o mundo seria encontrado em todo o excesso e intoxicação dos tempos de Noé ou Ló; e que, consequentemente, aqueles **"dias do Filho do Homem"** irromperiam sobre eles com a surpresa de um relâmpago, mas também com um justo discernimento entre homem e homem – entre aqueles que estão no desejo e na oração designados, e aqueles que encontraram no plantio e na construção, na compra e na venda, o despojo de suas mãos, e estão satisfeitos.

Isaías parece ver aqueles dois na cama, no moinho e no campo, neste dia do Senhor (Is 3:10-11; 33:14-16). Malaquias também olha para eles no dia do discernimento, quando o mesmo Sol, que nasce com cura em Suas asas sobre um, abrasará como um forno o outro (Ml 3-4). Pois este dia do Senhor agirá com discernimento, ou em julgamento. Um será tomado, e o outro deixado.

Havia, no entanto, um terceiro objeto. Na história dos tempos de Ló, não havia apenas o próprio Ló e o povo de Sodoma, mas também a esposa de Ló. Ela não pereceu em Sodoma, mas entre Sodoma e Zoar. Para ela, a saída de Sodoma era *exílio*, não *libertação*. Muitos do arraial no deserto trataram a separação do

Egito com o mesmo sentimento. E isso produz uma questão solene e prática para nós. Como nossa alma considera o pensamento da separação do mundo? Na estima de nosso coração, isso é *exílio* ou *redenção?* Estamos cantando sobre esse pensamento como Israel no Mar Vermelho ou, como Israel depois, estamos nos lembrando dos peixes do Egito, suas cebolas, seus alhos e seus pepinos? A esposa de Ló olhou para trás e se tornou uma estátua de sal. Ela suspirou como uma exilada de Sodoma. Cantamos, como os resgatados do Senhor, ao sairmos dela?

"Lembrai-vos da mulher de Ló", foi a solene palavra do Salvador no meio deste discurso sobre o reino de Deus. E é uma palavra pesada e séria para entrar fundo em nosso coração.

E o Senhor nos ensina ainda que, em nenhuma das formas, este reino de Deus está sujeito ao **"ei-lo aqui"** ou ao **"ei-lo ali"** do homem. Ele se faz conhecido. É característica do *poder* fazer isso. Quer o reino esteja **"entre vós"** ou em **"todo o mundo"**, ele se fará conhecido. Como o Senhor diz do Consolador interior: **"mas vós O conheceis, porque habita convosco e estará em vós"**. E posso citar Paulo como estando assim *consciente* da presença do reino. Assim que isso encheu sua alma, assim que teve o Filho revelado nele (e esse era o reino interior), teve poder imediatamente para separá-lo para Deus. Com essa nova e maravilhosa alegria nele, ele pôde sair, como Abraão, de casa e parentes. Ele não queria que o selo do homem fosse colocado em seu título, nem que os suprimentos do homem fossem abertos para sua felicidade. Ele não consultou a carne nem o sangue, nem subiu a Jerusalém, para aqueles que eram apóstolos antes dele, como se precisasse de sua aprovação. Ele desceu para a Arábia, onde areias e solitude o aguardavam, em vez de ir para os pilares da Igreja e para a cidade das solenidades. Pois o Filho foi revelado *dentro* – seu título foi selado, e seus recursos foram abertos lá, pela mão do próprio Deus – e ele era independente da sanção do homem e dos suprimentos do homem. Deus era tanto sua Testemunha quanto sua Porção (Gálatas 1).

Mas isso pode muito bem nos humilhar, amados. Pois quão pouco aprendemos sobre essa divina independência da criatura! Será que até mesmo olhar para a Arábia com as costas dadas à Jerusalém, não seria algo demais para nós? Temos tal reino interior, tal luz, força e alegria em Deus, que **"carne e sangue"** não são mais nossos recursos? O que nosso coração sentiria se apenas areias e desertos estivessem diante de nós? Mas a primeira alegria da adoção em Paulo deu a cada lugar na Terra o mesmo caráter para ele, e essa primeira alegria deveria ser nossa até o fim.

A parábola da Viúva Insistente encerra este discurso. Isso pode nos levantar a questão: De onde vem este clamor, este clamor dia e noite, dos eleitos? Os santos que estão sendo agora reunidos devem se alegrar na demora do Senhor como sendo salvação para os outros (2 Pedro 3). Mas a eleição Judaica dos últimos dias é frequentemente apresentada como clamando ao Senhor, o justo Juiz, para que Se manifeste. E parece que o Senhor os tinha mais precisamente em Sua visão, ao usar esta parábola. Mesmo assim, há um clamor dos santos, em certo sentido, incessantemente ouvido de Deus. Houve um clamor do sangue de Abel (Gênesis 4). Também aprendemos que houve um clamor de Sodoma (Gênesis 18). Há um clamor dos salários não pagos dos mercenários (Tiago 5). Até as pedras podem ter uma voz no ouvido do Senhor (Habacuque 2:11; Lucas 19:40).

Mas depois que o Senhor deu a Seus eleitos este lugar elevado com Deus, este lugar de interesse e prevalência, Ele encerra com palavras adequadas para colocar uma reserva santa no coração deles, e fazê-los olhar para *si mesmos* em vez de seus *privilégios e poderes.* **"Quando, porém, vier o Filho do Homem, porventura, achará fé na Terra?"** Certamente este era o caminho de um Mestre perfeito, misturando as luzes castigadas e brilhantes, dando um caráter de santidade às nossas dignidades, e, em relação ao exercício de nossas mais altas funções e poderes, transmitindo uma modesta estimativa de nós mesmos.

Lucas 18:9-30

Aqui encontramos outro assunto, da mesma forma, claramente considerado.

Há três cenas nesta porção do nosso Evangelho, duas das quais temos em Mateus e em Marcos. Nosso evangelista não chama a atenção para suas circunstâncias em tempo ou lugar, mas parece apresentá-las juntas com o propósito de ilustrar um grande assunto moral, de acordo com sua maneira usual.

O assunto é nossa forma de *se nos aproximarmos de Deus*, ou *de entrarmos no reino;* e segue apropriadamente a cena anterior, na qual a natureza do reino foi considerada e ensinada; como vimos. Na parábola do fariseu e do publicano, no caso dos pequeninos, e do jovem príncipe, somos ensinados quais são as características daqueles que entram, e têm suas boas-vindas, no reino.

É a renúncia do "eu" em todas as formas. Este é o nosso chamado, nossa perfeição; abandonar tudo o que é do homem, ou da carne, ou do mundo – para que possamos ser estabelecidos de maneira certa e com gozo no próprio Deus, e em Sua rica provisão para nós.

Esses três casos expõem essa renúncia própria. O pobre publicano de coração quebrantado fez isso; o pequenino faz isso; o jovem príncipe, se tivesse se tornado um seguidor do Senhor, teria feito isso. Por essas instâncias, e Suas reflexões sobre elas, o Senhor abre essa doutrina. Os apóstolos, depois, sob o Espírito Santo, prosseguem com ela mais completamente. Pois o esvaziamento completo da criatura, ou a renúncia da carne, é, não precisamos dizer, essencial para a obediência de fé.

A lei tinha vindo previamente buscando o bem na carne, ou fruto dela para Deus. Mas não encontrou nenhum. O Filho de Deus, ao contrário, veio de tal forma que condenou o pecado na carne (Rm 8:3). Paulo, portanto, em sua doutrina, deu fim *à carne* por completo. Ele a viu como um grande naufrágio – ainda não totalmente fora de vista, ou ido para o fundo, mas foi deixada por

ele para ela perecer em sua própria corrupção. Ele havia sido lançado em um novo mundo, em uma nova criação, com o Filho de Deus ressuscitado.

É edificante notar o fervor e a determinação com que, em cada forma e pretexto da carne, Paulo escapa dela ou a renuncia. Ela está sujeita à *condenação?* Sim, mas Cristo suportou o juízo dela, e ele, um crente em Cristo, é livre. A carne tem sua *religião?* Ele considera tudo como perda e escória; suas ordenanças e observâncias, sua escravidão e medo, ele nega e recusa a tudo, gloriando-se na justiça de Deus pela fé. Ela tem *sabedoria?* Sim; o mundo tem seus príncipes – o sábio, o escriba e o inquiridor; mas Paulo insiste que Deus tornou tudo isso como loucura, e deseja apenas aquela sabedoria que o Espírito esquadrinha e revela. Paulo escapa de tudo a que foi exposto; ele renuncia a tudo o que poderia almejar. Ele não estava na carne, mas em Cristo ressuscitado dos mortos por ele. E esta é fé gloriosa, que, desta maneira, deixa a carne em sua condenação, por um lado, e, por outro, a deixa muito longe, e para sempre atrás de nós em suas capacitações – seja de sabedoria, seja de justiça, seja de qualquer outra coisa.

Paulo tinha sido especialmente capacitado por Deus para ser uma testemunha da inutilidade do homem ou da carne em seu melhor estado. Pois se qualquer outro pudesse ter tido confiança na carne, ele mais ainda; como ele nos diz (Filipenses 3). Mas sua renúncia a ela expõe sua total vaidade, como sendo o ato de alguém que havia conseguido as mais justas e lisonjeiras realizações nela.

E é somente a fé que faz isso. Essa é a excelência transcendente da fé – fazer aquilo que nada mais pode fazer. Entre as virtudes, o amor é exaltado ao lugar principal (1 Co 13). Mas a fé faz o que nunca foi atribuído ao amor fazer. É aquilo que se apega à salvação de Deus para o pecador. E até chegarmos a Deus, o melhor de nós mesmos apenas nos mantém mais distantes d'Ele. O zelo de Paulo, uma coisa boa na carne, o levou a perseguir a

Igreja. A sabedoria dos *príncipes* deste mundo os levou às trevas e à ignorância do mistério de Deus (1 Co 2). Eles eram príncipes, é verdade, os mais exaltados de sua geração, mas eram príncipes deste *mundo;* e o fato de serem príncipes ali apenas os fortalecia contra o Senhor da verdadeira glória. Pois com tais o mundo é o objeto; com Deus o mundo é julgado.

Retornando, no entanto, por outro momento, ao nosso evangelista, eu poderia observar que, no meio de todo esse ensinamento sobre renúncia própria, nos casos do publicano, dos pequeninos e do jovem príncipe, o próprio Grande Mestre pratica Sua própria lição. Jesus renuncia a Si mesmo. **"Por que Me chamas bom? Ninguém há bom, senão Um, que é Deus"**. Ele era bom, mas não olhava para Sua bondade. Isso era renúncia própria. O que Ele renuncia revela Sua glória pessoal e moral; o que temos que renunciar revela nossa vergonha e depravação; mas ainda assim, Ele pratica a lição que ensina e vai adiante como nosso Padrão. Temos isso novamente mostrado pelo apóstolo em Filipenses 2. Lá ele apresenta o Senhor Jesus esvaziando-Se a Si mesmo. Era, certamente, daquilo que era infinitamente ou divinamente glorioso; ainda assim Ele esvaziou-Se; e sobre isso Ele nos exorta a nos esvaziar de todo espírito de contenda e vanglória. Assim, há empatia; mas tal empatia como, enquanto Ele e nós somos encontrados nos exercitando – para falar dessa maneira – nas mesmas lições, ainda assim ela revela Sua perfeição em tudo, e o nosso estado de desonra; de modo que podemos afirmar a empatia, mas com isso estamos falando apenas para Seu louvor e para nossa própria vergonha. E quando o apóstolo declara não somente nossa empatia, mas nossa *unidade* com Ele, a mesma se torna evidente, pois embora um, Ele é o *Santificador,* e nós os *santificados* (Hb 2:11), características que falam alto e claro sobre a infinita distância moral que há *pessoalmente* entre nós, embora *um no propósito de Deus.*

Que a Mão graciosa, que nos redimiu como pecadores, amados, ainda nos conduza com segurança adiante como santos; e o Bom

Pastor, que uma vez deu Sua vida por nós, nos alimente nas pastagens de Sua santa Palavra por amor ao Seu nome!

Lucas 18:31-43

Nesta porção do nosso Evangelho, que eu separo à parte, não há nada, talvez, de característico. O Senhor aqui, como nos lugares correspondentes em Mateus e Marcos, dirige-Se à Sua jornada, na plena antecipação das aflições e da morte em que ela logo terminaria.

Mas há n'Ele, durante toda essa jornada, a expressão de uma grandeza de alma que é perfeitamente maravilhosa e bendita. Ele tem Jerusalém, e Sua taça cheia de tristeza ali, diante d'Ele. Ele não encontra empatia naqueles que eram Seus. Ele não colhe admiração do mundo. É a cruz, e a vergonha dela também, que Ele é chamado a sustentar – sendo-Lhe negado todo o semblante favorável e apoio humano. No entanto, Ele continua sem o menor enfraquecimento possível de Sua energia em pensamentos e serviços para os outros. Nós nos consideramos no direito de pensar em nós mesmos, quando os problemas nos sobrevêm, e esperar que os outros pensem em nós também. Mas este Sofredor perfeito estava pensando nos outros enquanto Ele seguia em frente, embora cada passo de Seu caminho apenas O conduzisse a aflições ainda mais profundas; e Ele tinha motivos para julgar que nenhum passo de tudo isso seria aprovado pelo homem em troca. Seu próprio pequeno grupo, inclusive, não entendia as tristezas sobre as quais Ele estava falando a eles.

E aqui deixe-me observar que, enquanto, por meio deste Evangelho, temos notado nosso Senhor como o Mestre, tratando com os pensamentos, os corações e as consciências dos homens, não podemos deixar de observar o grande desconhecimento da Escritura que até os próprios apóstolos revelam continuamente. Não parece que foi o conhecimento prévio dos profetas que os preparou de antemão para as reivindicações de Jesus de Nazaré; nem depois, em seu relacionamento com Ele, eles parecem

crescer em conhecimento. Eles se perguntam sobre uma coisa após a outra que Ele estava constantemente fazendo ou dizendo, embora tudo fosse **"segundo as Escrituras"**, ou **"para que a Escritura se cumprisse"**.

O *coração* deles, como o de Lídia depois, tinha sido aberto. As atrações que estavam em Jesus, tinham entrado e os separado de suas redes de pesca, de seus parentes e das mesas de publicanos. Então a *consciência* deles, em diferentes medidas, como a de Pedro, pode ter sido visitada por um raio convincente de Sua glória. Mas o *entendimento* deles permaneceu pouco influenciado.

Essa graça e bênção, no entanto, vieram no devido tempo. Depois que Ele ressuscitou dos mortos, quando todos os confortos de Seu próprio relacionamento pessoal com eles estavam prestes a terminar, **"Então, abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras"** (Lc 24:45); e o capítulo 1 de Atos, antes que o Espírito Santo fosse dado, fornece uma amostra do fruto dessa nova capacitação – esse entendimento aberto para compreender as Escrituras. Tudo isso era um grande conforto na crescente tristeza e trevas da condição deles. Seu Senhor havia partido, e o inimigo ainda estava vivo e em poder, portanto a luz de Deus agora começava a derramar seus raios sobre os olhos abertos, para que assim, por nada menos que a luz de Deus, eles pudessem andar pelas trevas do mundo. Seu gracioso Mestre foi pessoalmente retirado, e o entendimento deles foi, consequentemente, aberto para conhecer os tesouros, os confortos e os fortalecimentos de Sua Palavra.

Mas ainda não era assim, como percebemos dessa passagem. O Senhor Se refere à Sua jornada, na antecipação da aflição e vergonha em que ela havia de terminar; mas Ele não obtém a empatia daqueles que foram os objetos dos Seus cuidados e de Seu ensinamento. Podemos certamente dizer que Sua jornada foi solitária – *"Não animada por sorrisos terrenais"*.

Devemos, no entanto, testemunhar o refrigério e o ânimo para Seu espírito, providos pela mão invisível do Pai. Pois essa mão atrai alguns pecadores a Ele; e, sob esse poder (João 6:44), eles vêm em fé a Ele, enquanto Ele agora Se aproxima daquela cidade *culpada*, onde os profetas haviam perecido. Ele não precisa despender nenhum esforço Seu sobre eles. Isso distingue de maneira bela esses casos. Eles são preparados para Seu desfrute, como pelo ensino e atração do Pai em segredo e a sós. E, como a alegria de uma colheita, eles são trazidos a Jesus nessas horas sombrias e solitárias: o mendigo cego, cuja fé vemos aqui; Zaqueu, que O encontra na próxima etapa do caminho; e o ladrão que morria, que O invoca bem no final do caminho. Esses são o Seu bom ânimo durante Sua jornada. Eles não Lhe custaram nenhum cuidado ou esforço, como aqueles que eram Seus companheiros diários. Ele não foi provado pela lentidão do coração deles, ou pela obscuridade de sua fé; mas foram para Ele como a alegria da colheita para o ceifeiro.

A forte decisão e inteligência de fé que aparece nesses casos é extremamente abençoada. O mendigo cego que temos aqui não se deixa abater pelo cerimonialismo religioso da multidão que não queria que **"Jesus, o Nazareno"** fosse incomodado, mas ele insiste em sua causa aos ouvidos e ao coração de **"Jesus, Filho de Davi"**. Aqui estava a fé em sua determinação e inteligência. Ele sabia o que e Quem Jesus era. E Jesus reconhece o bom ânimo e o refrigério que essa fé Lhe rende. Pois Ele imediatamente atende ao chamado dessa fé e Se compromete inteiramente a ela, dizendo ao pobre homem: **"Que queres que te faça?"**

Assim o Deus da graça animou a jornada deste Ministro da graça, que trabalhava duro e viajava. Qual será a Sua satisfação quando Ele vir o fruto pleno do trabalho de Sua alma!

Lucas 19:1-27

Os estágios da jornada do Senhor são aqui muito distintamente marcados. Ele é visto, como no capítulo anterior, Se aproximando

de Jericó, e agora passando por ela. Então em Seu caminho de Jericó para Jerusalém, ainda do lado de fora da qual Ele Se detém por um momento, e então entra formalmente na cidade. E aqui, como também em Mateus e Marcos, as cenas finais no julgamento e condenação da cidade também são notadas com muita precisão, sendo este o assunto destes dois capítulos, como Mateus 21-23, e Marcos 11-12.

Mas elas têm suas peculiaridades. A conversão de Zaqueu, uma pequena narrativa que exibe de forma impressionante a obra de Deus na alma do homem, é peculiar a Lucas. E a parábola dos Talentos, ou do homem nobre que foi para uma terra remota, aqui segue essa pequena narrativa, embora dada por Mateus em outra conexão; pois, aqui, essas duas cenas são feitas para ilustrar os vários propósitos da primeira e da segunda vinda do Senhor; sendo o caminho do Espírito em nosso evangelista, como observei, para combinar circunstâncias e questões de instrução, para que os fins morais possam ser alcançados no coração e na consciência, e para que os princípios e verdades do reino possam ser ilustrados diante de nós. Mas a parábola das bodas do filho do rei é omitida aqui, sendo introduzida, mais adequadamente com o desígnio do Evangelho, em Lucas 14. Pois ali assume um caráter geral ou moral; ao passo que, se tivesse sido introduzida aqui, teria tido uma aplicação mais estrita aos Judeus. Assim, a maldição sobre a figueira estéril não está aqui, nem a sentença sobre Jerusalém é amplamente e completamente pronunciada.

(Observei ao longo dessas meditações – assim como aqui, a respeito da parábola dos Talentos –, que Lucas não observa estritamente as circunstâncias e ditos em ordem temporal, porque seu propósito é moral. Nos Salmos 105 e 106 podemos observar exatamente o mesmo. O propósito do Espírito ali é moral e não histórico; isto é, vindicar Jeová em Seus tratamentos com Israel, e condenar Israel em seus tratamentos com Jeová; o salmista não dá os eventos aos quais ele se refere em sua sucessão, ou ordem temporal. Ele fala da praga das trevas antes daquela das moscas, e da rebelião de Corá antes da fabricação

do bezerro de ouro. Isto está precisamente de acordo com o que atinge a mente em Lucas.)

Zaqueu, como observei na meditação anterior, foi um dos refrigérios fornecidos, pela graça do Pai, à alma cansada de Cristo, enquanto Ele estava em Sua jornada atual para a cidade. E o Senhor reconhece esse refrigério; pois Ele diz da conversão deste publicano, que estava respondendo ao propósito de Sua vinda: e, portanto, Ele deve ter provado nela algo do fruto do trabalho de Sua alma. O caráter desta conversão é simples e reconfortante. A ousadia de fé é notável aqui, como no caso anterior; Zaqueu sendo surdo às observações prejudiciais do mundo *justo* ou *moral*, como o pobre mendigo cego tinha sido para a *formalidade e reserva religiosa* do mundo. E o fruto da comunhão com Cristo, no lugar onde Ele estava dando ao pecador condenado as promessas de Seu favor, é trazido muito fresco e abundante.

A parábola que segue esta história feliz, como vemos claramente, e como observei brevemente antes, ilustra o grande propósito da segunda vinda do Senhor. Os profetas não distinguiram as duas vindas tão claramente. Pensamentos tanto de graça quanto de glória surgem de imediato e simultâneos a partir do que eles dizem sobre o advento do Messias. Isaías 61, ao qual nosso evangelista já nos levou, exemplifica isso (veja Lucas 4). A graça, a vingança e o reino aparecem ali em ordem e sucessão ininterruptas. Assim, o louvor e as palavras proféticas que acompanharam o nascimento de Jesus neste Evangelho contam novamente o mesmo (veja Lucas 1-2). Mas a necessidade de dois adventos surge formalmente sobre a incredulidade de Israel, e sua rejeição de seu Rei, eu digo formalmente, porque, é claro, **"Conhecidas são a Deus, desde o princípio do mundo, todas as Suas obras"** (ACF). E a história de Cristo sob a figura da **"Pedra"**, à qual aqui se faz alusão, nos dá esses dois adventos exatamente neste princípio, e a consequente vingança que agora acompanhará o segundo.

Lucas 19:28 – 23

Lucas 19:28 – 20:47

Jesus entra na cidade com dignidade real. O quinto período do nosso Evangelho começa com esta ação. A multidão assume o tom da ocasião e suas boas-vindas, seus ramos de palmeira e sua exultação, preenchem a cena desta procissão real. O clamor de um Rei estava entre eles. Mas a questão ainda era: Sião se regozijaria? Os filhos de Israel ficariam jubilosos em seu Rei? Jerusalém exultaria porque Ele estava vindo, manso e humilde, e montado em um jumento (Zc 9:9)?

Esta era a inquirição agora realizada. E sabemos a resposta. Em uma linguagem ou outra, todos os evangelistas a dão. **"Não quisestes"**, é dito aos filhos de Jerusalém. **"Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam"**, é novamente a palavra sobre Israel. E todo o curso da ação aqui registrada dá a mesma resposta. Jerusalém – aquele "assento favorecido de Deus na terra, aquele céu abaixo do céu" – havia se contaminado. O templo está imundo; os anciãos do povo são descrentes; a hipocrisia e o amor ao mundo mancham os sacerdotes, escribas e principais; eles desafiam em vez de aceitar Jesus; e armadilhas e laços são colocados para Seus pés onde a coroa deveria ter sido preparada para Sua cabeça.

A ação desses capítulos, dessa forma, se junta ao testemunho universal contra Jerusalém; e Jesus tem que chorar por aquela *"cidade de paz"*. Ela tinha sido, antigamente, Seu desejo. **"Este é o Meu repouso"**, Ele havia dito sobre ela. E como os dons e o chamado de Deus são sem arrependimento, Ele não busca alívio em outras cidades aqui, mas chora por esta infiel. E, até que Jerusalém seja restaurada, a Terra, de uma ponta a outra, é um Boquim para o espírito de Jesus em Seus santos. O gozo deles é divino e celestial até então; pois a Terra não lhes concede gozo, se Jerusalém for desobediente.

É muito abençoado ver que o lugar que o Senhor escolheu para Sua morada na Terra foi Salém, a cidade da paz. Ali, em tempos muito antigos, Sua santa testemunha e ministro se manifestou (Gn 14). E assim, quando Ele mesmo realmente desceu à Terra, Ele veio como o **"Príncipe da paz"**, buscando Jerusalém; Seus arautos proclamando **"Paz na Terra"** (Lc 2). Mas o homem não estava pronto para isso. O homem havia construído anteriormente uma cidade de confusão (Gn 11); e os construtores de Babel dificilmente poderiam estar preparados para um rei de Salém. O **"filho da paz"** (ARA) não estava na Terra para responder à saudação do **"Príncipe da paz"** do céu. Jerusalém, em seus dias, não conhecia as coisas que pertenciam à sua paz. Ele tinha, portanto, como vemos aqui, apenas que chorar por ela. Seus cidadãos O recusaram, disseram que Ele não reinaria sobre eles; e Ele tem que retornar à **"terra remota"** (a sede suprema e fonte de todo poder), para tomar novamente o Seu título ao reino.

Tudo isso, no entanto, nos diz que, quando Ele retornar, será em um novo caráter. Seu retorno será em um **"dia de vingança"**, visto que esta visitação em **"paz"** foi recusada. E, ao prometer-Lhe este dia de vingança sobre os cidadãos, o Senhor diz a Ele, ao chegar àquela **"terra remota"**: **"Assenta-Te à Minha direita, até que Eu ponha os Teus inimigos por escabelo de Teus pés"**. A Pedra que foi primeiramente oferecida como pedra fundamental, firme e preciosa, foi rejeitada pelos edificadores; e, portanto, agora, antes que Ela possa alcançar Seu lugar de honra destinado (isto é, encher, como um grande monte, toda a Terra), Ela deve primeiro ferir a imagem. O reino que será tomado pelo Nobre que retorna deve primeiro ter todas as coisas que causam escândalo retiradas dele. A incredulidade e a rebelião do homem moldaram assim o curso do Senhor do céu e da Terra; e Ele agora tem que ascender à Sua glória e reino por meio de um **"dia de vingança"**. [Este dia de vingança será sobre os gentios, bem como sobre Israel; sobre **"todas as nações"** (Is 34, 63); pois Pôncio Pilatos com os gentios, bem como Herodes com os Judeus, rejeitaram a Pedra principal da esquina (Atos 4:27)].

Mas (que a Terra nunca mais tenha um momento tão irado), Ele ainda tomará a cidade da paz para ser Sua morada, e Salém ainda será fiel ao seu nome: como Ele diz por Seu profeta Ageu, **"e neste lugar darei a paz"**; pois somente esta é *Sua* **"forte cidade"** (Is 26); seus muros serão salvação, e seus portões louvor. A **"cidade forte"** do homem então terá sido transformada em ruína (Sl 108; Is 26). O dia da vingança terá cumprido isso, pois a cidade da confusão e a cidade da paz não podem permanecer juntas. E então, quando Ele tiver estabelecido Sua própria paz, com a derrubada da cidade da confusão do homem, a Terra aprenderá a responder à saudação do céu, e a dizer: **"Paz no céu"**, da qual as aclamações aqui nos dão a garantia e o exemplo (veja Lucas 2:14, 19:38).

É fácil apreender isso, e o curso desses dois capítulos apresenta tudo isso para nós de forma muito simples. O fato de Jerusalém estar despreparada para Jesus de Nazaré, explica a necessidade de dois adventos, e para o retorno do Nobre em um dia de vingança. Mas podemos observar que, no meio de tudo isso, embora tenha sido negado a Ele tudo no presente pelos filhos dos homens, ainda assim Ele age na consciência de Seu senhorio de tudo. Ele reivindica o jumento do seu dono, porque Ele poderia dizer, falando de Si mesmo, **"O Senhor precisa dele"**. E é muito impressionante que, no curso de Sua vida e ministério, embora Ele fosse o rejeitado Galileu o tempo todo, não havia forma da antiga glória que Ele não tenha assumido. Eu já observei como a fé às vezes afastava o véu, e revelava Sua glória. Mas agora eu pergunto, Que glória? Todas as glórias de Jeová conhecidas e registradas antigamente – todas as glórias que ensinaram a Israel que seu Deus era o único Senhor do céu e da Terra. Assim: Ele curou a lepra, a honra peculiar bem conhecida de Deus (2 Rs 5:7); Ele afastou todas as doenças, como o antigo Jeová-Rafá de Israel (Êx 15:26); Ele alimentou as multidões nos desertos novamente; Ele acalmou as ondas, como se pudesse novamente dividir o Jordão e o Mar Vermelho; e Ele fez com que os peixes Lhe trouxessem tributo, como aqui Ele reivindica o jumento, tratando a

Terra e sua plenitude como sendo todas Suas. Ele também preencheria a glória judicial de Jeová, quando a ocasião exigisse isso, pronunciando "ai" sobre o povo, ou deixando a cidade para a desolação; como, antigamente, Ele havia repetidamente julgado e castigado Seu povo, tanto no deserto quanto em Canaã. Todas as antigas formas de louvor e honra conhecidas em Jeová para Israel, Ele assim Se revestiu; o Redentor, o Líder, o Curador, o Alimentador e o Juiz também, de Seu povo. E, como que guiado pela fé de um gentio, Ele pôde mostrar-Se Um com Aquele que, no princípio, *por Sua Palavra*, havia feito os céus e a Terra, e todo o Seu exército (Lucas 7).

Pode muito bem ser um serviço feliz reunir esses fragmentos de Sua glória no meio de Sua humilhação. Mas posso observar ainda que as duas parábolas que ouvimos no decorrer desta ação nos conduzem, em grande medida, por todas as dispensações divinas. A parábola dos Trabalhadores na Vinha nos dá os tratamentos de Deus com Israel, desde o dia em que foram plantados como Seu povo em Canaã, até o tempo da missão e rejeição de Cristo, o Herdeiro da vinha. A parábola das Dez Minas retoma a economia divina a partir daquele momento e nos conduz por toda a era presente até a segunda vinda ou reino de Cristo. E em cada uma delas lemos sobre a ida do Senhor para uma terra remota (Lc 19:12, 20:9). O Senhor de Israel fez isso. Depois que Ele deixou Seu povo em sua herança, nos dias de Josué, Ele retirou-Se, em certo sentido, esperando que eles cultivassem a terra que Ele lhes dera, para Seu louvor na Terra. Mas a história deles e esta parábola nos contam a decepção total de todas essas esperanças. Então Cristo, o Herdeiro Rejeitado da vinha Judaica, fez isso também. Após Sua rejeição, Ele foi para a mesma **"terra remota"** (céu), deixando para trás, não uma porção terrenal aos cuidados dos trabalhadores Judeus, mas talentos, oportunidades de servi-Lo, com Seus servos, sob a promessa de Seu retorno com o pleno direito ao reino, para recompensá-los. E a parábola nos conta, assim como a história de nossa era presente nos contará, o final disto. Estas parábolas dão, desta

maneira, uma visão muito completa dos grandes planos de Deus, surgindo aqui da maneira mais simples e natural, no curso desta ação.

Mas não é um pensamento terno o que é sugerido aqui – que os santos, nesta era, são deixados para servir seu Mestre em um lugar onde, após a mais completa deliberação, Ele foi recusado e expulso? Os *cidadãos* dela disseram que não O aceitarão; e o serviço, portanto, para ser totalmente de caráter correto, deve ser prestado com a lembrança desta rejeição.

E novamente; se a partir desta parábola aprendemos a *natureza* do serviço em geral, da história do servo inútil aprendemos a *fonte* do serviço. Este homem não conhecia *a graça.* Ele *temia;* ele julgou ser Cristo um homem *austero;* seu melhor cálculo era sair livre no dia do acerto de contas; a escravidão da lei encheu seu coração, e não a liberdade da verdade. Ele não era um Zaqueu, que carregava em sua alma, a alegria da comunhão com Jesus e a certeza de Seu amor, uma prontidão para dar metade de seus bens aos pobres e um propósito de restituir a qualquer um que ele tivesse prejudicado ainda mais do que a lei exigia. Mas este homem não era servo. Ele serviu a si mesmo, e não a Cristo. E assim fazem todos os que não começam conhecendo que Cristo os serviu primeiro, e que o serviço deles deve ser o serviço de amor grato. Amor grato! Quão feliz é o pensamento! Paulo serviu neste espírito. A vida que ele viveu, ele viveu pela fé no Filho de Deus, que o amou e Se entregou a Si mesmo por ele. O amor grato, no sentido de perdão selado e assegurado à sua alma, explica (sob o Espírito, certamente) a frutificação em Paulo; a falta desse amor – ignorância e desprezo por isso – no servo inútil, explica sua esterilidade.

Lucas 21

Assim nós o vimos – o Senhor de Israel, o Senhor da Terra e de sua plenitude, rejeitado pelos cidadãos da Terra; e Aquele que uma vez os visitou com um dia de paz, tomando Seu assento à

direita do poder, esperando para visitá-los com um dia de julgamento (Lucas 20:42). Este foi o rumo do capítulo anterior, e este presente nos mostra mais completamente todos os resultados para Israel e Jerusalém desta rejeição de seu Rei; isto é, **"os tempos dos gentios"**, o período do abatimento de Jerusalém, com o fim desses tempos quando o Filho do Homem retornar.

Este capítulo corresponde, em seu propósito geral, a Mateus 24-25 e Marcos 13. Mas, entre outras distinções, podemos observar a pequena circunstância que o abre. E é muito peculiarmente na maneira de Lucas.

Esta pobre viúva contrasta com a nação em geral. Nosso Senhor lhe dá este lugar. Pelo menos, em contraste com aqueles que podem ser considerados como um exemplo da nação em sua riqueza mundana e importância própria religiosa. E como o Senhor de Israel aqui olha para esses dois juntos, assim os profetas de Israel fizeram o mesmo antes d'Ele. Eles veem a nação em apostasia, e o remanescente no meio dela; como as duas no moinho, ou os dois no campo, como já vimos. Pois, nos últimos dias, quando as coisas de Israel se tornarem novamente objeto da atenção divina, esses dois serão mais uma vez manifestados.

Foi fácil para o bendito Senhor passar dos ricos benfeitores nesta cena, para a viúva com suas duas moedas. Conhecemos bem Sua mente para pensar que poderia ter sido de outra forma. Seu Espírito em Seu profeta (Is 66:1-2) mostra algo maravilhoso, um pouco semelhante a isto. Ele vê o homem contrito e de coração quebrantado, e se volta para tal, em vez de para todas as obras magníficas de Sua própria mão. Os céus e a Terra são, foram e serão tanto Seu deleite quanto Sua glória, mas esse homem é **"para quem"** Ele preferirá olhar. As afeições mais profundas são despertadas ali.

Que conforto é esse! E quão facilmente nossas próprias afeições entendem isso? Pois aquilo que *tem afinidade com nossa mente*

ou gosto está realmente mais próximo de nós do que aquilo que *serve aos nossos interesses.* Aquele que, no exterior, nos assuntos da vida, proporciona nossa vantagem, não está tão próximo de nosso coração quanto aquele que pode assentar-se conosco e entrar nos regozijos de nossa mente e gosto. E assim é com nosso Deus. Aquilo que assegura Sua glória, como os céus e a Terra, é deixado de lado em favor do pecador humilhado que treme diante de Sua palavra. Ali a mente divina encontra seu objeto mais querido.

Quem desejaria que fosse de outra forma? Mas quem pode medir o consolo que nos vem disto?

Muitas vezes tem sido observado com que propriedade o Senhor, ao citar Isaías 61, interrompe a Si mesmo com as palavras **"a anunciar o ano aceitável do Senhor"** (Lucas 4:19-21); porque sendo as palavras que imediatamente seguem no profeta, **"e o dia da vingança do nosso Deus"**, o Senhor não poderia dizer delas, como disse das palavras precedentes: **"Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos"**, pois Seu ministério era de graça e não de julgamento para Israel. Mas agora, neste capítulo, o Senhor, por assim dizer, continua Sua citação do profeta, e continua a revelar **"o dia da vingança"** em ordem, como Ele nos diz no versículo 22, **"para que se cumpram *todas* as coisas"** (não somente *algumas*, como antes) **"que estão escritas"**.

Este dia de vingança sobre Israel como nação se estende, em certo sentido, por todos estes atuais **"tempos dos gentios"**. A crise nos últimos dias é o caráter de todo o período. Eles são todos ***"dias* de vingança"**, como o Senhor aqui os chama, embora haja um período especial e visitação no final – **"o *dia* da vingança"**, como o profeta o chama (Is 34, 63). E, creio eu, é todo o período que nosso Senhor aqui, (em vez de nos capítulos correspondentes em Mateus ou Marcos) nos dá para olhar – aquele período sombrio e maligno, a porção de Jerusalém durante **"os dias de vingança"** ou **"os tempos dos gentios"**. E, consequentemente, em vez de apontar para **"a abominação da**

desolação" (como é feito em Mateus e Marcos, e pela qual é descrito o *último* inimigo de Jerusalém), nosso evangelista tem a expressão mais geral, **"quando virdes Jerusalém cercada de exércitos"**; introduzindo **"todas as árvores"**, na parábola, em conexão com **"a figueira"** – sendo estas ainda outras marcas do caráter mais *geral* deste Evangelho, e da visão mais estendida das aflições de Jerusalém que o Senhor está aqui tomando. De fato, é somente Lucas que tem a expressão, **"os tempos dos gentios"**.

E sendo assim, o Senhor aqui olhando através da longa perspectiva das aflições de Jerusalém, a forte impressão deixada na mente, após ler este capítulo, é esta – que o grande propósito do Senhor era proteger Seus santos contra o pensamento de que o reino de Israel seria introduzido *imediatamente* ou *em tranquilidade.* Ele lhes diz que eles não deveriam contar com tais coisas, pois antes que o reino pudesse surgir, haveria juízos e dores. Alguns diriam: **"o tempo se aproxima"**; outros diriam **"eu sou o Cristo"**; ou o mesmo enganador poderia proferir ambos (v. 8); mas o Senhor aqui adverte Seus discípulos contra tais coisas. Os cidadãos já odiavam seu Rei oferecido; e, como inimigos, eles deveriam ser mortos, antes que o reino pudesse aparecer completamente. E o grande propósito do Senhor neste discurso com eles era deixar no coração dos discípulos a impressão clara e completa de tudo isso, para que pudessem permanecer em um dia mau, e não serem seduzidos por nenhum falso profeta de paz.

Creio que Daniel, da mesma maneira, olha através de todo o tempo, **"os tempos dos gentios"**, como sendo um e o mesmo em caráter; e o chama de **"guerra"** (Dn 9:26). O fim, é verdade, será especial, e será manifestado **"com uma inundação"** como ele fala; mas o todo é uma guerra, e desolações são determinadas, até que aquilo que também é determinado seja derramado sobre o desolador.

Mas é muito significativo que, enquanto Mateus e Marcos nos dão mais particularmente a última grande angústia Judaica, ou a **"angústia para Jacó"**, e Lucas mais amplamente toda a era dos

"tempos dos gentios", João não menciona essa notável profecia de forma alguma. A entrada solene do Senhor como Rei em Jerusalém segue em uma direção bem diferente do que acontece em qualquer um dos Evangelhos anteriores. Os gregos, representando as nações presentes e obedientes nos últimos dias, vêm desejando vê-Lo, e isso O leva imediatamente a outros pensamentos. Sua alma então passa por uma angústia; e logo depois Ele prenuncia, não o julgamento de Israel, de acordo com esta profecia, mas o julgamento do mundo e do príncipe do mundo. E, finalmente, nas riquezas de Sua graça, como Salvador do mundo, Ele fala de Si mesmo sendo levantado na cruz, e de Ele ser a Luz do mundo, e Aquele que falou de acordo com aquele mandamento que o Pai Lhe dera, e que é a vida eterna (veja João 12).

Tudo isso é notavelmente característico dos quatro Evangelhos, e ajuda a concluir que essa profecia, não encontrada em João, é sobre assuntos *Judaicos*, e conectada com o retorno do **"Filho do Homem"** à Terra. Pois essa não é a perspectiva da Igreja. Os santos agora esperam pela descida do **"Filho de Deus"** do céu nos ares (1 Tessalonicenses 1). É a eleição Judaica, que, em breve, terá que esperar pelos dias do Filho do Homem.

As Lamentações de Jeremias são as declarações adequadas do coração, em empatia com Jerusalém e seus filhos, durante todos esses **"tempos dos gentios"**. A cidade ainda se assenta solitária. O monte de Sião ainda está desolado. A coroa caiu, e o gozo do coração se foi. O castigo da iniquidade ainda não foi cumprido naquela terra e entre aquele povo. Raquel ainda chora. Mas o Senhor não a rejeitará para sempre (Lm 3:31), e Raquel foi informada disso: **"Reprime a voz de choro, e as lágrimas de teus olhos, porque há galardão para o teu trabalho, diz o SENHOR; pois eles voltarão da terra do inimigo"** (Jr 31:16).

Mas há outra expressão, também peculiar ao nosso Evangelho, que talvez leve a outras perspectivas. Falando da consumação dessas aflições Judaicas, o Senhor diz: **"quando**

essas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai a vossa cabeça, *porque a vossa redenção está próxima"*.

Dizer: *"O tempo se aproxima"*, antes que qualquer aflição viesse, seria engano, como vimos; mas agora, quando o dia da vingança está no auge, dizer **"vossa redenção se aproxima"**, seria um conforto santo e oportuno para os fiéis. E, da mesma forma, os profetas conectam **"o dia da vingança"** com **"o ano dos Meus redimidos"**, como o Senhor aqui faz (Is 63:4). Juízo sobre a nação apóstata, libertação e gozo para o remanescente, ambos devem ser esperados. Pois embora o Senhor dê um fim completo a todas as nações, ainda assim Ele não dará um fim a Israel. Os prometidos **"tempos da restauração de todas as coisas"** (ARA) certamente seguirão os ameaçadores **"tempos dos gentios"**. E aqueles tempos prometidos de restituição, chamados aqui pelo Senhor de **"a vossa redenção"**, serão o verdadeiro jubileu Judaico ou terrenal, que preeminentemente era o tempo de restituição ou redenção (veja Lv 25).

Em Israel, a terra e o povo pertenciam ao Senhor; e no ano do jubileu Ele tratava ambos como se fossem Seus. Por quarenta e nove anos Ele permitiu que a confusão prevalecesse. Terras poderiam ser vendidas, e o próprio povo iria ao credor. Mas isso seria apenas por um período, pois a reivindicação de Deus era suprema; e a cada quinquagésimo ano Ele a faria valer. Israelita poderia negociar com israelita, e corromper a ordem primitiva, ou o mundo *de Deus*, transformando todo o sistema no mundo do homem; mas toda essa corrupção e perturbação teriam um fim, e esse fim vinha no ano de retorno do jubileu. Então o Senhor Se levantava, por assim dizer, para agir em Seus próprios princípios, e afirmar Seus próprios direitos; para desfazer todo o mal que o comércio do homem havia introduzido, e para replantar a terra e o povo de acordo com seus primórdios sob Sua própria mão. Sua mão estava então em primeiro plano, e Sua ordem e propósito se mostrariam abertamente. E que gozo é ver isso, que no momento em que colocamos as coisas novamente sob as mãos *de Deus*, no momento em que nos encontramos em Seu mundo, é um jubileu

que estamos celebrando, uma época de regozijo, um tempo para a restauração da graça, um tempo para fazer um retorno feliz, cada um para sua família e cada um para sua possessão.

Quão abençoado (para falar de acordo com a figura ou símbolo desta ordenança) é ter o Senhor, o Senhor da Terra, novamente. *"Felizes são as pessoas que estão em tal situação"*. E este jubileu foi introduzido pelo dia da expiação (Lv 25:9). Esse era o dia que deveria inaugurar a era milenar. Pois não é nada além da obra do Cordeiro de Deus que pode levar a qualquer gozo ou libertação entre nós. O sangue precioso é todo o nosso título. E é assim que o jubileu e a redenção estão conectados; de modo que quando o Senhor aqui diz: **"A vossa redenção se aproxima"**, era como olhar para este jubileu de Israel e da Terra. O jubileu era *a redenção de Deus* sobre Sua terra e Seu povo. Supondo que nenhum parente remidor pudesse ser encontrado capaz ou disposto a fazer isso anteriormente, o próprio Deus, no quinquagésimo ano, exerceria tanto Seus direitos quanto Seus recursos em favor de Sua terra oprimida e povo escravizado. E assim este jubileu foi **"o ano dos Meus redimidos"** (como falou o Senhor pelo profeta), ou, a época da **"redenção"**, para a qual os olhos do remanescente expectante e sofredor são aqui direcionados por seu bendito Mestre.

Aprendemos, então, que **"quando virdes acontecer essas coisas"**; esses **"dias de vingança"**, esses **"tempos dos gentios"**, seguirão seu curso, mas a **"redenção"** estará por trás de tudo isso. O **"forno fumegante"** passará primeiro, porque os direitos e reivindicações do Senhor foram negados pelos rebeldes cidadãos deste mundo, porque não havia nenhum **"filho da paz"** na **"cidade caótica"** (ARA) do homem; mas, com a mesma certeza, a **"tocha de fogo"** seguirá (Gn 15). Um clamor dos cidadãos, de que eles não O queriam, seguiu o Senhor; e em Seu retorno Ele deve, portanto, visitá-los, em Sua severa indignação, antes de proclamar o jubileu. Mas o jubileu espera para coroar e encerrar a obra.

Isso é alimento para *esperança;* e Deus é o Deus de esperança. Estar sem esperança é estar sem Deus (Ef 2:12). Não podemos ter fé sem ter esperança; porque a verdade em que cremos é a verdade *de Deus;* e Deus, sendo Amor, não nos revelará a verdade sem fazer dessa verdade um caráter tal que inspire esperança em nós. Ele deve dar essa forma às Suas revelações. Aquele que chamou Israel *para fora do Egito* os chamou *para dentro de Canaã.* E assim acontece conosco; **"Sendo, pois, justificados pela fé**... **nos gloriamos na esperança da glória de Deus"** (Rm 5:2).

Isto é muito certo. Deus é o Deus de esperança, bem como de salvação. Mas o estilo deste capítulo sugere (o que me impressionou de forma geral por toda a Escritura) que o alimento que a esperança obtém na Escritura é comparativamente pequeno – rico de fato, mas pequeno em quantidade. Isto, no entanto, é apenas mais um testemunho da perfeição dos oráculos divinos. Porque *o próprio Deus* é nossa lição atual. Somos chamados a *aprendê-Lo* primeiro, e então a herança ou glória que Ele tem para dar. E isto é tão certo. Pois quando conhecemos completamente a excelência ou bondade de uma pessoa, podemos facilmente nos assegurar de que não sairemos perdedores com ela. Seu caráter garante nossa esperança e é a segurança de nossas expectativas. Não, nós O desonramos se não esperamos d'Ele. Se, no entanto, o homem tivesse sido o autor das Escrituras, elas teriam sido muito diferentes do que são. Estariam repletas de descrições da alegria prometida. Da mesma forma com relação à vida e ao caráter de Cristo: se o homem tivesse sido o autor de tal história, ele teria se dedicado extensivamente à descrição e ao elogio. Mas a maneira daqueles que falaram d'Ele sob a inspiração do Espírito Santo é exatamente o oposto. Assim como para nossas perspectivas. Olhe para a história de Jó. Temos um longo relato de suas tristezas e do exercício de sua fé, mas a alegria e a honra em que todas essas tristezas resultaram nos são dadas em um único curto capítulo. Brilhante, com certeza, é a exposição ali de sua condição final, mas comparativamente pequena, e rapidamente tratada. E, de

modo geral, os testemunhos de Deus nos dão um relato amplo e repetido do mal deste mundo, e a consequente prova de nossa de fé nele, mas alimentam as esperanças de nosso coração da maneira mais contida. Pois, como sugeri antes, é antes *a Ele mesmo* que devemos conhecer agora, e *d'Ele mesmo* que devemos nos alimentar agora.

Nosso capítulo atual segue esse padrão. Temos aflição e provação ocupando a cena em grande parte, mas a perspectiva no final é apresentada brevemente, e logo cumprida – **"levantai a vossa cabeça, porque a vossa redenção está próxima"**.

Lucas 22 – 23

Esses capítulos encontram sua semelhança, de uma maneira geral, em Mateus 26-27 e em Marcos 14-15. Mas ainda assim, como sempre, há marcas e observações distintas.

No início dessas cenas solenes, o Espírito, em Lucas, explica o ato de Judas, como Ele faz depois pela negação de Pedro, ao revelar Satanás como a fonte de ambos. Nem Mateus nem Marcos fazem isso; mas João o faz com ainda mais exatidão, notando o progresso do poder de Satanás sobre o traidor. E essas distinções estão bem de acordo com a mente do Espírito nos diferentes Evangelhos. Mateus e Marcos não tocam na fonte secreta da impiedade, pois ela não havia sido muito notada em Israel; Lucas o faz, pois ele estava olhando para princípios maiores e mais profundos da verdade; e João ainda mais completamente, porque ele alcança mais longe as coisas divinas e o poder espiritual do que qualquer um deles. E isso pode novamente nos dar algumas lembranças de Jó; pois em sua história a fonte das provações dos santos é notavelmente aberta também, o acusador, portanto, aparecendo diante de Deus contra o homem justo, como aqui ele é mostrado desejando peneirar os discípulos como trigo. Mas aqui as fontes de segurança também são abertas, o Senhor dizendo: **"Mas Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça"**. Isso não temos em Jó.

Novamente: observo que as palavras com as quais o Senhor Se assenta à mesa na páscoa, a indagação entre os discípulos em um momento como este, sobre qual deles seria o maior, e a maravilhosa graça da resposta do Senhor; o aviso sobre comprar uma espada, ou sobre o estado militante no qual os discípulos agora deveriam esperar entrar; a cura da orelha ferida; o olhar para Pedro; e a reconciliação entre Pilatos e Herodes – tudo isso é peculiar a Lucas, e em harmonia com o caráter de seu Evangelho, nos dando o exercício da graça do Senhor, e também as operações e afeições da natureza em outros.

Então, à medida que avançamos ainda mais, é aqui somente que vemos as afeições das **"filhas de Jerusalém"** – uma visão bem dentro da visão própria do Espírito em Lucas. E essa companhia de mulheres ocupa um lugar muito peculiar. Elas não tomam parte com os crucificadores, mas ao mesmo tempo não estão no mesmo nível das "mulheres da Galileia", que, como discípulos, deixaram seus lares distantes e parentes para seguir Jesus. Elas se comovem, com afeições humanas, à vista de Suas tristezas, e retornam batendo em seus peitos; mas elas não parecem recebê-Lo como a Esperança de sua própria alma ou da nação. E ainda assim, em toda a graça, Ele parece recebê-las como um exemplo do remanescente justo no último dia. Mas, de fato, queridos irmãos, podemos dizer, em conexão com este pequeno incidente, que sentimos com muita tristeza, em nosso próprio coração, que uma coisa é render a Jesus o tributo da admiração, ou mesmo das lágrimas, e outra coisa é unir-se a Ele para o bem ou para o mal, através do bem e do mal, diante deste mundo presente; uma coisa é falar bem d'Ele, outra coisa é renunciar a tudo por Ele.

Da mesma forma, é somente nosso evangelista que mostra o desejo de nosso Senhor para com Israel na cruz – **"Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem"**. E assim (como é bem conhecido entre nós), é somente aqui que o arrependimento e a fé de um dos malfeitores são registrados. E são essas expressões adequadas e características da graça. Pois assim como os exercícios do coração humano são especialmente convocados

neste Evangelho, assim também são os caminhos daquela bondade divina que teve toda a sua expressão e corrente no meio de nós por meio do amor do Filho de Deus. Ele abunda com descobertas do homem; mas o mesmo acontece com as ações graciosas do Senhor; para que o mal e as trevas do homem possam encontrar seu remédio bendito no próprio Deus por meio do Senhor.

Esta conversão do ladrão que estava morrendo foi mais um refrigério para o coração de Jesus nessas horas solitárias e de trevas, como observamos no caso do pobre mendigo cego e de Zaqueu, o publicano. Sua fé, como a deles, era verdadeiramente preciosa. Que Mestre tão pronto foi o Espírito para ele! Num piscar de olhos (para falar assim) a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo irrompeu em sua alma! Ele entende a si mesmo em sua culpa e justo merecimento de julgamento; ele entende Jesus em Sua impecabilidade e legítima posse de um reino! E ele aprende, em sua consciência, que seu único refúgio é passar de seu próprio estado de culpa e exposição para o abrigo e glória de Cristo!

Tem sido dito que não havia fruto nesta pobre alma. Ele nunca fez nada por Cristo. Mas onde, podemos perguntar, está tal fruto para Deus como a própria fé? Não há fruto de fé que glorifique a Deus como a própria fé o faz, fé no evangelho, fé na suficiência e dignidade de Cristo. Porque ela recebe uma revelação que exalta e destaca tudo o que pode ser para o louvor de Deus. Ela admite um relato ou declaração sobre Aquele bendito, que magnifica todas as excelências divinas e tudo o que é digno de Deus.

E este é o Seu próprio propósito nisso. Como o apóstolo diz: **"para mostrar**... **as abundantes riquezas da Sua graça"** (Ef 2:7). Este é o Seu propósito, mostrar-Se para que seja conhecido por toda a Sua criação, Quem Ele é e o que Ele é, e assim fazer com que as Suas próprias obras novamente, mas mais gloriosamente do que antigamente, expressem o Seu louvor. E quão abençoadamente este propósito foi respondido na alma deste ladrão que estava

morrendo; e como é respondido até hoje na história desta gloriosa conversão! Que nós nunca nos levantemos, como alguns, a indagar sobre o fruto da fé nele, mas leiamos em sua história o propósito de Deus no evangelho de Seu amado Filho, para contar Suas próprias ações **"para louvor da glória de Sua graça"** (ARA) para sempre. Mas isto somente quando passarmos por esta pequena história, que é peculiar a Lucas.

Portanto, embora sejam apenas pequenas adições, Lucas é o único que chama o Gólgota pelo seu nome grego ou gentio, Calvário; e enquanto em Mateus e Marcos o testemunho do centurião dado a Jesus é: **"Este era o Filho de Deus"**; aqui é: **"Este Homem era justo"**.

Mas além de tudo o que me impressiona como característico nestes capítulos está aquela outra declaração do Senhor na cruz – **"Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito"**. Isto é peculiar, e nos mostra que a mente do Senhor, enquanto passa por Suas últimas horas, não nos é dada da mesma maneira nos diferentes Evangelhos. Em Mateus e Marcos, temos o clamor de deserção consciente: **"Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?"** – o clamor do Cordeiro ferido e moído. Em João, Ele passa sem referência a Deus ou ao Pai, mas simplesmente, como com Sua própria mão, sela a obra consumada nas palavras: **"Está consumado"**! Mas aqui é entre esses caminhos que Sua alma é mantida. Não é o senso de deserção, e seu devido acompanhamento, apelo a Deus; nem é o senso de autoridade divina e pessoal; mas é comunhão com *o Pai*, a declaração de uma alma que dependia d'Ele, e tinha certeza de Seu apoio e aceitação. E isso está perfeitamente de acordo com o nosso Evangelho. É aquele caminho central, por assim dizer, que a mente do Senhor tem tomado durante todo o caminho. Em Mateus e Marcos Ele sente *Deus* ausente d'Ele; aqui, Ele conhece *o Pai* como estando com Ele; em João, *Ele* tem consciência divina de Si mesmo. Todos esses Pensamentos nessas horas tiveram seu curso maravilhoso e santo através da alma do Senhor. Perfeitos em cada exercício de coração, embora vários; e

ninguém poderia traçá-los assim, pela pena de um evangelista após o outro, senão o Espírito que os despertou. **"Quando o Meu espírito estava angustiado em Mim, então, conheceste a Minha vereda"**.

Por este clamor, a vida independente do espírito é plena e formalmente reconhecida. O Senhor, ao morrer, entrega Seu **"espírito"** ao Pai. Estêvão depois, ao morrer, entrega o seu a Jesus. Um feliz testemunho para nós de que tanto o Senhor quanto Seu servo buscavam algo superior e independente do corpo. Eles buscavam uma condição do *espírito.* Não era isso o que o ladrão que estava morrendo buscava, mas foi o que, por meio da graça insuperável, ele obteve. Como Judeu, ele buscava um reino futuro; mas seu Senhor que morreria lhe promete vida presente com Ele mesmo no paraíso. Pois **"vida"** e também **"incorruptibilidade"** (incorrupção do corpo) são trazidas à luz por meio do evangelho (2 Timóteo 1:10 – JND).

A morte limita o império do pecado e de Satanás. O pecado reina até a morte (KJV). O julgamento que se segue à morte pertence a Deus. O inimigo pode seguir até esse ponto, mas não vai além.

"Hoje estarás Comigo no paraíso" foi a palavra aqui para alguém que estava então passando pela porta da morte. O reino que ele esperava, e do qual ele falava, ainda não era; mas a mão graciosa de Cristo era a única autorizada a guiá-lo; e embora não o leve direta e imediatamente para a terra prometida, onde as tribos do Senhor devem compartilhar suas desejadas e duradouras heranças, ainda assim o levará por caminhos dignos de si mesmo, caminhos de luz e vida; pois Ele é o Deus dos vivos somente, e n'Ele não há trevas nenhumas. Deus é o **"Pai dos espíritos"**; e sendo o espírito entregue, ou ocorrendo a morte, estamos a sós com o Deus vivo. O espírito retorna para Aquele que o deu; e nos é dito: "*'Não temais os que matam o corpo'*, e depois disso nada mais podem fazer".

Não temos o testemunho mais completo de que foi assim com o Senhor? Será que as rochas fendidas, a sepultura aberta e o véu

rasgado não disseram que Ele era o Conquistador do outro lado da morte? **"Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus"**. E podemos confiar na única Mão que nos encontra lá também. Pode levar ao paraíso primeiro, e não ao reino até a ressurreição, mas todo caminho será de acordo com a Mão que o abre. Era para levar o ladrão que estava morrendo naquele dia – mas para onde, senão para o paraíso, o lugar onde Paulo teve tais visões e revelações que ele não conseguiu proferir quando retornou à Terra? E para aquele paraíso um *malfeitor* que estava morrendo e o *Senhor da glória* que iria morrer (companhia maravilhosa!) iriam naquele dia.

Paulo considerou melhor partir e estar com Cristo. Ele já havia, em certo sentido, experimentado o paraíso (2 Co 12). Pode ter sido por surpresa que ele foi levado para lá. É provável que ele não tenha tido tempo para se preparar para tal jornada e para ele era uma jornada desconhecida, uma estrada não trilhada. Mas havia uma Mão que podia conduzir o espírito sem espanto. E assim conosco. Ouvimos falar da morte repentina e inesperada de santos. Mas Aquele que é o Principal na cena, e que detém as chaves do Hades e da morte, não pode ser surpreendido. E, portanto, embora aprendamos com o apóstolo que as visões e audições que ele teve lá lhe deram motivo para se gloriar, elas eram tão exaltadas, mas ele nunca insinua que eram grandes ou altas demais para ele. Seu espírito foi ajustado a elas, pois Aquele que havia preparado as cenas no terceiro céu para ele, no mesmo momento o preparou para elas.

Aquele que nos preparou para a ressurreição em corpos gloriosos não é menos que o próprio Deus, e Ele nos deu o penhor do Espírito; **"Pelo que estamos sempre de bom ânimo** [**confiantes** – JND]**, sabendo que, enquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor. Mas temos confiança e desejamos, antes, deixar este corpo, para habitar** [**estar presentes** – AIBB] **com o Senhor"** (2 Co 5).

E nosso encontro com a morte (entrada neste paraíso, como é para nós), é completamente diferente do encontro de Cristo com ela. Devemos encontrá-la como qualquer dor ou problema na carne, o inimigo usando todos eles para nosso mal, se puder, mas Deus trazendo bênção e louvor. Não há três horas de trevas diante de nós, mas o senso de um amor que é mais forte que a morte. Mas Ele tinha que conhecer aquele tempo como a hora do poder das trevas, como Ele fala neste Evangelho. E Ele tinha que conhecer a plena e justa exigência daquela penalidade (antigamente incorrida por nós), **"no dia em que dela comeres, certamente morrerás"**. Esse foi o cálice que Ele bebeu – o cálice amargo, provado no Getsêmani e exaurido no Calvário. Abençoado é para nós que O amamos saber, como Ele fala no Livro dos Salmos, que **"o cálice da salvação"** também é d'Ele. E Ele o tomará, em breve, no reino, liderando os louvores da congregação no santuário de glória.

E um pensamento cheio de regozijo (se tivéssemos corações para isso) surge aqui – que tudo é exaltado e honrado pela mão do Filho de Deus. Tudo o que foi estragado e destruído por nós é tomado por Ele e, em Sua mão, elevado a um caráter que nunca poderíamos ter lhe dado. A lei quebrada por nós foi magnificada e tornada honrosa por Ele; toda graça humana, todo fruto do solo humano (como vemos especialmente neste Evangelho), foi apresentado a Deus por Ele, e n'Ele, mais fresco e belo do que jamais poderíamos ter oferecido; todo serviço foi prestado à perfeição, e toda vitória conquistada gloriosamente, por Ele, para o louvor de Deus para sempre. E assim *a adoração.* Que orações e súplicas foram aquelas que Jesus fez uma vez no dia de Sua dor e aflição; e que louvor será aquele que Jesus liderará daqui em diante, quando Ele assim tomar o **"cálice da salvação"**! Onde poderiam estar os templos que teriam sido preenchidos com tal incenso como o que o Filho traz! Que sacrifícios nosso Deus aceitou assim em Seu santuário! Certamente é um conforto para nós saber disso, pois é no meio de nossas ruínas que esses templos foram erguidos.

Esses pensamentos surgem ao pensar naquele cálice que Jesus bebeu aqui, e naquele outro cálice que Ele recusou no momento, esperando para tomá-lo no reino. Mas eu vou prosseguir, apenas observando novamente, que onde quer que tenhamos notado algo peculiar ao nosso evangelista nesta porção de seu Evangelho, ainda é, como vimos agora, de acordo com o desígnio e a maneira do Espírito por ele. Os grandes materiais são, é claro, os mesmos em todos, pois tudo é fato e verdade; mas a mente do Senhor através de tudo isso é assim variadamente dada a nós.

Lucas 24

Chegamos agora ao capítulo final do nosso Evangelho, e ali, como no lugar correspondente de cada Evangelho, encontramos o Senhor em ressurreição.

Na ressurreição, o Senhor irrompe, carregado com o fruto pleno da vitória completa sobre todo o poder do inimigo. É, em Sua Pessoa, a **"tocha de fogo"** após a passagem do **"forno de fumaça"** (Gn 15). O tempo anterior tinha sido a **"hora"** do homem, **"e o poder das trevas"** (Lc 22:53), o tempo de Satanás para a manifestação de toda a sua força. Mas onde eles agiram orgulhosamente o Senhor estava acima deles; e este é o nosso conforto, que o inimigo foi enfrentado no auge de sua força e orgulho. A ressurreição do Senhor Jesus foi a segunda manhã na história da criação. Quando os fundamentos antigos foram lançados, **"as estrelas da alva juntas alegremente cantavam"**. Mas essa obra foi estragada. Adão entregou o reino que havia recebido de Deus nas mãos de Satanás, e a morte entrou. O Filho de Deus, no entanto, também entrou; e como aos homens foi ordenado morrerem uma vez, assim Cristo foi oferecido uma vez (Hb 9). Ele tomou sobre Si a pena, a morte merecida por nós; e assim o túmulo de Jesus é visto pela fé, como o fim da velha criação. Mas Sua ressurreição é a manhã de uma nova e mais gloriosa criação, e os santos, os filhos de Deus, cantam, em espírito, sobre ela. É o barro na mão do oleiro pela segunda vez,

para produzir um vaso que nunca pode ser estragado. É o fundamento de um reino duradouro; e esse reino, assim a ser recebido pelo Jesus ressuscitado, o Segundo Homem, Ele não irá, como Adão, *entregá-lo nas mãos do inimigo;* mas irá, no devido tempo, *entregá-lo sem mácula a Deus*, ao Pai mesmo, para que tudo possa terminar em **"Deus"** sendo **"tudo em todos"** (1 Co 15:24).

Quão bendito é isto – quão gratificante e encorajador, ver o Senhor assim desfazendo todos os poderosos danos da rebelião do primeiro homem, e, no caminho da justiça, reparando a brecha! E quem pode contar a glória daquela ordem de coisas onde a misericórdia e a verdade se encontram! Quem pode entender as riquezas tanto da sabedoria quanto do conhecimento de Deus em tal mistério! E é por isso que Ele Se mostra. Sua glória é vista **"na face de Jesus Cristo"**. Na obra da graça, e em seus frutos em glória, Deus está Se revelando; de modo que conhecê-Lo, e ser feliz na certeza de Seu amor por meio de Jesus, é a mesma coisa. **"Aquele que não ama não conhece a Deus"**.

Foi exatamente neste fundamento que, antigamente, Deus buscou ser conhecido como Deus pelos Judeus. Ele reivindicou ser adorado por eles como o único Deus, porque Ele havia Se mostrado como seu Redentor. **"Eu Sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de Mim"**. Nesta ação, Ele Se fez conhecido como Deus, cheio de graça e poder para pecadores cativos; e se não O conhecemos como tal, não O conhecemos corretamente. Qualquer pensamento sobre Deus em desacordo com isso é apenas o ato da mente de uma criatura obscurecida se ocupando com sua própria idolatria. O verdadeiro Deus é Aquele que Se revela em graça e poder redentores; e, verdade bendita, é conhecer a Deus, consequentemente, conhecer a mim mesmo como um pecador salvo pela graça.

Pela ordem primitiva da criação, a glória foi garantida como a porção de Deus – e a bênção como a da criatura. A serpente

enganou a mulher, de modo a levar o homem a buscar a glória para si mesmo: **"Sereis como deuses"**. E por isso, toda a ordem divina foi perturbada; pois o homem perdeu justamente seu lugar de bênção, nessa tentativa de tomar o lugar de glória de Deus. A obra da redenção restaura essa ordem. Ela coloca as coisas em seu devido lugar novamente. A redenção pela graça faz isso; pois exclui o orgulho e assegura a bênção. Ela reserva o lugar da glória para Deus, e o da bênção para o homem; e esse é o caminho de Deus, de acordo com a ordem da criação, conforme saiu de Sua mão. Ele não pode possuir o homem em seu orgulho, em sua antiga tentativa de ser como Deus; mas tendo-o humilhado e afirmado que a glória é somente d'Ele, Ele então mostrará que a bênção é do homem. Pois, de fato, por Sua própria bondade, a bênção é tanto o *devido* lugar da criatura, quanto a glória é de Deus. Seu amor, que é Ele mesmo, fez isso assim. Ele certamente levou em consideração o gozo do homem, assim como o Seu próprio louvor. Ele Se mostrará *Justo,* provendo assim para Sua própria glória; mas Ele também Se mostrará *um Justificador,* provendo assim para a bênção do pecador. E a ressurreição do Senhor nos diz tudo isso. Ela nos fala tanto da glória de Deus, ao destruir o próprio líder de toda a ofensa, quanto fala da bênção do homem em ter a graça concedida a ele, embora um ofensor. Esta é a lição que ela nos ensina: naturalmente difícil de ser aprendida por aqueles que buscaram se exaltar e pretendem ser como Deus; mas uma lição que, se somos redimidos, devemos aprender; pois a redenção deve restaurar os próprios princípios primitivos e imutáveis de Deus, e colocá-Lo no lugar de glória inigualável e inquestionável, enquanto dá à criatura igualmente o lugar de bênção plena e inquestionável.

O assunto deste capítulo sugere essas coisas à mente, como verdades gerais. Mas no relato do nosso evangelista sobre isso, onde quer que haja algo peculiar, creio que será encontrado como característico também. Assim, a jornada para Emaús, que em detalhes obtemos apenas aqui, apresenta nosso Senhor na

graça do Mestre ainda, tratando com os pensamentos e afeições dos homens.

Quando o Senhor estava no mundo antes, Ele Se mostrou igualmente a todos, pois Ele estava atraindo a confiança deles por serviços de amor incansável. Mas agora, em ressurreição, Ele é conhecido apenas pelos Seus. O mundo havia recusado Sua bondade, tinha visto e odiado a Ele e a Seu Pai, e não tinha o direito de vê-Lo agora em Sua exaltação, em Seu caminho para os céus mais altos. Mas aqueles que O amavam no mundo O verão agora. Quinhentos desses, embora anônimos e desconhecidos, O contemplarão, assim como Pedro e João; e O contemplarão também com uma fé tão plena e apropriada quanto a que eles têm. E todos os Seus encontros com eles são em amor e paz. Mas o amor se expressará diferentemente, de acordo com a condição e necessidade de seu objeto. Se seu objeto estiver em tristeza, o amor acalmará; se estiver caminhando na luz, o amor alegrará e aprovará; se se desviar, o amor o levará novamente aos caminhos de justiça. E assim é com o Senhor ressuscitado, que ama para sempre. Assim, Ele Se encontra com Maria para reconfortar seu coração desejoso de Sua presença; Ele Se encontra com Tomé para restaurar sua alma descrente; e, aqui, os dois discípulos, para levá-los de volta pelo caminho pelo qual vieram, pois eles tinham feito sua jornada sob o poder da incredulidade. Tudo era, portanto, o mesmo amor, embora se adaptando diferentemente a seus diferentes objetos. Esses dois precisavam de restauração, e seu Senhor os restaura. A princípio, Ele Se faz estranho, repreendendo-os por sua lentidão de coração; e então, como o Grande Profeta de Deus e o Mestre dos homens, os conduz por todas as Escrituras, até que a luz e o poder de Suas palavras aqueçam o coração deles.

Isto estava cheio de graça divina. Era a restauração da alma no amor do Bom Pastor. Mas ainda dá ocasião a este pensamento – que *o Senhor Se deleita na realidade, ou na veracidade do coração.* Esses discípulos, enquanto caminhavam, estavam tristes. Essa tristeza era real; era a afeição que se adequava às suas

circunstâncias, como eles julgavam que fossem. Eles tinham ficado desapontados. Eles tinham perdido, como temiam, a Esperança de Israel; e se O coração deles era de fato verdadeiro para tais coisas, eles devem ter ficado tristes; e eles estavam tristes. Assim, havia realidade neles, embora também lentidão de coração para crer *em tudo* o que os profetas tinham falado. E Jesus ama essa realidade. Jesus ama que tudo o que nos diz respeito tenha o selo da verdade nas partes internas. E Ele Se une a esses tristes, para mostrar-lhes que as coisas que aconteceram em Jerusalém, como eles falaram, eram realmente para eles, e não contra eles; e Ele faz com que aquilo que estava *abalando* sua fé, a *confirme.* E, em Sua maneira de comunicar isso, há tanta beleza *humana,* que tudo ainda está de acordo com Seu caminho, sob a mão de nosso evangelista que traça isso.

"E Ele fez como quem ia para mais longe". Quão perfeito foi aquele pequeno movimento! Que título tinha Ele, um Estranho como Ele parecia ser, para Se impor a eles? Ele apenas se juntou a eles pelo caminho, na cortesia de alguém que estava viajando pela mesma estrada. Que direito tinha tal Pessoa de cruzar a soleira deles? Amados, se Jesus é apenas um Estranho aos nossos olhos, Ele continuará andando do lado de fora. Até que O conheçamos como o Salvador, o Amante de nossa alma, certamente Ele não pede nada. Podemos morar em nossas próprias casas e mobiliar nossas próprias mesas, até então. Mas quando Ele é conhecido por nós como o Filho de Deus que nos amou e Se entregou por nós, então Ele reivindica um lugar em nosso coração e em nosso lar; e então Ele habitará conosco e ceará conosco, por assim dizer, sem ser convidado; entrando, na pessoa de alguns de Seus pequeninos, seja para receber um copo de água fria, ou para ter os pés lavados, em momentos em que, talvez, não estivéssemos esperando por Ele.

E que estejamos prontos, queridos irmãos! De fato, é um estado abençoado, embora duro para nosso coração às vezes. Sempre prontos e à disposição da necessidade uns dos outros; assim

acolhendo, não apenas anjos, mas o Senhor dos anjos e o Amigo dos pecadores.

Mas até agora, nesta ocasião, para estes dois, Ele era apenas um Estranho; e, portanto, Ele os deixaria em seu descanso e refeição a sós, embora o dia já houvesse declinado. Mas, oh, o adorno que estava sobre Ele! O ornamento de um espírito perfeito agraciava cada pequena passagem de Sua vida. Que dignidade, quando dignidade era a coisa; que ternura, quando isso, por sua vez, era necessária! Se o homem tivesse percepção para isso, que formas de beleza moral teriam passado continuamente diante dele, nas ações e idas deste perfeito Filho do Homem! Nunca, por um único momento, houve a menor perturbação no comportamento moral de tudo o que estava ao Seu redor. Mas o homem não tinha olhos ou ouvidos para Ele. Quando ele O viu, não havia beleza que o desejasse. A verdadeira beleza não era beleza aos olhos do homem. Nada dessa perfeição estava de acordo com o homem. Mas às vezes, pela graça, havia o ardor do coração. E assim é aqui. Esses dois felizes reconhecem o poder de Sua presença e encontram sua alma restaurada e seus pés guiados de volta à cidade, pelo caminho pelo qual tinham vindo e que para eles era novamente o caminho da justiça.

Este é o caminho da graça do Senhor ressuscitado para aqueles dois discípulos. E este é bem o Seu caminho neste Evangelho. Então, no que se segue na companhia maior em Jerusalém, temos as marcas do nosso Evangelho ainda tão frescas como sempre. Pois ali o Senhor é especialmente cuidadoso em comprovar Sua *Humanidade* – para mostrar que Ele não era outro senão o Filho do Homem ressuscitado dos mortos. Ele estabelece isso primeiro, mostrando-lhes Suas mãos e Seus pés, e então tomando um peixe assado e um favo de mel, e comendo diante deles. E assim O vemos, *o Homem*, diante de nós ainda; uma vez o Homem ungido, e agora o Homem ressuscitado. E tendo assim aprovado a Si mesmo, Ele trata com eles como homens, agindo como seu Mestre, de acordo com Seu lugar costumeiro neste Evangelho, abrindo as Escrituras para eles, e seus entendimentos

para as Escrituras. E tendo assim selado para eles este fruto da ressurreição, o entendimento aberto, Ele lhes promete **"poder lá do alto"** (TB), para que eles possam ser testemunhas das coisas que agora aprenderam.

Este **"poder lá do alto"** é, naturalmente, uma descrição do Espírito Santo, chamado também de **"a promessa do Pai"**. Mas isso sugere o Espírito Santo sob uma manifestação especial, e tal Um, também, como ainda é de acordo com o caráter do nosso Evangelho. Nem em Mateus nem em Marcos é falado sobre esse Dom Divino do Senhor ascendido. Mas em João, em um sentido ainda mais bendito, Ele é prometido como **"o Consolador"** ou **"o Espírito da verdade"**; isto é, a Testemunha nos santos da graça e da glória, as coisas do Pai e do Filho. Essas distinções são bastante características. O dia de pentecostes trouxe este Dom Divino vindo do Filho do Homem glorificado, e esse Dom imediatamente manifesta Sua presença de acordo com a promessa aqui feita: o Evangelho de Lucas, que é a primeira carta do nosso evangelista a Teófilo, terminando assim com a promessa do Espírito Santo; o Livro dos Atos, que é sua segunda carta ao mesmo amigo, abrindo com o dom de acordo com a promessa.

E esse livro foi apropriadamente chamado de "Os Atos do Espírito Santo". Ele vem depois dos quatro Evangelhos. E como eles, ou o ministério de Jesus que eles registram, deram a manifestação plena e formal do Pai e o Filho, assim este livro, que registra o ministério dos apóstolos e outros, dá a mesma manifestação do Espírito Santo. As Pessoas na Divindade são assim declaradas no devido tempo, para a plena luz e conforto da Igreja. Avisos deste mistério divino, sem dúvida, houve desde o princípio, mas o nome de Deus, **"do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo"**, estava agora totalmente manifestado e publicado.

Tudo isso, como tudo do nosso Deus, é perfeito em seu tempo. Tudo é perfeição nos caminhos de Sua sabedoria, como nas obras de Sua graça. O Senhor conta um segredo após o outro,

trazendo cada um no devido tempo, e levando a alma a dizer: **"Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus!"**

Mas isso apenas de passagem. Já observei que a menção que temos aqui do Espírito Santo é de acordo com este Evangelho; mantendo-o, por assim dizer, entre Mateus e Marcos, de um lado, e João, do outro; o primeiro não faz nenhuma menção ao Espírito, o último faz uma menção ainda maior e mais rica d'Ele, sob o título de **"o Consolador"** e **"o Espírito da verdade"**. Mas então, depois disso, até a última frase, o Evangelho ainda é de acordo com ele mesmo. Quero dizer, no que acontece nos momentos finais em Betânia.

Para aquele lugar bem conhecido, um retiro para **"as pobres ovelhas do rebanho"**, como **"atrás do deserto"** (Êx 3), o aprisco daqueles a quem Ele amava na Judeia (João 11:3), o Senhor agora conduz Seus discípulos. E ali, enquanto os abençoava, Ele Se apartou deles e foi elevado ao céu. Ele levantou Suas mãos e os abençoou. E assim que Ele fez isso e selou para eles este fruto adicional de Sua ressurreição, Ele Se apartou deles e foi elevado ao céu, onde Ele Se assenta, como **"o Homem Cristo Jesus"** (1 Tm 2:5 – JND), até que todos cheguemos à medida da estatura completa [da plenitude – JND] de Cristo, até que todos sejam trazidos para formar o novo homem, a plenitude d'Aquele que enche tudo em todos.

Nosso Evangelho iniciou com o sacerdote da família de Levi no templo em Jerusalém, e agora termina com o Sacerdote, o Senhor ressuscitado, no céu. Foi *o Homem* Jesus, em Sua infância, em Seu relacionamento e lugar humanos, que obtivemos no começo; e é *o Homem* Jesus ainda, ressuscitado e glorificado, e prestes a Se assentar em Suas honras e lugar nos céus que agora obtemos no final.

Neste caráter do Sacerdote e do Homem ressuscitado, tão completamente de acordo com a mente do Espírito em Lucas, agora perdemos de vista nosso Senhor. E a visão final que temos

d'Ele em cada Evangelho me parece muito distinta e característica. Em Mateus, o Senhor não muda Seu lugar. Ele ainda está aqui, ainda sobre a Terra, simplesmente dizendo: **"É-Me dado todo o poder no céu e na Terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações**... **eis que estou convosco todos os dias"**. Como se Ele fosse apenas o Senhor da seara, ordenando e fortalecendo Sua lavoura. Em Marcos, Ele é recebido acima no céu; mas ainda assim, quando os apóstolos saem para pregar, Ele é mencionado como presente e trabalhando com eles. Em João, nem Ele nem eles permanecem na Terra, mas Pedro e João O seguem, e os perdemos de vista completamente. Mas aqui, Ele é elevado sozinho, e ali permanece, como seu Sumo Sacerdote dentro do véu, enviando o Espírito Santo para estar com eles aqui, como poder lá do alto.

Tudo isso está completamente de acordo com o caráter. Em nosso Evangelho, o Senhor ascende como o Sacerdote; em Marcos, Ele ascende à mão direita do poder, a fim de presidir e compartilhar o ministério de Seus servos; em João, Ele ascende como o Filho do Pai, a fim de introduzir os filhos à casa do Pai.

Ele foi **"elevado"**. A expressão implica que alguma forma de transporte O aguardava. E de fato Ele tinha sido assim aguardado desde tempos muito antigos. Quando manifestado e mencionado como **"a Glória"**, **"o Anjo de Deus"**, **"o Anjo da Sua presença"** ou **"o Senhor"** (Êx 14; 23; 32; Is 63), a nuvem O transporta para cá e para lá. Primeiro O levou à frente do Seu povo redimido, para guiá-los no caminho (Êx 13). Ela então O transportou entre o acampamento de Israel e o do Egito, para que Ele pudesse ser luz para um e escuridade para o outro, e de lá olhar para alvoroçar os egípcios (Êx 14). Às vezes, O levou a tomar Seu assento em julgamento sobre Sua congregação murmuradora e transgressora (Êx 16; Nm 14; 16; 20). E depois de tudo isso, foi preciso que Ele preenchesse Seu lugar no templo (2 Crônicas 5), assim como antes, da mesma forma, O havia levado a preencher o mesmo lugar, no tabernáculo (Êxodo 40).

Assim o carro de nuvens O esperava antigamente (Sl 104:3). E quando os pecados do povo perturbaram Seu descanso no meio deles, os querubins O levaram embora (Ez 1); e os querubins foram chamados de **"o carro dos querubins"** (1 Cr 28:18 – ARA). Assim, Ele foi acompanhado, em todas essas ocasiões, por Seu carro designado. E assim Ele é agora. Ele é **"elevado"**.

Em todas essas ocasiões anteriores, no entanto, Ele é mencionado de várias maneiras, como observei, ou de forma indefinida, como **"a Glória"**, **"o Anjo de Deus"**, **"o Anjo de Sua presença"** e **"o Senhor"**. E, no último lugar que mencionei, em Ezequiel, Sua aparência é **"a semelhança de um homem"**. Daqui em diante, no entanto, esta Glória, este Anjo-Jeová, torna-Se selado com a forma e os caracteres do homem. É o Filho do Homem ressuscitado que agora é levado para o Seu lugar no alto. Não é meramente **"a semelhança de um homem"**, mas Alguém cuja Humanidade foi verificada e confirmada. Como tal, Ele agora ascende. *A glória assumiu Sua forma permanente.* E como o Homem glorificado é que nós O vemos daqui em diante, no Livro de Deus. Na visão do profeta, Ele é, depois disso, como o Homem glorificado, trazido com as nuvens do céu ao Ancião de dias, para receber Seu reino (Dn 7); como Tal, Ele está, aos olhos de outro profeta, no meio dos castiçais de ouro (Ap 1); como tal (como Ele mesmo nos diz), Ele será visto daqui em diante assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu (Mt 26); e como Tal, quando todo o julgamento for passado, Seu nome será admirável em toda a Terra (Sl 8; Hb 2).

Este é um tema maravilhoso. É *o homem* que foi assim ungido, e *o homem* que deve ser assim exaltado. As fileiras de anjos, que até agora cercaram o trono, devem se abrir, por assim dizer, para deixar a Igreja dos pecadores redimidos entrar, para que o homem possa ser exibido como o vaso designado da glória nas eras diante de nós. **"Que é o homem, para que Te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites?"** (Sl 8:4 – AIBB).

Quando o sacerdote Zacarias entrou no templo, toda a multidão reconheceu o poder de sua entrada ali, e estava do lado de fora, orando na hora do incenso, como lemos neste Evangelho (Lucas 1:10). E quando Moisés entrou na nuvem (sendo assim, como pelo véu, fechado dentro do santuário de Deus), o povo se levantou e adorou, cada homem na porta de sua tenda (Êxodo 33). Então aqui, nesta entrada do Filho do Homem ressuscitado dentro da nuvem (Atos 1:9), como dentro do véu do verdadeiro templo, o povo de fora reconhece o poder de Sua ascensão ali, e novamente olha para Ele, e adora. Mas então é aqui, e somente aqui, que eles são Seu próprio povo adorando a Ele. **"E, *adorando-O* eles, tornaram com grande júbilo para Jerusalém. E estavam sempre no templo, louvando e bendizendo a Deus"**.

Sua adoração era louvor. Somente esse era agora o culto racional (ou serviço inteligente – JND). Como eles poderiam comer o pão dos enlutados, enquanto cercavam um altar como este? Era (não devo chamá-lo?) a festa da ressurreição que eles estavam agora celebrando; e ela deveria ser celebrada com regozijo. As primícias da colheita tinham sido aceitas para eles, e eles deveriam oferecer suas ofertas de manjares e suas libações com gozo em Seu templo (Lv 23:10-13). Eles estavam esperando pelo pentecostes, a festa das semanas, mas Jesus e a ressurreição eram sua festa; e era somente com alegria que eles podiam olhar para aquele molho de primícias movido diante do Senhor que havia sido aceito.

Não temos aqui a mesma maravilhosa menção de admiração como no final de João. Pois nem todos os escritos podem ser igualmente elevados, embora igualmente perfeitos em sua ordem, e divinos em sua origem; como uma estrela, que Deus criou e fez, difere de outra estrela em glória, embora todas estejam igualmente nos céus. Lucas, como os outros, mantém seu próprio caráter até o fim, como vimos agora. É o Filho do Homem que o Espírito traça por meio dele, como tinha sido o Messias, ou Jesus em conexão Judaica, por Mateus; Jesus o Servo, ou o Ministro, por Marcos; e Jesus o Filho de Deus, o Filho

do Pai, por João. E este Homem perfeito foi primeiro o Homem *ungido*, caminhando pelos variados caminhos desta vida, e em todos eles apresentando a Deus ofertas de imaculados frutos humanos, em tal Vaso que nunca antes havia mobilado ou adornado Seu santuário; depois, o Homem *ressuscitado*, *mostrando-Se* aos Seus em Sua vitória sobre a morte e o poder do inimigo, e em amostras de algumas das bênçãos que essa vitória havia conquistado para eles; e, finalmente, como o Homem *ascendido* ou *glorificado*, prestes a aperfeiçoar em favor deles diante do trono de Deus e no templo celestial, até que Ele volte, todo o fruto de Sua vida, conflito e vitória, e enchê-los de alegria e louvor para todo o sempre.

Aqui deixamos nossa feliz ocupação, traçando os variados caminhos de nosso divino Senhor e Salvador. Oh, se isso pudesse deixar o mesmo *poder* na alma por trás disso, como transmitiu *alegria* à alma envolvida nisso! Mas o coração conhece suas próprias causas secretas de humilhação plena e constante, e aprendeu bem a adequação daquela palavra: **"quando fores convidado, vai e assenta-te no derradeiro lugar"**. Amados, que nosso Deus treine nosso coração para Seus próprios regozijos, que sempre encontra suas fontes na Pessoa e na obra do Filho de Seu amor! E que Ele também nos liberte de nós mesmos mais e mais, para que somente Jesus possa ser visto por nós!

Ao encerrar essas meditações, eu diria novamente que a habilidade que é assim, com um pouco de cuidado, discernível neste e em cada um dos Evangelhos, é perfeitamente divina. É de fato da própria mão de Deus. Se cada um dos evangelistas tivesse introduzido seus escritos por uma declaração formal do desígnio deles, e como eles deveriam se distinguir dos outros, a sabedoria e as perfeições d'Aquele que os escreveu não teriam sido tão glorificadas, nem o mesmo exercício do coração teria sido tão chamado a agir, como agora é ao atingir esse propósito distinto por meio da "exposição característica" na qual cada um dos Evangelhos abunda. Mas, como eles estão agora, é a própria harmonia da criação que ouvimos. **"Sem linguagem, sem fala"**,

mas eles se expressam sem estas coisas. Assim, vemos que a mesma Mão que moldou os céus, e deu a eles sua voz no ouvido dos homens, traçou as glórias que brilham nos diferentes Evangelhos, e deu a eles uma voz igualmente no ouvido dos santos (veja Sl 19).

Mas depois de tudo isso, amados, o próprio evangelho deve ser nosso objeto. Que o Senhor mantenha isso fresco e imediato em nosso coração continuamente! É o próprio evangelho, a história do amor incomensurável de Deus, e que o céu chama a Terra para ouvir, que traz consigo a verdadeira e duradoura bênção para nossa alma. É a entrada do Deus vivo (Deus de toda graça como Ele é, por meio do testemunho do Filho de Seu amor) em nosso coração que derrama a luz, a liberdade, a vitória ali, e é a semente em nós da vida eterna. Como alguém disse: *"Um homem pode ser cativado por essa harmonia intelectual e moral, e ter muito prazer em rastreá-la através de todos os seus detalhes, e ainda assim não obter proveito dela mais do que do exame de qualquer peça curiosa de trabalho material. É apropriado que essa bela relação no Cristianismo (e, devo acrescentar, nas Escrituras que revelam o Cristianismo) seja vista e admirada; mas se ela vier a ser o objeto proeminente da crença, a grande verdade do Cristianismo não é acreditada. Há muito no Cristianismo que pode tomar conta das faculdades imaginativas e dar uma alta espécie de prazer à mente; mas a parte mais importante da religião em relação aos pecadores é sua <u>necessidade</u>. O evangelho não foi revelado para que tenhamos o prazer de sentir ou expressar sentimentos elevados, mas para que possamos ser salvos. O gosto pode receber a impressão da beleza e sublimidade da Bíblia, e o sistema nervoso pode ter recebido a impressão da ternura de seu tom; e ainda assim seu significado, sua libertação, seu mistério de amor santo, podem permanecer desconhecidos."*

Isto é valioso para nós. Com todo o nosso conhecimento de outras glórias e segredos, que nosso conhecimento daquela mensagem de amor insuperável ainda seja a possessão mais querida, mais simples e mais íntima de nossa alma. O evangelho

de Sua graça nos diz que nossas necessidades atraíram as empatias e recursos do Deus bendito. Que nosso coração ainda habite em tal verdade com persistentes desejos, assentando-se *"naquela única fonte de deleite"*. É na fé nisso que a vida, o gozo, a liberdade e a força de nossa alma serão encontradas. Há Alguém que nos amou e Se entregou por nós; e Esse Alguém não é menos que o Filho de Deus. Tal foi a fonte da vida de Paulo, e a Tal podemos nos voltar continuamente em busca de luz e refrigério, nosso coração ainda se aconselhando ali com mais frequência. E quando o último de nós estiver reunido, e todos tiverem chegado **"à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito** (ao estado de homem perfeito)**"**, será para que sejamos levados para lá, onde com poderes ampliados, tanto de entendimento como de gozo, louvaremos este Cordeiro que foi morto pelo amor que Ele tinha por nós, para todo o sempre.

Queridos irmãos, que Sua graça nos mantenha com mente incorrupta e vestes imaculadas, para que possamos conhecer somente a Ele neste mundo mau, por amor ao Seu nome!

Introdução ao Evangelho de João

Meu atual desejo, com a graça de Deus, é falar mais particularmente do Evangelho de João; ou, como diz a expressão, *"segundo João"* – isto é, aquela forma ou caráter do Evangelho que foi do agrado do Espírito Santo transmitir por meio dele.

É uma porção da Palavra de Deus que tem sido muito preciosa para os santos. Muitas almas a têm desfrutado como tal, talvez sem saber exatamente por que acontecia assim; pois a exatidão de nossos gostos e desejos espirituais está frequentemente acima da medida de nossa inteligência espiritual. E é bom que seja assim.

Antes, porém, de dar o que me parece ser o caráter geral e a ordem deste Evangelho, sugerirei algumas coisas introdutórias que me ajudaram, como julgo, a um entendimento e desfrute mais completos dele. Que o Senhor controle e guie nossos pensamentos!

De toda a sua história, o povo de Israel poderia ter aprendido quão inteiramente dependente ele era daqueles recursos que Deus possuía em Si mesmo, além e independente de seu próprio sistema; pois por tais recursos eles tinham sido sustentados e conduzidos em todos os estágios de sua história. Seu pai Abraão havia sido chamado por um ato de graça soberana (Js 24:2-3). A própria mão de Deus os havia preservado e, de maneira singular, os havia multiplicado no Egito (Êx 1:12). Em retiros distantes, onde Israel não era conhecido, Moisés estava preparado para ser seu libertador do Egito. Por todo o deserto, sua jornada lhes havia mostrado sua total dependência de Deus. Por Seu Espírito, e não por força nem por poder, Josué, depois de Moisés, cumpriu seu ministério, reduzindo as nações de Canaã. E depois, embora em circunstâncias diferentes, ainda havia a mesma coisa. A espada de Josué, que tinha sido a comprovadora da fidelidade do Senhor a Abraão e sua semente, logo foi embainhada, e a bênção,

transferida da mão de Deus que a trouxera para a mão de Israel que deveria guardá-la, logo foi perdida: ela escapou de seu novo guardião imediatamente. A infidelidade e a fraqueza estavam agora tão claramente marcadas em Israel, quanto a verdade e o poder tinham sido em Jeová. Israel e Canaã eram Adão e o jardim novamente. Antes de o capítulo 1 do Livro dos Juízes terminar, Israel, pela desobediência, havia perdido tudo. Os habitantes da terra não foram expulsos. Mas o resto daquele livro apenas nos mostra a presença de Deus entre eles; reparando o dano, de tempos em tempos, com Sua própria mão, e pela energia de Seu Espírito.

E esse deve ser necessariamente o caráter da atuação de Deus em um tempo de bênção perdida. Ou o julgamento deve ser executado em justiça, ou a bênção deve ser trazida em graça soberana. Tendo o homem sido considerado em falta, na prova anterior, deve ser humilhado e posto de lado, e Deus entra com alguma nova energia própria para fazer um ato estranho – algo além da ordem da dispensação, e independente do que eram propriamente os recursos dela. Todas as libertações operadas para Israel nos tempos dos juízes são, portanto, desse caráter. O aparecimento em Israel de Débora, Gideão, Jefté e Sansão é algo a que o sistema, se mantido por seus próprios recursos em seu próprio caminho, nunca teria chegado.

Temos uma amostra disso até mesmo antes dos tempos dos juízes. O ministério irregular de Eldade e Medade e seus companheiros foi a provisão soberana de Deus, por meio do Espírito, para a falha em Moisés, por sua recusa, por causa da impaciência, em prosseguir com a obra que havia sido exclusivamente confiada a ele. Ele aprendeu para a repreensão de sua incredulidade que a mão do Senhor não havia encurtado (Números 11).

Assim, quanto a Débora – ela **"julgava Israel naquele tempo"**. Mas esta não era bem uma sucessora daquele que era **"rei em Jesurum[2]"** como poderíamos esperar. A honra havia passado para

as mãos de uma mulher, pois Israel estava fora de ordem. A transgressão havia entrado com uma força perturbadora, e o remédio deveria ser aplicado, se fosse o caso, pela própria mão de Deus. E assim foi. Portanto, em seu magnífico cântico ela entoa – **"Pisaste, ó minha alma, à força"** (ACF); uma confissão de que a fonte de sua força e vitória estava toda em Deus, e que na energia do Espírito, e somente nisso, ela havia lutado a batalha do Senhor, e vencido.

Assim com Gideão. Ele não era de Judá (a quem tal honra por direito antigo pertencia), mas de Manassés; e sua família a menor em Manassés. Mas tal pessoa é chamada para fora de sua eira, para empunhar aquela espada que logo se distinguiria como **"a espada do SENHOR, e de Gideão"**. E o que era essa espada de tal renome? Trezentos homens com buzinas e cântaros! Estranhas armas de guerra contra o exército de Midiã! Mas Midiã correu diante deles. Um pão de cevada veio rolando e derrubou as tendas do inimigo! Pois era o próprio Senhor que estava agora em ação novamente, e o tesouro da força de Israel poderia, portanto, estar em um vaso de barro (2 Coríntios 4:7 parece ser uma alusão às tochas acesas e cântaros de Gideão).

E Jefté, por sua vez, conta a mesma história. Filho de uma mulher estranha, ele havia sido rejeitado por seus irmãos em Israel e lançado entre os gentios. Mas este é aquele a quem o Senhor escolhe para ser o salvador de Israel no dia de sua angústia. Mas onde está a honra de Israel agora? Onde está a glória e o valor de seu próprio sistema, quando aquele a quem seus irmãos desprezaram e expulsaram como algo vil é sua única esperança em sua calamidade? A honra não era deles, nem a força de seu próprio sistema era sua ajuda e defesa agora. O Espírito de Deus, em graça soberana a Israel, vem sobre Jefté. A batalha era do Senhor. Israel havia se destruído novamente, mas em Deus estava sua ajuda.

E tudo isso nós temos novamente demonstrado em Sansão. Tudo o que o introduz e o conduz neste estranho curso de ação, fala

somente da força e do caminho de Deus. Não havia nada no sistema de Israel que pudesse explicar isso. Sansão era um filho da promessa, criado na tribo desonrada de Dã; e, portanto, era um sinal da graça e soberania de Deus. E de acordo com isso, ele é imediatamente separado para Deus, e afastado, tanto quanto possível, da ordem e estrita linha de coisas Judaicas. O caminho que ele trilhou estava do outro lado do caminho batido de Israel. O segredo de Deus estava com ele. Ninguém conhecia o enigma, a não ser ele mesmo. Seus parentes na carne não o conheciam; e ele rompeu com pai, mãe, país e a lei de Israel, e está sob uma nova e especial dispensação. Contrário à lei, e ainda pela direção do Legislador, ele se casa com uma filha dos filisteus. Ele não seguiu o caminho comum de Israel, ou usou os recursos de Israel; mas atos estranhos e surpreendentes marcaram seu curso, desde o momento em que o Espírito o moveu pela primeira vez no arraial de Dã, até o momento em que ele morreu no meio dos príncipes filisteus. Tudo o que ele fez foi de um grande caráter. Uma energia desconhecida o agitou e o conduziu. Os recursos de Israel foram por tudo isso novamente colocados de lado, e o próprio Deus foi exibido em Sua graça e poder.

Então, depois que o Livro dos Juízes se encerra, vemos a mesma coisa. Samuel, como Sansão, era um filho da promessa; e um filho da promessa é sempre o sinal da graça (Rm 9:8); pois diz: **"Não**... **do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus"**. E, portanto, em seu nascimento, sua mãe celebra, por meio do Espírito Santo, os louvores da graça. Ele se torna a princípio um mero menino de espera no tabernáculo; dali ele é chamado para que todo Israel o reconheça como o profeta de Deus; e finalmente eles veem nele o levantador da pedra Ebenézer, o libertador e ajudador da nação.

E depois dele, em Davi, vemos novamente o próprio caminho e os recursos de Deus exibidos no tempo da necessidade de Israel. Pois Davi foi tirado dos apriscos para alimentar Israel. Seu pai e seus irmãos não o levaram em conta; Israel não o conhece; mas o Senhor o escolhe e o unge. Ele se torna, por um tempo, um

exilado e um fugitivo necessitado; mas, por fim, ele tem o reino estabelecido em sua casa por um concerto de misericórdias seguras para sempre.

Assim, desde o chamado de Abraão, o pai deles, até a exaltação de Davi, o rei deles, passando por Moisés, Josué, os juízes e Samuel, cada etapa dessa jornada maravilhosa é realizada na graça de Deus. Assim, os recursos de seu próprio sistema, aquilo que estava em suas próprias mãos, provaram ser totalmente vãos.

E eu acrescentaria que os profetas eram outra linha de testemunhas da mesma verdade. Eles foram levantados, para a orientação de Israel, por uma energia extraordinária do Espírito. O estabelecimento primitivo das coisas em Israel não proporcionou tal ministério. A nação deveria permanecer na lembrança e obediência das palavras que Moisés havia proferido (veja Dt 6, 11, 31). Mas ao esquecerem essas palavras, uma presença extraordinária do Espírito de Deus é convocada, e então manifestada na pessoa e ministério dos profetas.

Assim, por uma linha de mestres ou profetas, como por outra linha de governantes ou libertadores, o testemunho da necessidade dos recursos de Deus em seu favor foi deixado com cada geração sucessiva de Israel. Isso estava continuamente dizendo a eles que eles não poderiam permanecer em seu próprio concerto, e que toda a sua esperança de honra e descanso final estava na graça e no poder de Deus. E sabemos que será assim. Israel permanecerá como o povo de Deus, no último dia, na força que está reservada para eles em Jesus; para Quem, portanto, essas duas linhas de testemunhas apontam, e em Quem, como o verdadeiro Profeta de Israel, e como o verdadeiro Rei de Israel, ambos terminarão. E quão revigorante será para aqueles que estão cansados do homem, e *"enjoados de sua sabedoria e de seus feitos"*, andar em uma esfera onde o homem será escondido, e somente Deus será exibido! **"A altivez do homem será humilhada, e a altivez dos varões se abaterá, e só o SENHOR será exaltado naquele dia"**.

Mas havia outro e mais profundo propósito de Deus, que também era constantemente visto na história de Israel. As pessoas eminentes que tenho notado eram todas *de Israel*, e brindavam somente as misericórdias *de Israel*. Mas Deus tinha propósitos além de Israel – propósitos tocando *os gentios* de um caráter muito exaltado; e isso Ele significou por outra linha de testemunhas, formada, como veremos agora, de personagens eminentes que eram todos *gentios*, ou estrangeiros para Israel.

Parece ter havido um corpo de gentios em todos os tempos vivendo no meio de Israel, que assumem uma posição inferior a Israel, embora desfrutando de bênçãos e ordenanças com eles (veja Êx 20:10; Lv 17:12; 18:26; 26:22; Nm 9:14; 15:14-16, 29; 19:10; 35:15; Js 8:35; 1 Cr 22:2; 2 Cr 2:17; 15:9; 30:25). Mas havia também uma linhagem de gentios distintos, que sempre que apareciam na história, tomavam um lugar e eram chamados para cenas e serviços que, por outro lado, os elevavam grandemente acima do nível de Israel. Ambas as coisas são, julgo eu, muito significativas, ilustrando os planos então reservados nos conselhos de Deus para os gentios e estrangeiros, o grande corpo dos quais doravante no reino tomará um lugar subordinado a Israel, embora na alegria de Israel; enquanto haverá um corpo eleito e distinto deles (aqueles que agora são chamados para formar a Igreja de Deus), cujo lugar e dignidade estarão muito acima do lugar e dignidade de Israel (Ap 21:9-11, 23-24).

O primeiro desses estrangeiros distintos que nos encontra é Melquisedeque. A honra que lhe foi dada não precisa ser particularmente mencionada; é geralmente tão bem entendida, mas ele apenas inicia uma série de pessoas, ilustres em sua geração e em seu dia, como ele próprio.

Depois dele, encontramos Asenate e Zípora, as esposas, respectivamente, de José e Moisés. Ambas eram estranhas a Abraão; mas se tornaram as mães daquelas crianças que foram dadas a esses dois pais ilustres em Israel, enquanto eles estavam

em seus dias separados de Israel; e elas tinham dignidades que as filhas mais importantes de Israel poderiam ter invejado.

Em seguida, somos apresentados a Jetro, que, quando Israel saía do Egito, assumiu para si, sem repreensão, embora fosse apenas um estrangeiro, o serviço sacerdotal na presença de Arão e aconselhar Moisés sobre assuntos de estado. Este estava ocupando, por um tempo, um lugar muito eminente no meio de Israel. As glórias mais brilhantes em Israel foram ofuscadas. Moisés e Arão, o rei e o sacerdote em Jesurum, são colocados de lado por este estrangeiro. Belo sinal, como Melquisedeque antes, de grandes coisas que viriam aos gentios.

Depois de Jetro, vemos Raabe, outra estrangeira, mas uma que, todos nós podemos lembrar, foi trazida para ter um alto memorial em Israel; um memorial como o que as filhas da terra ansiavam continuamente. Pois a Esperança de Israel vem através dela segundo a carne (Mt 1:5); e ela é aquela cuja fé é falada em conexão com a de seu pai Abraão (veja Tiago 2).

Em seguida, em Jael, a esposa de Héber, o queneu, vemos novamente a estrangeira ilustre. Foi por sua mão, de uma maneira muito especial, que Deus subjugou o rei de Canaã diante dos filhos de Israel, de modo que seu louvor é assim cantado: **"Bendita seja sobre as mulheres Jael, mulher de Héber, o queneu; bendita seja sobre as mulheres nas tendas"**.

Então, em outra mulher, em Rute, a moabita, vemos a estrangeira novamente. Embora filha de um povo imundo e rejeitado, ela recebe um lugar igual ao das principais mães de Israel. Como Raabe antes dela, a Esperança da nação vem por meio dela, segundo a carne (Mt 1:5); e ela recebe uma posição igual em dignidade à da própria Raquel (Rt 4:11). Ela não tinha parentesco natural com Israel; mas, pela graça, ela é enxertada em Israel, para se tornar a portadora do Tronco de Jessé, em Cujo ramo, como sabemos, toda esperança do povo depende.

E depois, nos tempos de Davi, temos o estrangeiro mantido na mais elevada honra. Isso aparece primeiro em Urias. Ele era um hitita; mas sua fidelidade ao Deus de Israel e seu zelo abnegado na causa de Israel brilham de maneira abençoada, em contraste até mesmo com o mais ilustre, mais nobre e mais excelente filho de Israel naquele dia. Esta pobre relíquia dos contaminados gentios repreende ninguém menos do que o próprio rei Davi.

Temos o estrangeiro novamente nestes tempos de Davi, em Itai, o geteu (2 Samuel 15). Ele, com todos os seus homens, aparece para se unir a Davi, e a linguagem de tal ato foi a mesma que Rute havia usado antes com Noemi: **"o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus"**. Ele não era de Israel, mas era mais fiel ao rei de Israel do que Israel; pois quando seu povo se revoltou a favor de Absalão, e a terra estava em rebelião, foi esse estrangeiro que se apegou a Davi, quer fosse para a vida ou para a morte.

Mas nestes mesmos dias de Davi, o estrangeiro, ou gentio, é novamente apresentado a nós na pessoa de Araúna; e, como de costume, de uma maneira eminente e honrosa. A transgressão de Davi havia trazido a nação sob juízo; e o anjo do Senhor estava passando pela terra matando seus milhares, quando, a mando do Senhor, sua mão foi detida na eira deste jebuseu. Foi ali que a misericórdia *primeiro* triunfou sobre o juízo. O pecado estava reinando em Israel para a morte; mas a graça é feita para reinar para a vida *primeiro* nesta herança do gentio. Que elevada distinção foi esta! Que nota de favor para os gentios! Certamente tudo isso tinha uma voz, embora não houvesse linguagem nem fala.

Então, novamente, nos tempos dos reis, posso notar tanto a viúva de Sarepta, quanto Naamã, o sírio; não que eles tenham sido levados a uma posição elevada em Israel, como foram outros estrangeiros que observei, mas eles foram feitos os monumentos permanentes da graça distintiva e eletiva (veja Lucas 4:25-27). E depois destes chegamos a Jonadabe, filho de Recabe (2 Reis 10). Ele é feito auxiliador de Jeú, no juízo sobre a casa de Acabe.

Assim, entre os patriarcas, e sucessivamente nos tempos de Moisés, de Josué, dos juízes, de Davi e dos reis, o estrangeiro, é ocasionalmente apresentado a nós, e sempre em distinção. Mas, além desse testemunho *ocasional*, havia a presença e o testemunho *permanentes* do gentio em Israel: quero dizer, naquela família à qual este Jonadabe pertencia: a família dos recabitas, que permaneceram em Israel desde os tempos mais remotos até os mais recentes, de Moisés a Jeremias (Juízes 1:16; 1 Crônicas 2:55; Jeremias 35:8). E durante todos esses muitos séculos eles habitaram como estrangeiros na terra. No início, eles subiram da *cidade* para morar no *deserto*, e no final são vistos mantendo o mesmo caráter. Eles não construíram casas, nem compraram campos, nem semearam sementes, nem plantaram vinhas; todos os dias eles habitaram em tendas, e não comeram do fruto da videira. *Eles eram uma ordem permanente de nazireus, mais separados para Deus do que até mesmo Israel;* e eram tão fiéis aos seus votos de consagração, que no final, quando o Senhor estava pronunciando julgamento sobre Seu próprio povo, Ele prometeu a eles que não lhes faltaria um homem para estar diante d'Ele para sempre. Durante o longo período de sua peregrinação em Israel, onde quer que ouvimos falar deles, é sempre para seu louvor, sempre ocupando tal lugar de honra e sustentando tal caráter de santidade, que os distingue, como os outros estrangeiros, bem acima do nível da nação. (Posso acrescentar os casos do centurião e da siro-fenícia, como os estrangeiros que aparecem no meio de Israel quando os tempos do Novo Testamento começaram. Pois, como seus irmãos mais antigos, eles aparecem em grande distinção. O Senhor os sinaliza a ambos).

Agora, sobre tudo isso eu observaria que, assim como Melquisedeque deveria ter sido para os Judeus um aviso de uma ordem melhor de sacerdócio do que a de Arão (Hb 7), assim esta linha de estrangeiros, seguindo, por assim dizer, as pegadas de Melquisedeque, poderia ter sido o aviso constante de coisas melhores reservadas para os gentios do que tudo o que havia

distinguido Israel. Israel poderia, por meio deles, ter sido preparado para o chamado da Igreja, a qual, tendo o Filho de Deus como sua Cabeça, é a verdadeira estrangeira na Terra, e está destinada a ocupar um lugar mais honrado sob Deus do que Israel jamais conheceu. A Igreja é aquilo para o qual todos esses estrangeiros eminentes apontaram de antemão. Pois a Igreja não trilha o caminho de Israel. Ela é uma estrangeira onde Israel estava em casa. Sua cidadania está no céu, e não na Terra. Os santos são os filhos de Deus, e o mundo não os conhece, assim como não conheceu a Cristo. Eles estão como que no fim do mundo (ou do século - 1 Co 10:11), mortos e ressuscitados com Cristo. Jesus não recebeu nenhum lugar na Terra; e eles, assim como Ele, apenas peregrinam aqui, separados em princípio de tudo ao seu redor, assim como os recabitas foram separados de Israel, entre os quais eles apenas *"tabernacularam"*[3], ou seja, armaram suas tendas.

Eu não falo, no entanto, das *histórias* desses estrangeiros como figurativas. Eu apenas aponto para o fato de sua alta exaltação em Israel como sendo um aviso de Deus de Seus elevados e exaltados propósitos concernentes à Igreja, a verdadeira estrangeira. As histórias de alguns deles; podem ter sido figurativas. Mas não são os detalhes de suas histórias que tenho estado olhando, mas simplesmente o fato de sua exaltação em Israel. Eu não me recusaria, no entanto, a observar quão docemente Êxodo 2:16-22 revela a Igreja, durante o intervalo da rejeição do Messias por Israel até a libertação final de Israel pelo Messias. Zípora (a quem já me referi) se torna devedora a Moisés pela sua libertação e vida (da qual água, ou um poço, é o emblema constante), no dia de seu exílio de Israel; e por isso ele se torna digno de recebê-la como sua esposa, da mão e com a aprovação total de seu pai. Tudo isso é maravilhosamente significativo do mistério de Cristo, do Pai e da Igreja. E como uma prova adicional de que isso é uma figura, podemos lembrar que Estêvão fala da rejeição de José e de Moisés por seus irmãos, como algo relacionado à rejeição de Cristo pelos Judeus. O

casamento de José e Moisés com gentias claramente, portanto, representa a união do Senhor com a Igreja durante Sua rejeição e afastamento de Israel.

E eu gostaria de observar que a estimativa de Jeová sobre o que um *estrangeiro* deveria esperar, e a estimativa do Espírito Santo, por meio de Paulo, sobre o que um *santo* deveria esperar, são as mesmas (Dt 10:18; 1 Tm 6:8).

Assim, duas linhagens de personagens terminam em Cristo. A linhagem de distintos israelitas ou Judeus dignos, que foram chamados na energia especial do Espírito para a ajuda e orientação de Israel, termina, como já observei, em Cristo, como o verdadeiro Profeta e Rei de Israel, o Deus de Jesurum, Quem, no último dia, será o Escudo de sua ajuda e a Espada de sua excelência. A linhagem de distintos estrangeiros gentios, que sustentaram um caráter e tinham dignidades e honras muito acima do nível ou da vocação comum de Israel, termina em Cristo como a Cabeça de Seu corpo, a Igreja. E o reino vindouro manifestará a Ele e aqueles que estão separadamente associados a Ele, nessas várias glórias. Todas as coisas no céu e na Terra serão então congregadas n'Ele. Os verdadeiros estrangeiros, ou os santos, resplandecerão nos céus, **"como o Sol, no reino de Seu Pai"**, e Israel encontrará seu descanso, seu santo descanso, na Terra, sob Davi, seu Príncipe e Pastor.

Agora, tudo isso me leva ao nosso Evangelho; pois o Evangelho de João é o testemunho apropriado de Cristo como o Filho de Deus, o Estrangeiro na Terra, e dos santos que têm associação com Ele nesse caráter, e em relação ao Pai. De fato, é isso que lhe dá sua distinção, e o torna, eu acredito, a porção mais preciosa dos Oráculos de Deus para nós.

Que tenhamos corações sábios, para entender os segredos revelados nesta Palavra celestial! Se pudéssemos apenas discerni-la, cada linha dela carrega consigo sua própria autoridade divina. Mas, amados, o único conhecimento seguro e proveitoso é aquele que obtemos em comunhão com o Senhor

por meio do Espírito; e aquele que, quando adquirido, ministra a uma comunhão ainda mais ampliada. Que possamos provar isso mais e mais!

Eu seguiria agora nosso Evangelho em sua ordem, observando brevemente, e conforme a graça que me for dada sobre ele. Perceberemos naturalmente que ele se distribui em quatro partes; pelo menos como eu julguei, e agora submeteria ao julgamento de meus irmãos.

João 1 - 4

João 1:1-18

Eu leio esses versículos como uma espécie de prefácio, servindo para introduzir este Evangelho em seu devido caráter como o Evangelho do Filho de Deus – o Filho do Pai; e o testemunho do Batista é aqui sumariamente anexado a este prefácio como servindo ao mesmo propósito.

E aqui observo que o lugar que nosso bendito Senhor *imediatamente* toma, em Sua Aparição na Terra, é aquele que já observei pertencer a Ele como o Filho de Deus, e à Igreja com Ele; isto é, o lugar de *um Estrangeiro.* Ele é aqui mostrado a nós imediatamente neste caráter. Ele é como luz no meio das trevas; o Criador do mundo, e ainda não conhecido do mundo; vindo para os Seus, e ainda não recebido pelos Seus; feito carne, e ainda apenas *"tabernaculando"* por um tempo entre nós. Tudo isso mostra que Ele é o Estrangeiro aqui; é assim que este Evangelho O apresenta. E, consequentemente, no início, ele assume que Sua questão com o mundo, e com Seu povo terrenal Israel, estavam ambas determinadas (vs. 11-12). O Espírito de Deus em nosso evangelista imediatamente encerra o mundo sob a condenação de estar **"sem Deus"**, e conclui Israel na incredulidade; e, com base nisso, traz à tona uma família eleita, não registrada na Terra,

ou nascida da carne, mas nascida de Deus, para quem **"graça e verdade"**, a plenitude do Pai no Filho, foram agora providas.

O Livro de Gênesis abre com a criação; mas o Evangelho de João abre com Aquele que era antes da criação e acima da criação. É a Ele que somos imediatamente levados. A criação é passada adiante, e chegamos ao **"Verbo"**, que estava com Deus, e que era Deus.

Esta é o início do nosso Evangelho, definindo-o como o Evangelho do Filho de Deus, o Criador de todas as coisas, o Revelador do Pai, a Fonte e o Canal da graça e da verdade para os pecadores. E, de acordo com isso, a glória que João nos diz ter contemplado é aquela **"do Unigênito do Pai"**, isto é, uma glória *pessoal;* enquanto a glória que os outros evangelistas registram como tendo sido contemplada, era a glória no monte santo; isto é, uma glória meramente *oficial*. E isso novamente caracteriza distintamente o objetivo e a direção deste Evangelho.

Muito abençoados, assim como muito elevados e divinos, são os pensamentos sugeridos por esses versos introdutórios. Eles nos dizem, além do que observei acima, que a Luz, a Luz vivente, resplandecia nas trevas antes que o Verbo Se fizesse carne e habitasse entre nós; sim, antes que Seu precursor, o Batista, fosse enviado por Deus. Assim como na velha criação, a luz foi o primeiro elemento sob o poder formador de Deus. Ela era antes do Sol. O Sol foi a criatura do *quarto* dia, mas a luz era a principal criatura do *primeiro.* Os três primeiros dias, portanto, caminharam na luz da própria luz, sem a presença daquilo que depois governaria o dia. E assim tem sido, como esses versículos nos dizem, na história da Luz vivente. Cristo foi o mais antigo pensamento de Deus que surgiu sobre as trevas morais e o caos do homem apóstata. Na promessa, **"Ele esmagará a tua cabeça"** (JND), a Luz vivente irrompeu! Dias ou dispensações se sucederam. Os três primeiros dias novamente, por assim dizer, seguiram seu curso. As eras dos patriarcas e de Moisés se findaram. Mas a luz da vida havia se espalhado, embora o Verbo

ainda não tivesse Se tornado carne. A luz brilhou antes que o Sol fosse colocado nos céus. E este é um pensamento feliz. O Cristo de Deus foi a mais antiga revelação que surgiu sobre as ruínas e trevas de Adão; e embora por uma temporada aquele depositário divino de toda a Luz, aquela grande fonte de todos os raios vivificantes, permanecesse não manifestado, ainda assim refulgências dignas d'Ele, e que pertenciam a Ele, surgiram para animar e guiar eras precedentes, o primeiro, o segundo e o terceiro dia.

Mas o calor, assim como a luz, são nossos, eu poderia dizer. Pois esta mesma Escritura maravilhosa nos diz que o **"seio do Pai"** nos foi revelado. **"O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este O revelou"**. Não há nada parecido. O amor profundo, indizível e insondável que habita naquele seio é o amor que nos visitou, no calor do qual temos sido tratados. E quão insuperável a todo conhecimento é um pensamento como esse! Bem podemos pedir para sermos fortalecidos com poder pelo Espírito para compreendê-lo (Ef 3:16-19). É o céu do coração ficar tranquilo e silencioso, e em fé simples deixar tal revelação contar sua história para nós.

João 1:19-28

Esses versículos também são um tanto introdutórios; a ação mal pode ser considerada iniciada, pois eles nos dão, *em forma de relato*, o testemunho do Batista aos Judeus, antes que o Senhor Jesus tivesse Se manifestado a ele como o Filho de Deus. Pois o Espírito de Deus em João tinha tão pouco a ver com o testemunho Judaico, que tudo isso é dado aqui, como acabei de observar, em forma de relato, nos contando o que *tinha sido* a confissão do Batista aos mensageiros dos Judeus.

João 1:29-42

Aqui, no entanto, a ação se abre completamente. E isso ocorre com o testemunho direto do Batista sobre Jesus, após a

manifestação d'Ele como Filho de Deus. Mas tendo dado testemunho d'Ele, o Batista aparece como alguém que conscientemente havia cumprido seu curso. No versículo 35, ele é como alguém que se retirou de seu ministério e estava simplesmente desfrutando daquilo em que tudo resultou – a manifestação do Cordeiro de Deus. Ele é ouvido proferindo a satisfação oculta de sua alma quando disse: **"Eis o Cordeiro de Deus"**! Pois ele não parece ter dirigido essas palavras aos seus discípulos; mas eles, ouvindo-o assim, em santa e feliz contemplação de Jesus, seguem Jesus. E, amados, é isso que recebe a mesma honra agora. Nosso poder de atrair outros para o Senhor repousa principalmente em nosso próprio gozo e comunhão com Ele. João tinha renunciado a si mesmo e estava absorvido em pensamentos sobre o Cordeiro de Deus; e seus discípulos parecem capturar sua mente, pois o deixam e seguem Jesus.

Este era um verdadeiro ministério, ministério em poder sobre as afeições daqueles que ouviram. Como o apóstolo fala em 1 Tessalonicenses 1:5-6.

Mas por onde, pergunto, os discípulos de João seguem Jesus? Não nos é dito. Em toda a graça o Senhor os encorajou a seguir, e eles vieram e viram onde Ele habitava, e permaneceram com Ele naquele dia; mas por onde foi isso, não sabemos. Eles O seguiram por algum caminho desconhecido, e estiveram com *Ele:* mas isso é tudo o que aprendemos. Pois o Filho de Deus era apenas um Estrangeiro na Terra; e eles, se estiveram com Ele, deveriam ser estrangeiros também, sem lugar ou nome aqui. E assim é aqui indicado. Esta pequena colheita era para o Filho de Deus, e para o Cordeiro de Deus; mas não era aqui – em princípio, o lugar não pertencia à *Terra*, pois esta era a primeira mão cheia de trigo para o celeiro *celestial*, as primícias da família celestial para Deus e o Cordeiro.

O Batista fala de Jesus como sendo realmente antes dele, embora vindo depois dele; e ele repete isso como com um tanto

de zelo (vs. 15, 27, 30). E Paulo, referindo-se ao ministério de João, fala dessa característica dele (Atos 19:4). Mas isso é muito abençoado; pois nisso o Espírito Santo, que falou por João, honra Jesus como o grande Objeto de todos os conselhos divinos, a grande Ordenança de Deus, para Quem todas as outras ordenanças apontavam. E, portanto, embora Ele tenha vindo depois deles, Ele era antes deles; e João, como se falasse a mente de todas as ordenanças e ministérios, diz: "**O que vem após Mim é antes de Mim, porque foi primeiro do que Eu**". Pois foi somente o Filho que foi estabelecido desde a eternidade (Pv 8:23 – ARA), o Grande principal Objeto de todos os conselhos divinos; e todo profeta e ordenança eram apenas Seus servos, para um testemunho para Ele.

E novamente observo que João e o Senhor não tinham conhecimento um do Outro até que Jesus surge em ministério. João tinha sido criado na Judeia; nosso Senhor na Galileia. Mas quando o Senhor Se aproximou de João para ser batizado, João imediatamente O reconheceu – reconheceu-O sem nenhuma apresentação. Parece ter havido em sua alma alguma consciência de que este era Ele (Mt 3:14). Na verdade, ele já O havia reconhecido antes mesmo de Ele nascer (Lc 1:44). O mundo não O conhecia, mas João O conhece, e assim condena o mundo. Mas ele não O conhece a ponto de dar testemunho d'Ele como o Filho de Deus, até que o Espírito desça e permaneça sobre Ele – pois isso, como João foi admoestado, seria Sua atestação divina.

E mais – devo observar que este Evangelho, em plena consistência com seu caráter geral, nos dá, nestes versículos, o que posso chamar de chamado *pessoal* de André e Pedro – enquanto Mateus, sem observar isso, nos dá seu chamado *oficial.* Mas isso está em bela ordem com a mente do Espírito nos dois evangelistas; com tal gratidão e deleite deveríamos notar a perfeição dos testemunhos divinos (Mt 4:18-20).

João 1:43-51

Nestes versículos temos a ação de um período subsequente, chamado **"O dia seguinte"**. Esta ação é o ministério do próprio Jesus e o fruto desse ministério nas pessoas de Filipe e Natanael.

Isto é algo novo. Não foi uma colheita para Ele como **"o Cordeiro de Deus"**, em um lugar secreto e sem nome, como a anterior havia sido, mas uma colheita com Ele como Aquele **"de Quem Moisés escreveu na lei, e os profetas"**. (Isto é característico; é tudo o que quero dizer. Claro, todos os que são colhidos para Jesus, em qualquer tempo, O conhecem como o Cordeiro de Deus). E, portanto, esta é uma amostra, não como a anterior, da Igreja ou família celestial, mas do Israel de Deus que será salvo no último dia, e que será conhecido por Ele em graça, no meio da nação, como Natanael aqui é conhecido por Ele enquanto estava sob a figueira – o símbolo permanente da nação Judaica (Mt 21:19). E eles farão a mesma confissão a Ele como Natanael faz. Eles O reconhecerão e O receberão como o Filho de Deus e o Rei de Israel. E quando isso acontecer, tudo estará pronto para a manifestação da glória, cujo distante vislumbre o Senhor antecipa aqui, e cuja visão, no devido tempo, Ele promete a Natanael, o representante, como vimos, de Seu Israel.

Tudo isso é muito significativo e será confirmado no início do capítulo seguinte.

João 2:1-12

Acabamos de ter a Igreja e Israel manifestados separadamente nas duas colheitas para Cristo no capítulo anterior. Consequentemente, temos aqui o **"terceiro dia"**, ou o casamento, o vinho para o qual o próprio Jesus providenciou.

Agora, essas circunstâncias dão conta da importância mística da cena. Pois o **"terceiro dia"** (que é o mesmo que o dia da ressurreição), o casamento e o vinho da provisão do próprio Senhor são coisas que, nos pensamentos daqueles que estão

familiarizados com a Escritura, estão aliadas ao *reino.* E assim, não duvido, esse casamento apresenta o reino vindouro do Senhor, onde Ele deve aparecer como Rei e Noivo.

Para este casamento em Caná, o Senhor havia sido chamado como um *Convidado;* mas no final Ele Se torna o *Anfitrião*, fornecendo e distribuindo o vinho. Assim, em breve, quando tivermos provado da alegria inferior que nossa habilidade ou diligência possa ter fornecido, Ele mesmo preparará a alegria do reino e beberá novamente conosco do fruto da videira. E por esta ação tranquila e graciosa, Ele transforma a mera festa de casamento de Caná em um mistério e a torna a ocasião de manifestar Sua glória, estabelecendo nela aquele reino que Natanael tinha reconhecido em Sua Pessoa. Ele Se torna o Anfitrião ou Noivo. O mestre-sala envia ao noivo que os havia convidado; como se ele tivesse sido o responsável; mas foi Jesus Quem forneceu a alegria do lugar e que ainda está guardando **"o bom vinho"** para Seu povo até o fim – até que toda a outra alegria acabe. Jesus era o verdadeiro Noivo. Esta foi a festa onde Ele transformou a água em vinho; assim como Ele, no reino, passará novamente por todas as nossas fontes de alegria e dará o que os olhos não viram, nem o coração do homem concebeu.

E a partir disto, deixe-me aproveitar a ocasião para dizer que devemos cultivar profundamente a certeza de que a alegria é nossa porção, o elemento ordenado ou necessário no qual nossa eternidade se moverá; pois nosso coração costuma "receber a alegria com suspeita". Mas devemos negar essa tendência e instar e manter o coração em outra direção. Como alguém disse: *"a alegria é o que é principal*; *labuta, perigo e tristeza são apenas subservientes"*. E esta é uma verdade cheia de conforto. Quando os conselhos antigos foram tomados, e a ordem da criação planejada, aquela foi uma cena e tempo de alegria divina. O Senhor Se deleitou na Sabedoria então, e a Sabedoria (ou Cristo) Se deleitou nos filhos dos homens e em seu mundo habitável (Provérbios 8). E esta alegria do próprio Deus foi comunicada. Os

anjos a sentiram e a reconheceram (Jó 38:7). E, claro, a criação naquele dia de seu nascimento também sorriu.

E a ruína deste sistema, por meio da apostasia do homem, não impediu a alegria, mas apenas mudou seu caráter. A redenção se torna outra fonte de alegria, intensificada e ampliada, e de tom mais profundo. A nova criação será a ocasião de uma alegria muito mais rica do que a antiga havia sido. Que comida o comedor produziu! Que guisado saboroso, que a alma do próprio Jesus gosta! Que doçura saiu do Forte até mesmo para Deus! Que fontes foram abertas nas areias estéreis deste mundo arruinado para o refrigério até mesmo das regiões celestiais!

Toda a Escritura nos dá esse testemunho, e não precisamos repeti-lo mais. Mas sobre os versículos agora diante de nós, não posso deixar de acrescentar (tão doces são essas observações sobre o interesse dos santos nessas coisas), que são *os serventes*, e somente eles, que são colocados em conexão com o Senhor. Eles estão em Seus segredos, enquanto até mesmo o mestre-sala não sabe nada sobre eles. E a mãe também (parente com Ele segundo a carne) é colocada à distância d'Ele (v. 4). Foram *os serventes* que foram trazidos para mais perto d'Ele em toda a cena. E assim conosco, amados. Jesus, o Senhor da glória, o Herdeiro de todas as coisas, foi um Servo aqui. Ele **"não veio para ser servido, mas para servir"**; e aqueles que são mais humildes no serviço ainda são colocados mais perto d'Ele. E no dia em que Ele prover o verdadeiro vinho do reino, Seus servos que O serviram serão, como aqui, dispensadores da alegria sob Sua direção, e serão distinguidos como estando no segredo de Sua glória. **"Se alguém *Me servir*, Meu Pai o *honrará*"**.

João 2:13-22

Depois de tudo isso, vemos nosso Senhor em Jerusalém, com autoridade purificando o templo e, assim, afirmando as prerrogativas reais do Filho de Davi (veja Mateus 21:12).

A essa autoridade, Ele é desafiado por Seu título, e Ele simplesmente alega *Sua morte e ressurreição.* (No Evangelho de Mateus, quando o Senhor é desafiado por Seu título à mesma autoridade, Ele Se refere ao ministério de João Batista, e não, como aqui, à Sua morte e ressurreição (Mt 21:23-27). Mas isso apenas preserva a diferença característica dos dois Evangelhos; pois o ministério de João foi o confirmador de Sua autoridade para os Judeus; a morte e a ressurreição a confirmam para toda criatura). **"Derribai este templo"**, diz Ele, **"e em três dias o levantarei"**. E assim é. Este é Seu título. Seus direitos e honras como Criador do mundo e Senhor de Israel foram, como vimos, negados a Ele (veja João 1:10-11). Seu título para eles foi rejeitado. E sabemos que Ele adquiriu todo o poder no céu e na Terra por outro título – morte e ressurreição – que deslocou o usurpador e recuperou para o homem a herança perdida. Isso Lhe dá o direito certo e inquestionável a tudo. Os apóstolos constantemente interpretam a morte e ressurreição do Senhor como estabelecendo e selando Seus títulos para Suas muitas coroas e glórias. A pregação de Pedro em Atos 2 é um testemunho disso. Ele diz ao povo de Israel que com mãos perversas eles O mataram, mas que Deus O ressuscitou e O fez Senhor e Cristo. O ensinamento de Paulo em Filipenses 2, entre outras Escrituras, nos diz o mesmo. E neste lugar, em resposta ao desafio dos Judeus, o próprio Jesus bendito alega Sua morte e ressurreição como sendo o Seu título para Suas mais elevadas funções e o exercício da autoridade real e sacerdotal. Porque Ele Se humilhou, Deus Lhe deu um nome que está acima de todo nome. O Filho de Davi, de acordo com o Evangelho de Paulo, foi ressuscitado dos mortos (2 Timóteo 2:8). A *coroa* de Jesus repousou em Sua *cruz* à vista de todo o mundo – hebraico, grego e latino (Lucas 23:38). Todo o testemunho, portanto, publica, como o próprio Jesus alega aqui, que Seus sofrimentos O levam às Suas glórias (1 Pedro 1-2), que a morte e a ressurreição constituem Seu título.

João 2:23 – 3:21

Assim, a alegria do reino foi exibida, o poder do reino exercido, e o título do Senhor para o reino estabelecido e pleiteado. Agora, no devido tempo, o título de outros para entrar no mesmo reino com Ele se torna a questão, e esta questão consequentemente é aqui discutida. Este assunto é santo e solene e afeta profundamente a todos nós.

O homem é uma criatura em quem o Senhor, o Criador, não pode confiar. A quebra de fidelidade de Adão no jardim o tornou assim. O homem fez tudo o que pôde para transferir a glória de Deus para as mãos de outro. A dispensação da lei provou que ele ainda era indigno da confiança de Deus, e esse caráter é aqui estampado no homem pelo próprio Senhor. **"O mesmo Jesus não confiava neles, porque a todos conhecia"**.

Ele sabia o que havia no homem, e não conseguia encontrar nada em que pudesse confiar. Que sentença! Não, mais do que isso. O homem, como ele é, nunca pode ser melhorado a tal ponto de Deus confiar novamente nele. As afeições do homem podem ser despertadas, a inteligência do homem instruída, a consciência do homem convencida; mas ainda assim Deus não pode confiar nos homens. Assim, lemos que **"muitos, vendo os sinais que fazia, creram no Seu nome. Mas o mesmo Jesus não confiava neles"**. O homem nisso estava dando o melhor de si; ele foi movido pelas coisas que Jesus fez; mas ainda assim o Senhor não podia confiar nele. Portanto, **"necessário vos é nascer de novo"**.

A necessidade de nascer de novo ou, como é comumente expressada, de regeneração, é bem entendida e certamente reconhecida entre os santos. Mas não há um caráter mais simples e distinto no novo nascimento do que é geralmente apreendido? Eu julgo que há. Pois *a doutrina comumente levanta na mente uma noção de algo estranho e indefinido.* Mas isso não precisa ser assim.

Nicodemos tinha vindo como um aluno a Jesus. **"bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus"**, ele diz; ao que imediatamente o Senhor lhe responde que ele precisa nascer de novo. Mas Ele não encerra Suas palavras com ele até que Ele o direcione para a serpente de bronze, ensinando-lhe que é *lá que* ele deve ir para, por assim dizer, colher a semente dessa nova vida necessária.

Em que caráter, então, ele deve tomar seu lugar ali, e olhar para o Filho do Homem levantado na cruz? Simplesmente *como um pecador,* um pecador consciente, carregando, como o israelita mordido, a sentença de morte em si mesmo. Nicodemos ainda tinha que se reconhecer como tal, pois ele não tinha vindo assim a Jesus; e, portanto, ele deve começar sua jornada novamente, ele precisa **"nascer de novo"**, ele deve chegar a Jesus por um novo caminho, e em um novo caráter. Ele se julgou um aluno, e Jesus um Mestre vindo de Deus; mas ele ainda não entendia que ele mesmo era como um pecador morto, ou como um homem mordido pela antiga serpente, e o Filho de Deus como um Espírito vivificador, um Redentor justificador; e assim o solo de seu coração nunca havia recebido a semente da vida.

O *caráter* desta vida, esta vida eterna, esta natureza divina em nós, é assim tão simplesmente definido quanto sua *necessidade:* O segredo dela está em conhecer Jesus, o Filho de Deus, *como um Salvador,* em vir a Ele como um pecador convicto, olhando para Ele naquela virtude que a serpente de bronze carregava para o israelita mordido. E, como sugerido por outras partes deste Evangelho, é muito doce traçar o caminho de Nicodemos a partir deste estágio. Ele tinha, como vimos, até então se enganado quanto ao seu caminho; mas, embora possa lhe dar uma jornada mais longa, isso prova, a partir da direção que Jesus aqui lhe dá, no final, uma jornada correta e segura. Pois, no próximo estágio, o vemos defendendo Jesus na presença do conselho, e encontrando algo da reprovação do Galileu rejeitado (João 7). E, no final, ele está onde o Senhor o dirigiu neste início, no lugar desta serpente de bronze. Ele olha para o Filho do Homem levantado sobre a cruz. Ele vai até Jesus, não como um aluno vai

até um mestre; mas ele vai até Ele, e O reconhece, e O honra, não mais *à noite*, nem meramente *na presença do conselho*, mas *em plena luz do dia*, e *na presença do mundo*, como o Cordeiro de Deus ferido, moído e traspassado (João 19).

Assim, discernimos *o caráter*, tão simplesmente quanto aprendemos *a necessidade*, desta nova vida. Descobrimos a semente que a produz. O poder divino, o Espírito Santo, que preside tudo isso em Sua própria energia, trabalha de uma maneira além de nossos pensamentos. Seja o vento ou o Espírito, não conhecemos o caminho dele. Mas a natureza da semente que Ele usa, e do solo em que Ele a lança, são assim tornados conhecidos para nós. Uma é a palavra da salvação, o outro é a alma de um pecador convicto.

E esta vida que flui por toda a família de Deus é *espírito* – porque Jesus, o Segundo Homem, o Cabeça dela, é **"Espírito vivificante"** – e "**o que é nascido do Espírito é espírito"**, como nosso Senhor ensina aqui. Esta é a nossa nova vida. É vida eterna, infalível, permanecendo, seja na Cabeça ou nos membros do corpo onde ela se move, em vitória sobre todo o poder da morte. E nosso divino Mestre diz ainda: **"aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus"**. Não há entrada lá para ninguém, a não ser para aqueles nascidos de novo, *e tais nascidos de novo, como vimos, são os pecadores justificados ou vivificados pela palavra da salvação.* Não há justos, sábios ou ricos, naquele reino, ninguém que permaneça ali com tal confiança na carne. Esta verdade está assim estabelecida. De forma bendita é assim, para nossa alegria e estabilidade de coração. Pois, embora isso seja muito decisivo, também é muito reconfortante. É muito reconfortante ver que a palavra que diz: **"aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino"**, por meio disso nos faz saber claramente que, se nascermos de novo, o veremos – nenhum engano ou força de homens ou demônios prevalecerá para nos manter fora dele. Se tomarmos (atraídos sem dúvida pela atração do Pai, no poder secreto do Espírito Santo) o lugar de pecadores convictos e recebermos a palavra da salvação do Filho de Deus –

se apenas olharmos, como israelitas mordidos, para a serpente levantada – então já entramos no reino, a vida está sendo desfrutada agora e a glória virá depois. O cântico que então entoamos é ecoado pela eternidade do céu. A visão que então obtemos de Jesus e Sua salvação é apenas ampliada na esfera da glória vindoura. *Temos* a vida eterna e os princípios do céu em nós.

Mas voltando por um momento a Nicodemos. Posso dizer que, quando o Senhor assim lhe revelou a semente desta nova vida, Ele busca semeá-la nele, semeá-la (onde sempre deva ser semeada, se for para dar fruto) na *consciência:* pois Nicodemos havia vindo ao Senhor à noite, como se suas ações não pudessem suportar a luz; e, ao se separarem, o Senhor visando, como parece, alcançar sua consciência, diz: **"todo aquele que faz o mal odeia a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas"**.

Assim, nosso Senhor ensina a necessidade do novo nascimento por meio da palavra da salvação. Sem ele, Deus não pode confiar no homem; e sem ele o reino de Deus não poderia, como nosso Senhor nos ensina aqui, ser visto ou entrado. Que associação, por exemplo, o irmão mais velho tinha com aquela que era a alegria característica da casa do pai? Nenhuma! Ele nunca teve nem mesmo um cabrito para se alegrar com seus amigos: ninguém, a não ser um filho pródigo retornado, poderia receber o anel, a melhor roupa e o bezerro cevado. E assim o reino é um reino tal que ninguém, a não ser *pecadores redimidos*, pode apreender suas alegrias ou ter qualquer lugar nele. Todos lá são "novas criaturas", pessoas de uma ordem não encontrada na primeira criação. Adão foi feito reto; mas todos no reino são pecadores comprados por sangue. Tudo nele é reconciliado pelo sangue – como está escrito – **"E que, havendo por Ele feito a paz pelo sangue da Sua cruz, por meio d'Ele reconciliasse Consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na Terra, como as que estão nos céus"**.

João 3:22-36

Depois que o Senhor havia assim discutido com Nicodemos a questão da entrada do homem no reino, Ele é visto por um breve momento prosseguindo em Seu ministério, como Ministro da circuncisão na Judeia (v. 22). Mas vemos isso apenas por um momento; pois reter tais coisas diante de nós não estaria dentro do escopo geral deste Evangelho, que tira o Senhor, como vimos, da conexão Judaica. E na próxima passagem podemos notar o mesmo (vs. 23-24); pois o Batista é visto em conexão com Israel; mas é, da mesma maneira, apenas por um momento passageiro; e para, também, como parece, dar-lhe ocasião, sob o Espírito Santo, de dar um testemunho de Jesus, não em Sua glória Judaica, mas em honras mais elevadas e alegrias mais doces do que Cristo poderia ter conhecido como Filho de Davi (veja vs. 27-36).

Eu, no entanto, me demoraria aqui um pouco; pois esta me parece ser uma ocasião de grande valor moral. João é chamado para a mesma prova que Moisés em Números 11 e Paulo em 1 Coríntios 3.

Josué, que era ministro de Moisés, teve ciúmes por causa de seu mestre quando Eldade e Medade profetizaram no arraial. Mas Moisés o repreendeu, e isso também, não apenas com uma palavra, mas também com um ato – pois ele vai imediatamente para o arraial, evidentemente com o propósito de desfrutar e aproveitar o dom e as ministrações daqueles dois, sobre quem o Espírito acabara de repousar.

Essa foi uma maneira nobre de agir desse querido homem de Deus. Nenhuma mágoa ou ciúme manchava a bela maneira de seu coração, ou perturbava o fluxo uniforme de sua alma; mas, sendo ele um vaso dotado, rico e abundante em dons do próprio Espírito, ele ainda assim receberia por meio de qualquer outro vaso, ainda que de menor medida, e receberia com gratidão e prontidão de coração.

Paulo, em seus dias, foi convocado para uma prova semelhante. No meio dos santos em Corinto, rivalidades surgiram. Um dizia: **"Eu sou de Paulo; e outro: Eu de Apolo"**. E como Paulo enfrenta isso? Será que ele triunfa neste dia do tentador, como Moisés havia triunfado? Sim, apenas com uma arma diferente. Com mão firme e coração fervoroso, ele despedaça cada vaso, para que Aquele que enche todos os vasos, e somente Ele, possa receber todo o louvor. **"Quem é Paulo, e quem é Apolo?"**, diz ele, **"nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento"**. Esta foi a vitória em uma hora igualmente má, mas apenas de uma forma diferente, ou com outra arma.

Mas como devemos contemplar João, o Batista? Nesta ocasião, ele enfrenta a mesma maneira do tentador. Seus discípulos tiveram ciúmes de Jesus por causa de João. Mas, como Moisés e Paulo, ele permaneceu firme num dia mau, ainda que em uma atitude um pouco diferente. Ele não pode, como Paulo, quebrar em pedaços seu vaso companheiro. Ele não pode dizer: *"Quem é João"*, e então, *"e Quem é Jesus?"* – como Paulo diz: **"Quem é Paulo"**, e então, **"e quem é Apolo?"** Ele não poderia tratar o nome de Jesus como Paulo trata o nome de Apolo. Mas ele despedaça um desses dois vasos, isto é, ele mesmo, sob os olhos de seus afeiçoados discípulos, e glorifica Jesus, a Quem eles estavam invejando por sua causa, com glórias além de todo o seu pensamento, e tais que nenhum outro vaso poderia conter.

Quão perfeito era tudo isso! Quão belo testemunho é todo esse método de João, ao lidar com tal ocasião, para a orientação e manutenção do Espírito de sabedoria! Jesus, é verdade, era, em certo sentido, um Vaso da casa de Deus, como eram os profetas e apóstolos. Ele era um Ministro da circuncisão. Como João, Ele pregou a vinda do reino. Ele tocou flauta, e João lamentou. Deus falou por Ele, como por qualquer profeta. E assim Ele era, certamente, um Vaso na casa de Deus, como os outros. Mas Ele era de uma ordem peculiar. O material e a moldagem daquele Vaso eram peculiares. E se a ocasião O coloca em questão com qualquer outro vaso, como neste lugar do nosso Evangelho, a

honra peculiar que se atribui a Ele deve ser tornada conhecida. João se deleita em ser o instrumento para isso. Ele se deleita, como sob o Espírito Santo, e como em plena concordância com a mente de Deus, em trazer à luz a vara em flor do verdadeiro Arão, florescendo com seus frutos e flores, e expor cada vara adversária em seu nativo estado morto e murcho, para que as murmurações de Israel, os pensamentos afetuosos e parciais até mesmo de seus próprios discípulos, possam ser silenciados para sempre (Números 17). Ele reconhece que todo o seu gozo foi cumprido naquilo que estava provocando o desagrado de seus discípulos. Ele era apenas o amigo do Noivo. Ele havia esperado por um dia como este. Portanto, seu curso estava terminado agora, e ele estava disposto a se retirar e ser esquecido. Como seus companheiros servos, os profetas, ele havia sustentado uma luz para guiar sua geração a Cristo, para conduzir a Noiva ao Noivo; e agora, só lhe restava se retirar. Ele se posiciona aqui, como no final da linha de profetas; e, em seu próprio nome e no deles, deixa tudo nas mãos do Filho. E quando ele assume esse tema (as glórias d'Aquele que era maior do que ele), com que gozo ele prossegue no tema. O Espírito o conduz de um raio dessa glória para outro; e é bem-aventurado quando Jesus é o tema que assim desperta toda a nossa inteligência e desejo. Bem-aventurado, quando podemos, cada um de nós, ser assim voluntariamente nada, para que somente Ele possa preencher todas as coisas.

Que assim seja com os Teus santos, Senhor, pela Tua graça celestial, cada vez mais!

João 4

Assim, João se vai, e com ele tudo, exceto o ministério do Filho. Tudo agora está somente em Sua mão; e, consequentemente, Ele sai simplesmente como o Filho de Deus, o Salvador do mundo. Ele aparece diante de nós aqui (cap. 4:1) como Aquele que foi rejeitado por Israel, e agora está deixando a Judeia, o lugar da justiça, simplesmente como o Salvador dos pecadores. E, saindo

neste caráter, Ele precisa passar por um lugar imundo, e descobrir que Sua jornada entre nós Lhe custará amarga dor e cansaço; a amostra da qual obtemos aqui.

Foi em justiça perfeitamente consistente que os Judeus recusaram todo relacionamento com os samaritanos. Era de acordo com seu chamado dizer: *"É uma coisa ilícita para um homem que é Judeu manter companhia, ou vir a alguém de outra nação";* pois isso era um testemunho contra o mal; e tal testemunho era a própria confiança que Jeová havia confiado a Israel. Eles deveriam ser testemunhas de Deus contra o mundo; eles eram os limpos separados dos imundos, para um testemunho da justiça de Deus contra uma Terra corrompida. Mas Jesus estava afastado de Israel. Ele havia deixado a Judeia, o lugar da justiça, e estava na contaminada Samaria como Filho de Deus, o Salvador dos pecadores. Ele já tinha ido à Judeia em busca de justiça, o fruto próprio daquele país, mas não a havia encontrado. Ele não deve agora procurá-la em Samaria. Aqui Ele está de uma maneira completamente diferente, no caminho da graça somente; e na consciência de que Ele era assim, de que Ele estava aqui somente em graça, como o Salvador dos pecadores, Ele Se dirige a uma mulher que tinha vindo tirar água no poço de Sicar.

Havia desde o princípio um segredo com Deus, além e por detrás de todas as exigências reveladas e da ordem de justiça que havia sido estabelecida na Judeia. Havia **"graça"** e **"o dom pela graça"**. Ao Judeu poderia ter sido confiado um testemunho à justiça *contra* o mundo, mas o Filho era o Dom de Deus *ao* mundo, e a Ele foi confiada a vida para o mundo. **"A lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo"** e na abençoada consciência de que Ele carregava Consigo este segredo de graça para os pecadores, Ele diz à mulher: **"Dá-me de beber"**. Ela se maravilha, como realmente deveria, de que Ele, como Judeu, não manteve distância dela. Mas ela ainda não sabia que o segredo de Deus estava com Ele. Isso, no entanto, logo seria revelado. A glória que excede estava prestes a encher esse lugar imundo. O

Senhor Deus está agora tomando Sua posição, não em justiça no monte fumegante, mas na nascente do rio da vida, como seu Senhor, pronto para dispensar suas águas.

Que bênção está, portanto, sendo preparada para esta pobre rejeitada! Ninguém além de uma rejeitada poderia conhecê-la. Mas tais rejeitados também devem saber que a fonte desta bênção não está neles mesmos. E isto a samaritana aprende. Ela é levada a conhecer a si própria, a olhar bem para todas as coisas que ela sempre fez, e ver que isso a deixou apenas num deserto e numa terra de trevas. Sua consciência está assombrada. **"Esse que agora tens não é teu marido"** (ARA). Mas embora fosse deserto e terra de trevas, o Filho de Deus estava ali com ela. Esta era uma bênção, uma tal bênção que uma rejeitada em um deserto poderia conhecer. Foi para o rejeitado Jacó, que tinha apenas as pedras do lugar como seu travesseiro, que o céu foi aberto, e Deus em plena graça e glória foi revelado. E assim foi aqui, com esta filha de Jacó. O Senhor estava novamente abrindo a rocha no deserto. A arca de Deus estava agora novamente estabelecida com o arraial no meio do deserto. O Senhor fala da fonte de vida com a samaritana impura; e isto era gozo e o poder do amor para ela. Isso a separa do seu cântaro e preenche seu espírito e seus lábios com um testemunho ao Seu nome.

Amados, isto é divino! Uma pobre samaritana, a quem a justiça havia ordenado que ficasse em um lugar imundo, é feita o modelo da obra de Jesus, e introduzida nos segredos e intimidades do Filho de Deus! É seu próprio lugar e caráter de *pecadora* que a coloca em Seu caminho. É somente o *pecador* que se encontra no caminho do Salvador. E, irmãos, qualquer que seja a tristeza ou provação que a entrada do pecado possa ter nos causado, ou ainda possa nos causar, ainda assim, sem ela não poderíamos ter tido nosso Deus, como agora O temos, abrindo Seu próprio tesouro de amor, e daí nos dando o Filho.

Os discípulos, ao retornarem, se maravilham, assim como a mulher havia se maravilhado, que Jesus não tenha mantido Sua

distância Judaica. Mas ainda assim eles estão conscientes da presença de uma glória que estava acima deles; pois **"nenhum Lhe disse: Que perguntas? ou: Por que falas com ela?"** Eles ainda não conheciam o segredo que o Filho de Deus carregava; e Ele então lhes mostra, como já brancas para a ceifa, as terras que a fé deles nunca havia examinado. Eles não conheciam as terras, a não ser aquelas que, antigamente, tinham sido divididas entre as Tribos. Na avaliação deles, a lavoura de Deus deveria ser confinada àquele santo recinto; e Samaria, eles julgaram, estava agora fora dele, e era apenas um lugar imundo. Mas havia, como já vimos, um segredo com Deus. Era o Filho de Deus, o Salvador dos pecadores, que agora havia saído com a semente, e Seu esforço havia preparado uma colheita para os ceifeiros, nas planícies contaminadas de Samaria.

(Eu observaria que, ao considerar a questão da **"adoração"**, para a qual a mulher O atraiu, Ele ainda fala em Seu caráter como Filho. A mulher se dirige a Ele como Judia, mas Ele não responde a ela como Judia. Ele antes mostra que toda a adoração Judaica estava agora terminando; e na consciência de que o Filho havia chegado, Ele a ensina que chegou a hora em que toda a adoração aceitável deve ser no espírito de adoção, que era *o Pai* que agora estava reivindicando adoração. Toda a Sua resposta expressa a consciência disto, que Ele estava Se dirigindo à mulher, não como o Filho de Davi que havia vindo para purificar o templo e trazer de volta os samaritanos revoltosos que estavam **"neste monte"**, mas como o Filho que veio para dar aos pecadores **"acesso ao Pai em um mesmo Espírito"**).

Ele mostra a Seus discípulos um grupo de pessoas que acabava de sair de Sicar, que logo diria: **"Este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo"**. E assim eles estavam prontos para a foice. A colheita na Judeia era *grande* (Mt 9:37); mas em Samaria estava *madura* para *os ceifeiros.* O Senhor havia suportado o trabalho do semeador; havia falado, cansado e fraco, com a mulher; mas Ele agora compartilharia com Seus discípulos a alegria da colheita; e, em garantia disto, Ele permanece por dois

dias com esta pequena colheita feita em Sicar, crido e reconhecido como o Salvador do mundo.

É muito bendito conhecer a proximidade com Ele mesmo à qual o Senhor convida a alma, e a intimidade com a qual Ele busca envolver o coração de um pecador crente. Ele não trata conosco *no estilo de um protetor ou benfeitor.* O mundo está cheio desse princípio. **"Os que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores"** (Lc 22:25). O homem estará pronto o suficiente para conferir benefícios no caráter de um protetor, ocupando o tempo todo o lugar distante de consciente e confessada superioridade. Mas Jesus não é assim. Ele pode dizer: "**Não vo-la dou como o mundo a dá"**. Ele traz o Seu dependente para muito perto d'Ele. Ele o deixa saber e sentir que Ele está tratando com ele como um Parente e não como um protetor. E isso faz toda a diferença. Sou ousado em dizer que o céu depende dessa diferença. O esperado céu da alma, e que em espírito a mulher prova agora, depende do Senhor Jesus não agir conosco no princípio de um protetor. O céu seria então apenas um mundo bem ordenado de princípios e benevolências humanas. E que coisa seria isso! São as condescendências de um grande ser que vemos em Cristo? **"Eu, porém, entre vós sou como aquele que serve"**, diz Ele. Cada caso, posso dizer, me diz isso. Seu estilo nunca foi o de um mero benfeitor; nunca à distância e elevação de um protetor. Ele suportou nossas fraquezas e carregou nossas tristezas.

Basta olhar para Ele nesse poço, com essa samaritana. Ela teve, naquele momento, os pensamentos mais exaltados sobre Ele. **"Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem; quando Ele vier, nos anunciará tudo"** Este era seu elevado e justo senso do Messias, não sabendo que Aquele com Quem ela estava então falando face a face poderia dizer imediatamente em resposta a ela, **"Eu O Sou, Eu que falo contigo"**.

Mas onde estava Ele, o Cristo exaltado, todo esse tempo? Conversando com ela, enquanto se encontravam, ao lado de um

poço, onde (para dar-lhe conforto em Sua presença) Ele lhe dissera: **"Dá-me de beber"**.

Era essa proteção à maneira dos homens? Era essa a distância e a condescendência de um superior? Era esse o céu ou o mundo, o homem ou Deus? A condescendência ou o mundo conferirá o favor que você quiser, mas manterá e honrará a elevação de um superior e a reserva de um dependente. Mas o céu ou o amor não agem assim. Bendito, bendito seja Deus! Jesus, Deus manifestado em carne, era *Parente* daqueles a quem Ele favoreceu. E Ele agiu como um Parente, não como um protetor. Ele busca nos trazer para perto, para envolver nosso coração com tranquilidade e confiança. Ele nos visita. Não, Ele vem a nós mediante o nosso convite – como Ele foi e habitou dois dias com os samaritanos que saíram e buscaram Sua companhia por causa do testemunho da mulher. Ele pede um favor de nossa mão, para que possamos receber um favor d'Ele sem reservas. Ele beberá de nosso cântaro, para nos encorajar a beber de Suas fontes; e comer da nossa vitela à porta da tenda, enquanto nos revela segredos eternos (Gênesis 18; João 4).

Certamente nosso coração pode se regozijar com isso. O coração do Senhor se regozija com essa Sua própria maneira de amar. Pois esses dois dias em Sicar foram para Ele um pouco da alegria da colheita. Eles foram alguns dos momentos mais revigorantes que o cansado Filho de Deus já provou nesta nossa Terra. Pois Ele conheceu aqui um pouco da fé mais brilhante que já encontrou; e foi somente a fé dos pecadores que poderia tê-Lo revigorado aqui. Nada no homem poderia ter feito isso – nada além daquela fé que tira o homem de si mesmo.

Mas essa alegria durou apenas dois dias. Ele é rapidamente chamado para uma região mais baixa; pois depois desses dois dias Ele segue para a Galileia, entrando assim em conexão Judaica novamente; mas Ele vai com este triste pressentimento: **"um profeta não tem honra na sua própria pátria"**. E com maior provação de coração Ele deve sentir isso agora, por causa da

liberdade que Ele tinha acabado de conhecer entre os pecadores em Samaria. E Seu pressentimento foi considerado verdadeiro. Ele encontra fé na Galileia, é verdade, mas fé de uma ordem inferior. Os galileus O recebem, mas é porque foram **"vistas todas as coisas que fizera em Jerusalém"**. O nobre e sua casa creram, mas não antes de terem cuidadosamente se assegurado Quem era Ele, por suas próprias testemunhas. A *colheita em Sicar* havia crido n'Ele próprio, os *galileus* agora creem n'Ele por causa de Suas obras (veja João 14:11); os *samaritanos* O conheceram como Ele mesmo, os *Judeus* estavam agora, por assim dizer, pedindo um sinal novamente. Uns, portanto, entraram em comunhão com o Filho de Deus, o outro recebeu saúde do Médico de Israel. A profanada Samaria está, em bênção, antes do que o justo Judá.

Aqui a primeira seção do nosso Evangelho se encerra. Ela nos conduziu pelos caminhos do Filho de Deus, o Filho do Pai, em meio a esse nosso mundo mal. No início da seção, vimos Sua glória e descobrimos que, no momento em que ela brilhou sobre o mundo, ela comprovou as trevas do mundo. Tal glória não encontrou resposta do homem. O mundo que foi feito por Ele não O conhecia. Mas Ele carregava Consigo um segredo, o segredo da graça de Deus para os pecadores, mais profundo do que todos os pensamentos dos homens. Ele era um Estrangeiro na Terra; mas a revelação de Seu segredo aos pecadores tinha a virtude de torná-los estrangeiros com Ele.

João 5 – 12

Tendo seguido nosso Senhor pelos capítulos 1-4 deste Evangelho, desejo agora, na graça de Deus, trilhar Seu caminho adiante; e que Ele, por meio do Espírito, possa fazer desta obra uma ocasião de santo e agradecido deleite!

Nos capítulos 5-12 vemos nosso Senhor em contato com os Judeus. Mas não é o propósito do Espírito neste Evangelho exibir Sua vida pública e ministério. Ele não é visto aqui, como nos

outros Evangelhos, andando pelas cidades e aldeias de Israel pregando o reino, a ver se porventura eles se arrependeriam; mas o abandono de Deus por parte daquele mundo pelo qual Ele estava passando parece estar sempre em Sua mente; e *somente às vezes* Ele é visto agindo em poder ou em graça sobre todos ao Seu redor, como o Filho de Deus, o Estrangeiro do céu, o Salvador dos pecadores.

E assim é quanto aos Seus discípulos. Eles não são os companheiros do Seu ministério neste Evangelho, como são nos outros. Ele não nomeia os doze, e depois os setenta – mas o ministério é deixado em Sua própria mão. Os apóstolos são pouco vistos com Ele até João 13, quando Seu ministério público se encerra. E quando estão com Ele, é com alguma reserva (veja João 4:32, 6:5, 11:9).

Mas, por outro lado, em nenhum Evangelho Ele é visto tão perto do pecador. Ele está *a sós* com a samaritana, *a sós* com a adúltera, *a sós* com o mendigo rejeitado. E isso dá seu maior interesse a esta preciosa porção da Palavra de Deus. O gozo e a segurança de estar a sós com o Filho de Deus, como é aqui manifestado, está além de tudo para a alma. O pecador aprende assim seu título para com o Salvador, e descobre a verdade bendita, que eles são adequados Um ao outro. No momento em que aprendemos que somos pecadores, podemos olhar para o rosto do Filho de Deus, e reivindicá-Lo como nosso. E que momento nos próprios dias do céu é esse! Ele veio para buscar e salvar pecadores; e Ele andou como um Homem solitário na Terra, a não ser quando Ele encontrava um pobre pecador. Somente esse tal tinha direito, ou mesmo poder, para interromper a solitude deste Estrangeiro celestial. O mundo não O conhecia. Seus caminhos eram solitários entre nós, a não ser quando Ele e o pecador encontraram seu caminho Um para o outro. O leproso fora do arraial O encontrou, mas ninguém mais.

E deixe-me dizer, esse estar a sós com Jesus é a primeira posição do pecador. É o começo de seu gozo; e ninguém tem o direito de

se intrometer nisso. Aquilo que tem se chamado a si mesmo de igreja tem tentado, em todas as eras da Cristandade, invadir a privacidade entre o Salvador e o pecador, e se tornar parte na solução da questão que há entre eles, mas nisso ela tem sido uma intrusa. *O pecado nos lança unicamente sobre Deus.*

E de fato, amados, na variedade de julgamentos hoje em dia, é necessário para nossa paz saber disso. Outros podem exigir que nos juntemos a eles em linhas particulares de serviço, ou em formas e ordens particulares de adoração; e podem nos considerar desobedientes se não o fizermos. Mas, por mais que possamos ouvi-los nessas coisas, não ousamos, com medo deles, renunciar a prerrogativa de Deus, e de somente Ele, tratar conosco *como pecadores*. Não devemos ceder a ninguém o direito de Deus de *apenas Ele* falar conosco sobre nossos pecados. Nem deve nossa ansiedade sobre mil questões que podem surgir, por mais justa que essa ansiedade possa ser, ser permitida a nos levar por um momento a esquecer que, como pecadores, já estivemos a sós com Jesus; e que Ele, de uma vez por todas, nas riquezas de Sua graça, nos perdoou e nos aceitou.

Nosso Evangelho nos apresenta essa solitude de Cristo e do pecador do modo mais reconfortante. Mas quanto a todos os outros, Jesus está aqui apenas à distância, e com reserva. E tanto quanto a *lugares* quanto *a pessoas.* O Filho de Deus não tinha nada a ver *especialmente* com nenhum lugar; o vasto deserto do mundo, onde os pecadores eram encontrados, era a única cena para Ele.

Mas continuarei agora a seguir os capítulos em ordem.

João 5

Já mostrei, a partir de vários exemplos, que houve, por todos os estágios da história de Israel, a ocasional manifestação de uma energia especial do Espírito, pela qual, e não pelos recursos de seu próprio sistema, o Senhor estava sustentando Israel, e

ensinando-os a saber onde estava sua esperança final. Do chamado de Abraão ao trono de Davi, vimos isso.

Agora julgo que *Betesda* foi testemunha da mesma coisa. Betesda não era aquilo que o próprio sistema fornecia. Ela estava aberta em Jerusalém, como uma fonte de cura, pela graça soberana de Jeová (como, de fato, o nome dela significa). Nem era um alívio permanente, mas apenas ocasional, como os juízes e profetas tinham sido. Como eles, Betesda era um testemunho da graça e do poder que estavam no próprio Deus para Israel, e tinha, talvez, produzido este seu testemunho em certos momentos durante toda a era das trevas que se passou desde os dias do último de seus profetas. Mas agora ela deve ser colocada de lado. Suas águas não devem mais ser agitadas. Aquele a Quem todas essas testemunhas da graça apontavam tinha aparecido. Como a verdadeira Fonte de saúde, o Filho de Deus tinha agora vindo à filha de Sião, e estava Se mostrando a ela.

Somos informados de que era um tempo de festa (v. 1). Tudo prosseguia em Jerusalém como se tudo estivesse correto diante de Deus. As festas eram devidamente observadas; o tempo era de serviços religiosos precisos. Mas Betesda, por si só, poderia ter dito à filha de Sião que ela precisava de um médico, e não estava naquele descanso que a fidelidade a Jeová teria preservado para ela. E o Senhor agora lhe diria a mesma verdade. Ele cura o homem impotente, tomando assim o lugar de Betesda; mas Ele o faz de uma forma que conta a Israel sobre sua perda do sábado – a perda de sua própria glória. **"E aquele dia era sábado"**.

A nação imediatamente se sensibiliza a isso. Tocou no lugar do orgulho deles; pois o sábado era o sinal de toda a sua distinção nacional; e eles se ressentem disso – eles **"procuravam matá-Lo, porque fazia estas coisas no sábado"**.

Mas devo me demorar um pouco mais aqui.

Jesus ao lado do tanque de Betesda, como O vemos neste capítulo, é uma visão para a qual, no espírito de Moisés diante da

sarça, bem podemos nos virar para ver. Se, outrora, Ele havia Se refletido naquela água, agora Ele está ali para secá-la. Ele está ali como uma coisa nova, em forte contraste com o tanque. **"Queres ficar são?"** foi a palavra que Ele dirigiu ao pobre aleijado que estava deitado ali. Será que ele estava pronto para se colocar, assim como estava, em Suas mãos? Ele estava disposto a ser Seu devedor? Ele poderia confiar-se, em toda a sua necessidade e impotência, somente a Jesus? Isso era tudo. E certamente isso estava em contraste com o pesado e incômodo maquinário de Betesda. Nenhuma rivalidade precisava ser temida, nenhuma ajuda precisava ser procurada, nenhuma demora precisava ser suportada, nem incerteza sentida. Aqueles que poderiam ter lutado com este aleijado para descer ao tanque antes dele, ou aqueles que poderiam, por pena, ter sido atraídos para ajudá-lo a descer antes dos outros, a todos agora ele podia igualmente ignorar; e a demora e a esperança podem agora ser trocadas por uma libertação presente e completa. Anjos e o tanque, ajudantes e rivais, demora e incerteza, agora estavam todos abençoada e gloriosamente despedidos por Jesus em favor do aleijado. Quando Jesus apareceu, quando o Filho de Deus estava ao lado deste tanque, a única questão era: O pobre aleijado estaria disposto a ser Seu devedor – a permanecer ali e ver Sua salvação?

A pobreza do tanque é exposta. Ele é visto como nada mais que um **"rudimento**... **pobre"**. Não tem glória em razão da excelente glória. E desta mesma maneira o Espírito, pelo apóstolo, expõe o **"santuário terrestre"**, e todas as suas provisões e serviços, na Epístola aos Hebreus. Como posso dizer, Jesus está ali de pé novamente ao lado de Betesda. Ele é apresentado pelo Espírito Santo em contraste com todo aquele sistema de ordenanças e observâncias que havia antes, e Ele expõem todos eles em sua impotência e pobreza. Havia, de fato, um reflexo de Cristo naquelas cerimônias do antigo tabernáculo, assim como havia nesta água perto da porta das ovelhas; mas esse reflexo desaparece agora, quando a própria Luz preenche o lugar.

Mas, enquanto nos demoramos um pouco mais neste tanque, o que diremos, quando vemos, não apenas este aleijado, mas uma **"grande multidão de enfermos"** que morria aos poucos ao redor daquela água incerta e decepcionante, embora o Filho de Deus estivesse por toda a terra, carregando n'Ele e com Ele cura e libertação sem dúvida ou demora, e desafiando toda rivalidade, e independente de toda ajuda! Certamente isso nos ensina uma lição. O tanque densamente frequentado, Jesus passando despercebido! O tanque procurado, enquanto Jesus tem que buscar, e Se propor! Que testemunho da religião do homem! Ordenanças, com todo o seu maquinário incômodo, ainda aguardavam; a graça de Deus que traz salvação desprezada!

Poderíamos nos maravilhar se não soubéssemos, a partir de nós mesmos, algumas das operações dessa nossa natureza arruinada.

Mas ainda mais. Nos outros Evangelhos, quando o Senhor é desafiado por fazer Suas obras no dia de sábado, Ele responde como se fosse o caso de Davi comendo os pães da proposição, dos sacerdotes trabalhando no templo, ou do fato de que eles mesmos, Seus acusadores, levavam seus jumentos para beber água no dia de sábado. Mas aqui, no Evangelho de João, não é o que Davi, ou os sacerdotes, ou Seus próprios acusadores fariam, ou fizeram, que Ele alega, mas o que o Pai celestial sempre fez neste mundo necessitado e arruinado. **"Meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho também"**, o Senhor aqui diz àqueles que estavam desafiando este Seu ato em Betesda, porque era o sábado.

Frase maravilhosa! E quão completamente em caráter com Sua maneira por todo João. Ele não Se coloca aqui, como nos outros Evangelhos em ocasião semelhante, em companhia de Davi, dos sacerdotes ou de Seus próximos, mas com Deus! **"Meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho também"**.

Isto é cheio de caráter consistente com tudo o que obtemos neste Evangelho. E certamente é cheio, também, daquilo que pode suscitar o jubiloso louvor daqueles que O conhecem. Com

os Judeus, no entanto, era diferente. Estas palavras novamente lhes contaram sobre sua perda do sábado em que se orgulhavam; sim, que eles o haviam perdido há muito tempo, perdido desde o princípio; pois, em cada estágio de sua história, Deus tinha estado operando *em graça* entre eles, operando como Seu Pai, do qual Betesda era o sinal; e que Ele mesmo havia vindo agora, exatamente da mesma forma, para operar em *graça* entre eles, do qual este pobre aleijado restaurado era o sinal. Esta foi a voz destas palavras: **"Meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho também"**; referindo-Se ao ato de graça por toda a história de Israel, que eu observei, mas sobre isso os Judeus O ressentem ainda mais; e, não estando no segredo de Sua glória, eles O acusam de blasfêmia por chamar Deus de Seu Pai.

A isto Ele novamente responde (ainda, como antes, falando de Si mesmo como Filho, mas também tomando um lugar de sujeição), **"Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por Si mesmo não pode fazer coisa alguma"**. (Sem o conhecimento da dignidade Divina de Sua Pessoa, não podemos descobrir o lugar que o Senhor aqui toma para ser o lugar de *sujeição voluntária*, como era. Pois não teria sido assim em nenhuma mera criatura, por mais exaltada que fosse, ter dito: **"Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma"**. Mas isto, no Filho, era sujeição.)

Mas tudo isso é muito abençoado. Aquele que veio a este mundo em favor de Deus e Sua honra, não poderia tomar outro lugar. Era o único lugar de justiça aqui. Aquele **"que busca a glória d'Aquele que O enviou, Esse é verdadeiro, e não há n'Ele injustiça"**. O homem, por orgulho, desonrou a Deus. O homem fez uma afronta à majestade de Deus quando deu ouvidos às palavras: **"Sereis como Deus"**. E o Filho, que veio para honrar a Deus, deve humilhar-Se. Embora na forma de Deus, Ele deve esvaziar-Se aqui. O louvor de Deus, em um mundo que se afastou d'Ele em orgulho, deve ter este sacrifício. E este sacrifício o Filho ofereceu. Mas isso não convinha ao homem; isso não era de acordo com o homem; e o homem não poderia receber ou

sancionar tal Pessoa. **"Eu vim em *nome de Meu Pai*, e não Me aceitais; se outro vier *em seu próprio nome*, a esse aceitareis"**.

Este é um assunto profundo e santo, amados. Por Sua humilhação e sujeição, o Filho estava ao mesmo tempo honrando a Deus e testando o homem; dando ao **"único Poderoso"** Seus direitos neste mundo, mas assim Se tornando Ele mesmo um sinal para tornar manifestos os pensamentos do coração. E o Judeu, o Judeu favorecido, foi encontrado no ateísmo comum do homem; pois revelar esta fonte oculta de incredulidade *em Israel* era a tendência do discurso de nosso Senhor neste capítulo. Não foi por falta de luz e testemunho. Eles tinham as obras de Cristo, a voz do Pai, suas próprias Escrituras e o testemunho de João. Mas, além disso, eles tinham o amor do mundo neles, e não o amor de Deus; e estavam, portanto, despreparados para o Filho de Deus (v. 42).

"Como podeis vós crer, recebendo honra uns dos outros, e não buscando a honra que vem só de Deus?" (v. 44). Certamente isso tem uma voz para nossos ouvidos, amados! Isso não nos diz que o coração e seus movimentos ocultos precisam ser vigiados? **"Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque *dele* procedem as saídas da vida"**. Pode haver correntes fortes e perigosas correndo abaixo da superfície. Jó era um homem piedoso. Não havia ninguém como ele em sua geração. Mas em sua alma fluía uma corrente rápida. Ele valorizava seu caráter e suas circunstâncias. Não que ele fosse, da maneira comum, hipócrita ou mundano. Ele era verdadeiramente um crente, um amigo e benfeitor generoso. Mas ele valorizava suas circunstâncias na vida e sua estima entre os homens. Nos exercícios ocultos de seu coração, ele costumava examinar sua boa condição com complacência (Jó 29). Essa era uma forte corrente subterrânea. Seus próximos não haviam traçado o curso dessa corrente; mas seu Pai celestial havia; e porque Ele o amava e queria que ele participasse de Sua santidade, com a qual tudo isso era inconsistente, Ele o colocou em Sua própria escola para exercitá-lo.

Que gracioso aviso isso nos dá, para manter os fluxos e refluxos do coração sob vigilância. *"Em que estamos pensando?"*, podemos nos perguntar repetidamente ao longo do dia. Em que estamos gastando nossa diligência? Quais são os cálculos secretos de nossa mente em momentos de relaxamento? É o espírito ou a carne que está nos fornecendo alimento? Nossas afeições que se agitam dentro têm sabor de céu ou de inferno?

Estas são perguntas saudáveis para nós, e são sugeridas pelo forte pensamento moral do Senhor aqui: **"Como podeis vós crer, recebendo honra uns dos outros?"**

Como poderia o homem, apóstata em seu orgulho, suportar o humilde Filho do Homem, o esvaziado Filho de Deus? Esta foi a fonte onde sua incredulidade teve sua origem. Não havia associação entre eles e Aquele que permanecia em favor da honra de Deus diante dos homens. Sua forma de humilhação agora era rejeitada, assim como Sua obra e graça em Betesda haviam sido recusadas antes. Seus irmãos deveriam ter entendido como Deus por Sua mão os livraria; mas eles não entenderam; eles não creram em Moisés, e estavam assim, em princípio, ainda no Egito, ainda na carne, ainda não redimidos. Se tivessem crido em Moisés, teriam crido em Cristo, e sido conduzidos por Ele, como neste momento, para fora da mão do Faraó, do poder da carne e do mundo. Mas sob tudo isso, por meio da incredulidade, este capítulo os encontra e os deixa.

João 6

Uma nova cena se abre aqui. Era a páscoa: mas a misericórdia de Deus, que aquele momento celebrava, Israel havia menosprezado. Eles ainda tinham que aprender a lição do Egito e do deserto; e em amor paciente, depois de tantas provocações, o Senhor queria, mesmo agora, ensiná-los.

Assim, Ele alimenta a multidão em um lugar deserto; mostrando assim a graça e o poder d'Aquele que, por quarenta anos, havia alimentado seus pais em outro deserto. Os discípulos, como Moisés, se admiram em incredulidade, e falam, por assim dizer: **"Degolar-se-ão para eles ovelhas e vacas que lhes bastem?"** Mas Sua mão não está encurtada. Ele os alimenta; e isso desperta zelo na multidão, e eles viriam de bom grado, e pela força O fariam um rei. Mas o Senhor não tomaria o reino por meio de um zelo assim. Esta não poderia ser a fonte do reino do Filho do Homem. Os animais podem tomar seus reinos dos ventos combatendo no mar grande, mas Jesus não fará assim (Dn 7). Esta não era Sua mãe coroando-O no dia de Seu desposório (Cantares de Salomão 3). Este não era, em Seus ouvidos, o alarido do povo trazendo a pedra da esquina; nem o indício de Seu povo voluntariamente exercitado no dia de Seu poder. Esta teria sido uma nomeação para o trono de Israel com base em princípios dificilmente melhores do que aqueles pelos quais Saul havia sido nomeado antigamente. Seu reino teria sido o fruto de um desejo acalorado do povo, assim como o de Saul havia sido o fruto de seu coração revoltado. Mas isso não poderia ser. E além disso, antes que o Senhor pudesse tomar Seu assento no Monte Sião, Ele deveria subir o monte solitário; e antes que o povo pudesse entrar no reino, eles deveriam descer para o mar tempestuoso. E essas coisas vemos refletidas aqui, como em um espelho. O Senhor é visto no alto por um tempo, e eles estão suportando os golpes dos ventos e das ondas; mas no devido tempo Ele desce de Sua elevação, faz a tempestade se acalmar e os leva ao seu porto desejado. E assim será em breve. Ele descerá no poder do

céu ao qual Ele agora ascendeu, para a libertação de Seus aflitos; então eles verão as Suas maravilhas, como no profundo, e louvá-Lo-ão pela Sua bondade, pelas obras que faz pelos filhos dos homens (Sl 107:23-32). [Nos lugares correspondentes em Mateus e Marcos, lemos que o Senhor vai ao monte para orar. Mas isso não é notado aqui. De fato, o Senhor não é mostrado por João em oração (a não ser em João 17; e isso é, na verdade, intercessão); e tudo isso ainda está no caráter completo do nosso Evangelho.]

O Senhor, portanto, apenas Se retira de todo esse despertar popular em Seu favor. Como a mente do Estrangeiro celestial deve ter sentido total dissociação de tudo isso! Ele Se retira disso; e, no dia seguinte, entra em outra obra completamente diferente. Ele revela o mistério da verdadeira páscoa, e o maná do deserto, que eles ainda tinham que aprender. Eles ainda tinham que aprender a virtude da cruz, a verdadeira páscoa que liberta do Egito, da escravidão da carne, do julgamento da lei; capacitando o pecador a dizer: **"estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu"**. O salário do pecado é a morte; e o pecado, na cruz, recebeu seu salário. A morte exerceu seu domínio; e a lei pode retornar ao trono de Deus com sua própria vindicação; pois ela executou sua comissão: Cristo morreu, e morreu por nós. Esta é a verdadeira páscoa – o poder da redenção; na graça da qual deixamos o Egito, ou o lugar da escravidão, e saímos com o Filho de Deus para o deserto, para ali nos alimentarmos do maná, para ali vivermos de toda Palavra que procede da boca de Deus.

E embora, nesse sentido, sejam distintos, o Senhor neste discurso parece combinar os mistérios da páscoa e do maná. Foi no tempo da páscoa que Ele pregou a eles sobre o maná. Pois ambos pertenciam ao mesmo Israel, à mesma vida. O sangue do cordeiro pascal estava sobre a verga da porta para redenção, enquanto se alimentavam do cordeiro dentro da casa. O israelita estava em comunhão *viva* com aquilo que lhe dava *segurança.* E este foi o começo da vida para ele; na força da qual ele saiu para se alimentar do maná no deserto.

Mas Israel, como aqui encontramos, ainda não havia saído da escravidão do Egito para as pastagens de Deus no deserto. Eles provam que ainda não conheciam esta vida; que ainda não tinham realmente guardado a páscoa, nem se alimentado do maná. Eles murmuravam contra Ele. Seus pensamentos estavam muito cheios de Moisés. **"Deu-lhes a comer o pão do céu"**, disseram eles. Mas, antes que pudessem de fato comer do maná, eles deveriam cair nos caminhos do amor, nos pensamentos do Pai, e não nos de Moisés. Pois é o amor que nos leva à cruz. Moisés nunca deu aquele pão. A lei nunca preparou a festa. É o amor que faz isso; e o amor deve ser apreendido, enquanto nos assentamos nela. E esta é a razão pela qual tão poucos convidados estão lá; pois o homem tem pensamentos duros sobre Deus e pensamentos orgulhosos sobre si mesmo. Mas, para guardar a festa, devemos ter pensamentos felizes sobre Deus e pensamentos humildes e abnegados sobre nós mesmos. A comunhão com o Pai e com o Filho, no terreno da salvação, a comunhão com Deus no amor, é vida.

Mas Israel não estava nessa comunhão. Eles *recuam*, eles O afastam deles, e eles, em seu coração, voltam novamente para o Egito: seus cadáveres caem no deserto, e somente um remanescente se alimenta das **"palavras da vida eterna"** e vive – um remanescente que olha para todo o redor como sendo um deserto estéril que não produz pão sem Ele, como **"uma terra seca e sedenta"** (KJV) de uma ponta à outra, a não ser pela Rocha que os segue; e eles dizem: **"Para Quem iremos nós?"**

E de onde vem esse remanescente? **"Segundo a eleição da graça"**, como o Senhor aqui ensina ainda mais, mostrando-nos os atos do *Pai* no mistério de nossa vida, que é Ele Quem dá ao Filho, e atrai ao Filho todos os que vêm a Ele; que Seus ensinamentos e atrações são os canais ocultos pelos quais esta vida está nos alcançando. **"Senhor, para Quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna; e nós temos crido e conhecido que Tu és o Cristo, o Filho de Deus"**. Esta é a fé e a declaração daquele remanescente eleito, que, saindo do Egito, vive pela fé no Filho de

Deus; mas somente no Filho de Deus como *crucificado.* Pois nossa vida está em Sua morte, e na fé que se alimenta dessa morte. Nenhuma aceitação de Cristo, a não ser como *crucificado*, é eficaz para a vida. Não são Suas virtudes, Seus ensinamentos, Seu exemplo, ou coisas semelhantes, mas a Sua morte (Sua carne e sangue), da qual devemos nos alimentar. Sua morte realizou, de forma única e exclusiva, o que todos os outros juntos nunca fizeram e nunca poderiam. O bendito Senhor morreu; entregou o espírito, ou rendeu a vida que Ele tinha, e que ninguém tinha título para tirá-la d'Ele. Mas, no momento em que isso foi feito, irromperam resultados que toda a Sua vida anterior nunca havia produzido. Foi então, mas não antes disso, que o véu do templo foi rasgado, as rochas se fenderam, os sepulcros se abriram. Céu, Terra e inferno sentiram um poder que nunca haviam conhecido antes. A vida de Jesus, Suas caridades ao homem, Sua sujeição a Deus, o cheiro de Sua natureza Humana imaculada, a santidade d'Aquele que havia nascido da virgem, nada disso, nem todos eles juntos, nem tudo n'Ele e sobre Ele, por Ele ou através d'Ele, a não ser a entrega da vida, jamais teria rasgado o véu ou aberto os sepulcros. Deus ainda estaria à distância, o inferno ainda não teria sido conquistado, e aquele que tem o poder da morte ainda não teria sido destruído. O sangue de Cristo fez o que todos os outros nunca fizeram, e nunca poderiam fazer. E sobre Ele que assim foi pregado e estabelecido ainda deve ser dito: **"Quem tem o Filho tem a vida"**.

Isso me leva a fazer uma pequena pausa sobre um assunto conectado com a nossa vida da qual este capítulo fala. Sob a lei, todos os animais mortos deveriam ser trazidos à porta do tabernáculo, e seu sangue oferecido sobre o altar, e de forma alguma deveria ser comido (Lv 17). Esta era uma confissão de que a vida havia retornado a Deus, e não estava em poder do homem. Comer sangue sob a lei teria sido uma tentativa de recuperar a vida por nossa própria força – uma tentativa do homem de alcançar aquilo que ele havia perdido. Mas agora, sob o Evangelho, a ordenança é alterada. O sangue deve ser bebido –

"se não comerdes a carne do Filho do Homem, e não beberdes o Seu sangue, não tereis vida em vós mesmos". Pois a vida que havia retornado a Deus, Deus a deu para fazer expiação. O sangue do Novo Testamento foi derramado para a remissão dos pecados, e a vida, por meio desse sangue, agora é dada aos pecadores na Pessoa do Filho de Deus. **"N'Ele estava a vida"**. Ele veio de Deus com a vida para nós. **"Quem tem o Filho tem a vida"**. E nos é ordenado, assim como exortado, a tomarmos vida d'Ele. E, verdadeiramente podemos dizer, nosso Deus assim aperfeiçoou nosso conforto e nossa segurança diante d'Ele, fazendo com que seja como simples desobediência em nós não tomar vida d'Ele como Seu dom, como seria simples orgulho e arrogância de coração assumir tomá-la por nossas próprias obras. Que súplica de amor é essa para com nossa alma! Somos desobedientes se não formos salvos! A morte é inimiga de Deus assim como é nossa, e se não tomamos vida do Filho, nos juntamos ao inimigo de Deus. **"Não quereis vir a Mim para terdes vida"**, diz o Filho de Deus ofendido. E quando perguntado por certas pessoas neste mesmo capítulo: **"Que faremos para executarmos as obras de Deus?"** Ele apenas responde: **"A obra de Deus é esta: Que creiais n'Aquele que Ele enviou"**. Crer e tomar a vida como um dom de Deus por meio de Seu Filho é o único ato de obediência que o Deus bendito exige de um pecador – a única coisa que um pecador, até que seja reconciliado, pode fazer para agradá-Lo.

Esta é a graça revelada de maneira maravilhosa e bendita. Esta ordenança, que proibia comer sangue, era como a espada flamejante do Querubim (JND) no jardim. Tanto aquela espada quanto essa ordenança diziam ao pecador que não haveria recuperação da vida perdida por qualquer esforço seu. E a fé de Adão se mostra mais docemente aqui. Ele não procurou retirar aquela espada, como se pudesse recuperar a árvore da vida por si mesmo. Mas o que ele fez? Ele tomou a vida de Deus, pela graça, e o dom pela graça. Ele creu na promessa sobre a Semente da mulher; e naquela fé, chamou a mulher de **"a mãe de todos os *viventes*"**. Ele tomou a vida como o dom de Deus por

meio de Cristo, e não a buscou por obras da lei, ou diante da espada flamejante.

Todo esse mistério na vida do pecador foi assim ilustrado desde o início, até mesmo na fé de Adão; e é abençoadamente revelado no discurso de nosso Senhor ao povo neste capítulo. Essa vida começa no poder da redenção pelo cordeiro pascal morto no Egito, e pelo maná do deserto. Mas nosso capítulo nos mostra que Israel ainda era um estranho a ela; que eles não tinham aprendido a lição do Egito e do deserto, no conhecimento da redenção e da vida que estão em Cristo Jesus.

João 7

Uma nova cena se inicia novamente aqui: Era a época da festa dos tabernáculos; assim como a cena anterior havia acontecido na época da páscoa.

Este era o tempo mais alegre do ano Judaico. Era a grande festa anual em Jerusalém; a grande comemoração da passada peregrinação de Israel no deserto, e de seu presente descanso em Canaã; a figura também da glória e gozo vindouros do Messias como Rei de Israel. Seus irmãos insistem com Senhor que tire proveito desse momento; a deixar a Galileia e subir a Jerusalém, para lá exibir Seu poder, e obter um nome para Si no mundo. Mas eles não O entenderam. Eles eram do mundo; Ele não era do mundo. O Filho de Deus era um Estrangeiro aqui; mas eles estavam como que em casa aqui. *Eles* podiam subir e encontrar o mundo na festa, mas *Ele* testemunhou por Deus contra o mundo. Ele, a Quem a festa dava testemunho, não podia subir e reivindicar o que era Seu ali, porque o mundo estava ali, porque o deus deste mundo havia usurpado e estava corrompendo a cena de Sua glória e gozo.

Mas quão caído estava Israel quando isso aconteceu! E qual era sua vangloriada festa, quando a Fonte de seu gozo e o Herdeiro de sua glória permanecia assim afastado dela!

Como se escureceu o ouro! Os caminhos para Sião ainda estavam solitários; ninguém *realmente* vinha às festas solenes. Em espírito, o profeta ainda estava chorando (Lm 1:4). O Senhor sobe, é verdade, mas não em Sua glória. Ele não vai como Seus irmãos queriam que Ele fosse; mas em simples obediência, para tomar o lugar dos *humildes* e não do *grande* da Terra. E, quando chegou à cidade das solenidades, nós O vemos apenas no mesmo caráter, pois Ele vai ao templo e ensina; mas quando isso atrai atenção, Ele Se esconde, dizendo: **"A Minha doutrina não é Minha, mas d'Aquele que Me enviou"**. Ele Se esconde, para que não Ele, mas o Pai que O havia enviado, pudesse ser visto. Como Aquele que Se esvaziou e tomou a forma de um servo, Ele está disposto a não ser nada. Aqueles que estavam na festa manifestaram sua total apostasia do princípio da festa, dizendo: **"Como sabe Este letras, *não as tendo aprendido?"*** Em seu orgulho, eles não reconheciam nenhuma fonte de conhecimento ou sabedoria acima do homem. Eles teriam a criatura em honra; mas a festa celebrava Jeová, e era para a exposição das honras d'Aquele que agora em justiça tinha que esconder Sua glória, e separar-Se de tudo. Israel e a festa, Israel e o Filho de Deus, estavam completamente dissociados. Eles não tinham nada um no outro. E assim, quer ouçamos os Judeus, ou os homens de Jerusalém, ou os fariseus, neste capítulo, todos nos falam de sua rejeição a Ele; e Ele tem no final a dizer-lhes: **"Onde Eu estou, vós não podeis ir"**.

Jesus, portanto, Se recusa a sancionar a festa. Ele diz a Israel que eles agora não tinham direito ao descanso e à glória que a festa lhes prometia – que eles não estavam realmente em Canaã, e nunca haviam tirado água dos poços da salvação; que sua terra, em vez de ser regada pelo rio de Deus, era apenas uma porção estéril e sedenta da terra amaldiçoada; que eles haviam deixado o manancial de águas vivas, e todas as suas próprias cisternas estavam rotas. E, consequentemente, quando a festa estava terminando, Jesus coloca a água viva em outros vasos e seca os poços que estavam em Jerusalém. Por causa da impiedade dos que nela habitavam, Ele transforma a terra frutífera em

esterilidade, e abre o rio de Deus em outros lugares. **"E no último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-Se em pé, e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a Mim, e beba. Quem crê em Mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre"**.

E em conexão com isso, eu brevemente traçarei o rio de Deus através da Escritura; e o veremos fluindo em diferentes canais de acordo com diferentes dispensações.

No Éden, ele teve sua origem na Terra para regar o jardim, e dali se dividia em diversos riachos sobre a Terra. Pois a dispensação era de bens terrenais. O homem não conhecia fontes de bênção, ou correntes de gozo, além daquelas que estavam conectadas com a criação. No deserto, a rocha ferida era sua fonte, e em cada jornada do arraial de Deus, era seu canal. Ela os seguia; pois naquele tempo eles eram apenas os redimidos do Senhor, em quem Seus olhos repousavam no mundo. Em Canaã, depois, as águas de Siloé fluíam suavemente; Jeová regava a terra de Suas próprias fontes, e a fazia beber da chuva do céu; e para as almas do povo, cada festa e cada sacrifício eram como um poço dessa água; e a corrente do serviço anual do santuário era seu canal constante. O rio também subirá sob o santuário para regar Jerusalém e toda a terra (Ez 47; Jl 3; Zc 14; Sl 46:4, 65:9). Pois então será o tempo da bênção dupla, o tempo da glória celestial e terrenal. Todas as coisas terão a graça e o poder de Deus dispensados entre elas, todas serão então visitadas pelo **"rio de Deus, que está cheio de água"**. A festa dos tabernáculos será então devidamente guardada em Jerusalém, e aquela nação da Terra que não subir para guardá-la ali, não terá nenhuma visitação graciosa de chuva.

Sobre tudo isso, eu apenas notaria ainda mais a conexão que há entre *nossa sede* e *o fluxo desta água viva* (João 7:37-38). O santo tem sede, então vai a Jesus pela água que Ele tem para dar, e depois vem com a água da vida, o fluir do Espírito, nele, para seu próprio refrigério e o dos cansados. Sua sede recebe a presença

abundante do Espírito Santo, abrindo nele um canal para o rio da vida, que agora sobe na Cabeça ascendida da Igreja, para fluir através dele para os outros. Oh, que suspiremos mais por Deus, como o cervo suspira pelas correntes das águas! Que ansiemos mais pelos átrios do Senhor! Então o Espírito encheria nossa alma, e deveríamos confortar e reanimar uns aos outros. E este é de fato o poder de todo ministério. O ministério é apenas o fluxo desta água viva, a expressão desta presença oculta e abundante do Espírito dentro de nós. A Cabeça recebeu os dons para nós; e, da Cabeça, todo o corpo, pelas juntas e ligaduras tendo nutrição ministrada, e unida, aumenta com o aumento de Deus. E esta é nossa única festa de tabernáculos, até que celebremos uma ainda mais feliz ao redor do trono. Pois esta festa não pode agora ser guardada em Jerusalém; os santos devem tê-la em sua própria forma presente, caminhando juntos na liberdade e no refrigério do Espírito Santo.

Esta festa, esta **"alegria no Espírito Santo"**, é algo mais do que a páscoa no Egito, ou o maná no deserto. Aqueles eram para redenção e vida; mas este é para alegria e o antegozo da glória. Aqueles eram da carne e do sangue do Filho do Homem, partida e derramado aqui; mas este do Filho do Homem glorificado no céu. Tem sabor de Canaã, embora para conforto no deserto; como a festa dos tabernáculos era uma festa em Canaã, a terra de descanso e glória depois o deserto.

Mas Israel, até então, não sabia nada dessas coisas, como aqui nos é mostrado. No capítulo 5, o Senhor os havia encontrado, *como no Egito,* com graça e poder redentores. O aleijado restaurado testemunhou, que era como Moisés lançando sua vara à vista de Israel em prova de sua comissão. Mas isso só terminou provando que eles permaneceriam no Egito – pois eles se recusam a acreditar em Moisés, não acreditando n'Aquele de Quem Moisés escreveu; e que redenção para fora do Egito haveria para Israel, se Moisés fosse recusado? No capítulo 6, Ele os havia encontrado, *como no deserto,* com o maná; mas apenas, da mesma maneira, para provar que eles não estavam se

alimentando ali, como o arraial de Deus, do pão de Deus. Neste capítulo, Ele os havia encontrado *como em Canaã;* mas todos haviam mostrado que Canaã ainda era a terra dos incircuncisos, a terra da seca, e não do rio de Deus. Ele, portanto, agora está fora da cidade das solenidades, e em espírito ascende ao céu, como Cabeça de Seu corpo, a Igreja, para alimentar os sedentos dali. Ele diz: **"Se alguém tem sede, venha a Mim, e beba"**. Os Judeus podem raciocinar sobre Ele entre si, e então ir cada um **"para sua casa"**; mas Ele, reconhecendo Seu presente afastamento de Israel, e consequente condição de sem um lar na Terra, vai para o Monte das Oliveiras.

João 8

Assim era com Israel agora. Eles não sabiam que ainda estavam presos, e precisando de Sua mão para conduzi-los para fora, e alimentá-los novamente. Eles não sabiam que ainda tinham que alcançar a verdadeira Canaã, a terra de Emanuel. Eles estavam rejeitando *a graça* do Filho de Deus, e estavam se vangloriando da *lei;* e agora, na confiança de que a lei era deles, e que eles poderiam usá-la, e por ela enredar o Senhor, eles trazem a adúltera.

Eles tinham, com certeza, notado Sua graça para com os pecadores. Todos os Seus caminhos devem ter manifestado isso a eles. E eles julgam, é claro, ser uma questão fácil mostrar que Ele é o inimigo de Moisés e da lei. Mas Ele obtém uma vitória santa e gloriosa. A graça é feita para clamar um triunfo sobre o pecado, e o pecador sobre todo acusador. O Senhor não invalida a lei. Ele não podia; pois ela era santa; e Ele não veio para revogá-la, mas para cumpri-la. Ele não absolve a culpada. Ele não poderia; pois Ele tinha vindo ao mundo com plena certeza quanto à culpa do pecador. Foi isso que O trouxe entre nós. E, portanto, no caso presente, Ele não pretende levantar tais questões. A pecadora é condenada, e a lei justamente está contra ela. Mas quem pode executá-la? Quem pode atirar a pedra? Essa questão Ele pode levantar e, de fato, a levanta. Satanás pode acusar, o

pecador pode ser culpado, e a lei pode condenar; mas onde está o executor? Quem pode manejar o abrasador poder da lei? Ninguém, a não ser Ele mesmo. Ninguém pode vingar a causa da justiça divina sobre o pecador; ninguém tem mãos limpas o suficiente para pegar a pedra e lançá-la, a não ser o próprio Jesus; e Ele Se recusa. Ele Se recusa a agir. Ele Se recusa a tratar o caso. Ele Se inclinou e escrevia na terra como Se não os ouvisse. Ele não estava presidindo nenhum tribunal para o julgamento de tais questões. Ele não veio para julgar. Mas eles insistem. E então o Senhor, com efeito, responde que se eles quiserem ter o Monte Sinai, eles o terão – e se, como Israel de antigamente, eles desafiarem a lei e tocarem os termos do monte ardendo em fogo, ora, eles terão a lei, e novamente ouvirão a voz daquele monte. E, consequentemente, Ele deixa escapar algo do calor original daquele lugar; e eles logo descobrem que isso os atinge, assim como a pobre condenada; e o lugar se torna quente demais para eles.

Eles não tinham contado com isso. Eles não tinham pensado que os trovões daquele monte os fariam estremecer, ou que suas horríveis trevas os teria envolvido tão completamente quanto à pecadora exposta e envergonhada que suas próprias mãos arrastaram até lá. Mas como eles tinham escolhido o monte ardente, eles devem aceitá-lo para o melhor ou para o pior, e exatamente como eles o encontrarem.

O Senhor, no entanto, ao dar à lei esse caráter, ao fazê-la chegar aos juízes, bem como à sua prisioneira, provou que Ele era o Senhor daquele monte. Ele deixou, como eu disse, um pouco de seu calor original sair. Ele comandou seu trovão e dirigiu seus relâmpagos, e espalhou suas horríveis trevas, como o Senhor dele. Ele fez os exércitos daquele monte iniciarem sua marcha, e se dedicarem ao seu devido trabalho. E então, ao fazer isso, exatamente como antigamente no mesmo lugar, isso é considerado intolerável. **“Não fale Deus conosco”**, disse Israel então (Êx 20); como agora esses escribas e fariseus, **“sentindo-se acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por**

um" (ARA). Eles não podem mais permanecer naquele lugar, que eles mesmos desafiaram, do que Israel de antigamente, quando aquele monte os deixou saber o que ele realmente era.

Tudo isso tem um caráter muito elevado. O Senhor é grandemente glorificado. Eles planejaram expô-Lo como inimigo de Moisés, mas Ele Se mostra como Senhor de Moisés, ou o Condutor daquele relâmpago que uma vez fez o coração daquele mais valente israelita temer e estremecer excessivamente.

Leio tudo isso como algo realmente muito excelente.

Mas, além disso, se esta é a Sua glória, é igualmente a nossa bênção. Se o Senhor Jesus é honrado como o Condutor do poder ardente da lei, descobrimos que Ele faz isso por nós. Ele deixa esta pobre pecadora saber disso. Enquanto os escribas e fariseus a acusam, Ele está surdo a tudo o que eles estavam dizendo; e quando eles ainda O incitam, Ele a faz vê-Lo lançando o raio ardente sobre a cabeça de seus acusadores, de modo que eles são forçados a deixá-la a sós com Aquele que provou ser *o Senhor do Sinai* e o *Libertador* dela.

Ela poderia desejar mais? Ela poderia deixar o lugar onde agora se encontrava? Impossível. Ela era tão capaz de suportar o lugar quanto o próprio Senhor do monte. Sinai não tinha mais terror para ela do que para Ele. Será que ela precisava deixar aquele lugar? Ela era livre para fazê-lo, se quisesse. Aqueles que a forçaram a ir lá se foram. A passagem estava aberta. Ela não tinha nada a fazer a não ser ir atrás dos outros, se desejasse. Se ela voluntariamente escondesse sua vergonha e fizesse o melhor que pudesse de seu caso, ela poderia. Agora é a hora. Que ela saia. O Senhor conhece seu pecado em toda a sua magnitude, e ela não precisa pensar em permanecer onde está e ser considerada inocente. Se esta é sua esperança, que ela siga seus acusadores condenados e esconda sua vergonha do lado de fora. Mas não. Ela havia aprendido a história da graça libertadora vinda das palavras e dos atos de Jesus, e ela não precisava sair. A natureza teria se retirado. Carne e sangue, ou os meros princípios morais

do homem, a teriam enviado atrás dos outros. Mas a fé que havia lido a história da redenção age acima da natureza, ou do julgamento do homem moral. Ela permanece onde está. Este Monte Sinai (como seus acusadores fizeram daquele lugar) não era demais para ela. A voz mansa e delicada da misericórdia, que uma vez respondeu a Moisés e novamente respondeu a Elias ali, agora havia respondido a ela. As promessas de salvação estavam ali expostas a ela como antigamente aos patriarcas, e o local era verde, fresco e ensolarado para seu espírito. Tornou-se **"a porta dos céus"** para ela. A sombra da morte havia se transformado em **"luz da vida"**. Ela não precisava ir – ela não iria – ela não podia ir. Ela não deixará a presença de Jesus, que tão gloriosamente Se mostrou como o Senhor do Sinai, e ainda assim seu Libertador. Ela era uma pecadora. Sim – e ela sabia disso, e Ele sabia disso, diante de Quem em solitude ela agora estava. E assim era Adão, quando ele saiu nu das árvores do jardim. Mas ela está disposta e é capaz de permanecer detectada diante d'Ele. Ela não podia se retirar para detrás de um arbusto mais do que Adão poderia continuar detrás de um arbusto, ou usar seu avental de folhas de figueira, depois de tal voz. Jesus havia confundido todos os seus acusadores. Eles rugiram sobre o mal que ela havia feito, mas Ele os silenciara por completo e para sempre. Na luz da vida ela agora caminhava, sua consciência, em um pequeno momento, havia feito uma longa e movimentada jornada. Ela havia passado da região das trevas e da morte para os reinos da liberdade, segurança e alegria, guiada pela luz do Senhor da vida.

Este é o triunfo da graça; e esta é a alegria do pecador. Este é o cântico da vitória nas margens do Mar Vermelho, o inimigo jazendo morto em suas praias. Ela só precisa chamá-Lo de **"Senhor"**, e Ele só precisa dizer: **"Nem Eu também te condeno; vai-te e não peques mais"**.

Esta foi a libertação completa. E a mesma libertação aguarda todo pecador que, como a pobre adúltera aqui, vier e ficar *a sós* com Jesus. Como *pecadores* (como já observei antes), *temos que tratar somente com Deus.* Podemos ofender ou fazer mal aos

outros, e eles podem reclamar e nos acusar. Mas, como *pecadores*, *somente Deus deve tratar conosco*; e a descoberta disto é o caminho da bênção. Davi descobriu isto, e obteve bênção imediatamente. Seu ato, é verdade, tinha sido um mal para outro. Ele tinha tomado a única cordeirinha do pobre homem. Mas ele tinha em tudo isto pecado contra Deus também. E na descoberta e percepção disto ele diz: *"Pequei contra o SENHOR"*. Mas o efeito disto era deixá-lo *a sós* com Deus. Sendo Davi um *malfeitor*, Urias poderia ter que tratar com ele; mas como um *pecador*, ele não poderia. Deus deve tratar com ele; e no momento em que seu pecado o lança a sós com Deus, ele, como a pobre adúltera aqui, ouve a voz da misericórdia: **"Também o SENHOR perdoou o teu pecado; não morrerás"**. Ele sofre castigo pelo *mal* que cometeu, mas *o salário do pecado* é perdoado.

É sempre a vitória do pecador quando ele pode, assim, pela fé, reivindicar estar a sós com Jesus. O sacerdote e o levita então passaram de largo; pois o que *eles poderiam* fazer? Que artifício ou habilidade tinha a lei para atender ao caso do pecador? É a graça – o Estrangeiro do céu – que precisa ajudar. O pecador necessitado e ferido está deitado no caminho, e o bom Samaritano precisa encontrá-lo. E verdadeiramente abençoado é, quando durante todo o seu caminho posterior, a alma ainda se lembra de como começou assim na solitude com Jesus, o Salvador.

E Ele é glorificado em tudo isso tão certamente quanto somos consolados; glorificado com Sua glória mais brilhante, Sua glória como o Salvador dos culpados. Um frasco é preparado para pecadores redimidos, que deve conter um incenso como nenhum outro pode ser encontrado em nenhum outro lugar (Êx 30:37). Nem mesmo os frascos dos anjos carregam tal perfume. Eles louvam o Cordeiro, é verdade; mas não em timbres tão elevados como a Igreja dos pecadores redimidos. Eles *atribuem* a Ele **"poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória e bênção"** (JND), mas a Igreja tem *um cântico* diante do trono, e canta: **"Digno (Tu) és**... **porque foste morto e com o Teu sangue**

compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação".

Vemos aqui toda essa bênção para o pecador, e essa glória para o Salvador. O pecador é escondido de seu acusador, e o Salvador o silencia. Os servidores haviam sido recentemente desarmados pela santa atração de Suas palavras, e agora os escribas e fariseus são repreendidos pela luz convincente de Suas palavras (João 7:46; 8:9). Essas não eram armas carnais, mas armas de temperamento celestial. A inimizade deles havia esgotado todos os seus recursos. Eles haviam testado a força do leão e a astúcia da serpente; e, havendo tudo passado, o Filho de Deus imediatamente toma Sua elevação, e Se mostra em Seu lugar de total separação e distância deles; Ele levanta a coluna de luz e de escuridade no atual deserto de Canaã, e coloca Israel, como os egípcios de antigamente, no lado escuro dela. **"Eu Sou a luz do mundo"**, diz Jesus: **"quem Me segue não andará em trevas".**

Tal era Israel agora, espiritualmente chamado Egito. Eles não tinham associação com Abraão, ou com Deus, embora se vangloriassem deles; pois não tinham faculdade para discernir a exultação de Abraão, ou o Enviado de Deus. Eles devem tomar seu lugar de trevas e alienação ateístas. O Senhor lhes dá o lugar de Ismael, o mesmo lugar em que Paulo depois os coloca (veja v. 35; Gl 4). Como filho da escrava, Israel ainda é, e será, até **"quando se converterem ao Senhor"**, até que conheçam a verdade, e a verdade os torne **"livres"** – os torne como Isaque. Os Judeus afirmam que nunca estiveram em cativeiro (v. 33). Jesus poderia ter pedido um centavo, e por sua imagem e inscrição ter provado sua falsidade. Mas, de acordo com os pensamentos elevados e divinos deste Evangelho, Ele toma outro terreno com eles, e os convence de uma escravidão mais mortal do que a de Roma, uma escravidão à carne e ao pecado.

Observe também seus pensamentos baixos e equivocados sobre Ele e Suas palavras mais claras. Ele havia dito: **"Abraão, vosso pai, exultou *por ver* o Meu dia"**; mas eles respondem como se Ele

tivesse dito *que tinha visto Abraão.* A diferença, no entanto, era infinita, embora eles não a percebessem. Pelas palavras que Ele havia usado, o Senhor estava desafiando as maiores glórias para Si mesmo. Ele estava Se tornando o grande Objeto desde o início, Aquele que estava preenchendo os pensamentos, as esperanças e respondendo às necessidades de todos os eleitos de Deus em todas as eras. Não foi Ele que viu Abraão, mas foi Abraão que O viu; e, sem contradição, posso dizer, o Maior é visto pelo menor. **"Olhai para Mim e sereis salvos, vós, todos os termos da Terra"**. Esse é o lugar de Cristo. Ele era o Objeto de Adão, quando ele saiu do jardim. Ele era a confiança de Abel e de Noé. Ele foi visto e regozijado por Abraão e os patriarcas. Ele era a Substância das sombras e o Fim da lei. Ele era o Cordeiro e a Luz sob o olhar do Batista. Ele é agora a confiança de todo pecador salvo; e Ele será, por toda a eternidade, o louvor e o Centro da criação de Deus.

Tudo isso é uma forte revelação do estado de Israel por meio deste capítulo. E este foi um momento solene para eles. Em Mateus, o Senhor provou os Judeus quanto à Sua messianidade e, no final, os condenou por rejeitá-Lo naquele caráter. Mas neste Evangelho, Ele os prova por outras e mais elevadas proposições de Si mesmo: como a Luz, a Verdade, o Fazedor das obras e o Orador das Palavras de Deus, como o Filho do Pai; e assim os condena, não de mera incredulidade no Messias, mas do ateísmo comum do homem. Neste caráter, Israel é aqui feito para ficar, como Caim, na terra de Node, no lugar do comum abandono do homem em relação a Deus. Ele havia falado as palavras do Pai, mas eles não entenderam, eles não creram. Como o Enviado do *Pai*, Ele veio (como tal deve ter vindo) *em graça* para eles; mas eles O recusaram. E assim é entre os homens de hoje. O Evangelho é uma mensagem de bondade; mas o homem não o recebe. *O homem não pensará bem de Deus.* Este é o segredo da incredulidade. O Evangelho é **"bondade"** (Rm 11:22); e o homem ainda pergunta: *É* de Deus? Pois o homem tem pensamentos duros sobre Deus, e Satanás o está persuadindo a ainda tê-los. Ele faz o que pode para obscurecer o título do pecador a Deus,

para que o pecador possa procurar alguma herança em outro lugar.

Então aqui com Israel. Jesus não *julgou* ninguém, mas falou a palavra do *Pai*, que era liberdade e vida para eles. Mas eles não entenderam Sua fala, como Ele lhes diz. A mente deles foi formada por seu pai, que era um mentiroso e um homicida; e **"graça e verdade"**, que vieram a eles por Jesus Cristo, eles não tinham ouvidos para ouvir. E agora, como a Testemunha rejeitada do Pai, como a Luz odiada do mundo, Ele não tem lugar na terra, nenhum caminho certo nesta Terra para seguir adiante. Ele *passa* como se não conhecesse nenhum lugar ou pessoa aqui, mas ainda assim, como a Luz do mundo, resplandecendo, onde quer que Seus raios alcancem, para dar luz aos que estavam assentados em trevas e na região e sombra da morte.

João 9 – 10

Assim, nesse caráter, Ele é separado de Israel. Israel é deixado em trevas, e a coluna de Deus avança. Jesus, a **"Luz do mundo"**, sai e encontra alguém que era cego de nascença; e em tal pessoa Suas obras bem poderiam ser manifestadas.

O Senhor Deus, é bem verdade, é um grande Rei, e age como um Soberano. Ele é o Oleiro que tem poder sobre o barro. Mas o Filho não veio como do trono do Rei, mas do Pai. Ele veio para manifestar *o Pai.* Os cegos podem estar no mundo, mas o Filho veio como a luz do mundo: e, consequentemente, como Tal, Ele Se aplica ao Seu bendito trabalho de graça e poder, e abre os olhos deste mendigo cego.

Mas o que era isso para Jerusalém? Havia trevas ali; e a luz pode brilhar, mas não será compreendida. Em vez disso, como lemos aqui, **"levaram, pois, aos fariseus o que dantes era cego**". Havia um tribunal superior de inquisição em Jerusalém, e ele precisava julgar os caminhos do Filho de Deus. Em vez de acolhê-Lo como antigamente, quando a coluna de Deus se erguia, e dizer:

"levanta-Te, SENHOR, e dissipados sejam os Teus inimigos", eles amam suas próprias trevas, e andarão nela.

A princípio, eles interrogam o próprio homem. Mas não o achando exatamente adequado ao seu propósito, eles entregam o caso a testemunhas, que, eles julgam, estavam em seu próprio poder. Eles chamam seus pais. Mas novamente eles falham. O fato de que a luz havia brilhado entre eles não pode ser negado. Eles então procuram desviar todo o assunto para um rumo que deixaria intocado seu próprio orgulho e mundanismo, e eles dizem: **"Dá glória a Deus; nós sabemos que Esse Homem é pecador"**. Mas isso também não resolve. A pobre alma mantém sua integridade; e então eles o amedrontam separando-o de todos os fundamentos reconhecidos de segurança. **"Discípulo d'Ele és Tu"** (ARA), dizem eles, **"nós, porém, somos discípulos de Moisés"**. Mas ele fica firme; e não apenas fica, mas é conduzido **"de força em força"**. Ele tem, e mais lhe é dado. Ele segue como a luz conduz, até que finalmente ela brilha a ponto de reprovar as trevas dos fariseus; e eles o expulsam para fora do arraial.

Mas onde eles o lançam? Exatamente onde todo pecador solitário e rejeitado pode se encontrar – onde o samaritano imundo e a adúltera condenada se encontraram antes – na presença e a sós com o Filho de Deus; e essa é a própria porta dos céus. Pois o Senhor tinha ido para fora do arraial antes dele. Esta ovelha do rebanho foi agora *colocada para fora;* mas foi apenas para encontrar o Pastor, que tinha *ido antes.* Naquele lugar de vergonha e exposição, eles se encontram. Lá ele foi encontrado por Alguém que havia sido ferido pelos flecheiros. O encontro ali foi um encontro de fato. Este pobre israelita, enquanto estava dentro do arraial, tinha conhecido Jesus como seu Curador; mas agora que ele é colocado para fora, ele O encontra como o Filho de Deus. Ele O encontra para conhecê-Lo como Aquele que, quando ele era cego, tinha aberto seus olhos, e, agora que ele é rejeitado, fala com ele. E, amados, esta é sempre a maneira de encontrarmos Jesus, como pecadores e rejeitados, no lugar imundo. Se Ele nos levar até lá, deve ser na plena *graça* do Filho

de Deus, o Salvador. E assim nosso caráter como pecadores nos leva às mais doces e queridas intimidades do Senhor da vida e da glória. Como *criaturas*, conhecemos a força de Sua mão, Sua Divindade, sabedoria e bondade; mas como *pecadores*, conhecemos o amor de Seu coração e todos os tesouros de Sua graça e glória.

E percebo o timbre alterado deste pobre mendigo. Na presença dos fariseus, ele era firme e inflexível. Ele não diminui o tom de retidão e verdade conscientes o tempo todo. Ele fixou seu rosto como um seixo e suportou a dureza. Mas no momento em que ele entra na presença do Senhor, ele é todo humildade e gentileza. Ele se derrete, por assim dizer, aos pés de Jesus. Oh, que doce amostra é esta da obra do Espírito de Deus! Coragem diante do homem, mas os derretimentos do amor e as reverências da adoração diante do Senhor que nos amou e nos redimiu.

Mas este lugar imundo fora do arraial, onde o Senhor do céu e da Terra agora estava com este pecador favorecido, não era apenas o lugar de liberdade e gozo para o pecador, mas o amplo campo de observação para o Senhor. Deste lugar, Ele examina a Si mesmo, o mendigo e todo o arraial de Israel, para fora do qual Ele tinha ido com Seu eleito; e na parábola do Bom Pastor, Ele extrai a moral de tudo isso. Na cena do capítulo 9, Ele mostrou que havia entrado pela porta no aprisco das ovelhas; pois Ele tinha vindo fazendo as obras do Pai e, dessa forma, havia Se aprovado para estar na confiança do Dono do aprisco, o Pastor aprovado de Seu rebanho. Ele estava afastado de Israel; mas, como Moisés em tal caso, Ele deveria manter o rebanho de Seu Pai em outros pastos, perto do monte de Deus. Os fariseus, porque estavam resistindo a Ele, devem, portanto, ser **"ladrões e salteadores"**, subindo ao aprisco de alguma outra maneira. E o pobre mendigo cego era uma amostra do rebanho, que, embora rejeite a voz dos estranhos, ouve e conhece a voz d'Aquele que entrou pela porta; e, entrando por Ele, **"a Porta das ovelhas"**, encontra segurança, descanso e pasto.

Tudo isso havia sido estabelecido na cena diante de nós, e é expresso na parábola. A parábola, portanto, transmite um bendito comentário sobre a condição atual deste pobre rejeitado. Os Judeus, sem dúvida, julgaram (e teriam desejado que ele julgasse da mesma forma) que ele agora havia sido excluído da segurança, por estar cortado deles. Mas Jesus mostra que até agora ele não estava em segurança; que se tivesse sido deixado onde estava, ele teria se tornado uma presa para aqueles que estavam roubando, matando e destruindo; mas que agora ele foi encontrado e levado por Aquele que, para lhe dar vida, daria a Sua própria. (Posso apenas notar como foi que esse pobre fraco de Deus rompeu o laço do passarinheiro. Vemos em seus caminhos duas coisas: primeiro, que ele seguia honesto e fielmente a luz, como lhe foi dada, e como ela brilhou nele mais e mais intensamente; segundo, sua simples defesa das obras e caminhos de Jesus, seu Libertador e Amigo, em resposta a todas as sugestões do inimigo. Essa era sua segurança; e essa é a nossa também, quer sejamos *pressionados* ou *enredados* por Satanás.)

Tudo isso temos, tanto na narrativa quanto na parábola. E é neste ponto do nosso Evangelho que o Senhor e o remanescente se encontram; **"as pobres ovelhas do rebanho"** são aqui manifestadas, seus próprios pastores não se compadecem delas; e o Pastor do céu as toma com todo o Seu cuidado, para guardá-las e alimentá-las (Zc 11).

Mas o amor e o cuidado d'Aquele que Lhe disse: **"Apascenta as ovelhas da matança"** (Zc 11:4), também é visto aqui de forma mais bendita. É, talvez, a coisa mais doce da parábola. Aprendemos a mente do *Pai* em relação ao rebanho. Pois o Senhor diz: **"Assim como o Pai Me conhece a Mim, também Eu conheço o Pai e dou a Minha vida pelas ovelhas"**; deixando-nos saber que um dos segredos mais profundos do coração do Pai era o Seu amor e cuidado pelas ovelhas. O rebanho, de fato, era do Pai antes de ser confiado a Cristo, o Pastor. **"Eram Teus, e Tu Mos deste"**. Eles estavam na mão do Pai antes de serem colocados na mão de Cristo. Eles eram do Pai por *eleição* antes

que o mundo existisse, e se tornaram de Cristo pelo dom do Pai, e pela compra de sangue. E toda a ternura e cuidado diligente do *Pastor* expressa a mente do *Dono* para com o Seu rebanho. O Pastor e o Dono do rebanho são um. Como o Senhor diz, **"Eu e o Pai somos Um"**. Um, é verdade, em glória, mas Um também em Seu amor e cuidado com Seu pobre rebanho de pecadores redimidos. Cristo satisfez a mente do Pai quando amou a Igreja, e Se entregou por ela; e Eles permanecem para sempre Um naquele amor, tão certamente quanto permanecem Um em Sua própria glória. Esta é uma verdade de precioso conforto para nós. **"Nossa comunhão é com o Pai, e com Seu Filho Jesus Cristo"** Aprendemos, de fato, que Deus é amor; e no momento em que descobrimos isso, obtemos nosso descanso em Deus; pois o coração cansado e quebrantado do pecador não pode descansar em nenhum outro lugar, a não ser no amor. **"Deus é amor; e quem está em amor está em Deus, e Deus nele"**.

Aqui, então, **"as pobres ovelhas do rebanho"** se alimentam e se deitam. Mas Beleza (JND) e Laços devem ser quebradas. As varas do Pastor que teriam liderado e guardado Israel agora devem ser lançadas fora. Era apenas um remanescente que conhecia Sua voz. Quem pode ouvir a voz de um Salvador senão um pecador? O todo não precisa do médico. E assim, neste lugar, os tratamentos de nosso Senhor com Israel se encerram. Ele Se recusa a alimentá-los mais: **"Não vos apascentarei mais; o que morrer, morra; e o que for destruído, seja destruído"** (Zc 11:9 – ACF).

E posso notar que Seu tratamento com Israel se encerra aqui de uma forma totalmente característica deste Evangelho de João. Eles procuram apedrejá-Lo, como lemos, porque Ele, sendo um Homem, havia feito a Si mesmo Deus. Nos outros Evangelhos, a alma de Israel O detesta (como Zacarias fala) por outras razões; porque, por exemplo, Ele recebeu pecadores, ou invalidou suas tradições, ou tocou em seu sábado. Mas neste Evangelho é Sua afirmação de Filiação do Pai, a afirmação das honras divinas de Sua Pessoa, que principalmente levanta o conflito (veja João 5, 8,

10). Neste lugar observamos que o Senhor, em resposta aos Judeus, evidencia a manifestação que Ele agora havia dado de Si mesmo, como outros haviam feito em Israel antes d'Ele. Outros, colocados em autoridade, haviam sido chamados de **"deuses"**, porque haviam manifestado *Deus* em Seu lugar de *autoridade e julgamento*, e eram os poderes que *Deus* havia ordenado. E Ele, da mesma maneira, agora havia manifestado o *Pai.* Os juízes e reis poderiam ter mostrado que a Palavra de *Deus* tinha vindo a eles, entregando-lhes a espada de *Deus.* E Jesus tinha Se mostrado o Enviado do *Pai*, cheio de *graça e verdade*, trabalhando entre eles agora, como *o Pai* tinha trabalhado até então, no exercício da graça, restaurando, curando e abençoando pecadores. Assim, Ele tinha mostrado que o Pai estava n'Ele, e Ele no Pai. Mas o coração deles estava endurecido. As trevas não podiam compreender a Luz e Ele tem que escapar de suas mãos, e assumir novamente uma posição na Terra à parte da nação revoltada (veja João 2:13, 6:4, 7:2, 11:55). Neste Evangelho, observo que as festas são chamadas de **"festas dos Judeus"**, como se o Espírito de Deus as olhasse como algo agora estranho à Sua mente. Isto é altamente característico deste Evangelho, no qual, como observei, o Espírito está separado das lembranças Judaicas, porque Ele está traçando o caminho do Filho de Deus, o Filho do Pai, que está acima da conexão Judaica. Similarmente a isto, no Velho Testamento, Horebe, ou Sinai, é chamado de **"o Monte de Deus"**; mas no Novo, sob a mão de Paulo, é chamado de **"Monte Sinai na Arábia"**; o Espírito de Deus não mais o reconhece, mas deixa-o simplesmente para sua descrição terrenal.

Aqui termina a segunda seção do nosso Evangelho. Ela nos apresentou as controvérsias de nosso Senhor com os Judeus, no curso das quais Ele deixou de lado uma coisa Judaica após a outra, e Se colocou a Si mesmo no lugar dela. No capítulo 5, Ele deixou de lado Betesda, a última testemunha da obra do Pai em Israel, e tomou seu lugar, como Ministro da graça. Nos capítulos 6 e 7, Ele deixou de lado as festas; a páscoa e os tabernáculos (a primeira das quais iniciava o ano Judaico com a *vida* da nação,

enquanto a segunda terminava o ano com a *glória* dela), tomando o lugar dessas ordenanças Ele mesmo, mostrando que *Ele* era a única Fonte de *vida* e *glória.* No capítulo 8, depois de expor a total inadequação da lei ao homem, por causa do mal e da fraqueza do homem, Ele toma Seu lugar como **"a Luz do mundo"**, como Aquele por Quem somente, e não pela lei, os pecadores deveriam encontrar seu caminho para a verdade, a liberdade e o lar de Deus. E então, no capítulo 9, neste caráter da Luz do mundo, Ele sai de Israel. Ele estava lançando Seus raios sobre aquele povo, mas eles não O compreenderam. Ele sai, portanto, e atrai os pobres do rebanho atrás de Si; e no capítulo 10 exibe a Si mesmo e a eles fora do arraial, deixando a terra de Israel, como o profeta havia falado, um caos sem forma e vazio. A Palavra do Senhor, que a teria chamado à beleza e ordem, foi recusada; e, agora, o lugar da antiga lavoura de Jeová, na qual Seus olhos repousavam do início ao fim do ano, e que Ele regava com a chuva de Seus próprios céus, é entregue para se tornar o deserto e a sombra da morte.

João 11 – 12

Assim foi com Israel. Eles foram deixados na incredulidade e em trevas, tendo recusado as propostas do Filho de Deus. Mas esses capítulos mostram que, embora Israel possa ter suas misericórdias atrasadas, elas não o decepcionarão. O propósito de Deus é abençoar, e Ele abençoará. No caminho de Seu próprio concerto, isto é, no poder e na graça da ressurreição, Ele trará a bênção a Israel. Foi como o Vivificador dos mortos que Ele havia antigamente entrado em concerto com seu pai Abraão. Foi assim que Ele apareceu a Moisés, como a Esperança da nação em Horebe (Êxodo 3; Lucas 20:37). Foi pela ressurreição que Ele daria a Israel o Profeta prometido, semelhante a Moisés (Deuteronômio 18; Atos 3). É nesse caráter que todos os profetas falam d'Ele como agindo pela semente de Abraão no último dia. E nosso próprio apóstolo nos diz que a ressurreição de Jesus é a garantia de toda a bênção prometida aos pais (Atos 13:33). Jeová restaurará

a vida e a glória a Israel, no poder e na graça da ressurreição. Quando toda a sua própria força se for, Ele mesmo Se levantará para ajudá-los. Ele plantará glória na terra dos viventes. A mulher estéril cuidará da casa. O Senhor os chamará de seus túmulos e fará os ossos secos viverem. E que Ele realizará tudo isso para Israel está aqui prometido e prenunciado nestes dois capítulos. Os capítulos anteriores mostraram que Israel estava em ruínas e distante de Deus; mas aqui, antes que o Senhor Se esconda completamente deles, Ele lhes dá, na ressurreição de Lázaro e seus resultados, promessas completas de vida e glória finais.

Não tenho dúvidas de que esta é a mensagem geral destes dois capítulos; e, portanto, eles formam uma espécie de apêndice da seção anterior, em vez de uma parte distinta do Evangelho.

O Senhor havia deixado a Judeia, e estava em retiro além do Jordão, quando uma mensagem chegou a Ele de que alguém *(na Judeia)* a quem Ele amava estava doente. Ele permanece no lugar onde estava até que essa doença tenha seguido seu curso, e terminado em morte. Então Ele Se dirige a Sua jornada, pois Ele poderia então tomá-la como o Filho de Deus, o Vivificador dos mortos; e na plena consciência de que Ele estava prestes a agir como tal, Ele avança, dizendo: **"Lázaro, o nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono"** (v. 11).

Mas aqui deixe-me desviar um pouco do assunto.

As palavras das duas irmãs no progresso deste capítulo são: **"Senhor, se Tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido"**. Mas elas não estavam no segredo divino, o segredo do Filho de Deus. Ele tinha vindo a este mundo agora, como antigamente Ele tinha ido para a casa de Abraão, como um Vivificador dos mortos. Ele estava trazendo vida vitoriosa com Ele. Ele deve ser exibido naquela *glória.* Isso foi feito, desde que o pecado entrou e trouxe a morte. Mas a natureza não é igual a este grande mistério. A fé o recebe e fala dele; mas a fé é da operação de Deus. E assim, quando Pedro reconheceu esta vida em Jesus, confessando que Ele era o Cristo, o Filho do Deus vivo, foi-lhe dito que o Pai havia

revelado isso a ele (Mt 16). Nada neste capítulo era comparável a isso. Todos falam de morte, e não de vida, até mesmo Marta e Maria. Mas Jesus tem vida n'Ele e diante d'Ele. **"Eu sou a Ressurreição e a Vida"**, diz Ele: **"quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá; E todo aquele que vive, e crê em Mim, nunca morrerá"**.

É a vida, assim qualificada, que o Filho nos concede – vida eterna, infalível, vitoriosa – e a fé apreende, recebe e desfruta dela. **"Aquele que tem o Filho tem a vida"**. Pedro, como dissemos, teve a vida revelada a ele pelo Pai (Mateus 16); Jesus tomou conhecimento dela como em Si mesmo (João 2:19; 8:51; 11:25); o sepulcro vazio a exibiu e a celebrou; o Cristo ressuscitado a concedeu (João 20). Ela é incontaminável, pois é eterna ou vitoriosa. A morte não pode alcançá-la, as portas do inferno não prevalecem contra ela.

Que história de vida em um mundo onde o pecado reinou até a morte! Que glória a Deus! Que alívio e consolação eficazes para nós! É a vida conquistada da morte, vida trazida pela remoção do pecado por meio do sacrifício inestimável e precioso do Cordeiro, o Filho de Deus, d'Aquele **"que pelo Espírito eterno Se ofereceu a Si mesmo imaculado a Deus"** Que mistério!

"Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do *Deus vivo*" (Hb 3:12). (Deixe-me apenas notar as lágrimas de Jesus aqui. A consciência de que Ele carregava a ressurreição – virtude n'Ele, e estava prestes a encher a casa em Betânia com a alegria da vida restaurada, não deteve a corrente de afeição natural. **"Jesus chorou"**. Seu coração permanecia vivo para a tristeza, assim como para a degradação da morte. Sua calma durante toda essa delicada cena não era *indiferença*, mas *elevação.* Sua alma estava sob o Sol daquelas regiões imortais que ficavam distantes e além do túmulo de Lázaro, mas Ele podia visitar aquele vale de lágrimas, e chorar ali com aqueles que choravam.)

Mas devemos deixar esse tema precioso e maravilhoso. O Senhor, aqui em nosso capítulo, também conscientemente carregava o dia, bem como a *vida* com Ele; pois **"a vida era a luz dos homens"** – e assim Ele também diz em resposta aos temores de Seus discípulos: **"Não há doze horas no dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo"** (v. 9). Ele não apenas *viu* a luz, mas Ele tem a Luz do mundo – não meramente um filho da luz, mas a Fonte da luz. Seus discípulos, no entanto, são tardios em ouvir. Eles não discernem a voz do Filho de Deus, nem veem o caminho da luz da vida. Eles julgam que, a morte para Si mesmo, em vez da vida para os outros, estava diante d'Ele; e um diz: **"Vamos nós também, para morrermos com Ele"** (v. 16). Pode ter havido afeição humana nisso, mas houve triste ignorância de Sua glória. Os discípulos agora, como as mulheres depois, levariam de bom grado suas especiarias ao túmulo do Salvador; mas ambos deveriam saber que Ele não estava lá.

Ele segue adiante, o Filho de Deus, o Vivificador dos mortos; e Seu caminho está no túmulo de Lázaro, Seu amigo, na Judeia. Lá Ele está, na visão completa dos triunfos do pecado; pois **"o pecado reinou até a morte"** (KJV); e, se tudo tivesse terminado aqui, Satanás teria prevalecido. **"Jesus chorou"**. Em outro Evangelho, Ele havia chorado, como o Filho de Davi, sobre a cidade que Ele havia escolhido para colocar Seu nome ali, porque ela O havia recusado. Mas aqui o Filho de Deus, que tinha vida em Si mesmo, chora sobre a visão da morte. Mas Ele moveu-Se muito em Si mesmo também; e Aquele que sonda os corações conhecia aquela comoção; e Jesus, em plena certeza de que foi ouvido, teve apenas que reconhecer a resposta com ações de graças, e no poder dessa resposta dizer: **"Lázaro, sai para fora"** – e aquele que estava morto saiu, a testemunha de que, **"Porque, como o Pai tem a vida em Si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em Si mesmo"**.

Aqui terminou o caminho do *Filho de Deus.* Ele havia encontrado o poder do pecado em seu auge, e havia mostrado que Ele estava acima dele – a Ressurreição e a Vida. Mas esta não foi a

destruição daquele que tinha o poder da morte; pois não foi a morte e ressurreição do próprio Príncipe da salvação. Nem foi propriamente uma promessa aos santos de sua ressurreição num *corpo glorioso;* pois Lázaro saiu amarrado de mãos e pés com faixas, para andar novamente em carne e sangue. Mas foi antes uma promessa *a Israel* do poder vivificador do Filho de Deus em seu favor; mostrando-lhes que a ressurreição prometida ou reavivamento da nação repousava sobre Ele, e que Ele a realizaria no devido tempo.

Eu notaria os caminhos de Marta e Maria nesta cena. Marta sai para encontrar o Senhor, ao ouvir que Ele estava vindo. Mas ela realmente não O encontra. Ele estava acima dela. Ele estava de pé na consciência de uma glória que ela ainda não conseguia apreender, e Ele fala de Sua elevação: **"Eu sou a Ressurreição e a Vida"**; enquanto ela responde da elevação dela: **"Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia"**. Assim, havia uma distância entre Ele e ela, cuja percepção se torna dolorosa para ela, e ela se retira. Havia então, eu julgo, um sussurro em sua alma de que sua irmã com sua mente mais celestial e mais bem instruída entenderia o Senhor melhor do que ela; e sob esta sugestão ela foi e disse a Maria que o Mestre tinha vindo e a tinha chamado. Este, eu acredito, era o segredo da palavra de Marta para sua irmã. Não era que o Senhor realmente tivesse chamado Maria, e muito menos Marta era a portadora, de uma maneira errada, de uma falsa notícia. Mas o coração de Marta sugeria que havia uma empatia entre o Senhor e Maria; e essa sugestão, sem erro, se expressou assim: **"O Mestre está cá e chama-te"**. E assim foi. Maria sai para encontrar seu Senhor, e realmente O encontra. Não há a mesma distância entre Ele e ela como havia entre o Senhor e Marta. Maria, ao encontrá-Lo, lançou-se a Seus pés; e Ele, ao vê-la, moveu-Se em espírito. Este foi um encontro de fato, um encontro entre o Senhor da vida e Seu adorador. Maria não multiplica palavras sem conhecimento, como Marta; nem o Senhor tem que repreender qualquer lentidão de coração nela, como Ele tinha feito com Marta. Mas sabemos que Ele amava a

ambas; e é bendito ter qualquer comunhão viva com Ele. Alguns podem ter pensamentos mais ardentes e visões mais brilhantes d'Ele do que outros; mas, embora nossa medida seja apenas a medida de Marta, ainda assim há céu na comunhão, onde quer que seja verdadeira e viva.

Mas Israel não tinha olhos para ler este sinal da misericórdia que lhe pertencia, nem coração para entendê-lo. Em vez de se tornar o fundamento de sua fé, tornou-se a ocasião para a operação de total inimizade. **"Desde aquele dia, pois, consultavam-se para O matarem"** (v. 53). Os lavradores se propuseram a expulsar o Herdeiro da vinha. E todo o seu afastamento de seu pai Abraão, sua completa apostasia em relação a Deus, é manifestado. Israel havia sido separado das nações para Deus; mas agora eles deliberam e tomam seu lugar entre as nações novamente. Ao contrário de Abraão, eles tomam riquezas do rei de Sodoma, em vez da bênção da mão de Melquisedeque. Eles escolhem o patrocínio de Roma em vez de conhecer o poder da ressurreição do Filho de Deus. **"Se O deixamos assim"**, dizem eles, **"todos crerão n'Ele, e virão os romanos, e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação"**. E o julgamento então vem sobre eles: **"Ouvis, de fato, e não entendeis, e vedes, em verdade, mas não percebeis"** (Is 6:9). Pois agora, havendo a voz do Espírito no seu sumo sacerdote, não há ouvidos para ouvi-la corretamente; e, tendo entre eles as obras do Filho de Deus, não há olhos para percebê-Lo corretamente.

Mas ainda assim Ele foi o Vivificador de Israel; e no último dia os ossos secos ouvirão a palavra do Senhor, e viverão; do qual, como observei, Lázaro é o penhor. E o remanescente em Israel naquele dia também é ilustrado na família em Betânia. (Mas nesta casa em Betânia vemos também a Igreja, havendo tanta afinidade moral entre as duas. Pois a Igreja é a testemunha do poder da ressurreição de Cristo durante a longa era da incredulidade de Israel, e antes que o remanescente seja manifestado. E na Igreja também, durante essa era, o Senhor encontra Seu único refrigério e comunhão. Em Marta *servindo*, Lázaro *assentado*, e Maria

ungindo os pés, vemos os santos em suas várias graças e características de comunhão com o Senhor: alguns esperando por Ele nas atividades de amor; alguns descansando ao lado d'Ele na calma certeza de Seu favor, ouvindo Sua voz e aprendendo Seus caminhos; outros derramando a plenitude de seu coração amoroso e adorador.) No meio desta família bem-amada, o Senhor vem, e encontra refrigério, e comunhão, e o reconhecimento de Sua glória; como Ele encontrará essas coisas em Seu remanescente nos últimos dias. Ali Ele Se assenta como o Senhor da vida, estando assentada ao lado d'Ele a testemunha de Seu poder vivificador; e ali também Ele Se assenta como **"o Rei da glória"**, a homenagem de Seu povo bem disposto sendo colocada a Seus pés. Nessas duas santas dignidades Ele é agora recebido por esta família fiel. **"Enquanto o Rei está assentado à Sua mesa"** (diz Maria), **"o meu nardo exala o seu perfume"** (Cantares 1:12).

É assim que Ele está aqui assentado; uma família, na terra apóstata, reconhecendo-O como Senhor da vida e Rei da glória. Mas a cidade em si, e os estrangeiros ali, logo O veriam, assim como esta casa em Betânia; assim como, em breve, a nação e toda a Terra O reconhecerão depois que Ele for reconhecido pelo Remanescente.

Assim, **"no dia seguinte"**, como lemos, muitas pessoas, movidas pelo relato de que Ele havia ressuscitado Lázaro dos mortos, O encontraram em Sua vinda à Jerusalém e O conduzem à cidade real, como o Filho de Davi, o Rei de Israel. (O Senhor não manda buscar o jumentinho aqui, como é mostrado nos outros Evangelhos. Aqui, a cena da entrada na cidade é produzida pelo zelo do povo. Essa distinção ainda é característica, pois este Evangelho não apresenta o Senhor em conexão Judaica, como observei.) Era o tempo da páscoa; mas o povo é movido como que pela alegria da festa dos tabernáculos e toma ramos de palmeiras para alegrar seu Rei. E as nações, por assim dizer, vêm para celebrar a festa também; pois certos gregos vão até Filipe e dizem: **"Senhor, queríamos ver Jesus"**. *A glória brilha por um*

momento na terra dos viventes. Aqui estava Lázaro ressuscitado dos mortos, a cidade recebendo seu Rei, e as nações adorando ali. Os grandes elementos do reino no qual Ele será glorificado já haviam passado diante do Senhor. Ele havia testemunhado a alegria de Jerusalém e a reunião das nações; Ele agora havia testemunhado; mas Sua alma estava cheia da santa certeza de que a morte aguarda tudo aqui, por mais promissor ou prazeroso que tudo isso seja; e que honra e prosperidade duradouras devem ser esperadas somente em outras regiões mais brilhantes. No meio de toda essa cena festiva, o próprio Jesus Se assenta solitário. Seu espírito reflete sobre a morte, enquanto os pensamentos de todos ao Seu redor estão cheios de um reino, com suas honras e alegrias associadas. **"Na verdade, na verdade vos digo que,"**, é Sua palavra agora, **"se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só"**. *A ressurreição era tudo para Ele.* Era Seu alívio em meio às tristezas da vida, como vimos em João 11; é Seu objetivo em meio às perspectivas e promessas do mundo, como vemos agora em João 12. Ela deu à Sua alma um sereno brilho de Sol, quando nuvens escuras e pesadas se acumularam sobre Betânia; ela moderou e separou Suas afeições, quando o brilho radiante de um dia festivo estava iluminando o caminho dali para Jerusalém. O pensamento da ressurreição assim sustentava Sua mente em meio a tristezas e prazeres ao Seu redor. Fez d'Ele um perfeito Exemplo daquele elevado princípio: Aquele que chora seja como se não chorasse, e aquele que se alegra, como se não se alegrasse (veja 1 Co 7:29-31 – ARA). Quão pouco dessa elevação acima das condições e circunstâncias da vida o coração de alguns de nós está familiarizado!

Esta temporada era realmente para ser *a páscoa*, e não *a festa dos tabernáculos* para Jesus; e Sua alma passa, por outro momento, por Sua tribulação pascal, mas o Pai novamente O reconhece. Ele O glorificou como Filho de Deus, Vivificador dos mortos, no túmulo de Lázaro; e agora Ele O glorifica como Filho

do Homem, Juiz do mundo e do príncipe do mundo, por meio da voz do céu.

E aqui terminou Seu caminho como *Filho do Homem*, assim como Seu caminho como Filho de Deus havia terminado antes no túmulo de Lázaro. O Filho de Deus e Filho do Homem agora havia sido totalmente exibido diante de Seu Israel descrente. Ele foi glorificado entre eles como o Príncipe da vida e o Portador de toda autoridade e poder. As coisas agora realizadas e exibidas nestes dois capítulos eram o cumprimento de Suas palavras para eles no início: estas eram as **"maiores obras"** nas quais eles deveriam *"maravilhar-se"* (João 5:20-22). Eles agora tinham testemunhado Seu poder vivificador como Filho de Deus, e tiveram Sua glória judicial como Filho do Homem prometida a eles pela voz do céu. Eles deveriam tê-Lo honrado como honraram o Pai. Mas em vez disso, eles logo O matariam. Eles logo renegariam o Senhor da vida e o Rei da glória, em Quem todas as suas esperanças de vida e reino dependiam. Ele os havia provado pelas prometidas **"maiores obras"**; mas não houve resposta de Israel. A colheita havia passado, o verão havia terminado, e eles não estavam salvos. A lamentação do profeta agora seria proferida: **"Quem creu em nossa pregação?"** Não era que Suas obras não O tivessem manifestado como a Esperança de Israel. Muitos até mesmo dos príncipes as sentiam e as reconheceram em sua consciência, como lemos aqui. Mas eles amavam mais o louvor dos homens do que o louvor de Deus, como Ele lhes havia dito (caps. 5:44, 12:43). Tudo o que restava era o julgamento sobre Israel e a glória celestial desta Terra – eles rejeitaram Jesus (vs. 40-41). Assim nos diz o nosso próprio evangelista, extraindo a terrível moral de toda a cena – **"Cegou-lhes os olhos, e endureceu-lhes o coração, A fim de que não vejam com os olhos, e compreendam no coração, E se convertam, E Eu os cure. Isaías disse isto quando viu a Sua glória e falou d'Ele"**. Tudo encerrado em julgamento sobre Israel, e em glória, glória celestial, glória dentro do véu, para o bendito Jesus (Is 6:1-3).

Assim, nosso Evangelho assenta o Filho de Deus no céu novamente. Seu caminho termina ali, como havia começado ali. O Evangelho de Mateus O conduz como o Filho de Davi de Belém, e fecha com Ele (no que diz respeito ao Seu ministério) no Monte das Oliveiras (Mateus 1, 24). Mas este Evangelho começou com Sua descida do Pai, e aqui se encerra (no que diz respeito ao Seu ministério) com Seu retorno ao céu. Lá, Ele ainda habita no lugar alto e santo, e com os humildes e quebrantados de coração (Is 57:15). Ele fala desde o céu; e Sua voz estará no poder de toda aquela obra consumada que O levou até lá. Ele entrou no Santo dos Santos, através dos átrios externos, derrubando todas as inimizades, todas as paredes e divisórias do meio, e, novamente saiu dali, na virtude de Seu sangue, e no poder do Espírito Santo, para pregar paz a todos (Ef 2:12-22). Ele não pode deixar de falar de tudo o que está lá, e não do que está aqui. Ele não pode deixar de falar, por Seu Espírito, da paz, alegria e glória que estão lá, e não das acusações com as quais nossos pecados ainda cometidos aqui encheriam nosso coração.

Durante todo o Seu ministério divino neste Evangelho, como já observei antes, o Senhor estava agindo em graça, como **"o Filho do Pai"** e como **"a Luz do mundo"**. Sua presença era **"de dia"** na terra de Israel. Ele tinha estado brilhando ali, se talvez as trevas pudessem compreendê-Lo. E aqui, no final daquele ministério (João 12:35-36), nós O vemos ainda como a Luz lançando Seus últimos raios sobre a terra e o povo. Ele só pode brilhar, quer eles O compreendam ou não. Enquanto Sua presença estiver lá, ainda é dia. A noite não pode vir até que Ele Se vá. **"Enquanto estou no mundo, Sou a Luz do mundo"**. Mas aqui, Jesus, **"retirando-Se, escondeu-Se deles"**; e então Deus; por Seu profeta, traz a noite sobre a terra (v. 40). Não era que a luz tivesse brilhado imperfeitamente. A própria consciência deles lhe dizia o contrário (vs. 42-43). A Luz havia feito seu serviço e governado o dia, mas as trevas não a havia compreendido; e então este Governante do dia se coloca na Judeia, *apenas para Se levantar em outras esferas.* Pois Seu clamor nestes versículos finais (vs. 44-50) não é dirigido a

Israel meramente, mas a toda a Terra. É apenas a mesma **"Luz do mundo"**, que recentemente havia terminado Sua corrida na Judeia, saindo de Sua câmara para correr uma corrida mais longa. E esta corrida Ele ainda está correndo. **"O *dia* da salvação"** ainda está conosco. A noite do julgamento sobre os gentios ainda não chegou. Ainda podemos andar sem tropeçar; ainda podemos saber para onde estamos indo. A Luz ainda diz: **"Desperta, ó tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá"**. Tais são Teus caminhos, bendito Salvador, Cordeiro de Deus, Filho do Pai!

João 13 – 17

Tenho seguido o Senhor pelos capítulos 1-12 deste Evangelho, notando Seus caminhos como o Filho de Deus, o Estrangeiro vindo do céu, o Salvador dos pecadores; e também Seus discursos e controvérsias com Israel. Um era um caminho de graça, mas de solidão – o outro era muito semelhante ao do profeta Jeremias. Como Jeremias, o Senhor havia testemunhado as apostasias da filha de Sião. Como ele, Ele havia alertado-a, ensinado-a e a teria curado de bom grado. Mas, como ele, Ele havia visto a teimosia de seu coração, havia sofrido repreensão e rejeição dela, e agora só tinha que chorar por ela. Ele havia, como nas palavras de Jeremias, dito a ela, até o fim de Seu ministério (veja João 12:35): **"Dai glória ao SENHOR vosso Deus, antes que venha a escuridão e antes que tropecem vossos pés nos montes tenebrosos; antes que, esperando vós luz, Ele a mude em sombra de morte, e a reduza à escuridão. E, se isto não ouvirdes, a Minha alma chorará em lugares ocultos, por causa da vossa soberba"** (Jr 13:16-17).

Jesus havia chorado sobre Jerusalém, pois ela não havia se arrependido. O javali havia agora novamente deixado suas florestas para devorá-la; o **"destruidor dos gentios"** estava novamente a caminho, como nos dias do profeta. O cativeiro na Babilônia não havia purificado a escória de Sião, mais do que as

águas de Noé haviam santificado a Terra; e tudo estava novamente maduro para outro julgamento. Mas, como no meio de tudo isso, Jeremias de antigamente tinha seu Baruque, o companheiro de suas tentações (Jr 36 e 43), a quem do Senhor ele promete a vida presente (Jr 45), e com quem ele deposita a evidência segura da herança final (Jr 32), então agora, Jesus tem Seus santos, os companheiros de Sua rejeição, a quem Ele dá a presente certeza da vida, e a segura promessa de descanso e honra futuros.

Com estes, agora temos nosso Senhor em segredo. Agora terminamos com Seu ministério público: e O temos agora com os Seus, contando-lhes, como seu Profeta, os segredos de Deus.

E estando prestes a ouvi-Lo como o Profeta da Igreja, eu observaria que o que o Senhor nos dá, como nosso *Profeta*, são nossas riquezas *presentes.* Não está conosco, como com Israel de antigamente, bênçãos do cesto e da amassadeira, nem está conosco agora, como será em breve autoridade sobre cidades – mas **"temos a mente de Cristo"**. Tesouros de sabedoria e conhecimento escondidos em Cristo são nossos tesouros *presentes* (Cl 2:3). E, consequentemente, tendo agora se afastado de Israel em direção aos Seus eleitos, e olhando para eles à parte do mundo, Ele lhes faz saber todas as coisas que Ele tinha ouvido do Pai. Em breve, como o Rei da glória, Ele compartilhará Seu domínio com os santos; mas agora Ele tem apenas a língua dos eruditos para eles, para que Ele possa ensinar-lhes os segredos de Deus. É somente como seu Profeta que Ele agora os enriquece. Quanto a outras riquezas, eles podem se considerar pobres, como um deles disse antigamente (e disse, amado, sem sentir vergonha): **"Não tenho prata nem ouro"**.

Nosso Senhor Jesus é o Profeta semelhante a Moisés, que havia sido prometido antigamente. Deus viu Moisés face a face. Ele falou com ele, como um homem fala com seu amigo, dizendo dele: **"Boca a boca falo com ele, e de vista, e não por figuras; pois, ele vê a semelhança do SENHOR"**. Em toda essa alta

prerrogativa, Moisés era a sombra do Filho de Deus. Moisés tinha acesso a Deus. Ele estava nas alturas do monte com Ele, além da região do trovão e da tempestade; então dentro da nuvem de glória, enquanto ela estava na porta do tabernáculo temporário; e, por último, no próprio Santo dos Santos, quando o próprio tabernáculo foi erguido (Êx 24:33, 25:22). E ele permaneceu em toda aquela proximidade de Deus sem sangue – embora até mesmo Arão, sabemos, pudesse estar lá apenas uma vez por ano, e não sem sangue – tudo isso nos dizendo, em linguagem comovente e inteligível, da divina dignidade pessoal de nosso Profeta – da glória da Divindade d'Aquele, de Quem Moisés era uma sombra, que está no seio do Pai e agora nos falou (Hb 1:1-2).

E o que Moisés aprendeu no topo do monte, ou dentro da nuvem de glória, ou do propiciatório no Santo dos Santos, foi o segredo que o Filho agora trouxe do Pai.

Moisés aprendeu ali a graça de Deus, e viu a glória da bondade (Êx 33:19). Visão abençoada! E o Filho unigênito estava entre nós, **"cheio de graça e de verdade"**.

Mas os serviços que o Senhor nos presta como nosso Profeta são vários; e nessa variedade encontraremos o caráter especial deste Evangelho de João plenamente mantido.

No início de Mateus, o Senhor, como um Profeta, revelou a mente de Deus com relação à conduta de Seu povo, interpretando a lei em sua extensão e pureza, determinando assim o padrão divino e aplicando-o à consciência. Ele prescreveu a ordem e os caminhos dos santos, de modo a torná-los dignos da regeneração e do reino, chamando a alma para o exercício em direção a Deus e dando a ela seus devidos fins e objetos (veja Mateus 5-7). Mas em nosso Evangelho Ele é o Profeta em um caráter mais elevado. Ele declara **"o Pai"** e revela as **"coisas celestiais"**. Ele fala como Aquele que **"subiu ao céu"** e era **"de cima"** (João 3:13, 31). Não é tanto nossa *conduta, mas os pensamentos* de Deus que Ele nos fala. Ele nos fala dos mistérios da vida e do julgamento; Ele declara o amor do Pai, as obras e glórias do Filho, e o lugar e as

ações do Espírito Santo, na e para a Igreja de Deus. Ele é, neste Evangelho, o Profeta dos segredos do seio do Pai, revelando os caminhos ocultos do santuário. Ele fala como o Verbo que estava com Deus, e era Deus, dando-nos tal conhecimento como uma mera caminhada na Terra em justiça e serviço não teria precisado, mas tal caminhada que nos torna nada menos que **"amigos"** (João 15:15), e nos dá comunhão, em conhecimento, com os caminhos do **"Pai da glória"** (Ef 1:17).

Tal é a variedade do exercício do Senhor de Seu ofício profético; e tal, julgo eu, o exercício peculiar desse ofício neste Evangelho, o seu exercício em seu *mais alto* departamento, novamente tornando o Evangelho tão peculiarmente precioso para o santo. E quando a colheita da Igreja neste presente **"dia da salvação"** terminar, e todos tiverem chegado à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, a um homem perfeito, não perderemos nosso Senhor como nosso Profeta. Nós O ouviremos como Tal, mesmo no reino. Suas lições nos alimentarão para sempre. Salomão foi um *profeta,* bem como um *sacerdote* e um *rei.* Seus servos estavam continuamente diante dele, e todos os reis da terra buscavam sua presença para ouvi-lo. A Rainha de Sabá veio para prová-lo com perguntas difíceis, e ele respondeu a ela em todos os seus desejos. Quando ela contemplou todos os seus caminhos, a magnificência *do rei, a ascensão do sacerdote* à casa de Deus e a sabedoria *do profeta*, tudo isso era mais do que suficiente para seu coração – nem a metade lhe fora contada – **"não houve mais espírito nela"**. E assim, no reino vindouro, teremos aquilo que encherá os olhos de glória, concederá ao coração suas afeições satisfeitas, alimentará para sempre os pensamentos ainda em expansão de nossa mente com os tesouros da sabedoria que estão escondidos em nosso divino Profeta e, por outro lado, dará aos nossos ouvidos a música de Seu louvor para sempre.

Mas deixe-me dizer, para mim mesmo, como para a advertência dos meus irmãos, que devemos constantemente suspeitar e temer todo mero esforço da mente enquanto ouvimos as palavras

do nosso Profeta, isto é, enquanto lemos as Escrituras. O Espírito é um Mestre *pronto*, bem como um Escritor *pronto;* e a luz do Espírito, embora possa brilhar às vezes, através da nossa escuridão, mas fracamente, ainda assim sempre se evidenciará com mais ou menos certeza. E lembremo-nos também de que é uma luz *do templo* – uma luz que se adequa ao santuário. Era no lugar santo que o candelabro ficava; e a inteligência que é despertada na alma pelo Espírito Santo é acompanhada pelo espírito de devoção e comunhão. É uma luz *do templo* ainda.

Já observei o exercício diferente do Senhor de Seu ofício profético, no Evangelho de Mateus e neste. Em Seus discursos com Seus eleitos, depois que Seu ministério público terminou, como nos foi dado por esses dois evangelistas, a mesma diferença característica ainda deve ser claramente discernida. Em Mateus, Ele fala com eles no *Monte das Oliveiras* sobre assuntos *Judaicos* (Mt 24-25); mas aqui, Ele os conduz, em espírito, ao *céu*, para abrir a eles o santuário ali, e para contar-lhes os segredos *celestiais* (Jo 13-17). O Senhor toma Seu assento, não como no Monte das Oliveiras, para contar a Seu remanescente as tristezas de Israel e o descanso final, mas como no céu para revelar a Seus santos as ações de seu Sumo Sacerdote ali, e suas próprias tristezas e bênçãos peculiares como a Igreja de Deus, durante a era daquele sacerdócio celestial. O sacerdócio celestial é o grande assunto ao longo desses capítulos, sobre os quais eu agora meditaria um pouco mais particularmente. Eles formam uma seção do nosso Evangelho; mas vou considerá-los em partes distintas, conforme seus conteúdos me parecem sugerir.

João 13

Aqui, no início, a ação do Senhor, *lavando os pés dos discípulos*, é uma exibição de uma grande parte de Seu serviço celestial.

A lavagem dos pés estava entre os deveres da hospitalidade. O Senhor repreende a negligência dela em Seu anfitrião em Lucas 7 (veja 1 Tm 5:10). Posso dizer que a água trazia dois benefícios ao

hóspede, limpava o viajante após a sujeira da jornada, e o revigorava do seu cansaço.

Abraão, Ló, Labão, José e o velho de Gibeá são eminentes entre aqueles que observavam esse dever (Gênesis 18, 19, 24, 43; Juízes 19). E o Filho de Deus, ao receber na casa celestial, daria aos Seus eleitos a plena percepção de suas boas-vindas e sua aptidão, para que pudessem tomar seu lugar com feliz confiança, em qualquer lugar daquele santuário real. Era um santuário, é verdade. Mas essa lavagem os preparou para tal lugar. O Filho de Deus estava fazendo para os discípulos o dever e serviço da pia de cobre para com os sacerdotes, os filhos de Arão, no tabernáculo (Êx 30). Ele estava assumindo a responsabilidade de tê-los aptos para a presença divina. É o modo comum de toda família bem organizada, que os servos se mantenham limpos, ou saiam de casa. Mas tal é a graça do Filho de Deus, o Mestre da casa celestial, que Ele Se encarrega do dever de manter a casa em santificação e honra sacerdotais.

"Maravilha insondável e mistério divino!" Tudo o que precisamos é do espírito de uma fé simples e inquestionável que repousa na realidade de uma graça tão insuperável.

Mas em Seu serviço por nós no santuário, como o Sumo Sacerdote de nossa confissão, em Sua limpeza de nossos pés como a verdadeira Pia da casa de Deus, Jesus não entrou até que Ele tivesse cumprido Seus sofrimentos na Terra, e ascendido aos céus; e, assim, não aconteceu, como lemos aqui, até depois que a ceia estivesse **"acabada"** que Ele tomou uma toalha e Se cingiu para lavar os pés de Seus discípulos. Pois a **"ceia"** foi a exibição de Seus sofrimentos e morte, como Ele havia dito, **"Tomai, comei, isto é o Meu corpo"**. E, consequentemente, Ele parece passar por toda essa cena mística na consciência de que Ele havia agora terminado Seus sofrimentos, havia ascendido, e estava olhando para trás para os Seus santos; pois é introduzido nestas palavras, **"Tendo amado os Seus** *que estavam no mundo"* (ARA) – palavras que sugerem a apreensão que Ele tinha de Seus santos ainda

estarem no mundo, enquanto Ele os havia deixado para regiões mais elevadas e santas. E no sentido de tudo isso, embora glorificado novamente no e com o Pai, como o gracioso Servo de suas necessidades e fraquezas, Ele Se cinge com uma toalha e lava seus pés; dando-lhes a saber que Ele estava habitando no santuário celestial, apenas para transmitir a eles a virtude constante da **"santidade"** que, como seu Sumo Sacerdote, Ele sempre carregou para eles em Sua testa diante do trono de Deus. Veja Êxodo 28. (A ceia não é notada neste Evangelho, a não ser por alusão. E isso está em bela consonância com seu caráter geral; pois é, como já vimos, o Evangelho do *Filho*, em vez da *humilhação de Jesus.* E, portanto, nós O temos, como neste capítulo, em Seu sacerdócio, mas não O vemos em Seus sofrimentos, como na ceia.)

Assim, há uma diferença entre a importância mística da *ceia* e desta subsequente *lavagem dos pés;* e a diferença é a mesma entre *o dia da expiação* e *as cinzas da novilha vermelha*, sob a lei. O dia da expiação, como a ceia, expôs a virtude do *sangue* de Cristo; as cinzas da novilha, como esta lavagem, a virtude de Sua *intercessão.* O dia da expiação era apenas um dia no ano Judaico, um grande dia anual de reconciliação, no qual os pecados de Israel eram eliminados de uma vez por todas; as cinzas da novilha eram fornecidas para as transgressões de cada dia, para todas as contaminações ocasionais que qualquer israelita pudesse contrair, ao passar pelo ano. Assim com o derramamento de sangue primeiro, e as intercessões sacerdotais de Cristo depois: como diz uma passagem: **"Porque, se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida"**.

E temos as mesmas bênçãos, na mesma ordem, sob outra forma; a saber, *o cordeiro pascal* redimiu Israel do Egito de uma vez por todas, mas no deserto foi *a intercessão de Moisés* que desviou a ira das transgressões ocasionais do arraial. E assim o sangue de Jesus, nossa Páscoa, e a intercessão de Jesus, nosso Mediador – a *ceia* primeiro, e depois a *lavagem dos pés;* a *morte* aqui, e depois

a *vida* no céu por nós. Aquele que é lavado uma vez no sangue, não precisa se lavar, a não ser seus os pés; e essa lavagem dos pés, essa remoção da sujeira que o santo acumula em sua caminhada por esta Terra dia a dia, o Sumo Sacerdote que está no céu por ele realiza por Sua presença e intercessão ali. Ele é o *Mediador* do novo concerto, e Seu sangue é o *Sangue* desse concerto.

Assim, o amor do Filho de Deus pela Igreja, como tinha sido desde a eternidade, há de ser assim *por toda a* eternidade; como está escrito aqui: **"Tendo amado os Seus que estavam no mundo, amou-os *até o fim".*** Cada época e circunstância deve testemunhar o mesmo amor em alguns de seus serviços, e em seu fervor e verdade permanentes. Nenhuma mudança de tempo poderia afetar esse amor. A tristeza deste mundo e as glórias do céu encontraram o mesmo em Seu coração. Nem tristeza nem alegria, sofrimento nem glória, poderiam tocá-lo por um momento sequer. Sua morte aqui, e Sua vida no céu, declaram isso da mesma forma. Não, na verdade muito mais. Ele já havia servido a Igreja neste amor antes que o mundo existisse, quando Ele disse: **"Eis aqui venho!"** – e no reino depois do mundo, Ele ainda a servirá no mesmo amor, fazendo Seus santos se assentarem para comer, enquanto Ele serve à alegria deles (Lucas 12:37).

Assim *era* o Senhor, assim é o Senhor, e assim *será* o Senhor, em Seu serviço incessante de amor para com Seus santos; e Ele lhes diz para serem Seus imitadores. **"Se Eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros"**. Ele espera ver entre nós na Terra a cópia daquilo que Ele está fazendo por nós no céu. Ele está lá diariamente lavando nossos pés, carregando nossas necessidades e enfrentando nossas contaminações diante do trono; e Ele quer que lavemos diariamente os pés uns dos outros, carregando as fraquezas uns dos outros e ajudando na alegria uns dos outros, aqui no escabelo.

Esta ação e ensinamento do Senhor foram, portanto, uma condução da Igreja, como Moisés antes, para o monte, para mostrar a ela os padrões segundo os quais as coisas na Terra deveriam ser feitas. Moisés então estava acima da lei, além da região do fogo e da tempestade; e assim a Igreja aqui. Os discípulos são chamados em espírito para o santuário celestial, e ali lhes são mostrados os caminhos do Sumo Sacerdote em Seu amor e cuidado diários por eles; e eles são instruídos a descer e fazer o mesmo. Como foi dito a Moisés: **"Atenta, pois, que o faças conforme o seu modelo, que te foi mostrado no monte"**. O tempo para a condução de Moisés para o monte para *permanecer lá* não havia chegado ainda. Ele deveria apenas visitá-lo, para que pudesse ver os modelos e receber as ordens. E assim também aqui. A Igreja ainda não estava pronta para a glória e para a casa do Pai. **"Para onde Eu vou"**, diz o Senhor aos discípulos, **"não podeis vós ir"**. Eles seguirão depois, como Ele promete mais adiante; mas, por enquanto, haveria apenas uma visão dos modelos no monte, para que pudessem copiá-los na Terra. Mas somente *o amor* pode moldar essas cópias, pois *o amor é* o artífice dos originais no céu. Como o Senhor novamente diz: **"Nisto todos conhecerão que sois Meus discípulos, se vos *amardes* uns aos outros"**. Não é, como antigamente, a habilidade de alguém para **"trabalhar em ouro, e em prata, e em cobre"** que servirá agora, mas a habilidade de quem anda **"em amor"**. A conformação de qualquer pensamento amável no coração para com um irmão, o armamento da mente com poder para suportar e relevar em amor, as saídas da alma em empatias e a eliminação ou amolecimento de qualquer afeição dura ou egoísta; essas são as cópias dos modelos celestiais. É somente como **"filhos amados"** que podemos ser **"imitadores de Deus"** (Ef 5:1). E que conforto é esse! Quando o Senhor designaria na Terra a testemunha de Seus próprios caminhos no céu, Ele nos diz para amarmos uns aos outros, para lavarmos os pés uns dos outros! Que visão d'Ele, embora dentro do véu, isso nos dá! "Ele mostra quão gentis são Seus pensamentos". Que tipo de ocupação diária

de nosso Sacerdote em Seu santuário nas alturas é aqui revelada a nós!

E, amados, deixem-me admoestar a mim mesmo e a vocês para procurarmos andar mais em meio a essas testemunhas do Senhor do que temos feito. Pois isso seria nossa segurança diante d'Ele, e nossa alegria entre nós. Se nossos caminhos fossem firmes, caminhos inabaláveis de amor, estaríamos sempre andando em meio às sombras e emblemas de Cristo; teríamos os pensamentos do Senhor em toda a sua bondade e constância sempre diante de nós; e que gozo e segurança isso nos daria! Nenhuma suspeita de Seu amor, nenhuma sombra de dúvida e medo, poderia então se acumular na alma; mas deveríamos ouvi-Lo com nossos ouvidos, e vê-Lo com nossos olhos, e tocá-Lo com nossas mãos; pois tudo aquilo que os ouvidos, ou os olhos, ou as mãos encontrassem entre si testemunharia, assim como teria cheiro do Seu amor. Isso, de fato, seria uma doce morada **"na casa do Senhor"**, uma contemplação abençoada da **"formosura do Senhor"**. Mas o pobre coração do homem não está preparado para toda essa demonstração de amor glorioso. Pedro expressa essa ignorância comum. Ele ainda não entende essa conexão entre *glória* e *serviço.* Ele segue seus pensamentos humanos e diz: **"Tu nunca lavarás os pés"**. Mas Pedro saberia de tudo isso em breve, como seu Senhor promete; pois Pedro e seu Senhor eram um. Mas Judas deve ser separado. **"Não falo de todos vós"**, disse o Senhor. A presença do traidor no meio dos santos até esse momento solene era necessária; pois a Escritura havia dito: **"O que come o pão Comigo, levantou contra Mim o seu calcanhar"**. Judas deve receber o bocado da própria mão do Senhor. A promessa de amor deve ser dada e desprezada antes que Satanás possa entrar; pois é a rejeição do amor que amadurece o pecado do homem, assim como o permanecer insensível diante desse marcante sinal de bondade da mão de seu Mestre aperfeiçoou o pecado de Judas; e Satanás entrou. A habitação de Satanás não é notada até que o bocado tenha sido recebido – como o homem, nesta nossa dispensação, tem desprezado o

amor e, assim, amadureceu seu pecado – como o Senhor disse depois: **"Se Eu entre eles não fizesse tais obras, quais nenhum outro tem feito, não teriam pecado"** (Jo 15:24). Mas, tendo agora desprezado o amor do Evangelho, o homem seguiu *seu caminho;* como Judas aqui, tendo recebido o bocado, *saiu para* trair Aquele que o havia dado. E nosso evangelista acrescenta: **"Era noite"** (ARA). Palavras solenes! Noite *no* homem e noite *para* Jesus.

Mas Ele imediatamente olha além desta noite; pois, por mais tenebrosa que fosse para Ele, ela se abriria para o dia perfeito. Jesus seria glorificado em Deus *imediatamente,* pois Deus foi glorificado n'Ele; o único Filho do Homem em Quem Ele sempre foi glorificado. Ele havia mantido a natureza sem mácula, e agora estava prestes a apresentá-la a Deus como um feixe de fruto humano imaculado, adequado para o celeiro de Deus. O Homem em Jesus havia sido glorificado, pois tudo o que havia procedido d'Ele, tudo o que havia sido extraído d'Ele, era de acordo com Deus (João 14:30-31). Nenhuma partícula manchou a beleza moral ali. O Homem em Jesus não havia ficado aquém da glória de Deus. E Deus, que havia sido assim glorificado n'Ele, portanto O glorificaria em Si mesmo. Mas quanto a tudo em redor, era completamente diferente. Jesus podia ir *imediatamente* a Deus, em virtude de toda essa glória moral; mas quanto a tudo em redor, não importa; sejam santos ou descrentes, sejam Pedros ou fariseus, não poderia haver isso. Um lugar com Deus deve ser *preparado, antes* mesmo que os santos possam ser reunidos nele (João 14:2); e, portanto, o Senhor lhes diz: **"Vós Me buscareis, mas, como tenho dito aos judeus: Para onde Eu vou não podeis vós ir; Eu vo-lo digo também agora"**.

Jesus aqui antecipa este dia de Sua própria glória em Deus, dizendo, assim que o traidor saiu, **"Agora é glorificado o Filho do Homem"**. (Eu notaria a segurança de coração que a consciência do amor em todos os momentos nos dá. Pedro e João não estão nem um pouco alarmados com os solenes indícios do Senhor sobre o traidor; eles se aconselham juntos para investigar e descobrir o significado daquelas palavras, e quem era aquele que

faria tal coisa. Que assim pudesse nosso coração permanecer, amados, diante das investigações e discernimentos do Espírito de julgamento! O amor consciente é ousado como um leão.) E assim, em breve, haverá espaço novamente para a manifestação da glória, quando o Filho do Homem tiver recolhido de Seu reino tudo o que causa escândalo, e todos os que cometem iniquidade; quando o traidor *sair novamente*, então a glória será testemunhada, e os justos resplandecerão como o Sol no reino de seu Pai. Uma vez purificada a eira, os feixes de glória serão reunidos no celeiro.

João 14 – 16

Tendo assim passado, em espírito, pela noite e tomado Seu lugar no dia que estava além dela, o Senhor se volta para Seus discípulos e, nestes capítulos, como o Profeta das coisas celestiais, os instrui e conforta, contando-lhes sobre o mistério de Seu próprio sacerdócio celestial e sobre seu chamado, deveres e bênçãos como a Igreja de Deus ainda peregrinando na Terra durante o exercício desse sacerdócio.

O sacerdócio do Filho de Deus, ou a presente dispensação, durante a qual Ele está no trono do Pai, e nós no reino do Filho do amor de Deus, era um segredo com Deus completamente escondido dos pensamentos de Israel. O **"um pouco"** era um estágio no procedimento divino do qual tanto os Judeus quanto os discípulos eram igualmente ignorantes (João 7:36; 16:17). Todos eles pensavam que Cristo permaneceria para sempre (João 12:34); pois seus profetas falaram d'Ele em conexão com o domínio terrenal. Houve, no entanto, muitas indicações, tanto da profecia quanto da história, que poderiam tê-los preparado para isso. A habitação e a glória de José no Egito e, durante esse tempo, seu esquecimento de seus parentes em Canaã até que o estresse da fome os trouxessem a ele, prefiguraram esse mistério. Assim como a peregrinação de Moisés em Midiã (veja Atos 7). Podemos julgar, sem dúvida, que tanto José quanto Moisés tinham lembranças constantes de seu próprio povo, e muitos desejos em

relação a eles, enquanto separados deles – mas era um desejo *não expresso.* Então sabemos que o Senhor agora está atento a Jerusalém, seus muros estão continuamente diante d'Ele, gravados nos salmos de Suas mãos. Mas aparentemente Ele é para eles como um homem desanimado, como um homem poderoso que não pode salvar (Ez 14:9).

E, além dessas histórias típicas, os profetas falaram diretamente desse mistério. Eles predisseram *a viuvez de Jerusalém*, que continuaria por um tempo. Moisés no início deixou um testemunho permanente com Israel, de que o Senhor por um tempo esconderia Sua face deles, e os provocaria ao ciúme por aqueles **"que não são povo"** (Dt 32). Davi disse que o Messias, como seu Senhor, deveria assentar-Se por um tempo à mão direita de Deus (veja Salmo 110). Isaías teve uma visão de Cristo na glória celestial, durante uma temporada de julgamento sobre Israel (Is 6). Ezequiel viu a glória deixar a cidade, e então, *depois de uma temporada*, retornar a ela. E o Senhor disse, por Oseias, **"Irei e voltarei para o Meu lugar, até que se reconheçam culpados e busquem a Minha face; estando eles angustiados, de madrugada Me buscarão"**. Em Seu próprio ministério, o Senhor Jesus já havia Se referido ao mesmo mistério. Em Mateus, Ele corrige o pensamento de que Cristo permaneceria para sempre, por meio de uma citação daquelas Escrituras que falavam da rejeição da Pedra pelos construtores. Em Lucas, Ele havia mostrado, pela parábola do homem nobre indo para uma terra remota, que haveria um intervalo entre a *primeira* Aparição do Messias e Sua Aparição em *Seu reino.* Mas agora, em nosso Evangelho, Ele trata desse assunto mais completamente, mostrando o caráter desse intervalo, ou de Sua permanência por um tempo à mão direita de Deus no céu.

Tendo, portanto, encerrado Seu ministério público, e estando em retiro com os discípulos, Ele Se ocupa com este assunto. Na ação do capítulo 13, no ensino dos capítulos 14, 15 e 16, e novamente na ação do capítulo 17, é *o sacerdócio celestial* que Ele está de formas variadas manifestando ou ensinando; mostrando assim

que, em Seu presente intervalo de separação de Israel, Ele está, de forma bendita, Se ocupando com a Igreja. Em empatias e intercessões, na diligência e vigilância de Alguém cujos olhos estão sobre eles, Ele está em plena ação para com Seus santos agora. Ele está separado de Seus irmãos segundo a carne, é verdade, mas Ele está, enquanto isso, como Moisés, cuidando do rebanho de Seu Pai no Monte de Deus, longe tanto das corrupções do Egito quanto da incredulidade de Israel, saboreando os confortos de um lar e uma família amados, em santo retiro.

Uma impressão de um caráter muito feliz está em minha mente ao ler o início de João 14. É a seguinte: nosso Senhor *assume* que Seu ministério havia trazido o Pai para tão perto deles que Seus discípulos deveriam ter concluído que Sua *casa era o lar deles.* Há grande consolo nisso.

O ministério do Senhor tinha sido uma revelação tal do amor do Pai por eles, que teria sido realmente estranho se não fosse assim. Algo diferente disso teria sido uma *exceção* e, portanto, teria sido notada. Mas que havia moradas para eles, assim como para Ele, na casa do Pai, estava tão completamente conforme o caráter de todas as Suas obras e palavras anteriores, que tal fato, tal verdade, não precisava de menção alguma. Era uma conclusão *necessária.* Todos os privilégios familiares eram deles, e, *claro,* a mansão da família era seu lar.

Que conclusão a fé tem o direito de tirar, mesmo sem instrução direta! Na verdade seríamos acusados de insensibilidade espiritual, se não a tirássemos! Como poderia um ministério como o de Jesus, **"o Filho do Pai"**, falar de algo menos do que isso, que a própria casa do Pai seria nosso lar para sempre?

"Maravilha insondável e mistério divino!", posso dizer novamente. Tudo o que precisamos é daquele espírito de fé como de uma criança que repousa na realidade de tal graça insuperável.

Quem dera que Sua família estivesse reconfortando a solitude do Filho de Deus melhor do que eles estavam fazendo! Quem dera eles fossem mais **"o teu lindo rebanho"** (ARA) para Seu cuidado e atenção no Monte de Deus! Uma cena mais alegre para compensá-Lo por Sua presente perda de Israel! Mas Ele deu Sua vida por eles, Ele Se entregou pelas ovelhas, e em Seu amor Ele permanece fiel.

E esses capítulos, posso dizer ainda, nos mostram que o ministério do Filho não fez nada que fosse eficaz no coração de Seus discípulos. Pois assim a ordem divina funcionava – o Pai havia trabalhado até então, o Filho estava trabalhando agora, mas o Espírito Santo também tinha que trabalhar, antes que a Igreja pudesse ser colocada em seu lugar. E assim não é até agora que temos o nome de Deus totalmente revelado. A revelação de Seu nome brilha gradualmente mais e mais intensamente conforme as dispensações avançam. Mas este é um grande assunto.

Em Gênesis 1 é simplesmente **"Deus"** que vemos e ouvimos. É **"Deus"** que percorre pelos seis dias de trabalho e então descansa no sétimo. Mas em Gênesis 2 é **"o Senhor Deus"** que vemos e ouvimos. E esses são dois estágios na revelação de Deus sobre Si mesmo. No capítulo 1, nós O vemos surgindo como "Deus" simplesmente, para Seu próprio *deleite* e glória. Ele tem Seu pleno deleite na obra, contemplando tudo como muito bom, e Ele glorifica a Si mesmo pela obra, estabelecendo sobre ela um à Sua própria imagem, o representante de Si mesmo. Mas no capítulo 2 vemos **"o Senhor Deus"**, isto é, Deus em um caráter de aliança, Deus entrou em propósitos e planos para a bênção de Sua criatura. E, portanto, muitos dos detalhes anteriores da obra, conforme ela prosseguia sob a mão de **"Deus"**, são omitidos, e muitas coisas são trazidas à vista que não tinham lugar antes. Assim, temos, em forte destaque, e que não tínhamos de forma alguma no capítulo 1, o jardim e o rio, a maneira de criar o homem, de investi-lo com domínio, de formar a mulher e de instituir sua união – e temos também as árvores místicas e o mandamento com sua penalidade – pois tudo isso dizia respeito ao lugar e à

bênção da criatura em aliança com **"o Senhor Deus"**. (Estamos conscientes, quando pronunciamos a palavra **"Senhor"**, de que falamos de Alguém mais próximo de nós, mais nosso, do que quando dizemos simplesmente **"Deus"**.)

Assim Ele começou a revelar Seu nome para nós; e depois dessas primeiras menções de **"Deus"** e **"o Senhor Deus"**, temos o nome **"Deus Todo-Poderoso"**, publicado a Abrão. Esta foi uma revelação adicional de Si mesmo. E isso foi feito quando Abrão estava **"fora da idade"**, e não tinha nada em que se apoiar, a não ser a onipotência, ou toda-suficiência de Deus (Gn 17:1). Neste nome, que declarou esta suficiência necessária, Deus o guiou; e Isaque e Jacó depois dele; pois eles eram todos estrangeiros e peregrinos na Terra, não tendo nada além da promessa de um Amigo Todo-Poderoso para seu sustento e apoio (Gn 28, 35, 48). No decorrer do tempo, no entanto, Deus foi conhecido por Seu povo por outro nome. Trazendo-os para o concerto, para a herança prometida, Ele Se chama a Si mesmo de **"Jeová"**; isto é, o Deus do concerto de Israel (Êx 6:1-6). E sob Deus como Jeová Israel toma seu assento em Canaã.

Mas ainda assim, tudo isso não comunicava Deus na plena glória de Seu nome. Havia *graça* em Deus, e havia dons pela graça, que esses Seus caminhos não revelavam plenamente. Mas isso é feito no nome que agora nos é publicado – o nome de **"Pai, Filho e Espírito Santo"**. Este é o nome completo ou glória plena do nosso Deus; e a graça, e os dons da graça, são efetivamente trazidos a nós por aquela dispensação que o publica. (O crente sempre terá o seu mais doce deleite na última ou mais completa revelação de Deus. E por isso o crente e o mero homem da ciência são distinguidos. O homem meramente filosófico permitirá que a mão divina seja exibida na criação; ele reconhecerá **"Deus"** na vegetação e no gado, por exemplo; mas o jardim e o rio, e o casal, com os quais **"o Senhor Deus"** tem a ver, não têm atração para ele; mas esses são os objetos que principalmente envolvem os pensamentos *do crente.*)

Assim, não foi até a era presente que o nome completo e a glória do nosso Deus foram publicados. O Pai tinha estado trabalhando, é verdade (veja João 5), em todas as eras dos tempos Judaicos; mas ainda assim, Israel foi colocado nacionalmente sob Deus simplesmente como **"Jeová"**. A revelação de **"o Pai"** teve que esperar pelo ministério do Filho, e certas dispensações tiveram que cumprir seu curso antes que o Filho pudesse Se manifestar. O Filho não poderia ter sido o ministro da lei – tal ministério não teria sido digno d'Aquele que está no seio do Pai. Esse ministério foi confiado aos anjos. E o Filho não Se manifestou em ministério até que a **"grande salvação"** estivesse pronta para ser publicada (Hb 2:1-3). Assim também, a manifestação do Espírito Santo esperou por seu devido tempo. O Espírito Santo não podia servir ao ministério da lei, assim como o Filho não podia. A fumaça, os relâmpagos e a voz do trovão estavam lá (Êx 19); mas o Espírito Santo veio, com Seus dons e poderes, para servir ao ministério do Filho, na publicação da grande salvação (Hb 2:3). O Espírito de Deus não poderia ser um espírito de escravidão gerando temor – a lei pode fazer isso, mas o Espírito Santo deve gerar confiança. **"Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus"**.

Até que o Filho de Deus tivesse terminado Suas obras, o Espírito Santo não poderia vir. O coração precisa primeiro ser purificado de uma má consciência, para que o templo possa ser santificado para que o Espírito habite nele, e o mobiliário santo (isto é, o espírito de liberdade e adoção, e o conhecimento da glória) deve ser preparado para este templo; e tudo isso poderia ser feito somente pela *morte, ressurreição e ascensão do Filho.* A revelação do Espírito Santo esperava por essas coisas. Ele tinha sido, é verdade, o poder santo em todos, desde o princípio. Ele tinha falado pelos profetas. Ele era a força de juízes e reis. Ele era o poder da fé, do serviço e do sofrimento, em todo o povo de Deus. Mas tudo isso estava abaixo do lugar que Ele agora ocupa na Igreja. Sua habitação em nós, como em Seu templo, não existia no passado; mas agora Ele habita, disseminando um reino de justiça,

paz e alegria. Como o Espírito de sabedoria, Ele nos dá **"a mente de Cristo"**, sentidos espirituais para discernir o bem e o mal. Como o Espírito de adoração, Ele nos capacita a chamar Deus de **"Pai"** e Jesus de **"Senhor"**. Ele também intercede por nós, com gemidos inexprimíveis. Ele derrama no coração **"o amor de Deus"** e nos faz abundar **"em esperança"**. Ele é *em nós* uma fonte de água jorrando para a vida eterna; e Ele é também a fonte de **"rios de água viva"**, fluindo de nós para reanimar os cansados. E Ele forma os santos juntos como uma **"casa espiritual"**, onde **"sacrifícios espirituais"** são oferecidos; não mais admitindo **"um santuário terrestre"** e **"ordenanças da carne"** (ARA); pois eles são edificados juntamente para morada de Deus no Espírito; e dons são dispensados entre eles, fazendo com que todos cresçam em Cristo em todas as coisas.

Estas são algumas das maneiras do Espírito Santo em Seu reino dentro do santo: estas são Suas obras que brilham no lugar do Seu domínio. Ele está ali como um Penhor, uma Unção e um Testemunho. Ele nos fala **"abertamente**... **do Pai"**, e recebe as coisas de Cristo, para mostrá-las a nós (João 16:14-15). Sua presença em nós é tão pura, que não há mal pelo qual Ele não Se ressinta e Se aflija (Efésios 4:30); e ainda assim tão terna e cheia de empatia, que não há nenhuma tristeza piedosa da qual Ele não sinta e suspire (Romanos 8:23). Ele faz a esperança abundar; Ele transmite o senso de pleno favor divino; Ele lê para nossa consciência um título para calma e inteira segurança. Não há nada de fraqueza, ou estreiteza, ou incerteza no lugar de Seu poder. Suas operações têm o cheiro de um *reino*, e um reino *de Deus* também, cheio de beleza e força. Temos que reconhecer o quão pouco vivemos na virtude e no brilho dele; mas ainda assim, é isso que o reino é em si mesmo, embora nosso coração estreito e impedido tão pobremente se apossa dele. E a obra de Sua mão deve receber o nosso louvor; e Sua glória em Seus templos deve ser declarada. É bom sermos humilhados às vezes e nos provar a nós mesmos com relação a um tal reino que habita em nós; mas o reino em si não deve ser medido dessa forma. (Devo observar

aqui algo que novamente me parece ser altamente característico deste Evangelho de João. O nome de Deus é publicado de maneira formal em Mateus; é publicado, como posso dizer, literalmente, ou nos termos e sílabas estritos dele (veja Mateus 28:19). Mas neste Evangelho, como vimos agora nestes capítulos, é publicado segundo um método moral; o conhecimento desse nome, "Pai, Filho e Espírito Santo", sendo transmitido à alma por meio de uma revelação de seus vários atos e maneiras na dispensação de nossa salvação e bênção.)

Não preciso dizer, amados, que todo esse mistério é precioso. Toda a ordem das coisas à qual somos introduzidos nos diz (e isso é cheio do mais rico conforto) que é *com Deus* e não *conosco mesmos* que agora temos *diretamente* que tratar. Na lei era diferente. A lei lidava conosco *diretamente*, dizendo: **"farás"** e **"não farás"**. Mas agora é com *Deus* que temos que tratar imediatamente. Somos absolutamente convocados para longe de nós mesmos, e não devemos lembrar se éramos Judeus ou gregos. Temos *Deus* para olhar, *Deus para* ouvir, *Deus* para tratar. E este é o ponto mais elevado possível de bênção para um pecador apreender – é tão abençoado que Satanás faz o que pode para nos manter aquém dele, para tornar o ouvido pesado para a voz de *Deus*, os olhos embaçados para os caminhos e obras de *Deus*, e o coração indiferente ao amor de *Deus.* Ele quer nos ocupar de bom grado com qualquer coisa que impeça que a luz da glória do Evangelho de Cristo, *que é a Imagem de Deus*, brilhe. Ele faz com que alguns se ocupem com pensamentos de sua justiça, e outros se ocupem com pensamentos de seus pecados, para que ele possa mantê-los, seja por vanglória ou por medo, separados do próprio Deus.

Agora, atrair os discípulos de um mero lugar Judaico para essa elevação, e por isso confortá-los sob o senso de Sua ausência, é o grande propósito do Senhor no discurso que Ele mantém com eles nestes capítulos, o mesmo que nunca ocorreu entre os filhos dos homens – o coração e a mente de Deus nunca antes haviam comunicado tão ampla e abençoadamente seus tesouros aos

desejos e pensamentos de Seu povo, como agora o Senhor estava fazendo. Estes foram os momentos mais santos de comunhão entre o céu e a Terra!

No início, o Senhor diz: **"Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim"**. Isso imediatamente lhes dá conhecimento de outro Objeto de fé além do que eles ainda tinham. Deus, no sentido dessas palavras, já tinha sido conhecido por Israel. Os discípulos, em seu lugar Judaico, já eram crentes em *Deus.* O Senhor aqui permite isso, como Ele havia afirmado antes, falando à mulher de Samaria: **"nós** (isto é, os Judeus) **adoramos o que sabemos"**. Os Judeus tinham Deus; sua fé não estava errada, mas apenas defeituosa, e o Senhor agora a preencheria. Ele agora os faria conhecer *o Pai por meio do Filho* – e todo esse discurso com Seus discípulos promove esse desígnio. Ele fala particularmente do Pai e promete o Consolador para tornar essas coisas (as coisas do Pai e o Filho) conhecidas a eles.

Este era o caráter da graça que este Evangelho no início insinuou, quando João escreveu: **"a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos *filhos* de Deus"**. E esta declaração inicial do valor e poder do ministério do Filho é, nestes capítulos, amplamente revelada. Mas enquanto isso está acontecendo, temos várias formas de ignorância Judaica trazidas à tona – necessariamente assim, posso dizer, pois Israel não estava neste conhecimento para o qual o Senhor agora os estava conduzindo. *Tomé* ignora a partida e separação de Cristo desta Terra, e diz: **"Senhor, nós não sabemos para onde vais"**; pois Israel havia sido ensinado que Cristo deveria permanecer para sempre. *Filipe* revela sua falta de familiaridade com o Pai; pois não era ao conhecimento do Pai no Filho que Israel havia sido conduzido. *Judas* se maravilhava com qualquer glória, exceto a glória terrenal e manifestada do Messias; pois tal era a esperança de Israel. E todos eles ficam maravilhados com o mistério do **"um pouco"**. Mas o Profeta celestial os está conduzindo para fora desses pensamentos. Eles já tinham sido retirados da nação apóstata, como o remanescente de Deus aceitando Jesus como Messias

vindo de *Deus;* mas eles ainda tinham que conhecer o Filho como vindo *do Pai*, que enquanto Ele estava com eles, tinha-lhes mostrado *o Pai*, que agora estava prestes a retornar *ao Pai*, e que viria novamente para levá-los para casa, para *o Pai.* Essas eram as grandes coisas de Seu amor que seu divino Profeta aqui lhes revela; mas essas eram ainda coisas estranhas para eles.

Mas o curso dos pensamentos de nosso Senhor ao longo dessa conversa é interrompido apenas por um tempo por esses pensamentos Judaicos defeituosos de Seus discípulos. Seu propósito era elevá-los ao senso de sua vocação, como a Igreja de Deus, e assim confortá-los; e esse propósito Ele segue firmemente, embora possa, por um tempo, ter que repreender a lentidão de coração deles. Assim: na interrupção causada por Pedro (João 13:36-14:1), o Senhor, ao responder a Pedro, é levado a contemplar e predizer sua infidelidade e negação d'Ele; mas isso não desvia o curso de pensamentos de bondade sobre ele e o resto deles que o Senhor estava seguindo. **"Não se turbe o vosso coração"**, diz o gracioso Mestre, *imediatamente* após avisar Pedro de seu pecado. Então, no final da conversa, Ele teve que dizer a eles que a hora estava próxima quando cada um deles iria para o seu próprio lugar e O deixariam sozinho; e ainda assim, sem permitir uma interrupção por um único momento sequer de Seu fluxo de amor para com eles, Ele *imediatamente* retoma Seus próprios pensamentos, dizendo-lhes: **"Tenho-vos dito isso, para que em Mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo; Eu venci o mundo"**.

E assim, amados, tem sido com Seus santos desde então. Podemos, por nossa própria tolice, ter que ouvir o "canto do galo" para receber repreensão, sair e chorar; mas o coração de Jesus não se arrepende de Sua bondade que propôs para conosco. Seu propósito é salvar, e Ele salvará. Seu propósito é abençoar, e quem impedirá? Ele não viu iniquidade em Seu povo. Eles devem ter *paz* realizada para eles por Sua morte, *vida* trazida a eles por Sua ressurreição, e *glória* para ser deles no futuro em Seu retorno. Essas são suas bênçãos e delas Ele lhes fala, apesar de toda

lentidão de coração ou indignidade, para conforto deles sob a percepção de Sua partida.

As obras que Jesus fez, no Evangelho de Mateus, são reconhecidas como sendo as do Filho de Davi (Mateus 12:23). Elas são ali os selos de Sua *Messianidade.* Mas aqui o Senhor as oferece a Seus discípulos como os selos de Sua *Filiação ao Pai.* Ele desejava que fossem estimadas, não meramente como sinais de que Ele poderia *ordenar o reino de Israel*, de acordo com as promessas dos profetas (Is 35:5-6), mas como testemunhas de que Ele era o Dispensador da graça e do poder *do Pai;* pois Ele diz: **"Crede-Me que estou no Pai, e o Pai, em Mim; crede-Me, ao menos, por causa das mesmas obras"**. E isso está em total consistência com nosso Evangelho. E as **"maiores obras"**, que Ele imediatamente depois promete que os crentes n'Ele deveriam fazer, como eu julgo, obras do mesmo caráter, obras que deveriam ter o cheiro da graça *do Pai*, como trazer pecadores condenados à liberdade dos filhos de Deus. Como Paulo diz: **"eu vos gerei em Cristo Jesus por meio do Evangelho"** (TB). E assim ainda é. Pecadores ainda são trazidos à liberdade de filhos amados. **"Não vos deixarei *órfãos"***, diz o Senhor neste lugar: **"**(Eu) **voltarei para vós"**. **"Porque Eu vivo, e vós vivereis"**. Nenhuma condição de órfão para eles, nenhuma lamentação vinda deles, como houve de Israel, que eles eram órfãos (João 14:18; Lamentações 5:3). A *adoção* dos santos durante a *condição de órfão* de Israel é aqui trazida pelo Senhor em termos de significado profundo e maravilhoso. Eles deveriam saber que Ele estava no Pai, e eles n'Ele, e Ele neles. O PAI é o peso santo aqui.

E há uma pequena ação do Senhor que devo mencionar. No final do capítulo 14, Ele diz: **"Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou"**; por meio disso, dizendo-lhes que, antes de deixar este mundo, Ele deixaria Sua paz com eles – paz para eles como pecadores, realizada por Sua morte. E depois de assim lhes falar da *paz*, Ele diz: **"Levantai-vos, vamo-nos daqui"**. Sobre o que podemos supor que todos eles se levantam da mesa pascal e caminham em direção ao monte das Oliveiras; e então é que Ele

imediatamente Se apresenta a eles, em ressurreição, como sua Vida, a Fonte do poder vivificante, dizendo: **"Eu Sou a Videira; vós sois as varas** (**os ramos** – ARA)**"**.

Há um belo significado em toda essa ação. Ele Se assenta à mesa pascal até que *a paz* tenha sido pronunciada, pois naquela mesa as promessas de paz para eles estavam naquele momento sendo distribuídas; mas quando Ele Se levanta dela, Ele lhes conta sobre sua vida em ressurreição – vida que eles deveriam conhecer como estando n'Ele, elevada acima do poder da morte – a verdadeira Videira. E Ele lhes diz que não há outra vida senão esta; dizendo: **"Se alguém não estiver em Mim, será lançado fora, como a vara, e secará"**. E, tendo assim revelado a eles a única raiz da vida, Ele lhes mostra o gozo e as santas prerrogativas desta vida, ensinando-lhes que eles deveriam ter o Seu próprio gozo, o gozo do Filho, cumprido neles, e também deveriam entrar na dignidade e graça da amizade com seu Senhor, e assegurar a si mesmos que Sua glória e a bênção deles eram agora apenas um interesse; e, além disso, que o grande propósito do Pai era glorificar o Filho como esta Videira, ou Cabeça da vida; que tendo-a plantado como a única Testemunha da vida na Terra, que é o cenário da morte, o Pai a vigiaria com o cuidado e a diligência de um lavrador. Isto o Senhor aqui mostra ser o *cuidado presente do Pai*, para ter a Videira em formosura e frutificação, para glorificar Jesus como a *Cabeça da Vida*, como em breve Ele O glorificará no trono da glória como *Herdeiro de Todas as Coisas.* Nos tempos antigos, os olhos de Deus estavam sobre a terra de Israel, como seu Lavrador (Dt 11:12); mas agora eles estão vigiando esta videira, que Sua própria mão plantou.

Tudo isso falou aos discípulos sobre as abundantes riquezas da graça. Mas, por outro lado, Ele lhes diz que essa união com Ele era para separá-los do mundo; essa amizade com Ele era para expô-los ao ódio do mundo. O mundo logo expressaria sua inimizade total a Deus, e então a eles. A revelação de Deus em amor, a revelação do Pai em e pelo Filho, logo seria totalmente recusada pelo mundo. Isso era ódio de fato, ódio **"sem causa"**,

ódio por amor. A cruz de Cristo logo apresentaria o ódio mais completo do homem encontrando o amor mais completo de Deus. Ignorante do *Pai*, o homem ainda poderia ser zeloso por *Deus*, e pensar em fazer serviço a Deus matando os filhos do Pai. Pois pode haver zelo pela sinagoga, sim, e pelo Deus da sinagoga, com separação total do espírito daquela dispensação que publica riquezas da graça, e revela o Pai no Filho.

Mas essa visão das tristezas que Seus santos poderiam suportar do mundo, leva o Senhor a exibir os serviços do Consolador prometido, neles e para eles, ainda mais abençoadamente. Ele lhes diz que o Consolador Se levantaria *por* eles *contra* o mundo, convencendo-o do pecado, da justiça e do juízo, mas ao mesmo tempo habitando neles a Testemunha do amor de seu Pai e da glória de seu Senhor. Esse conforto Ele lhes fornece contra o dia do ódio do mundo.

E aqui deixe-me observar que o Espírito agora deveria ser recebido do *Pai. Deus* havia aprovado Jesus Nazareno (Atos 2:22); mas era do *Pai* que o Espírito Santo deveria ser recebido, e o Pai aprovaria Sua presença de acordo com isso. Observe o caráter de Sua presença na Igreja, imediatamente após Ele haver sido dado (Atos 2). Que óleo de alegria, que Espírito de liberdade e largueza de coração, é Ele nos santos ali! Jesus O havia recebido no lugar ascendido, onde Ele próprio havia sido cheio da abundância de alegrias na presença de Deus, e dando-O de tal lugar, o Espírito Santo Se manifesta aqui da mesma forma, transmitindo imediatamente algo daquela alegria da presença de Deus em que o Senhor deles havia entrado. Eles receberam a Palavra *de bom grado*, comeram seu pão com *alegria* e *louvaram* a Deus. E essa alegria poderia facilmente secar outras fontes. Eles se separaram do que poderia ter garantido prazeres *humanos* e suprido desejos *naturais.* O Espírito Santo neles era alegria, liberdade e largueza de coração. Era o Espírito **"do Pai"**. Era o reflexo sobre os santos aqui daquela luz que havia caído sobre Jesus no Santo dos Santos. O óleo havia descido desde a barba para a orla das vestes (Salmo 133).

De fato, podemos formar apenas uma ideia pobre do valor de tal dispensação como esta que o Consolador estava agora a trazer, para uma alma que estava sob o espírito de escravidão e de temor gerado pela lei. Que pensamentos de juízo vindouro agora foram ordenados a se retirarem! Que temores da morte agora iriam ceder à consciência da vida *presente* no Filho de Deus! E o que seria tudo isso senão a unção com óleo de alegria? E os discípulos, por este discurso, estavam sendo treinados para esta alegria e liberdade. O aio logo deixaria seu encargo – sua vara e seu livro de rudimentos agora seriam dispensados – e neste discurso, o Filho está conduzindo os filhos em seu caminho de volta ao Pai, vindos de debaixo de tais tutores e curadores, e eles logo alcançarão o Pai, para que possam conhecer, por meio do Espírito Santo, a liberdade e a alegria da adoção (veja Gálatas 3-4).

Tal foi esta hora interessante para a Igreja. O Espírito Santo, a Testemunha do Pai e do Filho, e assim o Espírito de adoção, logo seria concedido, e eles agora eram levados para fora da escola da lei para esperar por isso. Com pensamentos do Pai e do Filho, e dos interesses da Igreja em todo o seu amor, o Espírito Santo agora encheria os santos. E isto, portanto, Ele faz em nossa dispensação. Ele nos conta, como o Senhor aqui promete que Ele faria, do deleite que o Pai tem no Filho, de Seu propósito de glorificá-Lo, e de nosso lugar naquele deleite e glória. Ele toma estas coisas e coisas semelhantes, e as mostra a nós.

Veja Gênesis 24, uma passagem bem conhecida e muito apreciada. Ela estabelece a eleição de uma noiva para o Filho pelo Pai – mas o lugar que o servo ocupa nela é apenas o lugar do Espírito Santo na Igreja, ministrando (como na graça divina) às alegrias do Filho e da Igreja, no aperfeiçoamento dos propósitos do amor do Pai. Naquela cena, o servo de Abraão conta a Rebeca sobre a maneira como Deus havia prosperado seu mestre – que favorecido e amado Isaque era, como ele havia sido filho da velhice e como Abraão o havia feito herdeiro de todas as suas possessões. Ele revela a ela os conselhos que Abraão havia tomado a respeito de uma esposa para este seu filho muito

amado, e a deixa ver claramente sua própria eleição de Deus para preencher aquele lugar santo e honrado. E, por fim, ele coloca sobre ela as promessas desta eleição e do amor de Isaque.

Nada poderia ser mais comovente e significativo do que toda a cena. Quem dera que nosso coração conhecesse mais do poder de tudo isso, sob a ação do Espírito Santo, como Rebeca o conheceu sob a mão do servo de Abraão! Foi porque ele a havia enchido com pensamentos sobre Abraão e sobre Isaque, e de seu próprio interesse neles, que ela estava pronta para ir com aquele estrangeiro sozinha através do deserto. Sua mente foi formada por esses pensamentos; e ela estava preparada para dizer à sua terra, à sua parentela e à casa de seu pai: **"Irei"**. E os pensamentos do amor de nosso Pai celestial e do deleite que nosso Isaque tem em nós ainda podem nos conceder santa separação deste lugar contaminado onde habitamos. A comunhão com o Pai e o Filho por meio do Consolador é o caminho santo de distinção da Igreja em relação ao mundo. Pode haver o temor de um julgamento vindouro operando alguma separação *prática* dele, ou o orgulho do fariseu operando uma separação *religiosa* dele, mas somente o conhecimento presente do amor do Pai e a esperança das glórias vindouras do Filho podem operar uma separação *divina* do curso e do espírito do mundo.

O amor do Pai, do qual o Consolador testifica, é um amor *imediato.* É o amor *de Deus* que visitou o mundo no dom de Seu Filho (João 3:16); mas no momento em que esse amor de Deus é crido, e a mensagem de reconciliação que ele manifestou é recebida, então os crentes têm o direito, por meio das riquezas da graça, de conhecer *o amor do Pai,* um amor que é um amor *imediato,* como o Senhor aqui nos diz (João 16:26-27). É desse amor do Pai, bem como da glória do Filho, que o Consolador nos fala no caminho para casa. Ele é nosso Companheiro por toda a jornada, e este é Seu discurso conosco. Assim como o servo, não duvido (retornando ao mesmo capítulo, Gênesis 24), enquanto acompanhava Rebeca pelo deserto, contou-lhe mais sobre seu

mestre, acrescentando muitas coisas ao que ele já havia dito a ela na Mesopotâmia; pois ele tinha sido o confidente de seu mestre, e o conhecia desde o início. Ele conhecia seu desejo por um filho, e a promessa de Deus e a fidelidade de Deus. Ele sabia da vitória de Abraão sobre os reis, de seu resgate de Ló e do encontro com Melquisedeque. Ele sabia do concerto, a promessa da herança. Ele sabia do despedimento de Ismael da casa, e do andar de Isaque nela sem rival – da jornada mística até o Monte Moriá, e de Isaque estar assim vivo dentre os mortos. Tudo isso ele sabia, e tudo isso sem dúvida ele contou a ela, enquanto viajavam juntos, e com essas lembranças e perspectivas ela se deleitava, embora suas costas agora estivessem viradas, e viradas para sempre, para sua terra, para sua parentela e para a casa de seu pai. E, amados, se estivéssemos mais conscientemente *no caminho* com o Consolador, o caminho para nós seria igualmente encantado por Suas muitas histórias de amor e glória, sussurrando do Pai e do Filho para o mais íntimo de nossa alma. Que assim seja conosco, Teu pobre povo, bendito Senhor, mais e mais!

João 17

Depois de confortá-los assim com o conhecimento de sua posição, como a família do Pai, e, de certa forma, fazer graciosas compensações a eles por Sua própria ausência deles **"segundo a carne"**, e o ódio que eles deveriam sofrer do mundo, o Senhor novamente manifesta, neste capítulo, um de Seus serviços sacerdotais, como Ele havia feito em João 13. Mas os serviços são diferentes; no entanto, ambos juntamente constituem uma apresentação completa de Seus caminhos como nosso Advogado no templo celestial. No capítulo 13, Ele havia, por assim dizer, colocado uma mão sobre os pés contaminados de Seus santos, aqui Ele coloca a outra mão sobre o trono do Pai – formando, assim, uma cadeia de obra maravilhosa que vai de Deus aos pecadores. No capítulo 13, Seu corpo estava cingido, e Ele estava se abaixando em direção aos nossos pés – aqui, Seus olhos estão levantados, e Ele está olhando para o rosto do Pai. O

que nos é pedido, por Aquele que assim preenche toda a distância entre o trono brilhante de Deus e nossos pés contaminados, pode ser negado? Tudo deve ser concedido – tal Pessoa é sempre ouvida.

Assim temos a suficiência e aceitação do Advogado; e podemos observar a ordem em que Ele faz Seus pedidos e apresenta Suas reivindicações diante do Pai.

Primeiro – Ele faz um pedido em favor da própria glória do Pai. **"Pai, é chegada a hora; glorifica a Teu Filho, para que** *também o Teu Filho Te glorifique a Ti".* Seu primeiro pensamento estava voltado aos interesses do Pai; assim como Ele havia ensinado anteriormente Seus discípulos que, antes de apresentarem seus próprios desejos e necessidades, dissessem: **"Pai nosso, que estás nos céus,** *santificado seja o Teu nome".*

O Senhor coloca a vida eterna na mão do Pai; dizendo: **"Assim como Lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos Lhe deste"**. Por isso, nosso Mediador Se curva à verdade de Deus, que Satanás antigamente havia deturpado e que o homem havia questionado (Gn 3:4). Mas Ele então acrescenta: **"E a vida eterna é esta: que Te conheçam, a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste"** – reconhecendo que a vida agora deve ser obtida somente por meio da redenção, que não é a vida de uma *criatura meramente,* mas de uma *criatura resgatada,* uma vida resgatada para nós do poder da morte pela graça do Pai e do Senhor Jesus Cristo, o Salvador.

Em segundo lugar – Ele reivindica Sua própria glória. **"Glorifica-me Tu, ó Pai, junto de Ti mesmo, com aquela glória que tinha Contigo antes que o mundo existisse"**. E essa reivindicação Ele fundamenta em ter terminado a obra que lhe fora dada para fazer; dizendo: **"Eu glorifiquei-Te na Terra, tendo consumado a obra que Me deste a fazer"**. Pois esta era uma obra na qual nenhuma mancha havia entrado, na qual, portanto, Deus poderia descansar e ser revigorado, como em Suas obras antigas; uma

obra que o Pai poderia contemplar e dizer dela: *"Tudo está muito bom"*, na qual Ele poderia novamente encontrar um sábado.

E este é o conforto do crente, que ele vê sua salvação dependendo de uma obra consumada, na qual Deus sente um **"cheiro de descanso"** (Gn 8:21 margem da KJV). No princípio, ao terminar a obra da criação, Deus santificou o sétimo dia, descansando, em plena satisfação, em tudo o que Sua mão havia formado. Mas o homem perturbou esse descanso, de modo que Deus se arrependeu de ter feito o homem na Terra. Novamente, no devido tempo, o Senhor providenciou para Si mesmo outro descanso, erigindo um tabernáculo em Canaã, e oferecendo a Israel um lugar naquele descanso, dando-lhes Seu sábado (Êx 31:13). Pela espada de Josué, esse descanso em Canaã foi incialmente assegurado para Israel (Js 21:44; 23:1); e depois sob o trono de Salomão (1 Cr 22:9). Mas Israel, como Adão, perturbou esse descanso – a terra não guardou seu sábado, por causa da impiedade dos que nela habitavam (2 Crônicas 36:21). O Deus bendito agora encontrou outro e seguro descanso, um descanso que nunca pode ser perdido ou perturbado. Na obra consumada pelo Senhor Jesus Cristo (e a qual o Senhor aqui apresenta a Ele), Deus novamente descansa, como em Suas obras antigas, com a mais completa complacência. Esta obra consumada é totalmente de acordo com Sua mente. Pela ressurreição de Cristo, o Pai disse sobre ela: *"Eis que é muito boa"*. É Seu descanso para sempre; Ele tem um deleite permanente nela. Seus olhos e Seu coração estão sobre ela continuamente. *A obra de Cristo realizada pelos pecadores deu a Deus um descanso.* Esse é um pensamento cheio de bênçãos para a alma. E quando a fé estabelece um valor correto, isto é, o valor de Deus, no sangue de Cristo, há descanso, o próprio descanso de Deus, para a alma. Mas é então que o santo (ou pecador crente) começa sua labuta. No momento em que descanso como pecador, começo meu labor (ou esforço) como *santo.* O descanso para o santo é um descanso *que permanece;* e, portanto, está escrito: **"Portanto *esforcemo-nos* por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia segundo o**

mesmo exemplo de desobediência" O pecador descansa agora; o santo ainda se esforça, e se esforçará até que o reino venha.

Terceiro – Ele ora por Seu povo. Ele pede que eles sejam guardados por meio do nome do Pai, e santificados por meio da verdade do Pai, para que eles possam ser um na comunhão da alegria do Filho *agora;* e Ele pede que eles possam estar com Ele onde Ele está, e lá contemplem Sua glória, e sejam um com Ele em Sua glória *no além.* Esses são grandes pedidos. O divino Advogado gostaria que *todos* os Seus santos sejam *um* (veja vs. 11, 21). Mas essa unidade não é tal, julgo eu, como é comumente interpretada – uma unidade eclesiástica manifesta. É uma unidade no conhecimento pessoal e na comunhão com o Pai e o Filho – unidade em espírito, no espírito da mente deles, cada um deles tendo o **"espírito de adoção"** (ARA), que era a graça e o poder peculiares daquela dispensação que Ele, o Filho, estava prestes a introduzir. O desejo é que tal espírito possa ter seu curso no coração de cada um e de todos os eleitos a serem reunidos agora.

Isso falhou? Não, não poderia falhar. E todas as epístolas nos testemunham que não falhou. Pois ali encontramos os santos em todos os lugares, sejam Judeus ou gentios, considerados como guardados pelo Pai em Seu próprio nome; guardados como filhos, como **"aceitos no Amado"** (KJV), como possuindo o **"espírito de adoção de filhos"**, como sendo reunidos na unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus. Todas essas declarações são afirmações de que esse desejo do grande Advogado havia sido atendido, cada crente tendo o gozo do Filho cumprido em si mesmo e, portanto, todos eles sendo um no espírito da mente deles. Esse desejo não respeita, eu certamente julgo, nenhuma condição *eclesiástica* de coisas. Esse pensamento tem levado a muitos esforços humanos entre os santos. Eles têm se condenado a si mesmos por não colocarem em prática essa oração do Senhor por meio de uma manifestação de unidade; e então eles têm tomado medidas para fazer isso acontecer. Mas eu pergunto: essa oração do Senhor é feita com base nas

energias dos santos? Não é ela dirigida ao Pai, pois isso repousava simplesmente no bom prazer, poder e dom do Pai? Certamente. Ele pede ao Pai, para que Ele guardasse os eleitos em Seu nome, os santificasse por Sua verdade e lhes transmitisse o gozo do Filho, a fim de que cada um pudesse ter esse gozo cumprido em si mesmo.

Este desejo foi realizado. O espírito do Filho é igualmente para cada um e todos os santos, e eles são um naquele espírito e naquele gozo. Quando o devido tempo chegar, veremos os outros desejos deste capítulo também realizados. Todos os que devem receber o testemunho ainda não foram chamados, nem ainda a glória brilhou e foi transmitida a eles, de modo que o mundo ainda não creu nem soube que o Pai enviou o Filho (veja vs. 21, 23). O mundo ainda não os conhece (1 João 3:1). Mas a seu tempo esses pedidos serão respondidos. E assim, da mesma forma, a visão da glória (veja v. 24). Até onde fomos na dispensação divina, os desejos foram respondidos; o resto apenas espera por seu tempo.

Para nós, porém, amados, é muito reconfortante descobrir que todos esses gloriosos desejos para os santos, o nosso Senhor os fundamenta simplesmente no fato de que eles haviam recebido o testemunho do Filho sobre o Pai e haviam crido com certeza no amor do Pai. **"Eu lhes dei as palavras que Tu Me deste; e eles as receberam, e têm verdadeiramente conhecido que saí de Ti, e creram que Me enviaste"**.

Mas quão cheio de bênção é ver que somos apresentados diante de Deus simplesmente como crendo nesse amor! Quão certamente isso nos diz que o prazer do nosso Deus é este, que devemos conhecê-Lo em amor, conhecê-Lo como o Pai, conhecê-Lo de acordo com as palavras d'Aquele a Quem Ele enviou. Isto é gozo e liberdade. E é de fato somente como tendo visto Deus em amor, visto o Pai e ouvido o Pai em Jesus, que nos torna a família. Não são as graças que nos adornam, ou os serviços que prestamos, mas simplesmente que conhecemos o

Pai. É isto que distingue o santo do mundo, e lhe dá sua posição, como aqui, na presença do Pai. É simplesmente *isto* (como o Mediador aqui diz ao Pai sobre nós), que recebemos Sua Palavra, recebemos o testemunho de amor do Filho trazido do Pai.

Assim o divino Advogado pleiteia diante do trono. A glória do Pai, a Sua própria e a do Seu povo, são todas providas e asseguradas. E tendo assim derramado os desejos de Sua alma, Ele entrega **"o mundo"**, o grande inimigo, à atenção do Pai *justo.* **"Pai justo, o mundo não Te conheceu"**. Pois agora ele havia provado ser um mundo que de fato não conhecia o Pai, que odiava Aquele a Quem o Pai havia enviado, e do qual o Senhor estava agora tirando Seu povo. Ele não pede, entretanto, julgamento sobre ele; mas o deixa simplesmente sob a atenção do **"Pai justo"**, a Quem o julgamento pertencia.

E é meramente como *sendo ignorante do Pai* que o Senhor apresenta o mundo. Ele não denuncia seus pecados diante do trono, mas simplesmente o apresenta como ignorante do Pai; como antes, ao apresentar a Igreja, Ele não falou de suas graças ou serviços, como vimos, mas simplesmente disto, *que ela conhecia o Pai.* Pois assim como o conhecimento do Pai faz da Igreja ser o que ela é, assim esta ignorância quanto ao Pai é o que faz do mundo ser o que ele é. O mundo é aquele que se recusa a conhecer a Deus em amor, de modo a se alegrar n'Ele. Ele criará seus próprios prazeres e extrairá de seus próprios recursos; ele terá qualquer coisa, menos a música, o anel e o bezerro cevado da casa do Pai. O mundo foi formado por Satanás no jardim do Éden. Lá a serpente enganou a mulher; e, ao ser ouvida e havendo dialogado com ela, ela formou a mente humana de acordo com seu próprio padrão. Temos a história e o caráter dessa obra maligna em Gênesis 3. O amor de Deus e a Palavra de Deus foram difamados pelo inimigo – o homem acreditou na difamação e fez de Deus um mentiroso. A concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida foram plantadas na alma como poderes dominantes (Gn 3:6; 1 Jo 2:16); e então, a consciência, o medo e o afastamento em relação a Deus

se tornaram a condição na qual o homem foi lançado. O homem e a mulher passaram a conhecer que estavam nus e se esconderam entre as árvores, recuando da voz de Deus; e então, do esconderijo onde estavam, eles enviam desculpas para si mesmos e desafios a Deus. **"A serpente *me enganou*, e eu comi"**, diz Eva – **"A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi"**, diz Adão.

Assim era o homem então, e assim tem sido o mundo, desde então. As próprias concupiscências do homem o dominam, juntamente com medo de Deus, e desejo de estar à distância d'Ele; e o sussurro secreto de sua alma é que todo esse mal deve ser por culpa do próprio Deus.

De um mundo assim os santos são libertados em espírito e em chamado, e o próprio mundo é deixado, como aqui, para julgamento. Eles **"não são do mundo, como Eu do mundo não sou"**. O mundo não tinha lugar em Jesus. O príncipe dele veio e apenas obteve d'Ele o testemunho completo disto, que Ele amava o Pai, e faria como Ele havia ordenado (João 14:30-31). Assim os santos o tem deixado. Eles saíram de seus esconderijos à voz do Filho; eles ouviram sobre o amor do Pai para com eles; eles creram, e caminharam adiante sob a luz dessa verdade. A promessa de que a Semente da mulher feriria a cabeça da serpente tirou Adão de trás das árvores do jardim; embora *morto* em pecados, ele creu nesta promessa de vida, e saiu, de forma adequada, chamando sua esposa de **"a mãe de todos os *viventes*"**. E assim, como vimos neste capítulo, é apenas a crença na mensagem de amor que o Filho nos trouxe do Pai – é somente isso que faz dos santos o que eles são – uma eleição para fora das regiões tenebrosas e distantes onde o mundo habita, e onde o espírito do mundo respira. E é, como também vimos, a recusa em ouvir esta mensagem de amor que mantém o mundo ainda sendo o mundo. **"Pai justo, o mundo não Te conheceu"**. Pois os homens têm apenas que receber a palavra de reconciliação de Deus, crer em Seu amor no dom de Seu Filho, e então tomar seu

lugar feliz em Sua família como Seus escolhidos, **"aceitos no Amado"** (KJV).

Aqui termina a terceira seção do nosso Evangelho. Ela nos mostrou Jesus, o Filho do Pai, como nosso Advogado, fazendo Seus serviços constantes por nós – ela nos mostrou também Jesus, o Filho do Pai, revelando o Pai aos filhos. O Deus bendito havia obtido um nome para Si mesmo, o nome de **"Jeová"**, por Seus sinais e maravilhas no Egito e em Israel (Jr 32:20); mas agora Ele estava obtendo outro nome para Si mesmo, um nome de graça ainda mais rica, o nome de **"Pai"**. Este nome Ele obtém na Pessoa e pela obra do Filho do Seu amor; e o poder dele agora é tornado efetivo no coração dos filhos pelo Espírito Santo.

Eis que essas são apenas partes dos Teus caminhos, nosso Deus e Pai; mas quão pequena porção de Ti nossa alma estreita entende e desfruta!

Mas aqui, antes de entrarmos na última parte do nosso Evangelho, eu sugeriria que recebamos uma impressão de personalidade intensa, de um propósito divino para nos individualizar, quando lemos os escritos de João. Seu Evangelho nos dá isso imediatamente. O mundo não conheceu Aquele que o formou, Israel não recebeu Aquele que o possuía; mas **"a todos quantos"** O receberam, Ele os intitulou e os capacitou para se tornarem filhos de Deus. Isso lemos no início do Evangelho. Somos abordados em nosso lugar comum de ruína e em nosso caráter comum como pecadores, vítimas da mentira da antiga serpente. As cenas diante de nós nos mantêm no sentido de nossa individualidade diante de Deus. Elas não se dirigem a nós como em qualquer lugar relativo, ou onde dispensações anteriores podem ter nos colocado; mas sim onde a destruição comum da natureza nos colocou, naquelas **"trevas"**, naquela alienação de Deus, que nossa queda e apostasia no princípio nos trouxeram.

Que caráter direto e enfático é dado a essas Escrituras! Como elas nos dizem, seja de fato seu Evangelho ou suas epístolas que

estamos lendo, que devemos ter, e saber que temos, cada um de nós, nosso próprio lugar e interesse diante do Deus vivo.

E, de acordo com isso, podemos observar algo no próprio modo de agir do Senhor neste Evangelho de João que lhe é peculiar e característico desta intensa personalidade da qual estou falando.

Na parte inicial, ou durante Seu ministério público, os apóstolos são mantidos muito distantes d'Ele; e então, na parte seguinte, ou em Seus encontros e conversas com eles, eles são trazidos especialmente para perto d'Ele.

Na parte anterior, ou durante Seu ministério público (João 1:10), nós O vemos muito notavelmente *sozinho* em Sua obra, como, de fato, eu já observei antes. Ele não nomeia doze e setenta para serem os companheiros de Seu ministério como nos outros Evangelhos; Ele está sozinho com pecadores, tratando com eles dos grandes interesses da alma deles, na graça e virtude do Filho de Deus. E é abençoado ver isso. É um dos pensamentos mais preciosos para nós pecadores, que possamos estar a sós com Jesus, e que apóstolos e igrejas, ou companheiros santos e ordenanças, não são necessários para esta questão que é determinar nossa própria eternidade pessoal e individual. O poço de Samaria, onde o Filho do Pai encontrou a pecadora, era para ela um lugar tão solitário quanto Luz, antigamente, tinha sido para Jacó. Mas como Luz para Jacó, tornou-se Betel para ela, era a própria porta dos céus.

Mas, deixe-me acrescentar, este estar apartado de Seus apóstolos ou Seus discípulos, esta solitude do Filho de Deus com o pecador, durante Seu ministério público, era *por causa do pecador*, e *não contra os discípulos.* Ele amava Seus servos e companheiros, e não lhes recusaria uma parte em Seus serviços e recompensas. Mas Ele deve cuidar do pecador, e não permitirá que ele seja privado da profunda consolação que este pensamento deve trazer consigo, que no tratamento dos interesses dele quanto à eternidade, ninguém precisa estar com ele, a não ser Ele mesmo.

Esta cena pública de Seu serviço, no entanto, termina com João 10, como já dissemos. O fruto da graça sendo selado aos pecadores, no devido tempo, como também já dissemos, Jesus, deixando Seu ministério público, trata com os Seus em segredo; e então descobrimos que Ele Se aproxima mais do que nunca, tão perto, de fato, quanto Ele podia, tão perto quanto a afeição poderia desejar.

Depois que Judas se vai (João 13) e tudo se encerra entre Jesus e a cena exterior a Ele, e Ele pode ficar a sós com os discípulos, como Ele tinha estado com os pecadores, nós O vemos então nas intimidades mais queridas e próximas (João 14-16). Ele Se recolhe com eles como que para o seio de uma família, derramando a plenitude de Seu coração. Ele fala do Pai, e da casa do Pai, do amor do Pai, e dos segredos do Pai, prometendo também o Consolador para tornar isso eficaz à alma deles, e que Ele mesmo, embora em um lugar distante, continuaria a servi-los e Se lembraria deles. (Por causa da proximidade de Seu coração para com eles, Ele sente o descuido ou a indiferença deles, e lhes dá a conhecer (como a afeição próxima faria) que Ele sentiu isso, e foi ferido por isso. Veja João 14:28; João 16:5).

Que visão passa assim diante de nós no progresso deste divino Evangelho! Se, na parte anterior, a solitude do Filho de Deus com o pecador o fazia sentir como se estivesse à **"porta dos céus"**, o que esta última parte seria para a alma do santo, esta intimidade do Filho do Pai com Seus eleitos, senão o próprio céu!

O Evangelho de João é, de fato, o Evangelho das intimidades do Filho de Deus, primeiro com o pecador e depois com o discípulo. E bendito além de toda a expressão é tal pensamento, se ao menos tivéssemos um coração aberto e terno para recebê-lo.

Tudo é graça, e a graça se deleita em exibir tanto a *variedade* de seus caminhos, quanto às riquezas de seus tesouros. Oh, por uma mente simples e crente, amados, que seja capaz de se ocupar com tais segredos e tais tesouros!

João 18 – 21

Tenho seguido este Evangelho em sua ordem, até o final de João 17, tendo-o distribuído até agora em três seções principais: *a primeira,* apresentando nosso Senhor Jesus Cristo como o Filho de Deus, o Estrangeiro vindo do céu, e nos dando Sua ação e recepção no mundo; *a segunda*, exibindo-O em Suas relações e controvérsias com Israel; *a terceira,* dando-O a nós no seio de Seus eleitos, instruindo-os nos mistérios do sacerdócio celestial e em sua posição como filhos do Pai. E agora, temos que considerar *a quarta* e última seção, que nos dá o que acompanhou Sua morte e ressurreição. Que a entrada das palavras do Senhor ainda dê luz e leve consigo um cheiro para nossa alma d'Aquele Bendito de Quem elas falam!

Mas enquanto, em trabalhos como estes, amados, buscamos descobrir a ordem da Palavra divina, e somos levados a nos maravilhar com suas profundezas, ou admirar sua beleza, devemos lembrar que é sua *verdade* que devemos considerar principalmente. É quando a Palavra vem com **"muita certeza"**, que ela opera *eficazmente* em nós. Não será proveitosa se não for misturada com *fé.* Seu poder de alegrar e purificar dependerá de ser recebida *como verdade;* e enquanto traçamos, e apresentamos uns aos outros, as belezas, as profundezas, e as maravilhas da Palavra, devemos frequentemente parar e dizer à nossa alma como o anjo disse ao apóstolo sobrecarregado que tinha visto as visões adoráveis e ouvido as revelações maravilhosas, **"Estas são as *verdadeiras* Palavras de Deus"**.

O lugar em nosso Evangelho ao qual cheguei agora apresenta nosso Senhor Jesus Cristo em Seus sofrimentos. Mas posso notar que não são Seus sofrimentos que *O ocupam* neste Evangelho. Ao longo dele, Ele parece estar acima dos insultos do povo e da rejeição do mundo. De modo que, quando a última páscoa estava se aproximando, embora nos outros Evangelhos O vejamos com Sua mente cheia de ser o Cordeiro que foi escolhido para ela, e O

ouvimos dizer a Seus discípulos: **"Bem sabeis que, daqui a dois dias, é a páscoa, e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado"**, ainda assim em nosso Evangelho não é assim. Ele sobe a Jerusalém na época; mas é para assentar-se no meio de uma casa eleita (João 12:1). E assim depois. Quando Ele está a sós com Seus discípulos, Ele permanece acima de Suas tristezas e do mundo – Ele não lhes conta sobre os Judeus O traindo aos gentios, e sobre os gentios O crucificando – Ele não fala sobre Ele ser zombado, açoitado e cuspido, como nos outros Evangelhos. Tudo isso é deixado de lado. As muitas coisas que o Filho do Homem deveria sofrer nas mãos de homens pecadores não são contadas aqui. Mas, por outro lado, Ele assume já haver passado a hora do poder das trevas; e assim que O encontramos a sós com Seus eleitos, Ele Se coloca além dessa hora (capítulo 13:1). O Getsêmani e o Calvário estão atrás d'Ele, e Ele Se vê como tendo alcançado a hora, não a do jardim, ou a da cruz, mas a do Monte das Oliveiras, a hora de Sua ascensão; nosso evangelista diz: "**Ora, antes da festa da páscoa, sabendo Jesus que já era chegada a Sua hora** *de passar deste mundo para o Pai"*, estas palavras nos mostram claramente que Sua mente não estava em Seu sofrimento, mas no céu do Pai que estava além dele. Ele apresenta diante deles, não os memoriais de Sua morte aqui, mas de Sua vida no céu, como vimos; pois Ele lava os pés deles depois da ceia. E todo o Seu discurso com Seus amados depois (João 14-16) tinha esse cheiro. Tudo presumia que Sua tristeza havia passado – que Ele havia terminado Sua carreira – que Ele havia Se levantado contra o príncipe deste mundo e havia vencido – que Ele continuava no amor do Pai e que tudo estava pronto para Sua glorificação. Suas palavras para eles presumiam isso; e, com base nisso, Ele os fortaleceu para vencer, como Ele havia vencido. Em vez de contar-lhes sobre Suas tristezas, Seu objetivo é confortá-los nas deles. Ele lhes deu paz, a promessa do Consolador e da glória que havia de seguir. E quando, por um momento, como que pressionado pelo estado de espírito deles, Ele fala de todos eles O deixando só na hora vindoura, não foi sem esta garantia: **"mas não estou só, porque o Pai está**

Comigo". E, da mesma forma, quando Ele estava separando Judas dos demais, lemos que Ele **"turbou-Se em espírito"**; mas, assim que o traidor se foi, Ele se eleva à Sua própria elevação adequada e diz: **"Agora, é glorificado o Filho do Homem, e Deus é glorificado n'Ele"** Assim, se Sua alma passa por um gemido ou problema, é apenas por um momento, e apenas para conduzi-Lo a uma visão mais completa da glória que estava além de tudo isso.

É exatamente o mesmo à medida que Ele desce às sombras mais profundas de Seu caminho solitário. *Mesmo aqui, ainda é* a força que O acompanha por todo o percurso, e a glória que aparece diante ***d'Ele por todo*** caminho. E assim, seja no labor, no testemunho ou **no sofrimento**, Ele ainda está, neste Evangelho, em Sua elevação como Filho de Deus. Ele caminha na consciência de Sua dignidade; Ele toma o cálice como vindo da mão do Pai, e entrega Sua vida por Si mesmo.

João 18 – 19

Podemos lembrar que, em João 17, vimos nosso Senhor como o Advogado no templo celestial, fazendo Seus pedidos. Daquele lugar, Ele agora desce para encontrar a hora do poder das trevas. Naquele capítulo, Seu coração e Seus olhos estavam cheios da glória de Seu Pai, de Sua própria glória e a da Igreja; e a partir de tudo isso, assim em espírito posto diante d'Ele, Ele sai para suportar a cruz.

Nos outros Evangelhos, Ele encontra a cruz após o fortalecimento que Ele havia recebido do anjo no Getsêmani, mas aqui não temos nada dessa cena; pois essa era a passagem do Filho do Homem pela antecipação de Sua agonia, Sua alma estando profundamente triste até a morte, com a força de Deus ministrada a Ele por um anjo. Mas aqui é o Filho de Deus descendo como que do céu para enfrentar a cruz; e Sua passagem por toda a hora do poder das trevas é feita na força do Filho de Deus. Ele não busca companhia. Nos outros Evangelhos, nós O vemos

colocando de lado Pedro, Tiago e João, para, talvez, atrair a empatia deles para vigiar com Ele por uma hora. Mas aqui não há nada disso. Ele passa sozinho pela tristeza. Os discípulos, é verdade, vão com Ele para o jardim, mas Ele os reconhece ali apenas como necessitando de Sua proteção, e não como rendendo a Ele qualquer empatia desejada. **"Se, pois, Me buscais a Mim, deixai ir estes"**. Assim como o anjo não O fortalece no jardim, tampouco Seus discípulos permanecem ali com Ele em Seu favor. Ele desce como o Filho de Deus de Seu próprio lugar no alto; para caminhar (no que diz respeito ao homem) *sozinho* até o Calvário. Embora Seu caminho atual fosse até a cruz, ainda era um caminho de ninguém menos que o Filho de Deus. A solitude do Estrangeiro do céu é marcada aqui, como tinha sido por todo este Evangelho.

E deixe-me acrescentar (uma reflexão que me ocorreu com muito conforto), que há uma grandeza em Deus, no sentido da qual devemos exercitar muito nosso coração. Não há estreiteza n'Ele. O salmista parece se entregar a esse pensamento no Salmo 36. Tudo o que ele vê em Deus, ele vê na própria grandeza e excelência divinas. Sua misericórdia está *nos céus;* Sua fidelidade *até às mais excelsas nuvens;* Sua justiça é como *as grandes montanhas*, e Seus juízos são como *um grande abismo;* Seu cuidado preservador é tão perfeito que os *animais*, *bem como os homens*, *são os objetos desse cuidado;* Sua benignidade é tão preciosa, que os filhos dos homens se abrigam *sob a sombra de Suas asas;* Sua casa é tão abastecida com todo o bem, que Seu povo está *farto* com sua gordura; e Suas delícias para eles são tão completas, que eles bebem delas *como de uma torrente.* Tudo isso é a grandeza e magnificência de Deus, não apenas em Si mesmo, mas em Seus caminhos e relações conosco. E, amados, esta é uma verdade bendita para nós. Pois nossos pecados devem ser julgados diante da percepção desta grandeza. É verdade, de fato, que o pecado é excessivamente pecaminoso. A menor sujeira ou mancha na bela obra de Deus assume formas horríveis aos olhos da fé que avalia devidamente a glória de Deus.

Um pequeno buraco cavado na parede é suficiente para mostrar a um profeta grandes abominações. Mas quando trazido lado a lado com a grandeza da graça que está em Deus nosso Salvador, como ele aparece? Onde estava o pecado carmesim da adúltera? Onde estavam os pecados que, por assim dizer, envelheceram na mulher samaritana? Eles podem ser procurados, mas não podem ser encontrados. Eles desaparecem na presença da graça que foi trazida para brilhar ao lado deles. A graça abundante removeu a vergonha para sempre. Deus, que toma as ilhas como se fossem coisas muito pequenas e mede as águas na concha de Sua mão, leva nossos pecados para longe, **"à terra solitária"** (Lv 16:22).

"Eu ouço o acusador rugir
Dos males que cometi –
Eu os conheço bem, e milhares mais –
Jeová não encontra nenhum."

Com esses pensamentos, podemos muito bem encorajar nosso coração. Nosso Deus quer que O conheçamos em Sua própria grandeza. Coloque o pecado sozinho, e a menor partícula dele é um monstro. Coloque-o ao lado de Sua graça, e ele desaparece. E toda essa expressão da grandeza divina irrompe em Jesus por todo este Evangelho. Há em todos os lugares o tom e o porte do Filho de Deus n'Ele e ao redor d'Ele, embora O vejamos até mesmo em labuta ou em sofrimento.

Mas isso só de passagem. Agora seguimos nosso Senhor pelo ribeiro de Cedrom; e o local que devia ser para Ele de lembranças santas e comoventes. Pois foi aqui que Davi certa vez se deteve com Itai, seu amigo, e com Zadoque e a arca, quando ele saiu de Jerusalém com medo de Absalão. Por esse mesmo ribeiro, e subindo essa mesma subida do Monte das Oliveiras, o rei de Israel então passou chorando, com sua cabeça coberta e seus pés descalços, enquanto Aitofel, que outrora fora seu conselheiro, o traía, entregando-o aos seus inimigos (2 Sm 15). Lemos que Jesus frequentemente ia para lá; sem dúvida com essas

lembranças. Mas é o Filho de Deus que temos aqui no momento presente, em vez do Filho de Davi. O ribeiro é atravessado e o jardim é adentrado, não com lágrimas, e sem a arca, mas mais do que a arca em toda a sua glória e força, está para ser manifestada agora. O Senhor Se apresenta ao bando de oficiais e soldados cruéis, como eles eram, com esta palavra: **"A quem buscais?"** – assim Se dirigindo a eles, como no *repouso* do céu, que era Seu. E Ele vem no *poder* do céu, bem como em seu repouso – pois depois que Ele lhes diz: **"sou Eu"**, eles recuam e caem por terra. Nenhum homem poderia tirar Sua vida d'Ele. Ele tem até mesmo que lhes mostrar a presa; pois todas as suas lanternas e archotes não O teriam descoberto de outra forma. Cada etapa no caminho era d'Ele próprio e Ele deu Sua vida de Si mesmo. Aqueles que queriam devorar Sua carne deveriam tropeçar e cair. Aqueles que desejassem o Seu mal deveriam recuar e serem colocados em confusão. O fogo estava pronto para consumir este capitão e seus cinquenta (veja 2 Reis 1). Se o Filho de Deus tivesse querido, o inimigo ainda estaria deitado ali, no chão. Ele tinha vindo, no entanto, não para destruir a vida dos homens, mas para salvar; e, portanto, Ele daria a Sua própria vida. Foi visto que a glória que poderia ter confundido todo o poder do adversário estava escondida dentro do cântaro; mas Ele estava disposto a mantê-la escondida ainda.

E agora foi que, em espírito, Ele cantou o Salmo 27. O Senhor era Sua luz e Sua salvação, a quem Ele temeria? Ele tinha acabado de ver a glória de Deus no santuário (como vimos em João 17), e, de acordo com esse Salmo, Seu anseio era habitar naquela casa do Senhor para sempre. Era um dia de adversidade, é verdade; mas em espírito Sua cabeça estava exaltada acima de Seus inimigos; e Ele logo ofereceria sacrifícios de júbilo no tabernáculo, e cantaria Seus louvores ao Senhor (Salmo 27:1-6).

Assim, como Filho de Deus, Ele permaneceu nesta hora, e poderia ter permanecido contra todas as hostes deles; mas Ele quis tomar o cálice da mão de Seu Pai, e dar Sua vida pela Igreja. Aqueles que estavam com Ele se tornam agora, em sua obstinação, uma

ofensa a Ele. Seu reino ainda não era deste mundo; e, portanto, Seus servos não poderiam lutar. Pedro desembainhou sua espada, e teria mudado a cena para um mero teste de força humana. Mas isso não podia ser assim. É verdade, o Filho de Deus poderia ter permanecido. Ele poderia ter sido novamente a arca de Deus, com o poder do inimigo caindo prostrado diante dela; mas como então a Escritura seria cumprida? Ele, em vez disso, se coloca a Si mesmo nas mãos dos inimigos. **"Então a coorte, e o tribuno, e os servos dos Judeus prenderam a Jesus e O maniataram"**.

Assim foi, até agora, com o Senhor. E enquanto ainda O seguimos, continuamos traçando o caminho do Filho de Deus, o Senhor vindo do céu. Quer escutemos d'Ele com os oficiais, ou com o sumo sacerdote, ou diante de Pilatos, ainda é no mesmo tom de santa distância de tudo o que estava ao Seu redor. Eles podem fazer a Ele o que quiserem – Ele é como um Estranho a isso. Ele não tem o cuidado de responder a eles em seus assuntos. Ele passaria por tudo em solitude. As filhas de Jerusalém aqui não Lhe dão sua empatia, ou recebem a d'Ele; nem um ladrão que estava morrendo compartilha aquela hora com Ele. Ele é o Solitário por todo aquele caminho sombrio. Pedro é encontrado *no caminho dos ímpios, aquecendo-se entre eles*, como alguém que tinha apenas os recursos que eles tinham. Outro (talvez o próprio João) toma seu lugar *como conhecido do sumo sacerdote*, e obtém sua vantagem como tal. Mas tudo isso foi um afundamento na mera natureza, e deixar o Filho de Deus sozinho – como Ele lhes havia dito: **"vós**... **Me deixareis só; mas não estou só, porque o Pai está Comigo"**.

E Seu caminho, não preciso dizer, é imaculado. **"Seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso"**. Então Jesus é sem culpa, embora todos os outros falhem. Ele foi **"justificado no Espírito"** (ACF). Ele não tem passo a ser refeito, nenhuma palavra a ser retirada. Ele poderia justificar-Se em tudo, e até mesmo reprovar Seu acusador, e dizer: **"Se falei mal, dá testemunho do mal; e, se bem, por que Me feres?"**. Mas mesmo Paulo, em situação

semelhante, teve que retirar sua palavra, e dizer: **"Não sabia, irmãos, que era o sumo sacerdote"**.

Da mão do sumo sacerdote o Senhor passa para a mão do governador romano. E aqui uma cena se abre cheia de advertências solenes para todos nós, amados, assim como preserva diante de nós ainda o caráter pleno do nosso Evangelho.

É muito evidente que, durante toda essa cena, Pilatos estava desejoso de acalmar o povo e livrar Jesus da intenção maligna dos Judeus. Parece, desde o início, que ele estava ciente de algo peculiar neste Prisioneiro deles. Seu silêncio tinha tal caráter que, como lemos, **"o governador estava muito maravilhado"**. E que atrações divinas (podemos observar) cada pequena passagem de Sua vida, cada caminho que Ele percorreu entre os homens, devem ter surgido sobre tudo isso! E qual deve ter sido a condição dos olhos, do ouvido e do coração do homem, para não discernir e permitir tudo isso! A primeira impressão do governador foi fortalecida por tudo o que aconteceu enquanto a cena prosseguia; o sonho de sua esposa, a evidente malignidade dos Judeus e, acima de tudo, este Prisioneiro justo e inocente (embora assim em vergonha e sofrendo) ainda persistindo que Ele era o Filho de Deus, tudo isso assaltou sua consciência. Mas o mundo no coração de Pilatos era forte demais para essas convicções em sua consciência. Eles fizeram um alvoroço dentro dele, é verdade, mas a voz do mundo prevaleceu; e ele seguiu o caminho do mundo, embora assim convencido. Poderia, no entanto, ter preservado o mundo para si mesmo, ele teria preservado Jesus de bom grado. Ele deixou os Judeus entenderem plenamente que ele não tinha medo de Jesus; que Ele não era alguém que pudesse criar nele qualquer alarme sobre os interesses de seu mestre, o imperador. Mas eles ainda insistiram que Jesus estava Se fazendo a Si mesmo rei, e que se Pilatos deixasse esse Homem ir, ele não poderia ser amigo de César. E isso prevaleceu.

Como tudo isso nos leva a ver que não há segurança para a alma senão na posse daquela fé que vence o mundo! Pilatos não tinha

desejo pelo sangue de Jesus, como os Judeus tinham; mas a amizade de César não podia ser colocada em risco. Os principais de Israel temiam que, se deixassem este Homem assim, os romanos viriam e tirariam tanto seu lugar quanto sua nação (João 11:48); e Pilatos agora teme perder a amizade do mesmo mundo na pessoa do imperador romano. E assim o mundo uniu Pilatos e os Judeus no ato de crucificar o Senhor da glória! Como está escrito: **"Porque, verdadeiramente, contra o Teu santo Filho Jesus, que Tu ungiste, se ajuntaram, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel"**.

Ainda assim, como observei, Pilatos teria salvado Jesus, se pudesse, ao mesmo tempo, salvar sua própria reputação como amigo de César; e, portanto, foi por isso que ele agora entrou no tribunal e fez esta pergunta a Jesus: **"Tu és o rei dos Judeus?"** Pois, como os Judeus haviam entregado o Senhor a ele, sob a acusação de ter feito a Si mesmo rei (Lucas 23:2), se ele pudesse levar o Senhor a retratar Suas reivindicações à realeza, ele poderia tanto salvá-Lo quanto se manter ileso. Com o propósito de fazer isso, ele parece entrar no tribunal neste momento. Mas o mundo no coração de Pilatos não conhecia Jesus; como está escrito: **"O mundo não O conheceu"** (João 1:10; 1 João 3:1). Pilatos agora descobriria que o deus deste mundo não tinha nada no Senhor. **"Respondeu-lhe Jesus: Tu dizes isso de ti mesmo, ou disseram-to outros de Mim?"** Com isso, Nosso Senhor queria saber do próprio Pilatos onde estava a fonte da acusação contra Ele; se Sua reivindicação de ser Rei dos Judeus era questionada por Pilatos como protetor dos direitos do imperador na Judeia, ou meramente por uma acusação dos Judeus.

Sobre isso, posso dizer, pendia tudo na conjuntura presente; e a sabedoria e o propósito do Senhor ao dar à pergunta essa direção são manifestos. Se Pilatos dissesse que havia ficado apreensivo quanto aos interesses romanos, o Senhor poderia imediatamente tê-lo remetido a todo o curso de Sua vida e ministério, para provar que, no que diz respeito ao rei, n'Ele se achava a inocência. Ele havia ensinado a dar a César aquilo que é de César. Ele havia Se

retirado, partindo para um monte sozinho, quando percebeu que a multidão queria tomá-Lo à força para fazê-Lo rei. Sua controvérsia não era com Roma. Quando Ele veio, encontrou César na Judeia, e Ele nunca questionou o título dele de estar ali; em vez disso, em todos os momentos, Ele permitiu seu título, e tomou o lugar da nação, que, por causa da desobediência, tinha a imagem e a inscrição de César gravadas, por assim dizer, na própria terra deles. É verdade que foi o desprezo à majestade de Jeová que abriu caminho para os gentios entrarem em Jerusalém; mas Jerusalém era, por hora, o lugar dos gentios, e o Senhor não tinha controvérsia com eles por causa disso. Nada além da fé restaurada e da lealdade de Israel a Deus poderia anular legitimamente esse título dos gentios. A controvérsia do Senhor, portanto, não era com Roma; e Pilatos teria tido sua resposta de acordo com tudo isso, se o questionamento tivesse procedido dele mesmo como representante do poder romano. Mas não foi assim. Pilatos respondeu: **"Porventura sou eu judeu? A Tua nação e os principais dos sacerdotes entregaram-Te a mim. Que fizeste?"**

Ora, esta resposta de Pilatos transmitia a prova completa da culpa de Israel. Na boca daquele que representava o poder do mundo naquele tempo, o caso foi estabelecido, que Israel havia rejeitado o seu Rei e se vendido nas mãos de outro. Isto, no presente momento, era tudo quanto importava para Jesus. Isto imediatamente O levou para além da terra e para fora do mundo. Israel O havia rejeitado; e Seu reino, portanto, não era daqui; pois Sião é o lugar designado para o Rei de toda a Terra Se assentar e governar; e a incredulidade da filha de Sião deve manter o Rei da Terra afastado.

O Senhor, então, como este Rei rejeitado, ouvindo este testemunho dos lábios dos romanos, só podia reconhecer a perda presente de Seu trono: **"Respondeu Jesus: O Meu reino não é deste mundo; se o Meu reino fosse deste mundo, pelejariam os Meus servos, para que Eu não fosse entregue aos Judeus; mas agora o Meu reino não é daqui"**. Ele não tinha armas para a

guerra, se Israel O recusasse. Não havia debulha para Sua eira agora, pois Israel é Seu instrumento para trilhar os montes (Is 41:15; Mq 4:13; Jr 51:20), e Israel O estava recusando. Da casa de Judá, e somente dela, é que o Messias deve fazer **"o Seu majestoso cavalo na peleja"** (Zc 10:3); e, portanto, nesta incredulidade de Judá, Ele não tinha nada com que quebrar as flechas do arco, o escudo, a espada e a guerra (Sl 76). Seu reino não poderia ser deste mundo – "não poderia ser daqui"; Ele não tinha servos que pudessem lutar, para que Ele não fosse entregue aos Seus inimigos.

Esta perda presente de Seu reino, no entanto, não anula Seu título a ele; pois o Senhor, embora permitindo Sua perda presente dele, ainda permite isso em termos que expressam plenamente Seu título a ele, e levou Pilatos imediatamente a dizer: **"Logo Tu és rei?"** E a isto Sua boa confissão é testemunhada. Pois Pilatos não teria tido motivos para temer nem o desagrado de seu mestre nem o tumulto do povo; ele poderia ter seguido destemidamente sua vontade e libertado seu Prisioneiro, se o bendito Confessor agora alterasse a palavra que havia saído de Seus lábios e retirasse Sua reivindicação de ser um rei. Mas Jesus respondeu: **"Tu dizes que Eu sou rei."** Desta Sua reivindicação, não havia como recuar. Aqui estava Sua boa confissão diante de Pôncio Pilatos (1 Timóteo 6:13). Embora os Seus não O tenham recebido, ainda assim Ele era deles; embora o mundo não O conhecesse, ainda assim ele foi feito por Ele. Embora os lavradores O estivessem expulsando, ainda assim Ele era o Herdeiro da vinha. Ele foi ungido ao trono em Sião, embora seus cidadãos estivessem dizendo que não queriam que Ele reinasse sobre eles; e Ele precisa, por Sua **"boa confissão"**, confirmar plenamente Sua reivindicação a isso, e sustentar essa reivindicação perante todo o poder do mundo. Isso poderia armar todo esse poder contra Ele, mas precisava ser feito. Herodes, e toda Jerusalém, uma vez se perturbaram ao ouvir que havia nascido Aquele que era Rei dos Judeus, e Herodes havia procurado matar o Menino; mas que o mundo inteiro agora se perturbe, e arme seu poder contra Ele,

ainda assim Ele precisa declarar o decreto de Deus: **"Eu, porém, ungi o Meu Rei sobre o Meu santo monte Sião"** (Sl 2). Seu direito precisa ser testemunhado, embora na presença do usurpador, e na hora exata do poder dele.

Mas agora somos levados a outras revelações adicionais. Havendo essa **"boa confissão"** sido assim testemunhada, o Senhor estava preparado para revelar outras partes dos conselhos divinos. Quando Ele havia confirmado distintamente Seu título ao reino diante do mundo, Ele estava preparado para testificar Seu caráter e ministério *presentes.* **"Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a Minha voz"**. Sua possessão do reino foi por um tempo impedida pela incredulidade de Sua nação; mas Ele mostra que não houve falha no propósito de Deus com isso, pois Ele veio ao mundo para outra obra presente do que tomar Seu trono em Sião. Ele havia vindo para dar testemunho da verdade; e nosso Evangelho é especialmente o instrumento para apresentar o Senhor naquele ministério. Como é dito sobre Ele no início do Evangelho, **"O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse *O revelou"***. Ele havia vindo ao mundo para que pudesse dizer: **"Eu sou o Caminho, e a Verdade e a Vida"**. Ele havia vindo para que pudesse nos dar um entendimento para conhecer Aquele que é Verdadeiro (1 João 5:20). Ele estava manifestando o nome do Pai àqueles que Lhe haviam sido dados do mundo, e isso era o mesmo que dar testemunho da verdade (João 8:26-27). Todo aquele que era da verdade, como Ele aqui fala a Pilatos, estava ouvindo Sua voz. Suas ovelhas a tinham ouvido, enquanto outros não creram, porque não eram de Suas ovelhas. Aquele que era de Deus a tinha ouvido, enquanto outros não a ouviram, porque não eram de Deus (João 8:47).

Tal era o ministério *presente* do Senhor, enquanto Israel estava na incredulidade. Embora Rei dos Judeus, e, como tal, Rei de toda a Terra, Ele ainda não podia tomar Seu reino, pois Seu título havia sido negado por Sua nação. Ele deve assumir outro ministério, e o

caráter desse ministério Ele aqui revela a Pilatos, e vinha apresentando-o por todo o nosso Evangelho.

Assim, esta boa confissão diante de Pôncio Pilatos, registrada neste Evangelho, ainda conduz os pensamentos do Senhor exatamente na corrente deste Evangelho. Enquanto permanecendo nela, consentindo por um tempo em responder por Si mesmo, Ele ainda Se reconhece no mais elevado e santo ministério; sim, posso dizer, Seu ministério *divino*, um ministério que nenhum outro, senão o Unigênito do Pai, ninguém, senão Aquele que está no seio do Pai, Aquele que era cheio de graça e verdade, poderia ter cumprido.

Isso ainda é impressionante; e enquanto O seguimos até a cruz, ainda temos o Filho de Deus. Vemos Seu título ao reino confirmado com toda autoridade. O inimigo o teria apagado, mas ele não pode prevalecer. Pilatos, que antes desprezava as reivindicações de Jesus, dizendo aos Judeus: **"Eis aqui o vosso Rei"**, agora as publicará nas principais línguas da Terra, e não está no poder dos Judeus mudar sua decisão agora, como antes. A cruz será o estandarte do Senhor, e Jeová a adornará com inscrições de Sua dignidade real, ainda que a Terra nunca estivesse tão irada.

Mas este é o único Evangelho que nos dá esta conversa entre Pilatos e os Judeus sobre a inscrição na cruz; pois ela tinha o cheiro da glória de Jesus. E assim é somente nosso evangelista que nota a túnica tecida de alto a baixo, que era algo que os soldados não rasgariam – uma pequena circunstância em si, mas ajudando ainda a manter em vista (em plena harmonia com este Evangelho em geral) a santa dignidade d'Aquele que estava passando por esta hora de trevas.

É aqui também que nosso Senhor *coloca de lado Suas afeições humanas.* Ele vê Sua mãe e Seu discípulo amado perto da cruz; mas é apenas para recomendá-los um ao outro; e assim separar-Se do lugar que Ele uma vez havia preenchido entre eles. Doce, de fato, é ver quão fielmente Ele reconheceu a afeição até o

último momento em que Ele pôde ouvi-la. Nenhuma tristeza Sua (embora isso fosse amargo o suficiente, como sabemos) poderia fazê-Lo esquecê-la, Mas Ele não deveria reconhecê-la para sempre. Os filhos da ressurreição não se casam, nem são dados em casamento. Eles não deveriam, doravante, conhecê-Lo **"segundo a carne"**. Ele agora precisava formar o conhecimento que eles tinham d'Ele por outros pensamentos, pois, a partir de então, eles devem estar unidos a Ele como **"um Espírito"** (JND); pois tais são Seus benditos caminhos. Se Ele toma distância de nós, como não nos conhecendo **"na carne"**, é apenas para que possamos estar unidos a Ele em afeições mais próximas e interesses mais próximos.

E, ao olharmos mais profundamente do que as *circunstâncias* desta hora, se observarmos o *espírito do Senhor* na cruz, ainda discerniremos o Filho de Deus. Ele teve sede – Ele provou a morte, é verdade – Ele conheceu a secura daquela terra onde o Deus vivo não estava. Mas Sua percepção disso ainda é expressa em Seu próprio tom. Não vem no clamor: **"Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?"** Isso nos é dado em seu devido lugar. Mas aqui não se registra tal clamor; não há espanto de espírito, nem horror das grandes trevas por três horas; nem há uma entrega de Si mesmo ao Pai; mas é simplesmente: **"Tenho sede"**; e quando Ele entrou e passou por essa sede, Ele confirma o pleno cumprimento de todas as coisas, dizendo: **"Está consumado"**. Ele não recomenda Sua obra à aprovação de Deus, mas a sela com Seu próprio selo, atestando-a como completa e dando-lhe a qualificada sanção de Sua própria aprovação. E quando Ele pôde assim sancionar tudo como consumado, Ele mesmo entrega Sua vida por Si mesmo.

Esses foram fortes toques da mente em que Ele estava passando por essas horas; e essas horas agora terminam. O Filho de Deus estava agora aperfeiçoado como o Autor da salvação eterna para todos os que O obedecem; e a fonte para o pecado e para a impureza está aberta. A água e o sangue saíram para dar testemunho de que Deus nos deu a vida eterna, e esta vida está

em Seu Filho (1 João 5:8-12). Não temos aqui a confissão do centurião, **"Verdadeiramente, Este era o Filho de Deus"**; não temos a esposa de Pilatos, nem os lábios convictos de Judas, dando testemunho d'Ele. Jesus não recebe aqui testemunho de homens, mas de Deus. A água e o sangue são testemunhas *de Deus* a favor de Seu Filho, e da vida que os pecadores podem encontrar n'Ele. Foi o pecado que O traspassou. A ação do soldado foi uma amostra da inimizade do homem. Foi como o disparo sombrio de um inimigo derrotado após a batalha; tornando mais evidente o ódio profundo que há no coração do homem para com Deus e Seu Cristo. Mas isso apenas destaca as riquezas daquela graça que encontrou esse ódio e abundou sobre ele; pois foi respondido pelo amor de Deus. *A ponta da lança do soldado foi tocada pelo sangue.* A torrente carmesim brotou para remover o pecado carmesim. O sangue e a água fluíram através do lado ferido do Filho de Deus. Agora o dia da expiação havia chegado em sua plenitude; e a água da separação, as cinzas da bezerra ruiva, foram agora aspergidas. Este era o Cordeiro que Abel havia oferecido. Este era o sangue que Noé havia derramado e que dava livre curso à pura graça do coração de Deus para com os pecadores (Gn 8:21). Este era o Carneiro do Monte Moriá. E este era o sangue que diariamente fluía ao redor do altar de cobre no templo. Este era o sangue que é o único resgate dos inumeráveis milhares diante do trono de Deus.

Mas embora perfurado, para ser assim a fonte do sangue e da água, o corpo do Senhor não pode ser quebrado. O Cordeiro pascal pode ser morto, mas nenhum osso dele deve ser quebrado. Esse corpo fará todo o propósito do amor divino em abrigar o Primogênito – mas, além disso, é sagrado; nenhuma mão rude pode tocá-lo. Jesus deveria dizer: "**Todos os Meus ossos dirão: SENHOR, Quem é como Tu? Pois livras o pobre daquele que é mais forte do que ele; sim, o pobre e o necessitado, daquele que os rouba"**. E a Igreja é o Seu corpo. Ele é a Cabeça, e nós somos os membros; e todos os membros

desse único corpo, sendo muitos, são um só corpo, e nenhum osso desse corpo místico deve faltar: todos devem chegar ao homem perfeito (adulto – JND), à medida da estatura da plenitude de Cristo. Pois tudo, desde a antiguidade, foi escrito no livro de Deus e deve ser formado e peculiarmente trabalhado, cada um deles (Sl 139:16).

Assim foi com nosso Senhor em nosso Evangelho, enquanto Ele ainda estava na cruz. Em cada característica vemos o Filho de Deus. E enquanto O seguimos dali para o túmulo, ainda é o Filho de Deus que vemos. Não O vemos ali contado com os transgressores, nem com os ímpios em Sua morte; mas sim, vemos Sua sepultura com os ricos. Dois filhos honrados de Israel vêm para reconhecê-Lo, e se encarregam de Seu corpo, para derramar seus perfumes e empenhar seu trabalho sobre Ele.

Mas em tudo isso temos novamente algo a notar.

Quando o corpo do Senhor foi perfurado, não somente, como observei, permitiu que as testemunhas de Deus – o sangue e a água – fossem ouvidas, mas deu ocasião ao que estava escrito: **"Olharão para Aquele a Quem traspassaram"**. E esta palavra, que fala do arrependimento de Israel nos últimos dias, introduz a ação de José e Nicodemos, e os tornam os representantes do Israel arrependido. Eles vêm *por último* na ordem da fé. Eles haviam temido sua nação incrédula, haviam temido o trovão da sinagoga, e não haviam permanecido com o Senhor em Suas tentações, mas sendo apenas secretamente Seus discípulos. Eles eram lentos de coração; no entanto, no final, eles reconhecem o Senhor, e são levados a olhar para Aquele a Quem traspassaram. Eles tiram o corpo da cruz, fresco com a perfuração da lança do soldado; e, ao baixá-lo do madeiro, certamente devem ter olhado, e olhado bem, para as mãos, os pés e o lado ferido. E eles devem ter lamentado enquanto olhavam, pois o coração deles já estava amolecido para receber a impressão do Crucificado. E assim será com Israel. Eles vêm por último na ordem da fé, e são lentos de coração; mas no final, eles olharão para Aquele a Quem

traspassaram, e prantearão como alguém pranteia por seu filho unigênito.

E assim é com José e Nicodemos agora, e assim será, em breve, com os habitantes de Jerusalém. Esses dois israelitas, como verdadeiros filhos de Abraão, reivindicam o corpo do Senhor e o consagram, como que com a fé do patriarca (Gn 12, 26); e, como verdadeiros súditos do Rei de Israel, eles também o honram com as honras de um filho de Davi (2 Cr 16:14). Eles derramaram grandes quantidades de perfumes caros sobre Ele, e O colocam no jardim, em um túmulo novo e imaculado, sobre o qual o cheiro da morte nunca havia passado.

Aqui tudo se encerra por enquanto; aqui, no *segundo jardim*, como posso chamá-lo, o Segundo Homem está agora deitado na morte. No *primeiro jardim*, o primeiro homem andou com acesso à árvore da vida; mas ele escolheu a morte, no erro de seu caminho. Aqui, no *segundo jardim*, a morte, a penalidade, é encontrada. Jesus, sem ter tocado na árvore do conhecimento, sofre a morte. No primeiro jardim, todos os tipos de árvores boas para comida e agradáveis aos olhos foram vistas. Mas aqui, nada aparece, senão o túmulo de Jesus. Foi nisso que o pecado do homem terminou, no que diz respeito ao homem. Mas esperemos um pouco. Por tudo isso, o Filho de Deus logo Se tornará a morte da morte e a destruição do inferno, para trazer à luz a vida e a imortalidade, e plantar novamente no jardim a árvore da vida para o homem. Que surja apenas a terceira manhã, e este jardim, que agora testemunha apenas Jesus na morte, verá o Filho de Deus em ressurreição e vitória – em vida vitoriosa para os pecadores.

João 20

E assim, no início deste capítulo, é exatamente isso que encontramos. Jesus ressuscitou; o Esmagador da serpente; tornando-se, por meio da morte, o Destruidor daquele que tinha o poder da morte.

Aqui posso me desviar por um momento para observar com que força o Espírito de Deus, por toda a Escritura, desvenda os mistérios da vida e da morte. Ele quer impressionar nossa alma com um senso muito profundo disto, que perdemos a vida, e, até onde podemos agir, a perdemos irrecuperavelmente, mas que a recuperamos em Cristo, e a recuperamos n'Ele infalivelmente e para sempre.

Deus é **"o Deus vivo"**. Como tal, Ele está agindo nesta cena de morte. Ele veio para o meio dela como o Deus vivo. Como Ele poderia ter vindo de outra forma? Certamente podemos dizer, para a glória de Seu nome, que Ele não esteve aqui, se não naquele caráter. E Sua vitória como o Deus vivo, nesta cena de morte, é ressurreição. Se a ressurreição é negada, Deus não é conhecido, e é negado que o Deus vivo esteve aqui, e interferiu nas condições deste mundo arruinado e atingido pela morte.

É abençoado ver isso; e ainda assim é uma verdade muito segura e simples. Em Si mesmo como o Deus vivo, em Si mesmo, ou nos recursos que Sua própria glória ou natureza forneceu, Ele Se retirou, e ali agiu à parte do mundo, e acima da cena que se envolveu na morte. Se Sua criatura foi infiel, Sua criatura da mais alta dignidade, colocada por Ele sobre as obras de Suas mãos; se Adão O decepcionou, por assim dizer, se revoltou contra Ele, e trouxe a morte, Deus (bendito é dizer isso!) olhou para Si mesmo, e extraiu de Si mesmo; e ali, em Seus próprios recursos, nas provisões que Ele mesmo fornece, Ele encontra o remédio. E isto é, em Sua vitória como o Deus vivo, cuja vitória é ressurreição, Seu próprio recurso de vida, apesar das conquistas do pecado e da morte, que essas conquistas tomem qualquer forma que possam tomar. Isto é o que Ele tem feito neste mundo. Que a morte apareça, que o julgamento do pecado esteja pronto para ser executado, Ele é visto provendo expiação pelos pecados, e trazendo à tona uma coisa viva de debaixo da justa condenação e juízo de morte. O Jesus ressuscitado agora sela tudo isso para nós.

Este foi o terceiro dia, o dia designado – o dia em que Abraão, antigamente, havia recebido seu filho como se tivesse sido ressuscitado dos mortos – o dia do reavivamento prometido a Israel (Oseias 6:2) – o dia também em que Jonas estava novamente em terra firme.

Mas os discípulos ainda não conhecem seu Senhor em ressurreição. Eles O conhecem apenas **"segundo a carne"**; e, portanto, Maria Madalena é vista cedo no sepulcro, procurando por Seu corpo; e, com o mesmo pensamento, Pedro e seu companheiro correm para o sepulcro logo depois dela, e sua força meramente corporal, e não a inteligência da fé, carrega-os até ali. E ali eles contemplam, não seu Objeto, mas os troféus de Sua vitória sobre o poder da morte. Lá eles veem os portões de bronze e as trancas de ferro despedaçados. Os lençóis de linho e o lenço que havia estado sobre a cabeça do Senhor, como se Ele fosse um prisioneiro da morte, foram vistos ali como os despojos dos vencidos, sob a mão do Conquistador da morte. A própria armadura do valente foi exposta em sua própria casa; tudo isso proclamando em voz alta que Aquele que é o flagelo da morte e a destruição do inferno, esteve recentemente naquele lugar, fazendo Sua obra gloriosa. Mas, apesar de tudo isso, os discípulos não entendem; eles ainda não conheciam a Escritura, que dizia que era necessário que Ele ressuscitasse dentre os mortos; e eles voltaram para suas casas.

Maria, no entanto, permanece no local sagrado, recusando ser consolada, porque seu Senhor não estava lá. Ela teria de bom grado tomado um pano de cilício e, como outra, estendido para ela sobre uma pedra, se ela pudesse encontrar Seu corpo para vigiá-lo e guardá-lo. Ela chorando, abaixou-se, olhou para o sepulcro e viu os anjos. Mas o que eram os anjos para ela? A visão deles não a atemorizou, como aconteceu com as outras mulheres (Marcos 16); ela estava muito ocupada com outros pensamentos para ser movida por eles. Eles eram, é verdade, muito ilustres, assentados ali de branco e em estado celestial também; um na cabeceira e o outro aos pés, onde o corpo de Jesus havia sido

colocado. Mas o que era todo o esplendor para ela? O corpo morto de seu Senhor era unicamente o que ela buscava e desejava; e ela somente se afasta dessas glórias celestiais, para continuar a procurá-Lo; e então vendo, como ela julgou, o jardineiro, ela lhe diz: **"Senhor, se tu O levaste, dize-me onde O puseste, e eu O levarei"**. Ela simplesmente diz: **"Se tu O levaste"**, sem nomear Jesus; pois como ela era uma mulher afetuosa, ela supõe que todos devem estar tão cheios de seu Senhor quanto ela estava.

Bem, amados, isso pode ter sido apenas paixão *humana* e afeição *sem conhecimento;* ainda assim, foi usada em Jesus. E quem dera que algo mais dessa *disposição* fosse derramado em nosso coração. A afeição dela buscava um objeto certo, embora não o buscasse com sabedoria; e na bondade e graça habituais d'Aquele com Quem ela tratava, Ele lhe dá o fruto disso. Para ela que tinha, mais foi lhe dado. Ela havia aprendido completamente a lição de conhecer Cristo **"segundo a carne"**. Ela era a mais verdadeira de todas nisso; e seu Senhor agora a levará a um conhecimento mais rico de Si mesmo. Ele a levará a regiões mais elevadas do que ela até então havia considerado, **"ao monte da mirra, e ao outeiro do incenso"** (Cantares 4:6).

Para fazer isso com toda a gentileza, Ele primeiro responde à afeição humana dela, permitindo que ela ouça mais uma vez seu próprio nome em Sua voz bem conhecida. Essa era exatamente a nota que estava em plena harmonia com tudo o que estava então em seu coração. Era a única nota à qual sua alma poderia ter respondido. Se Ele tivesse aparecido a ela em glória celestial, Ele ainda teria sido um Estranho para ela. Mas esta deve ser a última vez que ela O apreenderia **"segundo a carne"**. Pois Ele agora ressuscitou dos mortos e está a caminho do Pai no céu, e a Terra não deve mais ser o cenário de sua comunhão. **"Não Me toques"** (TB), diz Ele a ela, **"porque ainda não subi para Meu Pai"**.

Talvez eu não precise observar quão completamente característico do nosso Evangelho é tudo isso. Em Mateus, ao

contrário, vemos as mulheres, em seu retorno do sepulcro, encontrando o Senhor, e o Senhor permitindo que elas abraçassem Seus pés e O adorassem; mas aqui, para Maria, é **"Não Me toques"**, pois este Evangelho nos fala do Filho no meio da família celestial, e não em Sua realeza em Israel e em Sua glória terrenal. A ressurreição, é bem verdade, garante toda aquela glória e reino terrenal a Ele (Atos 13:34); mas também foi um estágio para os lugares celestiais; e essa é a característica dela que nosso Evangelho nos dá.

Maria, como vimos, tem o direito de ser a primeira a aprender esses caminhos maiores de Sua graça e amor, e também de ser a feliz portadora das mesmas boas novas deste país distante e desconhecido para os irmãos. Jesus diz a ela: **"vai para Meus irmãos, e dize-lhes que Eu subo para Meu Pai e vosso Pai, Meu Deus e vosso Deus"** (E aqui, novamente, eu notaria outra diferença característica nos Evangelhos. Em Mateus, a mensagem era para encontrá-Lo na *Galileia;* e, consequentemente, os discípulos o fazem – mas aqui Ele não nomeia nenhum lugar na Terra; Ele simplesmente lhes diz que estava indo para *o céu*, lá em espírito para encontrá-los, diante de Seu Pai e do Pai deles, Seu Deus e do Deus deles.)

Assim ela é honrada, e ela vai preparar os irmãos para seu Senhor, enquanto Ele Se prepara para encontrá-los com uma bênção além de tudo o que eles já haviam alcançado. E suas notícias parecem tê-los deixado todos prontos para Ele; pois ao vê-los, na noite do mesmo dia, eles não estão surpresos e incrédulos, como estão no Evangelho de Lucas, mas parecem estar todos esperando e em expectativa. Eles não estão mais dispersados como antes (v. 10), mas reunidos como a família de Deus, e Ele, como o Irmão mais velho, entra, carregado com o fruto de Seu santo trabalho por eles.

Este foi um encontro de fato. Foi uma visita à família do Pai celestial pelo Primogênito. Foi em um lugar que estava além da morte, e fora do mundo. E tal é o lugar designado para o encontro

com nosso Senhor. Aqueles que em espírito permanecem no mundo nunca O encontram. Pois Ele é o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus dos estrangeiros e peregrinos. O mundo é um lugar contaminado, e devemos encontrá-Lo em ressurreição, no reino que não é do mundo.

Assim foi aqui com o Senhor e Seus irmãos. Ele agora, pela primeira vez, *realmente* os encontra, os encontra no lugar designado fora do mundo, e os encontra em caráter não menor do que o de Seus próprios irmãos. Agora foi que Ele começou a pagar Seus votos. Ele os havia feito na cruz (Sl 22). *Primeiro,* que Ele declararia o nome do Pai aos irmãos; *segundo,* que no meio da Igreja Ele cantaria Seu louvor. O primeiro deles Ele estava agora começando a pagar, e tem pago durante toda a presente dispensação, tornando conhecido à nossa alma o nome do Pai por meio do Espírito Santo. E o segundo Ele certamente pagará quando a congregação de todos os irmãos estiver reunida, e quando Ele liderar seus cânticos na alegria da ressurreição para sempre.

Agora também a vida prometida é realmente transmitida. **"Ainda um pouco, e o mundo não Me verá mais, mas vós Me vereis; porque Eu vivo, e vós vivereis"**. O Filho de Deus, tendo vida em Si mesmo, agora vem com ela para Seus santos. Ele sopra sobre eles agora, como antigamente Ele soprou nas narinas do homem (Gn 2). Somente este era o sopro do último Adão, o Espírito vivificador, que tinha uma vida a comunicar que foi conquistada do poder da morte, e que estava, portanto, além de seu mais extremo alcance. Aos irmãos agora é dado a conhecer a paz da cruz. Ele lhes mostra Suas mãos e Seu lado. A tristeza deles se transforma em alegria, pois eles **"se alegraram, vendo o Senhor"**. Ele estava Se revelando a eles como não Se revela ao mundo. O mundo, nesse breve encontro, estava completamente fechado fora; e os discípulos, como odiados pelo mundo, estão fechados dentro de seu próprio recinto, exatamente no lugar para receber uma manifestação especial d'Ele mesmo a eles, como Ele lhes

havia dito (João 14:22-24). No mundo eles estavam conhecendo tribulação, mas n'Ele conheciam paz.

Tudo isso era deles nesta breve, mas abençoada visita do **"Primogênito dentre os mortos"** aos Seus irmãos, comunicando-lhes a bênção que lhes pertencia *como filhos.* E assim este pequeno relacionamento foi uma amostra da comunhão que desfrutamos nesta dispensação. Nossa comunhão com Cristo não muda nossa condição no mundo, ou nos faz felizes *em meras circunstâncias.* Ela nos deixa em um lugar de provação; mas somos felizes n'Ele mesmo, na plena percepção de Sua presença e favor. Somos ensinados a conhecer nossa unidade com Cristo; e, por meio de nossa adoção e comunhão com o Pai, desfrutamos de paz estabelecida; estamos felizes por causa d'Ele, ressuscitado dos mortos, e temos a vida no Senhor ressuscitado comunicada a nós. Assim como vimos recentemente a armadura do inimigo conquistado no distante campo de batalha, aqui vemos o fruto da vitória trazido para casa para alegrar e assegurar os parentes do Conquistador. Quão pouco, de fato, alguns de nós conhecemos sobre tudo isso.

E esses frutos da vitória do Filho de Deus foram agora ordenados a serem levados em santo triunfo por todo o mundo em redor. **"Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós"**, diz o Senhor a Seus irmãos. Ele próprio veio do Pai com uma mensagem, não de juízo, mas de graça. E com uma comissão da mesma graça os irmãos são enviados. Eles são enviados pelo Senhor da vida e da paz, e com tal ministério eles testam a condição de cada alma vivente. A mensagem que eles carregam é vinda do Filho do Pai, uma mensagem de paz e vida garantida em e por Ele mesmo; e a Palavra então era, e ainda é: **"Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida"** – e o Senhor acrescenta, tornando-os, nisto, o teste da condição de cada um, como tendo o Filho ou não, **"Àqueles a quem perdoardes os pecados, lhes são perdoados; e, àqueles a quem os retiverdes, lhes são retidos"**.

Tal foi o primeiro encontro do Senhor com Seus discípulos, depois que Ele ressuscitou dos mortos. Ele nos apresentou os santos, como filhos do Pai, e seu ministério como tal, e nos deu uma amostra, ou primícias, daquela colheita no Espírito Santo que eles têm colhido desde então nesta dispensação.

E embora isso possa me afastar por um breve momento, não posso deixar de notar que o ministério confiado aos discípulos pelo Senhor, depois que Ele ressuscitou dos mortos, assume um caráter distinto em cada um dos Evangelhos. E assim como cada um dos Evangelhos tem um propósito distinto (segundo o qual todas as narrativas são selecionadas e registradas), assim a linguagem variada usada pelo Senhor em cada um dos Evangelhos, ao confiar este ministério a Seus discípulos, deve ser explicada e interpretada pelo caráter específico do próprio Evangelho.

Em Mateus, esta comissão é assim: – **"Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado"**. Ora, esta comissão era estritamente para os apóstolos, que já haviam sido ordenados pelo Senhor, e associados a Ele como Ministro da circuncisão (Rm 15:8). A comissão os contemplava como estando em Jerusalém, e partindo dali para fazer discípulos de *todas as nações*, e para que as guardassem nos mandamentos e ordenanças do Senhor. Pois é o propósito daquele Evangelho apresentar o Senhor em conexão Judaica como a Esperança de Israel, em torno de Quem a reunião das nações deveria acontecer. E, consequentemente, é assumida a conversão das nações, e o assentamento de todo o mundo ao redor de Jerusalém como o centro de adoração. Um sistema de nações restauradas e obedientes regozijando-se com Israel será manifestado em breve; e o Senhor ressuscitado olha para isso, ao confiar o ministério a Seus apóstolos no Evangelho de Mateus. (Posso observar que Israel ainda não havia fechado completamente a porta da esperança contra si mesmo. O testemunho do Espírito Santo sobre Jesus ressuscitado pelos

apóstolos em Jerusalém ainda não havia sido rejeitado. A possibilidade de esse testemunho ser recebido pode ser assumida; e o Senhor parece assumi-lo no Evangelho de Mateus.)

Mas em Marcos, essa perspectiva de conversão nacional é bem qualificada. Os termos da comissão são estes: **"Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado"**. Não é o discipulado de nações que é contemplado, mas o testemunho universal com aceitação parcial. Pois Marcos apresenta o Senhor em serviço ou ministério, e o caso de alguns receberem a Palavra, e alguns não a receberem, é antecipado, porque tais são os resultados que têm acompanhado todo o ministério da Palavra; como é dito em um lugar: **"E alguns criam no que se dizia, mas outros não criam"**.

Em Lucas, o Senhor, depois de interpretar Moisés, os profetas e os Salmos, e abrir o entendimento dos discípulos para entendê-los, entrega o ministério a eles desta forma: **"Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse e, ao terceiro dia, ressuscitasse dos mortos; e, em Seu nome, se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém. E dessas coisas sois vós testemunhas. E eis que sobre vós envio a promessa de Meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder"**. Esta comissão não parece ter sido dirigida estritamente para *os onze*, mas a outros também (veja Lucas 24:33). E seu ministério deveria começar *com* Jerusalém, e não *a partir* dela. E eles não têm permissão para sair em seu ministério até que tivessem recebido novo poder, reconhecendo assim que o que haviam recebido de Jesus, enquanto Ele estava na Terra, não era suficiente. E tudo isso era uma ruptura com a mera ordem terrenal ou Judaica. Esta foi, portanto, a comissão com um caráter um tanto alterado, adequado a este Evangelho de Lucas, que apresenta o Senhor mais amplamente, e não estritamente em associação Judaica.

Mas agora, em nosso Evangelho segundo João, não recebemos essa comissão de forma alguma, nem qualquer menção de **"poder do alto"**. (Na verdade, a palavra **"apóstolos"** não ocorre nenhuma vez neste Evangelho; e isso ainda está de acordo com seu caráter.) Simplesmente recebemos, como venho observando, a vida do Homem ressuscitado comunicada, e então os discípulos, com essa vida neles, são enviados para testar, em virtude dela, a condição de cada alma vivente. O Senhor lhes dá seu ministério como do *céu*, e não do *monte na Galileia.* Ele os envia do *Pai*, e não de *Jerusalém.* Pois, em nosso Evangelho, o Senhor deixou todas as recordações de Jerusalém para trás, e renunciou, por hora, a toda esperança de restaurar Israel e reunir as nações.

Esta variedade nos termos desta comissão e ministério é muito impressionante; e considerando os diferentes propósitos de cada Evangelho, é primorosa e perfeita. O mero racionalista pode tropeçar nela, e o homem que honra a Escritura, e que preservaria de bom grado sua justa reputação, pode tentar muitas maneiras de mostrar a consistência literal dessas coisas. Mas a Palavra de Deus, amados, não pede proteção do homem. Ela não busca que sejam feitas desculpas por ela, por mais bem-intencionadas que sejam. Em tudo isso não há desarmonia, mas apenas variedade; e essa variedade responde perfeitamente aos diversos propósitos do mesmo Espírito. E, embora assim variados, cada pensamento e cada palavra em cada um são igualmente e completamente divinos; e temos apenas que bendizer nosso Deus pela certeza, conforto e suficiência de Seus próprios testemunhos mais perfeitos.

Mas isto, irmãos, digo de passagem, desejando que o Senhor guarde nossa mente em todas as nossas meditações e em todos os conselhos do nosso coração.

Deixamos o Senhor em companhia de Seus irmãos. Ele estava colocando-os em sua condição de filhos do Pai, e elevando-os a lugares celestiais. Mas Ele tem propósitos concernentes a Israel,

assim como à Igreja. No último dia, Ele os chamará ao arrependimento e à fé, dando-lhes também sua devida posição e ministério. E essas coisas nós teremos reveladas em ordem diante de nós agora.

Tomé, lemos, não estava com os irmãos quando o Senhor os visitou. Ele não guardou seu primeiro estado, mas estava ausente, enquanto a pequena reunião se mantinha em prontidão para seu Senhor ressuscitado; e agora Tomé se recusa a acreditar em seus irmãos, sem o testemunho adicional de suas próprias mãos e olhos. E os Judeus, até hoje, como Tomé naquela ocasião, estão recusando o evangelho ou as boas novas do Senhor ressuscitado.

Tudo, no entanto, não terminaria assim. Tomé recupera seu lugar, **"e oito dias depois"** está em companhia dos irmãos novamente; e então Jesus Se apresenta a ele. Pois este segundo encontro foi por *causa de Tomé.* E o discípulo descrente é levado a reconhecê-Lo como seu Senhor e seu Deus. Assim como, em breve, **"oito dias depois"**, depois que uma semana ou dispensação completa tiver concluído seu curso, será dito na terra de Israel: **"Eis que Este é o nosso *Deus*, a Quem aguardávamos, e Ele nos salvará; este é o *SENHOR*, a Quem aguardávamos; na Sua salvação, exultaremos e nos alegraremos"**. Israel reconhecerá Emanuel *naquela ocasião;* e assim como o Senhor aqui aceita Tomé, então Ele dirá a Israel: **"Tu és o Meu povo"**.

Mas aqui devemos notar algo ainda mais significativo. O Senhor aceita Tomé, é bem verdade, mas ao mesmo tempo diz a ele: **"Porque Me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram"**. E assim será com Israel nos últimos dias. Eles conhecerão a paz da cruz, a paz plena da mão e do lado feridos de Jesus aqui mostrados a Tomé; mas eles receberão uma bênção inferior à da Igreja. Eles receberão vida do Filho de Deus; mas eles somente andarão no escabelo, enquanto a Igreja estará assentada no trono (Ap 5).

Aqui se encerra o mistério da vida, seja para a Igreja agora, ou para Israel em breve, e nosso evangelista, consequentemente, faz

uma pausa por um momento. Este era o Evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus, todo aquele que crê tem vida em Seu nome. Muitas outras coisas poderiam ter sido adicionadas, mas estas foram suficientes para atestar o Filho, e assim ser a semente da vida. O terceiro testemunho de Deus agora tinha sido ouvido. A *água* e o *sangue* tinham saído do Filho crucificado, e agora *o Espírito* foi dado pelo Filho ressuscitado. Os três que dão testemunho na Terra tinham sido ouvidos, e o testemunho vindo de Deus, de que Ele **"nos deu a vida eterna; e esta vida está em Seu Filho"** estava, portanto, completo; e nosso evangelista apenas diz: **"Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em Seu nome"**.

João 21

Assim, vimos a vida realmente concedida pelo Senhor ressuscitado a Seus irmãos, e o ministério confiado a eles como tal; e vimos a vida prometida a Israel na pessoa de Tomé. Mas este Tomé restaurado, ou o Israel de Deus no último dia, deverá (como a Igreja agora) obter *ministério*, bem como *vida*, ser *usado*, bem como *vivificado*. E obtemos a promessa disto também agora na devida ordem.

No início deste capítulo, vemos os apóstolos trazidos de volta à condição em que o Senhor os encontrou pela primeira vez. Pedro e os filhos de Zebedeu estão novamente em sua pescaria. De fato, seu árduo trabalho anterior não produziu nada. Suas redes haviam se rompido. O Senhor havia proposto usá-los, mas Israel em Sua mão provou ser apenas um arco enganoso, uma rede rompida. Mas agora eles estão em sua labuta novamente, e o Senhor aparece novamente, e lhes dá uma segunda pesca. E nisso, em companhia do próprio Senhor, eles se alimentam; e suas redes permanecem intactas.

Nosso evangelista observa que esta foi a "terceira vez" que Jesus Se mostrava aos Seus discípulos depois que Ele ressuscitou dos

mortos. Na *primeira*, como vimos, Ele Se encontrou com os irmãos para dar a eles, como a família celestial, sua comunhão e ministério. Na *segunda*, Ele restaurou Tomé, o representante da conversão e vida final de Israel. E agora, na *terceira*, Ele dá a garantia do ministério e da frutificação de Israel a Deus.

Esses três encontros distintos nos dão, dessa maneira, a visão completa da Igreja e de Israel. Mas devo notar particularmente outra atuação da consciência do amor, que é muito doce. Pedro sabia, apesar de tudo o que havia acontecido, que havia um elo entre ele e o Senhor; e Pedro, portanto, não tem medo de ficar a sós com Ele. É verdade que, quando haviam estados juntos numa ocasião anterior, Pedro O negou; e o Senhor Se virou e olhou para ele. Mas Pedro sabia que amava seu Senhor apesar de tudo; e agora ele não tem medo de se lançar ao mar e alcançar Jesus sozinho, antes dos demais. E há algo verdadeiramente abençoado nisso. A lei nunca poderia ter produzido tal coisa, nem, de fato, teria permitido isso. A vara da lei o teria repelido e o teria feito manter distância. Nada além da graça poderia permitir isso; nada, a não ser as cordas do amor, poderia ter atraído o negador Pedro para mais perto de seu desprezado Senhor, dessa maneira. Mas ainda há mais.

O jantar, como lemos, agora estava terminado – o propósito deste terceiro encontro agora estava respondido. Mas para encerrar tudo em graça e glória maravilhosas, e de uma forma também mais adequada e característica do nosso Evangelho, o Senhor Se volta para Pedro, tornando-o novamente Seu objeto especial, e Se dirigindo a ele de uma forma que não poderia, e não deixa, de chamar seu pecado à lembrança.

Aqui, porém, novamente eu faria uma pausa por um breve momento.

O Senhor teve muito a tratar com Pedro, mais do que com os outros discípulos, enquanto Ele estava no meio deles; e encontramos o mesmo depois que Ele ressuscitou. Pedro é aquele que ocupa a maior parte deste capítulo 21 de João. O

Senhor aqui continua com ele a obra graciosa que Ele havia começado antes de deixá-lo, e a continua exatamente do ponto onde Ele a havia deixado.

Pedro havia revelado confiança própria. Ele havia dito que ainda que todos se escandalizassem, ele não se escandalizaria; e mesmo que tivesse que morrer com seu Mestre, ele não O negaria. Seu Mestre lhe havia falado da vaidade de tais vanglórias, mas também lhe falou de Sua oração por ele, para que sua fé não desfalecesse. E quando a vanglória é descoberta sendo de fato vaidade, e Pedro negou seu Senhor até mesmo com juramento, seu Senhor olhou para ele, e esse olhar teve sua operação bendita. A oração e o olhar valeram. A oração impediu que sua fé desfalecesse, mas o olhar partiu seu coração. Ele não **"retirou-se"**, mas chorou, e chorou amargamente.

No início deste capítulo, encontramos Pedro nesta condição, aquela em que a oração e o olhar de seu divino Mestre o colocaram. Ele é capaz de ter uma prova muito doce de que sua fé não havia desfalecido, pois assim que ouve que é seu Senhor Quem está em pé na praia, ele se lançou ao mar para alcançá-Lo; no entanto, não como um penitente, como se ele já não tivesse chorado, mas como alguém que podia confiar em si mesmo em Sua presença, a presença de seu Mestre outrora negado, em plena certeza de coração.

A oração e o olhar já tinham, assim, como vemos agora, feito seu trabalho com Pedro, e não devem ser repetidos. O Senhor simplesmente continua com Sua obra assim iniciada, para conduzi-la à perfeição.

Assim, a oração e o olhar são agora seguidos pela palavra. A restauração agora segue a convicção e as lágrimas. Pedro é colocado no lugar de fortalecer seus irmãos, como seu Senhor uma vez lhe dissera, e também no lugar de glorificar a Deus por sua morte, um privilégio que ele havia perdido por sua incredulidade e negação. Esta foi a palavra de restauração

seguindo a oração que já havia sustentado a fé de Pedro, e o olhar que já havia partido seu coração.

Mas, sigamos mais adiante, quanto a este caso, pois é de profundo interesse para nossa alma.

No dia de João 13, o Senhor havia ensinado a este mesmo amado Pedro que um homem lavado não necessita ser lavado novamente, senão apenas seus pés. E exatamente desta forma Ele agora trata com ele. Ele não o coloca novamente no processo de Lucas 5, quando a pesca de peixes o dominou totalmente, e ele descobriu que era um pecador; mas Ele o restaura, e o coloca em seu lugar novamente. Isto é, Ele lava os pés de Pedro, como alguém cujo corpo já foi lavado.

Mestre Perfeito! Podemos dizer, como com admiração adoradora – O mesmo para nós ontem, hoje e para sempre; O mesmo em graciosa habilidade de amor, continuando com a obra que Ele havia começado antes; como o Senhor ressuscitado retomando o serviço que Ele havia deixado inacabado quando foi tirado deles; e retomando-o no mesmo ponto, unindo o serviço passado e o presente na mais plena graça e habilidade!

As três negações de seu Senhor parecem ser bem trazidas à mente, quando Jesus, pela terceira vez, lhe diz: **"Amas–me?"** Mas o Senhor, como temos observado, estava apenas restaurando completamente a alma e levando Seu santo a uma bênção mais rica. Ele o restaura ao seu ministério, pois outro não deveria tomar seu bispado; e então lhe promete força para servir seu Senhor nele, sem uma segunda negação ou fracasso. Ele o constitui Sua testemunha e servo no pleno poder da fé de um mártir. E tendo prometido esta graça a ele, que ele deveria assim testemunhar por Ele fielmente até a morte, Ele lhe diz: **"Segue-Me"**. (Jesus sabia de todas as coisas, e esse era o conforto de Pedro. Pedro tinha certeza de que seu Senhor conhecia as *profundezas*, bem como as *superfícies* das coisas, e assim que Ele sabia o que estava no coração de Seu pobre servo, embora seus lábios tivessem transgredido tanto.)

Este foi um momento do mais doce interesse. Sabemos que se sofrermos com Ele, também reinaremos com Ele; e se O seguirmos, onde o próprio Senhor estiver, ali estará Seu servo. Ora, este chamado a Pedro foi um chamado para seguir Seu Senhor ao longo do caminho do testemunho e do sofrimento, no poder da ressurreição, até o descanso em que esse caminho termina, e para o qual essa ressurreição conduz. Jesus havia dito a Pedro antes de deixá-lo: **"Para onde Eu vou não podes agora seguir-Me, mas depois Me seguirás"** (João 13). E o Senhor, como sabemos, estava então indo para o céu e para o Pai por meio da cruz. Este chamado presente estava, em espírito, cumprindo aquela promessa a Pedro. Era um chamado para ele seguir o Senhor, por meio da morte, até a casa do Pai. E, ao dizer essas palavras a ele, o Senhor Se levanta do lugar onde estavam comendo, e Pedro, assim convidado, se levanta para segui-Lo.

João escuta esse chamado, como se tivesse sido endereçado a ele também, e, ao ver o Senhor Se levantar e Pedro se levantar, ele imediatamente se levanta também. Pois ele sempre esteve mais perto do Senhor. Ele se recostou em Seu peito na ceia, e era o discípulo a quem Jesus amava. Ele sempre esteve no lugar de mais próxima empatia com Ele – então, por uma espécie de necessidade (bendita necessidade!) na ascensão do Senhor, ele se levanta, embora sem ser convidado.

Em tal atitude, nós os vemos agora. O Filho de Deus ressuscitou e está caminhando para fora de nossa vista, e Pedro e João O estão seguindo. Tudo isso é adorável e significativo além da expressão. Não vemos o fim do caminho deles, pois enquanto caminham assim o Evangelho se encerra. A nuvem, por assim dizer, os recebe fora de nossa vista. Olhamos em vão atrás deles, e o caminho dos discípulos está tão distante de nós quanto o de seu Senhor. Era, em princípio, o caminho que leva à casa do Pai, que sabemos estar preparada para o Senhor e Seus irmãos, a presença de Deus no céu.

Certamente, podemos dizer, o Noivo em nossa festa guardou o melhor vinho até agora. Se nossa alma puder entrar nisso, não há nada que se compare. Marcos, em seu Evangelho, nos conta do fato de o Senhor ter sido recebido no céu (Marcos 16:19); e Lucas nos mostra a própria ascensão, enquanto o Senhor estava levantando Suas mãos e abençoando Seus discípulos (Lucas 24:51). Mas tudo isso, por mais doce que fosse, não se compara ao que temos aqui. Pois tudo isso deixou os discípulos separados de seu Senhor. Ele estava então indo para o céu, e eles deveriam retornar a Jerusalém; mas aqui, eles O estão seguindo até o céu. O caminho deles não se encerra antes do fim completo do caminho d'Ele.

Esta não é outra senão a **"porta dos céus"** à qual nosso Evangelho nos conduz, e onde ele nos deixa. O Senhor está neste lugar, em plena graça para com Seus escolhidos. A recepção dos irmãos na casa do Pai está aqui garantida a nós. Nisto, Pedro e João são os representantes de todos nós, amados. Alguns, como Pedro, podem glorificar a Deus pela morte; e outros, como é sugerido aqui em relação a João, estarão vivos e permanecerão até que Jesus venha; mas todos devem seguir, seja Pedro ou João, Moisés ou Elias, seja morto em Cristo ou vivo em Sua vinda, todos serão arrebatados juntos para encontrar o Senhor no ar, e estar para sempre com Ele. Será para eles como a ascensão de Enoque antes do dilúvio. E sendo recebidos para Si mesmo, eles irão com Ele para o lugar preparado na casa do Pai, como Ele nos disse. (Não devemos afirmar que qualquer indivíduo *permanecerá* até que o Senhor venha. Isso é condenado pelo versículo 23. Mas o mesmo versículo nos permite afirmar que o Senhor pode vir antes de nossa morte, se Ele quiser.)

E posso observar que esta é a única visão da ascensão de nosso Senhor que nosso Evangelho nos dá. Mas é essa visão 15:8que está estritamente em caráter com todo o Evangelho, que nos dá, como tem sido observado, nosso Senhor Jesus em conexão com a Igreja como a família do Pai, a família celestial.

Pois esta ascensão não é propriamente para a direita de Deus, ou lugar de poder, onde Ele permanece sozinho, mas para a casa do Pai, onde os filhos também devem habitar. O caminho deles nessa direção vai tão longe quanto o d'Ele, por meio de Sua graça ilimitada; como aqui, como já observei, onde quer que Jesus tenha ido (algum lugar desconhecido e não contado quanto a esta Terra), lá Pedro e João O seguiram. Ele está aqui agindo como se tivesse ido e preparado o lugar prometido na casa do Pai, e tivesse voltado, e agora estivesse recebendo-os para Si mesmo, para que onde Ele está, eles possam estar lá também. E isso será realmente assim na ressurreição daqueles que são de Cristo em Sua vinda, quando os irmãos encontrarem seu Senhor no ar. O Filho de Deus estava agora, no fim, assim como havia feito no princípio, mostrando aos Seus *onde Ele habitava* (veja João 1:39); só que, no princípio, Ele era um Estrangeiro na Terra e eles permaneceram com Ele apenas um dia; agora Ele está retornando ao Seu próprio céu, e lá eles permanecerão com Ele para sempre. (Não temos menção neste Evangelho da **"vinda do Filho do Homem"**. Isso é falado em Mateus e nos outros, pois isso expressa a vinda do Senhor à *Terra* novamente, para julgamento sobre as nações, e para libertação do remanescente, e não implica o arrebatamento dos santos no ar.)

Nosso evangelista então apenas nos deixa ouvir a resposta completa do coração crente de todos os eleitos de Deus àquelas verdades e maravilhas da graça que agora tinham sido ditas. **"Sabemos que seu testemunho é verdadeiro"**. Eles selaram seu selo de que Deus é verdadeiro. E tudo isso é então encerrado com uma simples nota de admiração – pois tal, em princípio, julgo ser o último verso. E de fato isso é tudo o que ele pôde fazer. Não estava além de seu louvor! Que coração poderia conceber a plena excelência de Seus caminhos cujo nome ele agora estava publicando?

Aqui termina a quarta seção do nosso Evangelho; e aqui termina todo o resto. E que jornada através dela tem sido a do Filho de Deus! Tendo Se tornado carne no princípio, Ele andou na Terra

como o Estrangeiro vindo do céu, a não ser quando estava ocupado em ministrar graça e cura aos pecadores. O príncipe deste mundo, por fim, veio a Ele; mas, não encontrando nada n'Ele, ele O expulsou do mundo. Mas isso ele não pôde fazer até que, como o Salvador, o Filho de Deus tivesse realizado a paz de todos os que confiam n'Ele. Então Ele triunfantemente despedaçou o poder da morte; e, como o Senhor ressuscitado, comunicou a vida que Ele havia conquistado para Seu povo. E, finalmente, por uma ação significativa, prometeu a eles que para onde Ele estava indo, para lá eles O seguiriam, para que pudessem estar com Ele onde Ele estava; e isso, como sabemos, para sempre.

Nosso Evangelho começou com a descida do Filho e termina com a ascensão dos santos. E o tempo dessa ascensão, ou arrebatamento nos ares, eu julgo ser totalmente incerto. Pode ser amanhã, e será quando a plenitude dos gentios houver entrado, quando todos os santos tiverem sido trazidos, na unidade da fé, a um homem perfeito (adulto – JND). Ele não depende de um determinado lapso de tempo. Nenhuma profecia que envolva cálculo de tempo, eu acredito, diz respeito a esse tempo. Profecia dizem respeito ao retorno do Senhor à Terra, e não ao arrebatamento dos santos nos ares para encontrá-Lo. Nesse retorno do Senhor à Terra, os santos estarão com Ele; e esta Terra estará então preparada para ser o reino e herança comuns ao Senhor e aos Seus. E esse retorno, eu concordo, deve aguardar seu tempo prescrito, e o completo decurso dos dias e anos anunciados pelos profetas. Mas não há medida de dias ou anos do intervalo entre a ascensão do Senhor e a de Seus santos. O Espírito Santo, é bem verdade, nos deu caracteres morais de certos tempos, definindo assim **"os últimos tempos"** e **"os últimos dias"** (1 Timóteo 4; 2 Timóteo 3; e assim por diante); mas Ele nos diz também que, mesmo então, **"a última hora"** já havia chegado (1 João 2:18). Então, essa fé tem o direito de buscar seu gozo em encontrar o Senhor no ar a cada hora; com paciência, enquanto isso, fazer a vontade de Deus. E as profecias que

calculam o tempo (na medida em que ainda são futuras) não começarão (eu apenas dou meu julgamento) a ser aplicadas, nem os tempos que elas indicam começarão a fluir, até que esse arrebatamento aos ares aconteça. Então, de fato; o remanescente sofredor em Israel pode começar a contar os dias para seu consolo e para alimento de esperança; e, em sua mais profunda aflição, levantar sua cabeça, como sabendo que sua salvação se aproxima.

Depois de tudo isso, amados, nosso Deus pode muito bem reivindicar nossa confiança, e ser nosso título para a plena liberdade santa, e nossa fonte segura e constante de alegria. Isso é para honrá-Lo como *o Pai.* E se temos um pensamento d'Ele que deixa um aguilhão atrás dele, é o pensamento de tolice e incredulidade. Tudo é brilho para a fé. Assim é Deus nosso Pai. E no *Filho* do Seu amor somos aceitos. "Ele não viverá em glória, e nos deixará para trás" – e a linguagem de nosso coração para com Ele permanentemente deveria ser: **"Vem, Senhor Jesus"**. E essa confiança da adoção presente, e essa alegria da esperança, temos por meio do *Espírito Santo* que habita em nós, nosso Companheiro pelo caminho, nosso **"outro Consolador"** até que o Noivo nos encontre.

Ao nosso gracioso Deus (Pai, Filho e Espírito Santo) seja a glória para todo o sempre! Amém.

Uma Meditação sobre o Senhor Jesus Cristo, em Seus Vários Caracteres nos Quatro Evangelhos

Já passei o tempo de minhas meditações sobre os quatro evangelistas, notando o serviço diferente confiado a cada um deles pelo Espírito de Deus, ao nos apresentar o Senhor Jesus. A facilidade com que eles cumprem sua tarefa indica a inspiração sob a qual escreveram, e a consciência que tinham da verdade de tudo o que estavam registrando. É como a facilidade com que Aquele sobre Quem eles escreveram fez Suas obras e ensinou Suas lições, e essa facilidade, da mesma forma, revelava a presença daquela luz e poder divinos que O preenchiam. Mas, quer consideremos o Filho que foi o Ator em todas essas cenas benditas, ou o Espírito que é o Registrador delas, nossa alma pode muito bem ter certeza disto, que Deus Se aproximou muito de nós.

O Senhor Jesus esteve diante de nós de várias maneiras nestes Evangelhos. Nós O vemos Deus e Homem em uma Pessoa, e ainda sem confusão das naturezas, Um em glória eterna com o Pai e o Espírito Santo, e ainda, tão verdadeiramente, o Filho de Maria, nascido de uma mulher, Seu corpo formado no ventre da virgem. Nós O vemos o Filho no seio do Pai; o Verbo feito carne revelando Deus; o Filho de Deus, o Cristo, o Filho do Homem, o Filho de Davi, Jesus de Nazaré, o Servo, o Enviado, o Santificado, o Dado, o Selado, o Cordeiro; e então o Ressuscitado, o Ascendido, o Glorificado. Em tais títulos e caracteres lemos sobre Ele.

Ele é visto por nós também em variadas condições e circunstâncias. Muito diversificada, certamente, era Sua vida diária. Ele sempre foi um Estrangeiro, um Solitário; e ainda assim Alguém tão sempre acessível. Ele estava em contínuo confronto com os governantes; ensinando o povo; aconselhando, advertindo,

iluminando os discípulos que O seguiam; em comunhão mais próxima com os Doze; ou tratando ainda mais de perto e vivamente com almas individuais. Ele conhecia os ânimos dos fariseus, saduceus e herodianos, e tinha palavras a seu tempo para cada um deles. Ele tinha que responder a todo tipo de pessoas, todo tipo de doenças para curar, todos os tipos de necessidade e enfermidade para aliviar; casos de todos os tipos faziam demandas sobre Ele continuamente, e, como dizemos, de forma inesperada. Toda a Sua vida estava sempre estendendo um convite ao mundo sobrecarregado e aflito ao Seu redor. Nessas diferentes conexões vemos o Senhor.

Às vezes, da mesma forma, Ele é desprezado e rejeitado, vigiado e odiado; retirando-Se, como que para salvar Sua vida das investidas do inimigo.

Às vezes Ele está fraco, seguido apenas pelos mais pobres do povo; cansado e faminto, atendido por algumas mulheres amorosas que sabiam que eram Suas devedoras.

Às vezes, Ele é, com toda gentileza, compassivo com as multidões ou fica em companhia com Seus discípulos.

Às vezes Ele está em força, fazendo maravilhas ou emitindo alguns raios de glória; os reinos da morte e os poderes dos mundos invisíveis estando sujeitos a Ele.

Dessa forma Ele está novamente diante de nós, conforme lemos os Evangelistas. **"Aquele que desceu é também O mesmo que subiu"**, certamente podemos dizer, neste sentido. Ele pedirá um copo de água da mão de uma estrangeira, porque está cansado do Seu caminho, embora transforme água em vinho para uso de outros. Ele pedirá um barco emprestado a um pescador quando o povo O pressionasse e O oprimisse. Ele Se fará passar por um viajante, que iria para mais longe, e não entraria, sem ser convidado, na morada de outros. E ainda assim, quando as ocasiões o exigissem, Ele reivindicaria um animal do seu *possuidor*, como tendo o título de *Senhor* sobre o animal; ou que

se saiba que a destra do poder nas alturas era Seu assento, e as nuvens eram a Sua carruagem.

O mundo não conteria os livros que seriam escritos, se tudo fosse contado; mas o que é contado é contado para nossa bênção, para que possamos conhecê-Lo, viver por esse conhecimento, amá-Lo e confiar n'Ele.

Suas glórias são tríplices: pessoal, oficial e moral. Sua glória pessoal Ele velou, a não ser quando a fé a descobrisse, ou uma ocasião a exigisse. Sua glória oficial Ele velou da mesma forma. Ele não andou pela terra nem como o Filho divino no seio do Pai, nem como o Filho de Davi com a correspondente autoridade. Tais glórias eram comumente escondidas enquanto Ele passava pelas circunstâncias da vida diária. Mas Sua glória moral não podia ser escondida. Ele não podia ser menos que perfeito enquanto agia, ou enquanto era visto e ouvido. A glória moral pertencia a Ele – era Ele mesmo. Por causa de sua intensa excelência, ela era brilhante demais para os olhos do homem, e o homem estava sob constante exposição e repreensão por causa dela – mas ali ela brilhava, quer o homem pudesse suportá-la ou não. Agora ela ilumina cada página dos quatro Evangelistas, como uma vez iluminou cada caminho que Ele próprio trilhou nesta nossa Terra.

Mas além dessa glória moral que sempre brilhou n'Ele, nós O vemos indo de glória em glória ao longo de todo o caminho desde o ventre até aos céus. Nossos evangelistas nos capacitam assim a rastreá-Lo.

Em Seu nascimento, Ele surge na glória da Humanidade imaculada. Ele nasceu de uma mulher, nasceu no mundo. Ele era, no entanto, **"o Ente Santo"** (ARA). E assim, em Sua Pessoa, é vista a glória plena da natureza que Ele havia assumido.

Durante Sua infância e juventude, e todo o período de Sua sujeição aos Seus pais em Nazaré, era a glória da lei que Ele estava refletindo. Perfeito sob Moisés, Ele cresceu em graça (favor – JND) diante de Deus e dos homem. Moisés, em seus dias,

trazia em seu rosto a glória da lei; mas ele a trazia apenas de forma oficial ou representativa (2 Co 3:7). Ele não podia refleti-la de forma essencial ou pessoal, pois ele mesmo não estava guardando-a. Ele não podia fazer isso. Como o mais fraco no acampamento, ele tremeu ao ouvi-la. Mas Jesus a guardou, e assim, pessoalmente ou essencialmente, Ele trazia o reflexo dela. Claro, refiro-me em espírito. Ele era a expressão viva da perfeição que a lei exigia.

No devido tempo, no entanto, Ele tem que deixar as solitudes de Nazaré. Ele é batizado; tomando o novo lugar para o qual a voz de Deus havia chamado Israel. Ele estava, assim, cumprindo *toda* a justiça; aquela exigida por alguém chamado de Deus, bem como aquela exigida por outro.

Aqui, no entanto, podemos permanecer por um momento, e notar algo peculiar. Ele Se retirou *imediatamente* de debaixo de João. Seu batismo foi mais *acompanhado* do que *sucedido* por Sua unção, por Sua ordenação (como podemos chamá-la), Sua comissão por parte do Pai, e capacitação pelo Espírito Santo; pois lemos: **"E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que Se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre Ele. E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o Meu Filho amado, em Quem Me comprazo"**.

Isto é peculiar. Jesus não foi mantido um momento sequer sob o batismo de João. Ele não podia permanecer ali. Nenhum fruto de arrependimento poderia ser esperado d'Aquele que já havia sido perfeito sob a lei. Ele *passou* por este batismo porque Ele cumpriria toda a justiça; Ele não foi *mantido* sob ele, porque nenhum fruto desse batismo, nenhum **"fruto digno de arrependimento"** poderia ser exigido d'Ele. Quando Ele saiu da água, os céus se abriram sobre Ele, o Espírito desceu, e a voz disse: **"Este é o Meu Filho amado, em quem me comprazo"**. Esta foi a Sua glória, como posso dizer, sob *João* – verdadeiramente peculiar e perfeita em sua geração.

Então, como Ungido e Comissionado, Jesus surge em ação. Não é mais apenas Nazaré, mas toda a terra. E Ele surge para manifestar o caráter divino. O perfeitamente Obediente ainda, honrando a lei em cada jota e til, Seu negócio agora é manifestar o Pai e a bondade divina, em meio às misérias e necessidades de um mundo autodestruído. A glória da *Imagem do Pai* agora brilhava n'Ele, no ministério que Ele tinha vindo cumprir.

Não foi meramente como perfeito sob a lei que Ele Se mostrou ao mundo. Ele mesmo guardou a lei, mas não a apresentou a outros. Se Ele tivesse feito isso, Ele teria sido um legislador, como Moisés havia sido. Mas, enquanto a lei foi dada por Moisés, foi **"a graça e a verdade"** que vieram por Jesus Cristo. Em retiro em Nazaré, Ele trazia sobre Si a glória da lei; em público, em meio às ruínas do homem, Ele trazia a glória do Pai, manifestando o caráter divino em favor da necessidade e da miséria, embora ainda fosse o Obediente, e tão perfeito sob a lei como antes. Mas quem O via, via Aquele que O enviou. Tal era o vivo, o ativo e o ministrador Jesus.

Como o morto, o ressuscitado e o ascendido Jesus, nós O vemos em seguida. Por Sua morte, tudo o que poderia manter a justiça de Deus, enquanto Ele estava tornando o pecador justo, ou justificando-o, foi mantido. A cruz reflete as glórias reunidas de misericórdia e verdade, de justiça e paz. Glória a Deus, paz aos pecadores, é a linguagem dela. A plena glória moral brilha ali, enquanto Deus aceita e perdoa o mais vil. O véu do templo foi rasgado por ela, assim como foram os túmulos dos santos. É justo para Deus (fruto também, eu sei, de riquezas ilimitadas e eternas de graça) justificar o pecador que pleiteia a cruz. E assim, a glória de *Deus* agora brilha na face d'Aquele que estava morto e está vivo novamente – na face do Crucificado assentado à direita da Majestade nos céus.

Certamente, posso portanto dizer, é como de glória em glória que vemos o Senhor percorrendo todo o caminho, o maravilhoso e variado caminho, desde o ventre até aos céus. A glória da

natureza humana brilhou em Sua Pessoa quando Ele nasceu da virgem; a glória da *lei* brilhou em Seu comportamento e maneiras enquanto Ele cresceu e viveu por trinta anos em solitude, ou em sujeição a Seus pais em Nazaré; a glória do *Cumpridor de toda a justiça* brilhou em Sua momentânea passagem pelo batismo de João; a glória do *Pai* brilhou em Seu ministério pelas cidades e aldeias de Israel; e a glória de *Deus* agora brilha na **"face de Jesus Cristo"**, ressuscitado, ascendido e assentado nos céus, após Sua crucificação e morte.

E traçando assim Suas glórias do ventre aos céus, posso me lembrar do que alguém disse sobre Sua ascensão. *"Na trasladação de Elias, os delineamentos da ascensão de Cristo aparecem, a ascensão d'Aquele que, não arrebatado em uma carruagem de fogo, nem necessitando da purificação daquele batismo de fogo, nem requerendo uma carruagem comissionada para carregá-Lo, porém, na calma muito mais sublime de Seu próprio poder interior, Se elevou da Terra e, com Seu corpo humano, passou para os lugares celestiais"* (Trench's Hulsean Lectures). Muito verdadeiro e belo.

Mas, além disso, os evangelistas nos dão amostras das glórias que O aguardam no dia vindouro de Seu poder. A transfiguração, a entrada em Jerusalém e o desejo dos gregos na festa nos mostram **"o reino"** em certos aspectos dele. Pois essas várias ocasiões colocam Suas glórias diante de nós por um momento. Os céus e a Terra, os lugares ao redor do trono no alto, Israel e sua Jerusalém, com todos os gentios desde os quatro ventos do céu, são vistos aqui entretendo-O adequadamente, de acordo com seus diferentes estados e capacidades.

Na transfiguração, nós O vemos aceito nos lugares celestiais, recebendo ali aquelas honras que tais lugares em suas mais elevadas esferas bem sabiam que pertenciam a Ele, e honras tais que somente esses lugares poderiam Lhe conferir. Ele é aqui glorificado com a glória do celestial. Suas vestes também são batizadas na luz celestial. Aqueles que pertencem a essas esferas

saem para atendê-Lo. Moisés está de um lado, e Elias do outro; mas Jesus, como o Sol, está no centro ou fonte da glória a qual então os envolvia a todos.

Esta era Sua completude e honra no céu. Ele foi pessoalmente glorificado ali, e Seu séquito enchia o templo.

Ao entrar em Jerusalém, nós O vemos aceito em Israel, recebendo, da mesma forma, tais honras que Israel poderia conferir a Ele. O dono do jumento reconhece Sua reivindicação mais elevada como Senhor. A multidão, é verdade, não pode batizar Suas vestes em glória, como os céus antes fizeram, mas eles podem estender suas próprias vestes sob Seus pés, e cercá-Lo com as alegrias de uma festa de tabernáculos. Não há glorificados para esperá-Lo, para sair de suas casas de glória para saudá-Lo e honrá-Lo; mas Seus cidadãos O saudarão como seu Rei.

E os gregos, representantes das nações, estão prontos para esperar na festa, para esperar por Ele como o Senhor da festa – como Zacarias tanto antecipa quanto requer (Zc 8:20-23; 14:17). O Senhor recusou isso naquele momento, é verdade (Jo 12). Sua hora não havia chegado. Ele seria, por enquanto, a *Semente sob o solo,* em vez do *Molho* (ou *Feixe* – ARA) *no dia da colheita.* Tudo isso é assim; mas ainda assim, os gregos estavam prontos em seu lugar, como os céus estavam prontos no dia do Filho de Davi.

Mas tudo isso durou apenas um momento. Sabemos que, apesar dessa passageira exultação da multidão, eles e seus principais rapidamente O negaram; sim, e a inimizade das nações nos é mostrada na cruz, em companhia da incredulidade de Israel. Ainda assim, Suas glórias brilharam assim por esses pontos e essas ocasiões, para que pudéssemos reuni-las como penhor – fragmentos ou antecipações do que O aguarda no dia em que o céu e a Terra e toda a criação de Deus, em suas várias maneiras, falarão d'Ele e reconhecerão Sua presença em um mundo digno d'Ele. E que esperança seria, se tivéssemos um coração voltado para Ele, vê-Lo em um mundo que será digno d'Ele.

Mas não conhecemos essas glórias como deveríamos, e às quais as páginas dos Evangelistas nos apresentam. Acima de tudo, não usamos essa Imagem de Deus com aquela fé simples que ela requer. Temos nossos próprios pensamentos sobre Deus; e eles provam, mais ou menos, ser a perda e a tristeza de nossa alma. Mas o apóstolo pôde nos dizer o valor dessa Imagem. Ele pôde testemunhar como essa glória de Deus na face de Jesus Cristo surge no coração; como, antigamente, a Palavra que ordenou que a luz brilhasse das trevas surgiu na criação (2 Co 4:6). E deveríamos instruir nosso coração que não mais se ocupe com seus próprios pensamentos e devoções religiosas, mas que se ocupe com essa Imagem de Deus, e encontre nosso objeto e nosso descanso nela.

Qual é a obra do Espírito Santo nos apóstolos, seja falando aos pecadores por meio da pregação, ou ensinando os santos por meio de epístolas, senão a revelação do Jesus que os evangelistas, sob Sua direção, já nos deram? Certamente Jesus é tudo. "Cristo é tudo." E por diferentes persuasões e argumentações somos desafiados a fazer d'Ele o nosso tudo. Nada é deixado para nossas próprias especulações – absolutamente nada.

Temos o próprio Deus revelado em nossa própria natureza, em nosso próprio mundo, em nossas próprias circunstâncias. Com razão reis e profetas desejaram tal privilégio. Mas eles não o tiveram. É nosso, e está além de todo preço. Não somos deixados para reunir nosso conhecimento de Deus a partir de descrições; nós vemos, ouvimos e aprendemos por nós mesmos, por meio da manifestação pessoal, Quem Ele é e o que Ele é. Sentamo-nos diante de Sua Imagem, Sua Semelhança, no Senhor Jesus. O evangelho é **"o evangelho de Cristo, que é a imagem de Deus"** (KJV). A Escritura, como posso dizer, permite que Deus Se revele por meio de Seus atos, e não adota o método de descrevê-Lo. Ele não confiou a revelação de Si mesmo à pena de uma descrição, ainda que inspirada. Ele graciosamente escolheu ser o Seu próprio Revelador, em ação viva e pessoal, por meio de Suas

próprias palavras e feitos – a maneira mais simples e segura de Se tornar conhecido, a maneira pela qual o caminhante errará, e pela qual a criança não precisa se enganar em sua lição.

E, de acordo com isso, vemos o Senhor, durante Sua vida, em constante atividade. Pois há um profundo significado nessa atividade. Ele estava por meio dela sempre pressionando Deus ou o Pai sobre a atenção dos pecadores; e essa diligência constante em fazer e falar nos diz que Ele quer que aprendamos *muito* de Deus. Parece nos dizer que devemos nos familiarizar *amplamente* com Ele; em tudo aquilo, pelo menos, em que tal conhecimento é bom, doce e proveitoso, adequado a nós em nossas necessidades e para nossa bênção.

Não é por meio de tratados ou discursos, mas por meio de atividades pessoais em nossas próprias circunstâncias comuns, que O aprendemos; e, portanto, quanto mais simples formos, quanto mais nos comportarmos como crianças (que aprendem suas lições em vez de discuti-las), tanto mais certamente O encontraremos, O alcançaremos e O conheceremos.

A natureza divina foi encontrada em Sua Pessoa, o caráter divino em Sua vida. E isso nos dá interesse em cada passagem de Sua vida, por menor, mais ocasional ou comum que seja. Pois aquele que traça a vida e a morte de Jesus lê Deus, ou as características da glória moral divina.

E eu pergunto, amados: Será que esta imagem, esta glória, como resplandeceu no rosto de Jesus, causou alarme? Os pecadores tiveram que tratá-la como Israel tratou a glória que resplandecia na face de Moisés? Será que o pobre, aquele que fora convencido, precisava que o Senhor colocasse um véu em Seu rosto, como Arão e os filhos de Israel exigiram que Moisés fizesse? A samaritana foi convencida tão profunda e completamente como nunca o Sinai a teria convencido. Jesus tinha *todos* os segredos de sua consciência expostos. Mas ela se retirou? A pecadora no templo está diante de Jesus como alguém a quem a lei teria apedrejado. Mas ela se esconde? Ela acha aquela luz

opressiva ou esmagadora, a luz que então enchia aquele lugar, e que havia esvaziado dele os seus acusadores?

E pergunto novamente: Os discípulos, que andavam com Ele todos os dias, tremiam diante d'Ele? Será que desejavam que Ele Se afastasse como se sentissem que Sua presença era demais para eles? Nada disso. Eles ficaram tristes quando Ele falou em deixá-los; e quando eles de fato O perderam, como julgaram, foram encontrados pelos anjos chorando. Eles nunca andaram com Ele como se desejassem que um véu estivesse em Seu rosto. E Suas repreensões não mudaram isso. Para seus espíritos, tais repreensões, embora fossem severas às vezes, jamais foram os trovões do Monte Sinai. Eles sentiram a santidade de Sua presença e ficaram envergonhados de revelar o segredo de seu coração; mas nunca desejaram Sua ausência. Que privilégio! Que consolo!

Podemos bem entender como é mais fácil receber alguém de distinção em nossa casa, do que ir visitá-lo em sua casa. Mas uma visita *dele* seria a maneira mais segura de nos preparar para fazer uma visita a ele, e vê-lo naquelas condições e circunstâncias que são propriamente dele, e superiores às nossas. E assim é entre o Senhor e nós. Quem pode descrever isso em sua bem-aventurança! Ele esteve aqui, no meio de nossas circunstâncias, como o Filho do Homem que veio comendo e bebendo, mostrando-Se na graciosa liberdade de Alguém que queria ganhar nossa confiança. Ele andou e falou conosco como um homem faria com seu amigo. Ele nos conheceu face a face. Ele estava em nossa casa. E, depois que Ele ressuscitou, Ele retornou para nós, se não para nossa casa, para o nosso mundo – pois as cenas da ressurreição todas aconteceram aqui. Ele estava então a caminho de Seu próprio lugar; mas novamente Ele demorou-Se no nosso, para que os laços entre nós pudessem ser fortalecidos. Pois então, depois que Ele ressuscitou, Ele era O mesmo para nós como Ele tinha sido antes. Mudança de condição não teve efeito sobre Ele – bendito é dizer isso. Exemplos semelhantes de graça e caráter, antes que Ele sofresse e depois que Ele ressuscitou,

nos mostram isso abundantemente. Eventos recentes colocaram o Senhor e Seus discípulos a uma distância maior do que qualquer companheiro jamais conheceu. Eles haviam revelado seu coração infiel, abandonando-O e fugindo na hora de Sua fraqueza e perigo; enquanto Ele, por causa deles, passou pela morte, provando o juízo de Deus sobre o pecado. E eles ainda eram pobres galileus, e Ele foi glorificado com todo o poder no céu e na Terra. Mas tudo isso não operou nenhuma mudança n'Ele. **"Nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura"**, como diz um apóstolo, poderia causar mudança n'Ele. E Ele retorna a eles, o mesmo Jesus que eles conheceram antes. Ele lhes mostrou Suas mãos e Seu lado, para que pudessem saber que era Ele mesmo. Não, podemos acrescentar, Ele lhes mostrou Seu coração, Seus pensamentos e Seus caminhos; Suas empatias, e consideração, e todas as Suas afeições; para que, em outro sentido, eles pudessem saber que era Ele mesmo.

Eu não cessaria de oferecer a evidência disto dos Evangelistas; ela é tão abundante, dirigindo-se a nós em todas as ocasiões em que vemos o Senhor em ressurreição, se apenas prestarmos a devida atenção. Mas se eu pudesse por um momento passar os limites dos Evangelistas, e olhar para o Jesus ascendido no Livro de Atos, lá encontramos a mesma identidade. Jesus aqui no ministério, Jesus em ressurreição, Jesus no céu, é o mesmo Jesus. Pois desde os céus Ele parece deleitar-Se em conhecer a Si mesmo pelo nome que Ele adquiriu entre nós e por nós, o nome que O torna nosso pelo vínculo de uma natureza comum, e pelo vínculo da graça e salvação consumadas. **"Eu sou Jesus"** foi Sua resposta como do lugar mais elevado no céu, quando Saulo, na estrada para Damasco, perguntou a Ele, **"Quem és Tu, Senhor?"** (ARA).

O que diremos, amados, das condescendências, da fidelidade, da grandeza, da simplicidade, da glória e da graça juntas, que formam e marcam Seu caminho diante de nós! Sabemos o que Ele é neste momento, e o que Ele será para sempre a partir do que Ele já tem sido, como O vemos nos quatro Evangelhos. E

podemos passar para Seu mundo com toda facilidade e naturalidade, quando pensamos nisso.

"Não há estrangeiro – Deus te encontrará,
Estrangeiro, tu nas cortes celestiais."

Ele é **"o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente"**, em Sua própria glória. Com Ele **"não há mudança, nem sombra de variação"**, de acordo com Sua natureza essencial e divina. Mas assim também em Seu conhecimento de nós, Seu relacionamento conosco, Suas afeições por nós e Seu caminho conosco.

Depois que Ele ressuscitou e retornou aos Seus discípulos, Ele nunca os lembrou de que fora abandonado por eles. Isso nos fala sobre Ele. *"Não conheço ninguém"*, alguém disse, *"tão gentil, tão condescendente que tenha descido até aos pobres pecadores, como Ele. Confio em Seu amor mais do que em qualquer santo; não apenas em Seu poder como Deus, mas na ternura de Seu coração como Homem. Ninguém jamais demonstrou algo assim, ou teve algo assim, ou provou isso tão bem. Ninguém me inspirou tanta confiança. Que outros recorram aos santos ou anjos se quiserem, eu confio mais em Jesus."*

Mas este é apenas um raio da glória moral que resplandeceu n'Ele. Que visão é essa, se pudéssemos apenas contemplá-la em sua medida completa! Quem poderia ter *concebido* tal Objeto? Era necessário que fosse exibido antes que pudesse ser descrito. Mas tal era Jesus, que uma vez andou aqui na resplandecente plenitude dessa glória, e cujas reflexões foram deixadas pelo Espírito Santo nas páginas sagradas dos Evangelistas.

Que atratividade deve ter havido n'Ele para os olhos e os corações que foram abertos pelo Espírito! Isso nos é testemunhado nos apóstolos. Doutrinariamente, eles sabiam pouco sobre Ele, e quanto aos seus interesses mundanos, eles não ganharam nada permanecendo com Ele. E ainda assim eles se apegaram a Ele. Não se pode dizer que eles se valeram de Seu poder para fazer milagres. Na verdade, eles o questionaram em

vez de usá-lo. E temos razão para julgar que, normalmente, Ele não teria exercido esse poder por eles. E ainda assim lá estavam eles com Ele; e por amor a Ele deixaram seu lugar e parentela na Terra.

Que influência Sua *Pessoa* deve ter exercido sobre as almas atraídas pelo Pai!

E essa influência, essa atratividade, eram igualmente sentidas por homens de temperamentos muito opostos. O lento de coração e raciocinador Tomé, e o ardente e impetuoso Pedro, eram mantidos juntos, perto e ao redor d'Ele.

Acaso não poderíamos refletir saudavelmente sobre essas amostras de Sua proximidade conosco e de Sua preciosidade para corações como o nosso; e aceitá-las também como garantias daquilo que ainda está reservado para todos nós, quando, reunidos de todos os climas, redimidos de todas as cores, caracteres e fases da família humana, estaremos com Ele para sempre?

Precisamos conhecê-Lo *pessoalmente* melhor do que O conhecemos. Era esse conhecimento que os apóstolos tinham d'Ele, naqueles dias dos Evangelhos – era a força e a autoridade de tal conhecimento que a alma deles sentia. E precisamos mais disso. Podemos estar ocupados em nos familiarizar com *verdades sobre Ele*, e podemos até progredir nesse caminho; mas com todo o nosso conhecimento, e toda a ignorância dos discípulos, essas coisas podem nos deixar muito para trás no poder de uma afeição dominante por Ele próprio. E não me recusarei a dizer que é bom quando o coração é atraído por Ele além do conhecimento que temos d'Ele (refiro-me ao conhecimento em uma forma doutrinária) pode explicar. Existem almas simples que exibem isso; mas, geralmente, é o contrário.

"A prerrogativa da nossa fé Cristã", diz alguém (e suas palavras são boas e oportunas), *"o segredo de sua força é este – que tudo o que ela tem, e tudo o que ela oferece, está depositado em uma Pessoa*.

Isso é o que a tornou forte, enquanto tudo o mais se mostrou fraco. Ela não tem apenas livramento, mas também um Libertador; não apenas redenção, mas também um Redentor. Isso é o que a torna luz do Sol, e tudo o mais, quando comparado a ela, parece como a luz da Lua; bela talvez, mas fria e ineficaz; enquanto aqui, a vida e a luz são uma só. E oh, quão grande é a diferença entre nos submetermos a um conjunto de regras, e nos lançarmos sobre um coração pulsante; entre aceitar um sistema, e nos apegarmos a uma Pessoa! Nossa bem-aventurança (e que não a percamos) é esta: que nossos tesouros são depositados em uma Pessoa, que não é um Mestre presente e um Senhor vivo para uma geração, e então para todas as gerações seguintes um Mestre passado e um Senhor morto, mas que está presente e vivo para todos."

Sim, de fato – e Este sempre presente e vivo nos Evangelhos, é constantemente Ele mesmo visto ou ouvido. Ele é o Mestre ou o Fazedor em todas as ocasiões e os evangelistas têm pouco ou nada para eles em termos de explicação ou comentário. E isso dá às suas narrativas simplicidade e veracidade palpável, uma veracidade que pode ser sentida.

Mas, além disso, em Seus relacionamentos com o *mundo* que estava ao Seu redor, nós O vemos ao mesmo tempo um *Conquistador*, um *Sofredor* e um *Benfeitor.* Que glórias morais resplandecem em tal confluência! Ele venceu o mundo, recusando todas as suas atrações; Ele sofreu com ele, dando testemunho contra todo o seu curso; Ele trouxe bênção a ele, dispensando o fruto de Sua graça e poder incessantemente. Suas tentações apenas O tornaram um Conquistador – suas corrupções e inimizades um Sofredor – suas misérias apenas um Benfeitor! Que combinação!

Não é, porém, *somente* assim que vemos nosso Senhor Jesus nos Evangelhos. Temos Sua *Pessoa*, Suas *virtudes* e Seu *ministério* tanto ao ensinar quanto ao agir – mas sem Sua *morte*, tudo para nós seria nada.

No **"lugar chamado Calvário"** (ARA), ou seguindo para esse lugar desde o jardim do Getsêmani, vemos a grande crise (como certamente podemos chamá-la) onde *todos* estão engajados em seus respectivos papeis, e todos dispostos, respondidos ou satisfeitos, expostos ou revelados e glorificados, de acordo com o merecimento de cada um. Que lugar, que momento, apresentado a nós e registrado para nós por cada um dos evangelistas em sua maneira única.

O homem é visto ali, tomando seu lugar e fazendo sua parte, miserável e sem valor como ele é. Ele está ali em toda variedade de condições; no Judeu e no gentio; tão rude e tão culto; no lugar civil e no eclesiástico; como trazido para perto ou como deixado à distância; como privilegiado, quero dizer, ou como deixado a si mesmo. Mas, qualquer que seja essa variedade, todos estão expostos à sua vergonha.

O gentio Pilatos está lá, ocupando o assento da autoridade civil. Mas se procurarmos por justiça ali, é opressão que encontramos. Pilatos empunhou a espada não meramente em vão, mas para a punição daqueles que fizeram o bem. Ele condenou Aquele que ele reconhecia como **"Justo"**, e de Quem ele havia dito: **"não acho n'Ele crime algum"**; e os soldados que serviram sob seu comando compartilharam ou excederam sua iniquidade.

Os escribas e sacerdotes Judeus, a coisa eclesiástica daquela hora, buscam falso testemunho; e a multidão que os serve é uma com eles, e clama contra Aquele que havia estado ministrando às suas necessidades e tristezas.

Os que passavam, meros viajantes ao longo da estrada, homens deixados à distância, ou quanto a si mesmos, insultavam, desabafando ódio impotente, como tantos Simeis nos dias de Davi. E os discípulos, um povo trazido para perto e privilegiado, revelam a corrupção comum, e tomam parte nesta cena de vergonha para o homem, abandonando impiedosamente seu Senhor na hora do perigo, e justamente quando Ele havia procurado por alguns para ficar ao Seu lado.

Tudo é, portanto, indigno. Exposto a toda essa variedade, o homem é envergonhado como diante da criação; nessa crise, esse momento solene de pesá-lo e testá-lo, como pela última vez. A mulher com seu vaso de unguento não é exceção. Sua fé era da operação de Deus; e por mais belo que fosse o ato para ser lembrado por todo o mundo, é louvor de Deus, e somente d'Ele, por meio do Espírito.

Satanás, assim como os homens, se mostra nessa grande crise. Ele engana e então destrói. Ele faz de seu cativo sua vítima, destruindo pela própria armadilha pela qual ele havia tentado. A isca se torna o anzol, como sempre acontece em sua mão. O pecado que cometemos perde seu encanto no momento em que é realizado, e então se torna o bicho que não morre. O ouro e a prata são cancerosos, e sua ferrugem corrói a carne como se fosse fogo. As trinta moedas de prata fazem isso com Judas, o cativo e a vítima de Satanás.

Jesus está aqui em Suas virtudes e em Suas vitórias; virtudes em todos os relacionamentos e vitórias sobre tudo que estava em Seu caminho.

Que paciência em suportar Seus discípulos fracos e egoístas! Que dignidade e calma em responder a Seus adversários! Que consagração própria e entrega à vontade de Seu Pai! Essas eram Suas virtudes, enquanto O seguimos neste caminho, desde Seu assentar-se à mesa até Sua morte na cruz. E então Suas vitórias! O Cativo é o Conquistador, como a arca na terra dos filisteus. Ele veio para tirar o pecado e abolir a morte.

"Seu seja o nome do Vencedor
Que lutou a luta Sozinho."

Deus está aqui, o próprio Deus, e nas alturas. Ele entra na cena, como poderia expressar, quando as trevas cobrem toda a terra. Essa era a Sua aceitação da *oferta* do Cordeiro que disse: **"Eis aqui venho"**. E tal oferta sendo aceita, Deus não mostraria

misericórdia. Se Jesus é feito pecado por nós, é o juízo não abrandado, não mitigado que Ele precisa suportar. As trevas eram a expressão disso. Deus estava aceitando a oferta e tratando com a Vítima apropriadamente, não diminuindo em nada das exigências da justiça.

E então, quando a oferta foi consumada, e o sacrifício prestado, e Jesus entregou Sua vida, quando o sangue da Vítima fluiu, e tudo está consumado, Deus, por outra figura, reconhece a realização de tudo, a plenitude da expiação, e a perfeição da reconciliação. O véu do templo é rasgado de cima a baixo. Aquele que Se assenta no trono, que julga corretamente, e que pesa todas as reivindicações e suas respostas, o pecado e seu julgamento, a paz e seu preço e sua compra, dá aquele testemunho maravilhoso da profunda e indizível satisfação que Ele obteve no ato que foi então aperfeiçoado no **"lugar chamado Calvário"**.

Que parte para o próprio Deus bendito tomar nesta grande crise, nesta maior de todas as solenidades, quando tudo estava tomando seu lugar para a eternidade!

E mais ainda. Anjos também estão aqui, e o céu, a Terra e o inferno; pecado, também, e a morte, sim, e o mundo também.

Os anjos estão aqui, testemunhando essas coisas e aprendendo novas maravilhas. Cristo é visto por eles.

O céu, *a Terra* e *o inferno* estão aqui, esperando por este momento; rochas e sepulturas, o terremoto e as trevas do céu, anunciando isso.

O pecado e *a morte* são eliminados, tirados e destruídos; o véu rasgado e o sepulcro vazio publicam esses mistérios.

O mundo descobre seu julgamento quando a pedra selada é removida, e os guardiões dela são forçados a aceitar a sentença de morte em si mesmos.

Certamente podemos chamar isso de Grande Crise – o momento mais solene na história dos tratamentos de Deus com Suas

criaturas. Maravilhosa reunião de atores e atuações; Deus e Jesus, homem e Satanás, anjos, céu, Terra e inferno, pecado e morte, e o mundo, todos ocupam seu lugar, seja de vergonha ou de derrota, ou de julgamento, de virtudes e de triunfos, de manifestações e de glória. Este é o registro de cada um dos evangelistas em suas várias maneiras, ou de acordo com seu próprio método, sob o Espírito. Nossas especulações não podem encontrar lugar. Temos apenas que receber as lições que eles nos ensinam, lições para uma eternidade esquadrinhada e bem compreendida.

E assim como olhei um pouco mais atentamente para a cruz, também olharei um pouco mais atentamente para o sepulcro vazio.

Morte vitoriosa, ou ressurreição dentre os mortos, é o grande segredo. Foi intimado na primeira promessa: pois a palavra à serpente em Gênesis 3 falou da morte de Cristo, e então de Sua vitória; isto é, de Sua vitória por ter morrido. O Ferido seria o Feridor.

O sacrifício de Abel, e todos os sacrifícios nos tempos patriarcais ou mosaicos, anunciavam a morte e a virtude na morte – morte vitoriosa, meritória e expiatória.

A fé de Abraão estava no mesmo mistério. Estava no Vivificador dos mortos. Era a fé *padrão;* pois ele é chamado de **"pai de todos os que creem"**.

Entre as muitas vozes dos profetas, o capítulo 53 de Isaías, aquela escritura bem conhecida, anuncia o mesmo mistério; pois fala das *glórias do Ferido;* e isso fala ou sugere uma morte vitoriosa.

O Senhor, em Seu ensino, antecipa Sua morte como o Vitorioso, falando às vezes de Sua ressurreição dos mortos e de Ele levantar ao terceiro dia o templo de Seu corpo (João 2).

A mulher que O ungiu para Seu sepultamento nos dá uma expressão de fé no mesmo mistério. Ela cria que Ele morreria e seria sepultado, mas que Ele passaria pela morte e pelo túmulo

como um Conquistador, e por esse mesmo processo seria introduzido ao Seu ungimento ou Suas glórias. Ela entendeu o mistério da morte vitoriosa, ou da ressurreição dentre os mortos, o grande fato do qual o evangelho depende. Portanto, é isso que o Senhor diz dela, que onde quer que o *evangelho* fosse pregado, sua ação, sua fé, deveria ser lembrada. Ele fez disso uma fé *padrão,* como a de Abraão havia sido.

Então as epístolas, em sua época, revelam abundantemente esse mesmo mistério, interpretando a morte e ressurreição do Senhor Jesus como sendo o segredo do evangelho.

Assim, por toda parte, a morte vitoriosa de Jesus tem sido apresentada. Sem esse grande fato, não poderia haver a redenção – com ele, não poderia deixar de haver a redenção.

O pecado e Cristo se encontram, como posso expressar, nas planícies da morte. O pecado é o aguilhão da morte, ou o seu causador; Cristo é o Conquistador da morte ou seu Destruidor. Eles se encontram; e com certeza o resultado é a remoção do pecado, e a redenção de seu cativo.

A ressurreição *dos* mortos simplesmente, ou a sepultura devolvendo os mortos que estão nela, não seria vitória. Os mortos podem ser convocados de suas sepulturas, apenas para se sujeitarem ao julgamento; como acontecerá com aqueles não inscritos no livro da vida do Cordeiro. É a ressurreição *dentre os* mortos que é vitoriosa; e assegura a redenção, e este grande resultado, que **"todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo"**; pois **"o Senhor"** é Jesus em ressurreição, o Purificador dos pecados e o Abolidor da morte (veja Romanos 10:13).

A ressurreição do Senhor Jesus é um *grande fato.* Quer ouçamos, quer deixemos de ouvir, lá está ela, e não pode ser contrariada. Nem podemos escapar de sua aplicação a nós mesmos. Ela tem a ver conosco, com cada um de nós, repito, quer queiramos ou não. Ela tem sua virtude diferente, sua dupla força e significado; e – cada um deve saber como ela se dirige a si mesmo. Ainda

assim, lá está, e ninguém pode evitá-la. Jesus ressuscitado e glorificado está acima de nós e diante de nós, assim como o Sol se põe nos céus, e a criação de Deus tem a ver com isso.

E quem poderia arrancar o Sol do céu?

A glória se assentou na nuvem, enquanto Israel atravessava o deserto; e Israel deve saber que ela está lá, e tem que tratar com ela lá, estejam eles em que condição estiverem. Ela pode conduzi-los alegremente, se eles andarem obedientemente; ela os repreenderá e julgará, se não andarem. Mas lá está ela, como sobre eles e diante deles; e eles não podem escapar de sua aplicação a eles, e torno a dizer, estejam eles em que condição estiverem.

Então, novamente, profetas surgem de Deus entre o povo. Lá estão eles; e quer o povo ouça, quer se abstenha, eles saberão que profetas estiveram entre eles. Eles não podem negar o fato, ou escapar de sua aplicação.

E assim novamente. Cristo no mundo, nos dias de Sua carne, era um fato semelhante. Satanás tinha que saber disso como um fato, e como se aplicando a ele; e o homem teve sua bênção trazida a ele por isso, ou sua culpa e julgamento agravados. O reino de Deus havia chegado; e disso, e da força disso, eles tinham que se assegurar.

E exatamente de acordo com tudo isso está o grande fato presente da ressurreição. Jesus está ressuscitado e exaltado. Ele ascendeu e está glorificado. Podemos muito bem tentar arrancar o Sol do céu, como tentar escapar da aplicação deste grande fato à nossa condição. Ele fala de **"juízo"** e de **"misericórdia"**, quando olhamos para a cruz de Cristo com corações convictos e interessados, ou quando a desprezamos e a rejeitamos. Ela tem uma voz no ouvido de todos. Ela fala, quer os homens ouçam, quer se abstenham de ouvir. Há, no entanto, esta distinção a ser observada, e é séria – para desfrutá-la como a salvação de Deus, devemos, pessoalmente, vividamente, pela fé, ser trazidos em

conexão com ela agora. Se a menosprezarmos todos os nossos dias, ela se conectará conosco em breve.

Isto, certamente posso dizer, é sério. Traz à mente Marcos 5. Apesar de Satanás, quer ele quisesse ou não, o Senhor Jesus Se coloca em conexão com ele na pessoa da pobre Legião de Gadara, a fim de julgá-lo e destruir sua obra. Mas Ele não Se coloca e a virtude que Ele carregava em Si em conexão com a pobre mulher doente na multidão, até que ela, pela fé, tenha trazido a si mesma e a sua necessidade a Ele.

Essa distinção tem uma verdade profundamente séria. Se nós, pela fé, não nos utilizarmos agora de um Jesus ressuscitado, e não obtivermos a *virtude* que está n'Ele, Ele nos visitará em breve com o *juízo* que então estará com Ele. Nenhuma súplica servirá *naquele* momento – nenhuma busca *agora* deixará de valer.

A consequência é bem ponderada. É inútil que o homem, ou o mundo, ou o deus e príncipe dele, resista a Cristo ressuscitado; isso se revelará apenas como recalcitrar (coicear) contra os aguilhões – autodestruição. É inútil que o pecador que confia no Cristo ressuscitado duvide, pois Deus já o justificou. A justiça de Deus é daquele que clama por redenção e resgate pelo sangue – a expiação de Jesus que glorifica a Deus. Sua morte foi a vindicação de Deus em plena e gloriosa justiça. Que Deus agora perdoe o mais vil – a cruz O autoriza a fazer isso, e ainda assim mantém Sua justiça e glória moral em toda a perfeição. Sim, é a justiça de Deus que aceita o pecador que clama pela cruz; pois assim como a cruz *mantém* a justiça de Deus, essa justiça é *demonstrada* ao tornar justo o pecador que a invoca.

E aqui posso acrescentar, somos ignorantes de Deus – não temos o conhecimento d'Ele, como o apóstolo fala (1 Co 15:34) – se não recebermos o fato ou doutrina da ressurreição. É por isso que Deus, em um mundo como este, Se mostra em Sua glória apropriada. O inimigo, por meio do pecado, trouxe a morte, e o Bendito é manifestado em vitória sobre ele – mas isso só é feito

por aquela grande transação que tira o pecado e abole a morte. E a ressurreição é o testemunho disso.

Os discípulos estavam bastante descrentes quanto a esse grande fato, mesmo depois que ele aconteceu. Eles estavam, naquele momento, exibindo alguma afeição muito graciosa e sincera, mas estavam revelando total incredulidade quanto a esse fato. Mas isso é natural. Mais prontamente nos ocuparíamos em algo por Ele do que acreditar que Ele Se ocupou, lutou e conquistou, sofreu e triunfou por nós.

Com afeição sincera, as mulheres galileias visitaram o sepulcro. Com ousadia, José e Nicodemos reivindicaram o corpo. Era algo mais do que especiarias e unguentos que o embalsamavam – era amor e zelo, e seriedade e lágrimas. Madalena permanece junto ao túmulo, e Pedro e João correm até ele com pressa como que rival. Os dois na estrada para Emaús, enquanto falam de Jesus, estão tristes; e centelhas piedosas se acendem no coração deles, enquanto seu Companheiro de viagem faz d'Ele mesmo o assunto da conversa. Tudo isso era *afeição graciosa;* mas com tudo isso eles eram *descrentes.* Com essa ocupação de coração sobre Ele, eles não acolheram o grande fato de Sua vitória para eles.

O Senhor não está satisfeito com isso. Como poderia estar? Os pecadores devem conhecê-Lo na graça e força que os encontrou em sua necessidade. Os discípulos vêm ao sepulcro diligentemente e amorosamente, mas ainda assim isso não basta. Pela fé, devemos vê-Lo vindo a nós como em nosso sepulcro, e não pensar em ir até Ele em Seu sepulcro. Nós somos os *mortos*, e não Ele; Ele é o *Vivo,* e não nós. O Filho de Deus entrou nesta cena de ruína como um Redentor dos perdidos, e como um Vivificador dos mortos. É *isso* que devemos saber. Ele era terno, sabendo como apreciar a afeição; mas Ele repreendeu a incredulidade, e não ficou até que Ele levasse a luz deste grande mistério ao coração e consciência deles. **"Adorando-O eles, tornaram com grande júbilo para Jerusalém"** – assim, em

espírito, como posso dizer, oferecendo sua oferta de manjares e sua oferta de libação, como ao trazer **"o molho das primícias"** do campo, no início da colheita (Lv 23:9-13).

Anjos, no entanto, estavam antes deles nisso. Eles aprenderam esse mistério; eles se alegraram nele; e à sua maneira o celebraram. E podemos, com conforto, quando pensamos nisso, dizer: Que interesse é tomado no céu nas coisas que são realizadas na Terra! Que intimidade dos anjos com os pecadores!

"Visto por anjos" é parte do **"mistério da piedade"**. O Cristo de Deus é *o Objeto* com anjos, enquanto Ele está *percorrendo por Sua obra e caminho maravilhosos pelos pecadores!* Quão bendito é isso.

Os **"filhos de Deus"**, os anjos, rejubilavam quando *os fundamentos* da Terra foram lançados; e o Livro do Apocalipse os mostra tomando seu lugar e participando da grande ação quando a carreira da Terra está *se encerrando.*

Eles se juntam à alegria que é conhecida no alto quando um pecador se arrepende pela primeira vez, e ministram a ele durante toda a sua jornada como um herdeiro da salvação. Podemos, portanto, dizer novamente: Que testemunhas interessadas são elas de tudo o que nos diz respeito (Hebreus 1:14)!

E o que eles estavam fazendo quando Jesus nasceu? E o que eles estavam fazendo quando Jesus morreu? Eles ainda estão presentes. Eles encheram as planícies de Belém no nascimento, eles se sentam no sepulcro vazio após a ressurreição. Isso não é intimidade?

Tem sido dito, e de forma bela: *"Os anjos romperam as fronteiras naquela manhã"*, quando apareceram em multidões, e com exultação, aos pastores. Verdade; mas eles sempre estiveram *"rompendo fronteiras"*, sempre deixando seu céu nativo para se interessarem pela Terra. Essa ação em Lucas 2 foi apenas um capítulo em sua história.

Certamente essa intimidade do céu com a Terra, esse interesse que as criaturas de Deus ali têm nos objetos de Sua graça aqui, nos fala das harmonias que estão destinadas a preencher toda a cena em breve. Deus é um Deus de ordem. As esferas que Ele forma e anima serão testemunhas dessas harmonias; e todas contarão da *habilidade da mão* que as dispôs, e do *amor do seio* que as uniu.

E, de fato, se tivesse me ocorrido antes, eu poderia ter acrescentado ainda mais quanto ao *homem*, que sua condição incorrigível e incurável está profunda e irrefutavelmente provada. O rompimento do véu deixa os escribas e sacerdotes tão endurecidos e perversos como sempre, e o rompimento do sepulcro deixa os soldados que o guardavam exatamente no mesmo estado em que os encontrou. Uns dão dinheiro, e os outros o recebem, para circular uma mentira diante desses fatos tremendos e assombrosos. E certamente podemos dizer, o coração que consegue recusar o temor, o arrependimento e o quebrantamento diante do convite de visitações como essas, de solenes feitos da mão de Deus como esses, precisa ser condenado diante de nós por estar irremediavelmente arruinado. Nada menos do que a palavra "perdido" é a que temos que inscrever sobre a alma humana.

Que momentos, posso dizer novamente, estamos contemplando assim no final de cada um dos Evangelhos! Podemos dizer isso, certamente. A obra consumada, no entanto, deu aos pecadores, perdidos de fato em si mesmos, os mais altos interesses em Deus, e isso para sempre. Ela nos deu um lugar na *justiça* de Deus, nos deu igualmente um lugar na *família* de Deus. Estamos em relacionamento, assim como em justiça. Somos filhos – adotados, bem como justificados. Pela cruz, Deus é revelado, assim como o homem é exposto. A condição de ruína moral total do homem foi vista no Calvário, e ali também é vista a gloriosa perfeição de Deus em bondade. O sangue encontrou a lança. O véu do templo foi rasgado em dois quando a vida de Jesus foi entregue – Jesus de Quem o homem havia dito: **"Crucifica-o, crucifica-o"**. Deus é

revelado, assim como o homem é exposto; e a revelação é perfeita para Sua glória, assim como a exposição do homem foi perfeita para sua vergonha.

Na verdade, é nada menos que uma manifestação perfeita, brilhante e maravilhosa que a graça está fazendo de si mesma. A presença de Deus para com o pecador é restaurada em justiça. Ele coloca o pecador diante de Si mesmo de uma forma e caráter dignos do lugar. Mas não apenas justiça diante de Deus, mas, como dissemos, a adoção com o Pai também é nossa. E mais – aceitação no Amado, conformidade com a imagem do Filho, herança de todas as coisas com Ele, um corpo glorioso, e a casa do Pai, e o próprio trono de Cristo no mundo vindouro: todos estes são do pecador que pela fé entra no véu que a própria mão de Deus, por meio do sangue de Cristo, rasgou de cima a baixo. A graça, de fato, nos introduz a lugares ricos, assim como Deus está Se manifestando a Si mesmo. Mas para esses lugares ricos devemos fazer nossa passagem, *cada um por si mesmo.* Isso é uma coisa *individual.* Cada um de nós por si mesmo deve fazer essa jornada e passar da condição em que a natureza nos deixa para esses lugares ricos. Devemos, amados, ser individualizados diante d'Ele; depois, podemos conhecer nossos irmãos santos, reconhecer nossa aliança com eles, aprender nosso lugar em um corpo ou exercitar-nos e cumprir nossa parte e nossos deveres na congregação de Deus.

Uma lembrança necessária para a alma em todos os momentos – uma lembrança feliz e reconfortante para ela, em dias de confusão, ruptura e separação como o momento presente. Devemos ser individualizados diante de Deus.

Em outros dias, o povo de Deus esteve diante d'Ele em duas ocasiões muito solenes: na entrega da lei em Êxodo 19-20, e na consagração de Arão em Levítico 8-9.

Enquanto o Senhor estava entregando a lei dos Dez Mandamentos, Moisés levou o povo ao pé do monte, e os manteve lá até que as palavras terminassem. Enquanto Arão

estava sendo colocado no cargo, e passou por seus serviços sacerdotais na presença de Deus, Moisés novamente levou o povo para fora, e os colocou na porta do tabernáculo até que a solenidade fosse cumprida.

Isso não era algo comum. Comumente o povo ouvia o que lhes dizia respeito, e era instruído em seus deveres, por meio de Moisés, ou por meio de Moisés e Arão. Mas nessas duas grandes ocasiões, a entrega da lei, e a instituição do sacerdócio, toda a congregação de Israel tinha que estar presente, para que cada um por si mesmo, ao ver e ouvir, pudesse testemunhar essas coisas, e conhecê-las.

Mas não só isso. Eles passaram por um exercício de alma adequado a cada ocasião. Eles não eram apenas espectadores, mas eram espectadores instruídos e comovidos.

No Sinai eles clamam e tremem. E foi assim que deveria ser. Moisés, como da parte do Senhor, aprova esse clamor e terror. Não podemos pensar adequadamente em Deus em juízo sem sermos como homens ouvindo uma sentença de morte sobre eles.

Na porta do tabernáculo, quando o fogo e a glória desceram do céu para atestar a suficiência dos serviços de Arão, e para prometer seus resultados, a congregação jubila, e todos se prostram sobre seus rostos, como adoradores e felizes. E isso, novamente, foi como deveria ser. Deus estava lá, não como um Legislador em meio aos terrores do julgamento, mas como um Salvador em meio às ricas provisões da graça. E não podemos receber Deus em graça e salvação sem uma resposta de gratidão e regozijo (pobre para alguns de nós, de fato, como sabemos) em nossos espíritos.

Assim era antigamente com Israel. Assim estavam todos, cada um por si mesmo, individualizados na presença divina nessas duas grandes e solenes ocasiões, e eles sentiam a autoridade de cada uma de acordo com sua diferente virtude. Estavam todos lá. O

Deus vivo e cada alma individual estavam engajados lá, Deus com eles, e eles, cada um deles, com Deus. É bom marcar isso.

Quando um homem tem que ser convencido, ele próprio precisa estar na presença de Deus. Quando, como um pecador convicto, ele deseja ser aliviado e libertado, ele precisa estar novamente, na presença de Deus. Tais momentos devem ser intensamente pessoais. Devemos, cada um de nós, nascer de novo – nascer de novo (posso dizer?) para si mesmo – e passar, por meio do novo nascimento, para a luz e o reino de Deus. **"Eu sei em Quem tenho crido"**, diz alguém. **"Estou crucificado com Cristo"**, ele diz novamente; **"e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o Qual me amou e Se entregou a Si mesmo por mim"**.

Há, certamente, a percepção da possessão individual e pessoal de Cristo respirada em tais passagens. E isso deve ser nosso agora. Foi também a declaração em acentos mais fracos, se você preferir, de uma voz muito distante. **"Eu sei que meu Redentor vive"**, diz um patriarca; **"e que por fim Se levantará sobre a Terra. E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus. Vê-Lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros, O verão; e, por isso, o meu coração se consome dentro de mim"**.

Certamente, amados, devemos buscar intimidade de coração com Ele. O primeiro dever, assim como o maior privilégio, sim, e a mais sublime ação de fé, é apenas tomar nosso lugar diante do Senhor, familiarizando-nos com Ele e estando em paz. Em vez de nos perguntarmos dolorosamente se estamos fazendo retornos adequados a Ele, devemos encarregar nosso coração de apreciá-Lo nessas maravilhosas manifestações de Si mesmo. Nosso primeiro dever para com a luz que brilha n'Ele é aprender *o que Ele é* – calmamente, agradecidamente e alegremente aprender isso; e não ansiosa e dolorosamente começar a nos medir por isso, ou buscando imitá-lo. Sua presença deve ser nosso lar; para que, num piscar de olhos, seja de manhã, ao meio-dia ou ao

anoitecer, possamos entrar ali com facilidade e naturalidade, com uma entrada abundante; como alguém expressou anos atrás, *"como aqueles que não têm nada a perder, mas tudo a ganhar"*. Amém.

O Cordeiro de Deus

Bendito o Jesus que conhecemos
Em incansáveis caminhos do amor aqui embaixo,
Seguido pelos evangelistas quando esteve aqui,
É Aquele que ascendeu lá;
E a fé ainda O conhece como o Mesmo,
E lê com confiança Seu nome.

A glória de Deus brilhou naquele rosto bendito,
Em poder, dignidade e graça.
Era a luz da fronte do Sinai,
Que fez com que todo o Israel se afastasse;
Ali não havia um único raio,
Por mais deslumbrante que poderia parecer,
Que disse ao coração para pegar um véu
Para escondê-lo, para que não desfalecesse e falhasse.

"Mestre, onde moras?" eles dizem,
E, alegremente convidados, lá eles ficam;
E naquele novo solo, embora santo,
Uma morada seus espíritos lá encontram.

A consciência separa outro à parte
Em conversa com seu coração desperto;
Mas, pela sombra da figueira, é dado
Jesus, e então um céu aberto.

"Vinde, vede um Homem que me disse tudo",
Foi o chamado de uma pecadora convicta;
E aqueles que a seu convite vêm,
Assim como ela, com Ele logo encontrarão seu lar.

Mesmo ela para quem o monte furioso
Entregaria suas pedras para apedrejá-la e matá-la,

A amaldiçoada, condenada e culpada,
Permanece à vontade a sós com Ele.

Assim, em meio às nossas ruínas, ela uma vez brilhou,
Em meio às Suas próprias glórias agora é conhecida;
Mas podemos suportar isso mais intensamente lá,
Pois aprendemos isso tão ternamente aqui.

Senhor, desejo seguir-Te mais
Do que meus olhos jamais fizeram;
Cada passagem da Tua vida seja
Um elo entre minha alma e Ti!
Pois te veremos como eras,
Quando cada declaração do Teu coração,
Por todas as Tuas obras de amor divino,
Fizeste de todas as nossas necessidades e tristezas Tuas.
E nós Te veremos como Tu és,
E em Tua imagem teremos a nossa parte,
Em glória Tu, em glória nós,
Resplandecente na majestade celestial!
Nenhuma parte da Tua vida bendita abaixo
Mas em sua plenitude eu conhecerei,
Aperfeiçoada por Ti, recuperada por mim,
Nos reinos da imortalidade!
Com corações ardentes então nos regozijaremos
Em ecos daquela voz bem conhecida,
Que a dois corações ardentes de outrora
Revelou os mistérios da graça:
A voz que acalmou a contenda da natureza ousada,
A voz que chamou os mortos à vida,
Que disse com empatia: "Eu irei",
E falou com poder: "Cala-te, aquieta-te".
A mão que afastou a doença para longe,
E que firmou Pedro quando afundava;
Que levantou o filho da viúva, e então
Retornou-o aos seus braços carinhosos;

A mão que lavou totalmente os pés,
Falando ao coração que batia dentro;
A mão levantada que os abençoou aqui
Ao se separarem, mas para abençoá-los ali.
Os braços que ainda são os mesmos
Quando o lar das crianças estava lá.
O seio também é o mesmo de quando
João, o amado, inclinava-se sobre ele.

As mudanças aqui não causaram mudança alguma em Ti,
O mesmo vemos do princípio ao fim;
Em vida e em ressurreição Tu,
Jesus! Era um tanto naquela época como agora.
Nas formas mais doces e gentis de graça,
Entre os Teus, tomaste o Teu lugar;
A pesca abundante na praia
Anunciou-Te ressuscitado como antes;
E a mesa posta falava de Um,
O mesmo, no passado, presente e futuro.
Alimentado no deserto antigo,
O arraial de Deus não comprava nem vendia,
Mas as reservas do céu eram abertas a cada manhã,
E a comida dos anjos, ou o trigo do céu,
Transportado pelo orvalho, supriu o lugar –
Grande e maravilhoso milagre da graça!
E Tu, Senhor Jesus, no Teu dia,
Novamente colocaste comida nos desertos;
Não na grandeza do passado,
Mas de forma mais querida – e eterna -
Foi o teu próprio coração que sentiu a necessidade,
Foi a Tua própria mão que forneceu o pão.
Foram os teus próprios lábios que sopraram a bênção –
Coração, mãos e lábios o serviço combinou.
Estas foram as Tuas empatias para conosco,
E assim sempre Te conheceremos.
Foi uma alegria para Ti, enquanto aqui na Terra,

Observar o progresso daquele nascimento
Que conduz os pobres pecadores à luz,
Saindo da escuridão da noite da natureza.
Foi uma alegria para Ti, enquanto aqui na Terra,
Saudar a abordagem ousada da fé,
A fé que chegou até Ti através da multidão,
Ou que, embora impedida, clamou em voz alta.
Pois o amor se deleita em ser usado.
Os pensamentos sinceros da fé nunca são rejeitados.
E esta mesma alegria e amor em Ti,
Sabemos que permanecem inalterados eternamente.
O olhar, o suspiro, o gemido, a lágrima,
Que marcaram o caminho do Teu espírito aqui,
Nós ainda reconhecemos, ó Senhor, em Ti,
Tua mente, Teu coração, Tua compaixão!

Do Calvário não falo aqui;
O sangue selou nosso único título ali:
Tem seu lugar peculiar
Em meio aos mistérios da graça.
Mas a amada casa em Betânia,
E o solitário Getsêmani ali próximo,
Pobres Nazaré e Belém,
E a infiel e orgulhosa Jerusalém,
O monte, o deserto, o mar,
As aldeias da Galileia,
A porta de Naim e o poço de Sicar,
As costas de Sidom, tudo falará
D'Aquele que andou por aqui antes,
E nos dirão que não precisamos mais perguntar,
Mas estar prontos, com boas-vindas,
Para estar em casa para sempre, Senhor, contigo!

Assim, a memória Te conhece, pela Palavra,
Em todos os Teus caminhos e ações, Senhor!
E a memória não tece nenhuma ficção,

Mas se transforma em páginas vivas e verdadeiras,
As pegadas de um passado real,
Que brilham e permanecem firmes para sempre.
Não são palavras descritivas de Ti,
Mas as ilustrações nos deixam claro.
A glória de Deus em Teu rosto retratada
Semelhança viva e brilhante, sem sombra.
Aqueles que Te veem, veem o Pai,
Mistério maravilhoso e inestimável!

Os céus manifestam a glória do Criador,
Eles revelam Seu poder e divindade;
Mas estes são indícios pelos quais delineamos
Alguns dos segredos do Seu nome:
Mas tudo o que Ele é, é conhecido pelos pecadores,
Em uma imagem bendita Ele mostrou.
Não temos que adivinhar nem decifrar,
Lemos em linhas claras, brilhantes e completas;
Lemos isso no rosto do nosso Salvador,
E, agora, todas as dúvidas e buscas cessam.

O pecador olha, os viajantes também,
Os pobres, e os pequenos e as crianças de peito;
Todos Te aprendem como Tu és e eras,
E assim Tu és aprendido para sempre.
Tudo quanto de Ti foi uma vez mostrado,
É, com certeza, conhecido para sempre;
Tuas virtudes, como Tu mesmo, são todas belas,
Não há sombra de mudança ou perda:
Cada característica do Teu coração e mente
Brilha para sempre, em sua espécie:
"Porque é Teu", deixa tudo claro,
Deve ser ainda, pois tem sido:
"Jesus é O mesmo, e nosso para sempre"
Nenhuma força do inferno pode romper esse vínculo.

Mas isto é o que pedimos, pois conhecemos muito bem
O feitiço perigoso do mundo e da natureza,
Que nenhuma esperança de alegria humana
Ocupe o coração afetuoso e desejoso!
Que a criatura não repare agora
As brechas de cada ano que passa!
Com lâmpadas ainda aparadas e amor virgem,
Ensina-nos a esperar por Ti do alto;
Como filhos das bodas, jejuando aqui,
Até que Tu, Estrela da Manhã, apareças,
Para compartilhar conosco aquela luz mais antiga,
O prenúncio do dia, tão único e brilhante;
Prometendo, em breve um mundo renascido,
Tempos de refrigério, como a manhã.

Assim, possam nossas esperanças e temores cessar,
E Contigo seja lançada a nossa sorte!
Olho não viu, nem ouvido ouviu,
O que Tu, em glória, tens preparado
Para aquele que Te ama e espera
Em Teu próprio mundo Contigo estar;
Contigo, que não és estranho aqui
Embora ainda sejamos estrangeiros, lá.

J. G. Bellett

Notas

[←1]

N. do T.: Solitude é um estado de isolamento voluntário e positivo; o gozo de estar a sós; já a solidão é uma condição associada à dor e à tristeza; o sentimento de um vazio interior.

[←2]

N. do T.: Jesurum é o nome dado a Israel, provavelmente significando "os justos"; outros preferem "amado do Senhor". O Senhor foi **"Deus de Jesurum"** (Dt 33:26 – JND); e Moisés, **"rei em Jesurum"** (Dt 33:5 – AIBB). (Veja Dt 32:15; Is 44:2).

[←3]

N. do T.: O verbo inglês *tabernacled* significa assumir uma morada temporária.